H. M. CASTOR

VIII

Destinado à GRANDEZA...
Atormentado por DEMÔNIOS.



PREPARE-SE:

Henrique VIII abre seu coração. Como um jovem príncipe Tudor se tornou um tirânico assassino?

Galera

H. M. CASTOR



Tradução de
Domingos Demasi

1ª edição

Galera

Rio de Janeiro | 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C349v

Castor, H. M.

VIII [recurso eletrônico] / H. M. Castor ; tradução Domingos Demasi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2014.

recurso digital

Tradução de: VIII

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Arvore genealógica, agradecimentos

ISBN 978-85-01-06918-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Demasi, Domingos. II. Título.

14-15708

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
VIII

Copyright © 2011 by H. M. Castor

Publicado primeiramente no Reino Unido em 2011 pela Templar Publishing.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

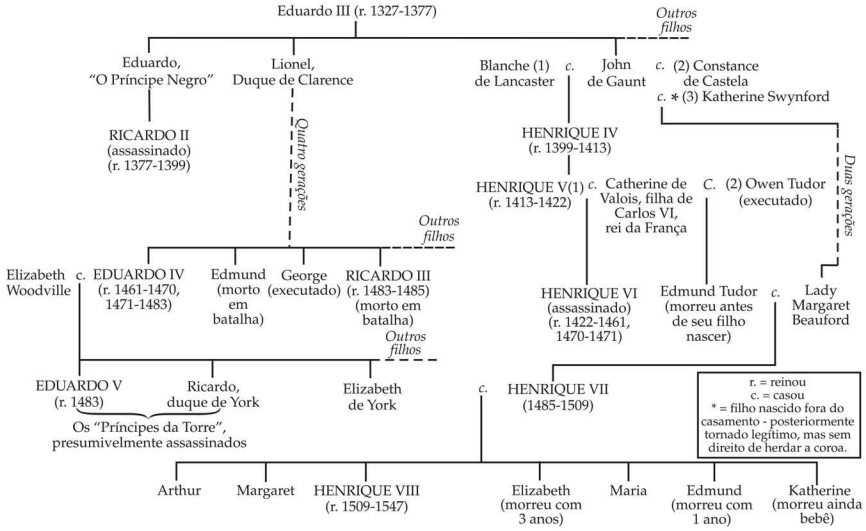
ISBN 978-85-01-06918-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Richard

...Árvore genealógica de Henrique VIII...



A mente é seu próprio lugar, e nela mesma
pode-se fazer do inferno o céu, e do céu o inferno.
John Milton, *Paraíso Perdido*

PARTE UM:
Para a Torre Negra



. . . I . . .

Ainda estou meio adormecido quando sinto mãos fortes me segurando.

Tento espernear, mas parece que estou enroscado em roupas de cama, e, no minuto seguinte, sou suspenso e quem me carrega está andando depressa; bato *bump-bump-bump* em seu peito.

Ele cheira a cerveja, cavalos e suor. E minha bochecha está socada contra um metal frio — um peitoral —, por isso, sei que é um soldado.

Deve ser um dos rebeldes. Só que eu não achava que os rebeldes *fossem* soldados. Achava que eram uma horda de camponeses fedorentos da Cornualha, com facas de açougueiro e ferramentas de fazenda como armas.

— Me largue! Me...

O homem muda o aperto, uma luva comprime minha boca. Ela cheira mal.

— Uoou! Não reaja, senhor. Está perfeitamente a salvo.

As palavras são um truque, é claro: sei que estou prestes a morrer. Os rebeldes vieram me buscar porque sou filho do rei e querem

matar a mim e a meu irmão e a meu pai. Isso para que mais alguém seja rei.

— Soffrr ednnf mefff!

— Ordens de sua mãe, senhor.

— Mmmttrr.

— Não, não sou mentiroso, senhor, e precisa parar de espernear. *Puta merda!* Perdoe meu linguajar, senhor, mas seus dentes são meio afiados.

Na luta, o cobertor no qual estou enrolado cai da minha cabeça. O soldado me segura transpassado em seu corpo, olhando agora para frente, um dos braços agarrado em volta das minhas coxas, e o outro debaixo dos ombros, a mão franzindo minha boca, apertando mais que antes. Meus pés estão livres para chutar, mas estão fazendo contato com nada além de tapeçarias ou — dolorosamente — paredes, portas e colunas.

Pelo menos, nos intervalos de esforço, posso ver aonde estamos indo. Estou na Coldharbour — a residência londrina de minha avó —, e o soldado me carrega pela grandiosa escadaria da frente abaixo. Está escuro na casa, mas a espaçosa janela pela qual passamos irradia um azul suave: o amanhecer deve estar próximo. Quando chegamos ao pé da escada, vejo uma luz laranja saindo de tochas, passando pela porta, e entrando no grande salão, piscando, enquanto figuras escuras movem-se apressadamente por ali, bloqueando e desbloqueando a luz. Serão criados ou mais soldados? E onde estão minha avó e minha mãe? Será que também foram capturadas?

— Estamos quase chegando — diz o soldado, ao virar para o corredor em direção aos fundos da casa. — Em um instante,

estaremos lá fora, senhor. É realmente importante que fique quieto.

Portanto, inspiro pelo nariz, enchendo os pulmões o mais profundamente que o pânico me permite, e em seguida — quando o soldado atravessa uma porta para o ar frio do pátio — grito o mais alto que consigo na mão silenciadora.

— Soffrro! Sofrro! Almmmm mm ammm!

Até mesmo eu sei que o som é pateticamente baixo, perdido no amplo espaço úmido. E — ah, misericórdia — ali fora, há soldados por toda a parte.

Eles não vão me levar; não vão; torço o corpo e me debato o quanto posso.

— Ei, não chute o cavalo, senhor. Não é justo com o pobre animal.

Por um momento, penso que vou ser arremessado de barriga em uma sela, o modo pelo qual, segundo Compton, prisioneiros ou cadáveres devem ser carregados, mas o soldado empurra minha perna para cima e caio sobre meu traseiro — severamente, mas do modo certo.

Ouço o soldado dizer:

— Sinto muito, senhora. Ele estava dormindo quando o apanhei. Ficou muito agitado. — Expira um pouco. — Forte para um pequenino, não?

E um braço me envolve firmemente pelo meio, puxando-me para trás contra um corpo, quente e firme, e uma voz me fala ao ouvido:

— Acalme-se, Hal. Sou eu. Estamos com pressa, apenas isso.

Minha mãe.

Quero me aconchegar a ela e chorar aliviado. Não entendo o que está acontecendo, meu coração ainda bate forte, os pulmões e o

estômago continuam inchados, mas, se posso me agarrar a ela, consigo suportar.

Enquanto minha mãe puxa rapidamente meu cobertor, cobrindo minha cabeça como um capuz e envolvendo-o firmemente em meu corpo, eu me sento, aturdido por um momento, olhando para os cavalos que lotam o pátio. Eles pisoteiam, relincham e sacodem a cabeça, os arreios tinindo. Cada um com um soldado na sela.

Então pergunto, numa voz baixa e áspera que não soa como a minha:

— O que está acontecendo, mamãe? Estamos fugindo?

— Não, meu bem. Apenas nos mudando para um lugar mais seguro. Segure-se. Aqui. — Ela dá uma palmadinha na parte da frente da sela. Eu a agarro e olho para trás, tentando vê-la com o canto do olho. Mas minha cabeça vira e o capuz permanece onde está, de modo que consigo enxergar com apenas um olho, e nada mais que o contorno de seu rosto.

Ela também está encapuzada, numa capa preta. Consigo ver a ponta de seu nariz e parte da face. Naquela luz estranha — ainda não amanheceu, mas não é propriamente noite —, a pele de minha mãe parece azul.

Ao me virar, ela envolve meu corpo, para ajustar as rédeas, e diz:

— Vamos, capitão. Passo firme.

Cascos tropeiam nas pedras do pavimento quando soldados montados formam uma proteção à nossa volta. Então partimos, ocupando todo o portão do pátio ao sair e virando à direita, alameda acima, afastando-nos do rio. Embora seja verão, uma névoa abafadiça rasteja para a rua, vindo da água atrás de nós, e o ar tem gosto de umidade.

A alameda é estreita e escura, comprimida entre paredes pretas. Os soldados que cavalgam à frente carregam tochas flamejantes. Quando viramos novamente à direita, para uma rua mais larga, eles se espalham para nos cercar.

Há algo emocionante em estar na rua a esta hora, mas sei que ninguém se muda durante a noite por um motivo *agradável*. É a segunda vez que tivemos de nos mudar em apenas poucos dias.

Primeiro, viemos de Eltham, arredores de Londres, para a casa da minha avó, aqui, porque fica dentro da proteção das muralhas da Cidade de Londres. Agora, estamos nos mudando novamente. Da última vez, viajamos à luz dia. Agora mal amanheceu. E nem mesmo houve tempo de me vestir.

Meus pés estão descalços e frios: empurro o esquerdo para trás, enfiando-o debaixo das saias de minha mãe, o direito se curva na direção do corpo quente do cavalo, tentando abraçá-la.

Acima de minha cabeça, ouço minha mãe dizer severamente:

— Não vamos mais depressa que isto. Atrairemos muita atenção. Não quero espalhar pânico.

A voz de um homem — um dos guardas — responde, mas não capto as palavras.

Ela fala:

— Disseram-me que o plano dos rebeldes era marchar ao amanhecer. Não estarão perto da Cidade de Londres por umas duas horas, certo?

O homem torce as mãos nas rédeas, e seu cavalo vem para mais perto do nosso.

— Basta apenas um, senhora, que tenha cavalgado à frente. Qualquer vão de porta, qualquer entrada de beco pode esconder um

homem com...

— Já entendi.

Ela o interrompeu de propósito. Vejo-o me olhar de relance, em seguida deixa seu cavalo ficar novamente para trás.

O homem deve ser o capitão da guarda; um instante depois, ouço a mesma voz vociferar uma ordem, e cada um dos cavalos apressa o passo.

Embora batendo os dentes, consigo dizer:

— N-Nós vamos ser mortos, mamãe?

— Não, claro que não. — Ela parece ligeiramente impaciente. — Aonde estamos indo, ficaremos a salvo.

Mas, como disse o homem, basta apenas um.

Puxando o cobertor do rosto, mantenho vigilância — através de brechas entre os soldados de ambos os lados —, de olho em vãos de portas e entradas de becos. Em qualquer lugar onde a névoa se acumula e fica mais espessa: em qualquer lugar onde um homem consegue se esconder. Aos passarmos por um monstruoso amontoado em forma de prédio, a névoa engrossa numa forma que me parece humana, agachada num canto da parede. Meu coração sobe até a garganta. Devo gritar para minha mãe? Gritar para os guardas? Mas, então, a forma se movimenta e afina, e desaparece no ar escuro. Apenas névoa, nada de assassino. Consigo respirar novamente.

Uma abertura entre os prédios se escancara subitamente à direita: a entrada para o cais. O rio parece preto-oleoso e vasto; então desaparece, quando prédios novamente bloqueiam a visão. Ratos debandam de um monte de lixo quando passamos. Lojas e casas, agora, exibem frestas de luzes entre as venezianas dos pavimentos

superiores, que se projetam para a rua; criados acendem lareiras nos quartos dos patrões, como Compton faz para mim. Mas pessoas maltrapilhas já estão nas ruas. Olho-as de relance: sujas como os ratos, deslizando por sarjetas limosas para se apertarem contra as paredes das casas quando passamos. Elas me metem medo, com seus olhares vazios e rostos enrugados.

Um sino começa a tocar. Não para. Cachorros, acorrentados em pátios invisíveis, latem e ganem. Agora há outro sino, em algum lugar mais distante. E a voz de um homem, fraca no ar frio:

— Todos os homens às armas!

Pés correndo, em algum lugar atrás de nós. Outra voz, mais perto:

— Às armas, às armas! Guarneçam as paredes.

Minha mãe murmura alguma coisa que não capto. Ela usa o cabo do chicote, e nosso cavalo dá uma guinada adiante. Os guardas à volta igualam seu passo.

A princípio, não o vejo: o homem que corre à nossa esquerda, direto por entre os cavaleiros, como se estivesse atravessando terreno livre. Mas, quando viro a cabeça, um rosto assoma. Está perto o bastante para eu ver seus olhos injetados e a mão, que tenta agarrar, com unhas tisnadas, quebradas. Ele me alcança, dizendo algo urgente, aos berros.

O cavalo de minha mãe agita a cabeça, assustado, e tenta mudar de direção. Agarro-me à sela, curvado, desesperado para não escorregar. No mesmo momento, o soldado mais próximo ataca violentamente com a base de sua lança.

O homem cai. Fica no chão, meio que pisoteado, e passamos por ele, já a meia dúzia de prédios adiante.

— Quem era aquele? — guincho.

— Um mendigo bêbado, senhor — diz o capitão. — Só isso.

Mas me sinto tão aterrorizado que quero vomitar.

Depois disso, os guardas cavalgam em formação mais fechada ao nosso redor. Finalmente, chegando ao fim daquela longa rua, viramos à esquerda e passamos por algumas velhas ruínas de pedra. O céu agora está listrado de rosa-alaranjado. Contra ele, à nossa direita, vejo muralhas cinzentas, camadas delas, erguendo-se uma atrás da outra, e, mais além, as torres de uma enorme fortaleza caiada. E sei onde estamos. Aquele é o mais antigo baluarte de Londres: a Torre.

Adiante de nós, a rua segue colina acima e se alarga em imensos espaços verdejantes. Viramos à direita, atravessamos as áreas mais baixas da encosta, então minha mãe declara:

— Aqui. Graças a Deus.

Chegamos a uma entrada feita de tijolos, as arestas ásperas e novas. Paramos. O capitão da guarda fala com os porteiros. Em seguida, os cavalos movem-se novamente, e passamos por um pequeno espaço, até o portão seguinte. É mais velho, esse: um arco feito de imensos pedaços de pedra gasta, fechado por uma velha porta de madeira.

— Está vendo como as paredes são grossas, Hal? — observa minha mãe, quando a porta é arrastada para se abrir para nós. A voz dela soa mais leve, quase alegre.

Olho.

— Conte as pontes levadiças. Conte os portões. Ninguém pode nos fazer mal aqui.

Conto-os. No terceiro portão, há uma ponte levadiça abaixada, mas também estão abaixados os dois portais gradeados de ferro.

Os guardas erguem apenas um de cada vez, e temos de esperar no espaço entre eles, enquanto, com fortes ruídos rangentes, as manivelas são giradas — para fechar o portal gradeado atrás de nós e depois abrir o da frente.

Portão número quatro. Parece uma enorme boca negra quando nos aproximamos — e imagino ser devorado por um monstro. Novamente, há uma ponte levadiça, novamente um portal gradeado de ferro abaixado, protegendo uma grande porta guarnecida de tachões. Esperamos diante dela, e vejo através de suas frestas a luz laranja das tochas dos guardas ficar mais brilhante à medida que se aproximam pelo outro lado. Correntes chocalham, e enormes ferrolhos guincham e arranham quando são puxados — e arranham novamente quando são empurrados de volta às nossas costas.

Ninguém pode nos fazer mal aqui, disse minha mãe. Acredito nela. Como é possível este lugar ser tomado? Minha mãe nada diz agora, mas, de algum modo, sei que ela fica mais feliz a cada portão que atravessamos.

No quinto, ao esperarmos novamente por um portal ser levantado, ouço um rouco grasnido de pássaros e olho para cima. Enormes formas negras volteiam no céu que se ilumina.

Então, de repente, a pele da minha nuca se arrepia. É como um instinto animal: sinto que estou sendo observado. Não por minha mãe, não pelos guardas — por alguém mais.

Acima do centro pontudo do arco da passagem há uma janela. Antes de ter de fato olhado para ela, quando meus olhos desceram dos pássaros para o prédio, creio que vislumbrei alguma coisa: o borrão de um rosto pálido se movimentando; um oval branco contra

a treliça. No momento em que olho diretamente para a janela, ele some.

O portal sobe, e os cavalos começam a se mover, suas ruidosas passadas ecoando ao entrarmos sob o teto abobadado. Sinto-me rígido por ter agarrado a sela com tanta força e agora estou tremendo, o corpo todo arrepiado, o que torna difícil manter o equilíbrio.

Não é apenas o frio que me faz tremer. Um pensamento assustador surge em minha cabeça: e se, afinal de contas, o perigo não estiver lá fora? E se houver algo ali dentro esperando por minha chegada? E se os ferrolhos que se fecham atrás de mim estiverem me trancando aqui dentro *com ele*?

. . . II . . .

— Pelo amor de Deus, mande alguém vestir o menino, Elizabeth. Ele parece um camponês.

Não gosto de ser chamado de camponês, nem mesmo pela minha avó. E, de qualquer maneira, não é verdade. Que camponês usa um cobertor revestido com pele de zibelina e chinelos de veludo bordados? (Embora os chinelos *sejam* grandes demais: um camareiro acabou de encontrá-los para mim.) Faço careta para meu punho. Estou tentando retirar um pouco de comida ressecada do meu anel de granada.

— Não se inquiete — sussurra minha mãe, acariciando meu cabelo.

Estamos nas profundezas do coração da Torre. Passamos por tantos portões que parece o centro de um labirinto. Fico surpreso: achei que iria parecer uma prisão, mas o salão onde estamos não é feio e sem adornos; parece bastante com o saguão do Eltham Palace, que é o lugar que chamo de lar. Uma fogueira arde na imensa lareira, e amistosas damas e cavaleiros desbotados se agitam delicadamente para mim das pinturas penduradas nas paredes. Afastei da mente todos os pensamentos de rostos sinistros. Gostaria de algo para

beber. A única coisa que me faz sentir desconfortável é o fato de minha avó estar aqui. Ela também deve ter partido do Coldharbour: como, porém, chegou aqui primeiro, não faço ideia.

Criados correm para lá e para cá, carregando velas, pilhas de roupas de cama, mesas de cavaletes e bancos. Minha avó está de pé no meio de toda essa agitação, o rosto amarelecido orlado por uma touca branca, as mãos ossudas descansando sobre o vestido simples preto. Veste-se como uma freira, mas não se esquece por um só momento que é a mãe do rei. Ela tem um porte no qual você pode se esfolar.

Sei que não devo mostrar à minha avó o quanto ela me mete medo. Ela é como meu pai: chutará um cão se ele ganir; se demonstrar medo, ela vai olhá-lo como se fosse um pedaço de carne bichada. Os Tudor não têm medo. É a família de minha mãe que é fraca, chorosa e cheia de sentimentos bobos. Ouvi minha avó dizer que os pais de minha mãe se casaram por amor. Ela fala isso como se estivesse levantando do chão um trapo sujo, fedorento. Acho que significa: não admira que sua mãe seja tão mole, não admira que ela abrace e beije você e trate-o como um bebê.

Minha mãe agora me coloca contra suas saias. Pergunta:

— A senhora ouviu alguma notícia? Os rebeldes estão nos portões da Cidade? Na ponte? Estão ao sul ou ao norte do rio?

— Não estão nos portões — responde minha avó. — O relato de que estavam bem perto de Londres revelou-se um alarme falso. Fomos informados de que ainda estão distantes cerca de 50 quilômetros. — Um pajem que passa apara com o queixo o topo de uma enorme pilha de guardanapos. Com um gesto suave, minha avó o para, retira o pano do topo da pilha, puxa os braços do garoto com

força para a frente do corpo e dá-lhe um sopapo na cabeça. Eu me encolho, como se ela também tivesse me batido.

Quando o menino vai embora correndo, os olhos transbordando, ela acrescenta:

— Lorde Daubeney está acampado com uma tropa em Hounslow Heath para impedir que os rebeldes entrem na Cidade de Londres.

— Quantos homens há na tropa de Daubeney?

— Oito mil.

Sinto a mão de minha mãe apertar meu ombro. Ela fala:

— Na última estimativa que ouvi, os rebeldes tinham quase o dobro desse número.

— Nossas sentinelas avançadas informaram deserções. E, em todo o caso, o rei levará sua tropa para se juntar a Daubeney. — Minha avó diz isso como se meu pai só tivesse de aparecer para garantir a vitória em qualquer batalha. Seria verdade? Eu bem que poderia acreditar nisso. Meu pai é um guerreiro destemido. — Os condes de Oxford e Suffolk devem ter reunido um bom número também. Daubeney só precisa resistir até eles chegarem.

— E... não há relatos da... — Minha mãe hesita. — Nenhum relato da costa de Kent?

— De desembarque? — Minha avó dá um sorriso fraco. — Nada ainda. Mas, se os rebeldes planejam tomar Londres atacando a ponte, será mais provável que *aquela pessoa* veleje o Tâmisa acima e ataque a Cidade a partir da água, não acha?

Sei a quem minha avó se refere quando fala "aquela pessoa". É um homem que quer expulsar meu pai do trono e reinar em seu lugar. Às vezes, as pessoas chamam-no de "o Pretendente". Fala-se nele desde que consigo me lembrar: como anda de país a país, de

corte a corte dos reis inimigos do meu pai, pegando dinheiro e tentando montar um exército para invadir a Inglaterra. Eu o imagino como um ogro, atravessando reinos com poucos passos gigantescos: *tump, tump, tump*. Cunhou moedas ameaçando meu pai com uma citação da Bíblia gravada: "Pesado foste na balança e foste achado em falta."

Agora, após anos de espera, alegam que esse homem — o Pretendente —, está vindo finalmente. O exército rebelde que se fecha sobre Londres não é dele: trata-se de um bando de córnicos que se insurgiram contra os impostos. Mas essa é a chance do Pretendente: enquanto o país está um caos, ele vai invadir. Olho temeroso para a grande porta de carvalho do salão, como se ele pudesse derrubá-la agora mesmo e viesse ruidosamente matar a todos nós.

Minha mãe murmura:

— Deus preserve o rei.

— Ah, Ele irá — afirma minha avó. — Tenho fé nisso. — Entrega o guardanapo amarrotado a uma empregada que passa. — Arthur não vai ser transferido?

— Ele tem uma guarnição protegendo-o em Ludlow. É melhor que fique onde está.

Minha avó resmunga, o que acho que significa que concorda.

— E as meninas ficarão bem seguras em Eltham — acrescenta minha mãe.

Minha avó nem sequer se preocupa em responder.

Arthur é meu irmão mais velho e, por ser o herdeiro do trono, tem sua própria fortaleza em Ludlow. Também é o favorito de minha avó. Não creio, aliás, que ela saiba para que servem irmãos mais

novos como eu, muito menos irmãs — de qualquer idade. Ela mesma só teve um filho: meu pai. Deu à luz quando tinha 13 anos de idade, e as pessoas dizem que a criança rasgou tão gravemente suas entranhas que nunca mais pôde ter outro filho.

— Será celebrada uma missa na Torre Branca, às 8 da manhã — diz minha avó. — Seus aposentos estarão prontos em breve. — Está para sair, seguindo para a porta às nossas costas, na extremidade oposta do salão. Mas, assim que passa perto de nós, para. — A propósito, Elizabeth, ocorreu-me que ainda não lhe perguntei...

— O quê?

— Quem você tem esperança de que vai vencer, meu bem?

Sinto minha mãe ficar tensa. Ela sussurra:

— Não na frente de meu filho, senhora. Por favor.

Há um minúsculo momento de silêncio. Em seguida, minha avó passa depressa, dando um piparote com um dedo ossudo dolorosamente duro do lado de minha cabeça, ao mesmo tempo dizendo:

— Cuide de si mesmo, menino.

Abruptamente, fico atento, largando as saias de minha mãe.

Quando ela vai embora, expiro longamente. Minha mãe também faz o mesmo: flagramos um ao outro fazendo isso e sorrimos. Então minha mãe coloca as mãos em meus ombros e baixa a cabeça para me olhar bem no rosto.

— Posso — começo, mas ela me interrompe.

— Deus protege seu pai — diz ela. — Sabe disso, não sabe, Hal? Não há nada a temer.

— Eu sei — respondo. — Posso beber alguma coisa agora, por favor?

◆ ◆ ◆

Quando minha bebida é trazida e minha mãe e eu estamos em seus aposentos, indago:

— Por que vovó lhe perguntou aquilo, sobre quem você quer que vença?

Minha mãe estava ocupada com duas de suas damas, desempacotando algumas roupas de um baú recém-chegado. Agora, me olha bruscamente. Por um momento, parece hesitar, então se aproxima e segura minha mão. Diz:

— Você ouviu falar do homem a quem chamam de o Pretendente?

Faço que sim.

— Bem, ele alega que é meu irmão: Ricardo, duque de York.

— Mas eu sou o duque de York!

— Exatamente... você é mesmo. Esse é o título dado ao segundo filho do rei. Quando eu era criança, meu pai era rei, portanto o mais novo dos meus dois irmãos foi feito duque de York. E seu pai é rei agora, portanto você... seu segundo filho... também é duque de York.

— Quer dizer que há dois de nós com o mesmo título?

— Não, meu bem. Meus irmãos morreram há anos. Esse homem, o Pretendente, é cheio de mentiras. Ele não é meu irmão e não tem direito a título algum.

Estou sentado num baú de madeira. Ela afunda a meu lado e suspira, devolvendo minha mão ao meu colo, acariciando-a.

— Mas sua avó... está preocupada por talvez eu não acreditar nisso. Ela acha que desejo que meu irmão ainda esteja vivo. Acredita que torço para que o Pretendente *seja* realmente ele. E que talvez eu

queira que ele venha com um exército, tome a coroa e vire rei. Isso tudo é completamente ridículo.

Ambos ficamos quietos por um momento. Esvazio meu copo. Pergunto:

— Por que a vovó não gosta de você?

— Ah!

Minha mãe levanta-se de repente. Pega meu copo e o coloca numa mesa próxima.

— Ela *gosta*, é só... — Há uma pausa. Mais baixinho, ela acrescenta: — Por razões complicadas. — Ela me olha. Pode ver que ainda estou esperando. Baixando-se para prender meu cabelo atrás da orelha, sussurra: — Porque tenho mais sangue real correndo em minhas veias do que ela ou seu pai. E não consegue suportar isso.

Encaro-a por um momento, os olhos arregalados.

Não acredito, porém, que seja esse o motivo. Acho que é porque minha mãe ri e faz as pessoas felizes. Quando eu era mais novo, pensava que ela podia ser um anjo. É certamente a pessoa mais bonita que já conheci. Gostaria que ela pudesse ter vivido o tempo todo em Eltham, com minhas irmãs e comigo. Todos os dias poderíamos atirar juntos e cavalgar; eu teria adorado. Em vez disso, ela tem de viver na Corte com minha avó, que não gosta dela, e meu pai, que é muito sério e amedrontador. Não deve ser nada divertido.

Nossa família parece dividida: minha mãe e eu estamos de um lado, meu pai, minha avó e meu irmão mais velho, Arthur, estão do outro. Não imagino por que, mas é como sempre tem sido. Até mesmo parecemos diferentes: sou parecido com a família de minha mãe — todos maciços e de faces rosadas, com cabelo ruivo dourado

— ao passo que Arthur é como papai: cabelo escuro e magro como um lebréu.

Minha mãe está agora parada perto de mim, dando instruções às damas. Estendo a mão e a enfio na dela. Quando a puxo, ela olha para mim, e eu digo:

— Não se preocupe, mamãe. Quando eu for homem, vou cuidar de você.

Por um momento, acho que ela vai rir. Mas então coloca o rosto no mesmo nível do meu e sua expressão é muito séria.

— Consigo vê-lo, sabe, Hal... o homem que será um dia. Consigo vê-lo olhando através de seus olhos. — Ela me abraça levemente. — Que Deus o mantenha seguro, meu bem.

Depois, quando sou levado para ver meu quarto, olho-me no espelho. Sou grande para minha idade e costumo achar que estou bastante crescido. Mas, hoje, meu reflexo parece jovem e bastante amedrontado. Contraio o rosto, estico-o para uma forma mais confiante. Então tento fixar em minha mente como é essa sensação por dentro. Desse modo posso ter certeza de que não pareço novamente amedrontado.

. . . III . . .

Meu pai nunca se sente amedrontado, tenho certeza disso. Em algum lugar lá fora, neste exato momento, está marchando à frente de seu exército. O corpo vigoroso está encerrado em uma magnífica armadura; a espada de lâmina larga pronta para ser enterrada na carne dos homens, para que a ira de Deus recaia sobre quem ousa se rebelar contra ele. Ajoelho-me no banco sob a janela e tento imaginar isso.

Mas a vista que observo não é lá grande coisa: não consigo sequer ver o exterior da Torre. A janela do meu dormitório dá para o lado de dentro, para o pátio. Mesmo bem cedo numa manhã de junho, não é alegre. Nas sombras, as paredes choram úmidas listras verdes. Bafejo a vidraça e começo a desenhar um dragão com o dedo.

Atrás de mim, algo farfalha, como um porco-espinho numa pilha de folhas. É meu criado, Compton, que está ajoelhado no junco do chão, remexendo num baú. Ele já me ajudou a vestir uma roupa com minhas cores, as cores do duque de York — vermelho e azul. E assim: camisa fina branca, gibão e meias vermelhos, e, por cima, uma jaqueta folgada curta de veludo azul, bordada a ouro. Sua tarefa, agora, é procurar um chapéu que combine: veludo azul com broche

de pérolas e rubis, e uma pena vermelha. Não posso ir à missa sem meu chapéu.

— Acho que não... não... — Ele levanta cuidadosamente as últimas camadas do fundo do baú. — Sinto muito, senhor, devo ter acondicionado o estojo do seu chapéu em uma das outras caixas. Terei de descer ao saguão para ver se já chegaram.

Estou desenhando as chamas saindo da boca do dragão, e pergunto:

— Quanto tempo acha que ficaremos aqui?

Compton fica de pé e limpa da perna alguns caules de junco extraviados.

— Poucos dias? Uma ou duas semanas? Até os rebeldes serem convencidos a se dispersar ou haver uma batalha feroz. De um modo ou de outro, não demorará muito.

— E se aquele homem vier com um exército?

— Que homem?

— O Pretendente.

Compton balança a cabeça. Como tem 14 anos, ele é um homem conhecedor do mundo e sempre parece estar a par das últimas notícias.

— Ele não ousará desembarcar aqui, senhor... A não ser que os rebeldes derrotem o exército de seu pai. E não vão conseguir isso. Pois bem. Não precisa se preocupar com ele.

Compton agora segue para a porta, mas uma ideia lhe ocorre e ele volta, com um novo ar prestativo no rosto.

— Gostaria de apostar nisso, senhor? Não, obviamente, no resultado. Deus sabe... — ele se benze — que estamos certos disso. Apenas no número de dias que ficaremos aqui?

Meu cinto e a bolsa estão na mesa ao lado. Abro a bolsa e conto cuidadosamente o conteúdo.

— Seis pences por cinco dias ou mais?

Compton chupa os lábios.

— Não tenho tanto assim comigo! — explico.

Inclino a bolsa na direção dele, como prova.

— A cavalo dado não se olham os dentes. Mas aposto em cinco dias exatamente. — Ele apanha a moeda que lhe arremesso, joga-a no ar, dá-lhe uma pancada com o cotovelo e, pegando-a novamente, esconde-a em algum lugar dentro de seu gibão.

Depois que ele sai e fecha a porta, viro-me novamente para a janela e apago o dragão com a manga. Lá embaixo, no pátio, uma carroça coberta entra pelo portão da Fortificação Interna, e criados saem correndo pelas portas do saguão do lado oposto, prontos para descarregá-las.

Eu os observo e penso na confiança de Compton. Junto cuidadosamente suas palavras, como se contasse moedas. Geralmente faço isso com coisas que os adultos falam.

Ele não ousará desembarcar aqui, senhor... a não ser que os rebeldes derrotem o exército de seu pai. E não vão conseguir isso. Pois bem. Não precisa se preocupar com ele.

A certeza de Compton é como um cobertor, reconfortante e quente, mas uma pequenina parte de mim ainda se pergunta: como ele sabe? Ouvi alguns dos criados dizerem que Deus está zangado porque as pessoas são más, e, por isso, Ele está mandando mais guerras para castigar a todos, e esse homem — o Pretendente — vai iniciar novamente guerras civis, as tais que assolaram o reino

durante anos e anos, antes de eu nascer, e às quais meu pai pôs um fim.

Mas Dona Denton, que está encarregada de nossos assuntos domésticos em Eltham, estapeia qualquer um que ouça falando desse jeito, por isso talvez não seja verdade. Ou talvez *seja* verdade, mas é perverso falar isso. Dona Denton está sempre claramente alerta contra a perversidade.

Uma batida na porta.

— Com licença, senhor. Podemos colocar isto aqui?

Dois criados entram arrastando os pés, carregando outro baú entre eles.

Eu pergunto:

— Vocês viram Compton enquanto subiam?

— Não, senhor. Quer que eu vá buscá-lo?

Nego com a cabeça.

Se ele ainda não está a caminho, posso procurar Raggy, meu velho pedaço de cobertor de berço. Espero que tenha sido empacotado. Vivo com receio de que Dona Denton jogue-o fora. Ela ameaça o tempo todo: diz que sou muito velho para ficar ligado a uma coisa tão infantil. Mas preciso de Raggy, principalmente numa ocasião como esta.

Gostaria, também, de achar meu livro de histórias sobre o rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Acabo de chegar a uma passagem realmente emocionante sobre Sir Galahad e quero saber o que acontecerá a seguir.

Bem, quando os criados saem e fecham a porta, desço do banco sob a janela e apanho o molho de chaves que Compton deixou numa prateleira junto à porta. Uma por uma, experimento-as na fechadura

do baú que acabaram de trazer. A quarta serve. Girando-a, levanto a tampa.

O baú está cheio até a borda. Primeira camada: grandes sacos de pétalas secas de rosas para perfumar as roupas; jogo-as no chão. Seguinte: minha capa vermelha e preta e dois gibões. Depois, arremesso para fora três pares de meias. Raggy, para minha alegria, está estendido logo abaixo, em cima de uma coisa dura coberta com veludo preto. Não é uma caixa de livros, essa coisa dura: é grande, curvada de forma desigual e — seguindo ao longo do centro — há uma coisa encrespada como uma espinha.

Cutuco aquilo. Por um momento, encarando estupidamente, não consigo pensar. Há algo horrível sobre quão sólida é esta coisa — sinto isso, mesmo antes de registrar o cacho de cabelo louro na gola, mesmo antes de ver que é uma pessoa: um menino, maior que eu, com o corpo dobrado, o rosto para baixo, dentro do baú, com a testa sobre os joelhos. Não há movimento em suas costas, não há respiração, e há uma terrível sensação pesada na carne embaixo das roupas, como um caroço de carne fria.

Levantando-me abruptamente, cambaleio para trás pelo quarto, até me chocar com uma das colunas da cama. Tenho Raggy enfiado em minha boca: posso sentir o gosto de vômito. Engulo em seco, respirando com dificuldade. Meu coração está martelando, mas, no quarto, há silêncio. Nada se move.

O que devo fazer? Esperar até Compton chegar e me encontrar aqui tremendo como uma lebre caçada?

Forço-me a caminhar até o baú, embora mantenha minha atenção em um dos seus lados. Não consigo olhar direto para ele. Lentamente, lentamente, meus dedos alcançam o veludo preto.

Reunindo toda a minha coragem, olho para eles enquanto tocam o veludo. E congelo, confuso. Então abro os dedos e o seguro. O veludo enruga na minha mão. É um dos meus gibões: está vazio.

Agora estou escarafunchando, agarrando punhados de roupas e jogando-os para fora do baú. Nada, nada, nada — exceto as roupas e, embaixo delas, o chão de madeira vazio da caixa. O corpo não está ali.

— Que diabos está fazendo?

Compton está parado no vão da porta aberta, olhando fixamente para mim. Segura uma caixa de chapéu numa das mãos e, na outra, uma das minhas melhores adagas e um cinturão de espada.

Sento-me de cócoras, ofegante, e passo a mão pela boca, para enxugá-la. Há roupas espalhadas por todos os lados. Digo:

— Não sei.

. . . IV . . .

— Se vê uma coisa que não está realmente ali... — digo lentamente —, quer dizer que há alguma coisa errada com você? Na cabeça? — Não consigo me forçar a dizer a palavra "louco".

Minha mãe olha para mim, os olhos escondidos na sombra. O quarto está escuro, o fogo apagado para a noite, uma vela solitária projetando uma poça de luz amarela sobre meus travesseiros. Estou deitado sob as cobertas, Raggy mantido fora de vista. A sombra de minha mãe estende-se pelo chão e segue direto parede acima, como tinta derramada se espalhando na direção errada.

Ela está parada perto do pé da cama. Por um longo instante, não se move nem fala, depois chega mais perto, franzindo um pouco a testa, e empoleira-se na beira da colcha. Pergunta:

— Se vê que tipo de coisa, Hal?

Respondo:

— Ah, qualquer coisa. — Viro a cabeça para o outro lado, ergo a mão até a coluna mais próxima e traço seu padrão com o dedo. — Você sabe, como nas histórias.

Na colcha, debaixo de minha outra mão, há um livro. Delicadamente, minha mãe o puxa, abrindo-o para ler o título da

página.

— Bem... nesta história, Sir Galahad tem uma visão do Santo Graal antes de realmente encontrá-lo, não é mesmo? Você já chegou a essa parte? E histórias de vidas de santos geralmente também mencionam visões.

— E ninguém pensava que eles eram loucos por verem coisas? Isto é, os santos.

Minha mãe sorri.

— Não, claro que não — responde. — Deus estava falando com eles. Eram abençoados. Mas a mensagem que Ele transmitia nem sempre era fácil de ser ouvida, suponho. — Ela fecha o livro cuidadosamente, afivela seu fecho de prata e move-se dentro das sombras para guardá-lo em uma caixa na prateleira. Diz: — Meu bem. Por que todas essas perguntas sobre ver coisas?

— Por nada, não. Só estava pensando.

Não contei a ninguém sobre o que aconteceu essa manhã. Nem mesmo para Compton. Disse-lhe que as roupas estavam por toda a parte porque ficara frustrado procurando meu livro. Na missa, porém, rezei por causa disso. Implorei a Deus para que não deixasse que fosse o primeiro sinal de uma terrível doença cerebral.

Minha mãe anda em volta da cama, puxando a cortina da parte de trás e também a do pé da cama, para fechá-las. Parte da roupa de cama, ela nota, está comida por traças. Quando faz um ruído de desaprovação com a língua, eu penso: *Se minha visão daquele corpo, daquele menino morto, dentro do baú foi uma maneira de Deus falar comigo, o que Ele poderia estar dizendo?*

Que este é meu futuro: os rebeldes derrotarão meu pai e farão outro de rei e serei assassinado e colocado dentro de um baú?

Sento-me de repente enquanto minha mãe puxa a última cortina pela metade. Falo, sem pensar:

— Este lugar amedronta você?

Seus olhos pálidos arregalam-se.

— Não. Por que amedrontaria? — Delicadamente, ela me deita outra vez. — É velho. Um pouco bolorento. Redecorar não seria má ideia. Mas é um lugar seguro, e não um lugar amedrontador. Agora, durma, Hal.

— Não me deixe.

— Hal, não seja tolo.

— Compton está aqui?

— Claro. Está esperando lá fora... Vou chamá-lo. Agora, sossegue.

. . . V . . .

Algumas horas depois, abro os olhos, de súbito, na escuridão. Sinto que fui acordado por alguma coisa, mas não sei o quê.

Eu me contorço até a beira da cama e puxo a cortina para abri-la. Consigo apenas vislumbrar a janela, por uma fatia de luar mortiço, onde as cortinas não estão fechadas completamente. Mas a janela está no lugar errado.

Por um momento, entro em pânico. Não faço ideia de onde estou ou que tipo de aposento a escuridão esconde. Então a lembrança desliza de volta, como uma toalha por uma mesa. Não estou em casa, em Eltham Palace: estou na Torre.

E uma coisa, pelo menos, é a mesma de sempre. Compton está dormindo, em seu catre, em algum lugar mais adiante do pé de minha cama. Posso ouvir a respiração estável.

A fatia de luar pisca, depois desaparece. O vento assobia através das aberturas do batente da janela. Então surge um ruído lá fora, no corredor. Um trinco de porta é levantado, abrindo-a. Passadas macias... e sussurros urgentes.

Sento-me, prendendo a respiração. Muito lentamente, recolho as camadas de cobertas e giro os pés para o chão. Através do outro lado

do quarto, por baixo da porta, há uma fraca, vacilante linha de luz laranja vinda do corredor. Deslizando os pés adiante, em vez de levantá-los, sigo na direção dela, tateando os obstáculos enquanto avanço. Os juncos são espinhentos contra meus tornozelos nus. De repente, uma forte lufada de vento açoita a janela. Paro, tenso; mas, embora se mexa, Compton não acorda.

Chegando à porta, meus dedos procuram com cuidado a maçaneta. Aplico a pressão de forma mais delicada possível e abro uma brecha, larga o bastante para um olho. Isso me dá uma visão do corredor, na direção do dormitório de minha mãe, que fica próximo ao meu. A porta de seu aposento está aberta, a luz derramando-se do quarto, e uma figura escura numa camisola de dormir e xale está de pé na soleira, de costas para mim. Essa pessoa — uma mulher — está olhando pelo corredor. Mais adiante, vejo o motivo: minha mãe está caminhando por ele, segurando uma vela, uma bruxuleante mancha de luz na escuridão. Enquanto caminha, a mão livre se arrasta lentamente pela parede. Ela está vestida para dormir, e o cabelo pende solto costas abaixo. Duas de suas criadas arrastam os pés junto a ela, de lado, como caranguejos, olhando aflitas para seu rosto, os braços semiabertos na direção de minha mãe como se esperassem enxotá-la de volta.

Algo está errado, mas, quando mamãe fala, é num tom de voz perfeitamente normal. Ela diz:

— Continue virando à esquerda, não é o que dizem? Sempre vire à esquerda e acabará chegando ao lugar.

Perto de mim, na porta do aposento de minha mãe, uma segunda mulher, mais jovem, emerge para ficar junto à primeira.

— O que há de errado com Sua Majestade? — cochicha. Ela parece ter acabado de acordar.

A primeira mulher sibila:

— Sonambulismo.

— O que ela fez?

— Fez?

— Pessoas sofrem de sonambulismo quando guardam o segredo de uma culpa, não é mesmo? Meu primo me contou isso.

— Então seu primo é um idiota — rebate a primeira mulher. — Sua Majestade, pobre senhora, está procurando seus irmãos.

Então minha mãe para de andar e coloca o lado da cabeça contra a parede. Pergunta:

— Não está ouvindo?

Uma das mulheres que a acompanham pergunta, bem baixinho:

— Ouvindo o quê, senhora?

— Pancadinhas. Não, não... é mais como um arranhar. Ouçam... começou novamente. Eles estão aqui. Preciso ser rápida.

— O que ela quer dizer? — indaga a segunda mulher junto à porta. — Seus irmãos estão se escondendo?

Sua vizinha estala a língua nos dentes.

— Esqueço o quanto você é jovem.

Em seguida, cochicha algo no ouvido da mulher mais nova.

— Ah, meu Deus, tenha piedade de suas almas! — A mulher se benze. — E eles também eram apenas criancinhas. — Agarra o braço da companheira. — Acha que os espíritos deles estão desassossegados aqui? Ah, vou ficar com medo de andar sozinha pelos corredores!

— Recomponha-se, garota. Se os espíritos de todas as pessoas que foram mortas neste lugar estivessem acordados e andando por aí, não conseguiríamos nos espremer pelos corredores por causa da aglomeração.

— Bem, *isso* não faz com que eu me sinta melhor!

— Shh. Mantenha a voz baixa. Vou acompanhá-las. Madge precisa convencer a rainha a voltar antes que alcance os guardas. Seria vergonhoso para ela ser vista desta maneira.

Quando a mulher mais velha começa a caminhar pelo corredor, e a mais nova vira-se para voltar ao dormitório, eu me arremesso de lado para a escuridão do meu quarto.

Espero que o som de suaves passadas diminua até o silêncio, depois empurro delicadamente minha porta para fechá-la de novo e tateio meu caminho de volta à cama.

Passo o resto da longa noite acordado, os olhos abertos na escuridão.

. . . VI . . .

Tenho uma pequenina pintura, em pergaminho, que carrego geralmente enrolada numa bolsa no cinto. Ela mostra os três pregos usados para prender Jesus à cruz. Cada prego é visto enfiado numa parte cortada do corpo do Salvador. Desse modo, um dos pregos está enfiado numa mão direita sangrando, outro na mão esquerda sangrando, enquanto o terceiro atravessa os pés, um em cima do outro, também pingando sangue. Uma coroa de espinhos está disposta como uma grinalda em volta do horrível arranjo, e, no meio, há um coração sangrando.

Ao lado da imagem está escrita, em tinta tão vermelha quanto o sangue pintado, a promessa do papa de que, se você carregar consigo essa pintura e rezar cinco pai-nossos, cinco ave-marias e um credo todos os dias, seus inimigos não o derrotarão, nem você morrerá subitamente, não poderá ser morto por uma espada ou uma faca ou veneno e estará protegido de espíritos maus, em terra ou água.

Nesta manhã, apesar de me sentir doente de cansaço, e tão distraído que Compton quase se desespera ao me fazer a toalete e me vestir, ainda tomo todo cuidado para enfiar a gravura no cinto.

Ao ficar de pé, aos puxões e empurrões enquanto minhas pontas são amarradas — para prender as mangas ao gibão e manter as meias levantadas —, pedaços da conversa que ouvi ontem se repetem, sem parar, em minha mente. Sinto-me confuso todas as vezes que tento juntá-los: minha mãe disse que seus irmãos estavam mortos; minha avó acha que talvez ela não acredite nisso, o que é estranho; então a senhora na porta do quarto disse que minha mãe procurava pelos irmãos. Então: *Se os espíritos de todas as pessoas que foram mortas neste lugar estivessem acordados e andando por aí, não conseguiríamos nos espremer pelos corredores por causa da aglomeração*.

Não sei o que pensar, mas tenho uma sensação de pavor, como se algo mau estivesse se aproximando através das sombras, embora eu ainda não conheça sua forma.

Quando estou vestido e alimentado (após muita repreensão de Compton) com um pouco de pão e carne fria, saio para o pomar localizado na lateral dos apartamentos reais. Ali, dois alvos foram instalados em lados opostos do espaço gramado. Ambos são feitos de palha comprimida, coberta com um pano branco. No meio do pano está a mosca, a marca na qual supostamente se deve mirar: um círculo pintado de preto.

Ao me aproximar, minha mãe está parada na extremidade oposta do pomar, disparando o arco longo de madeira. Observo-a soltar suavemente uma flecha. De onde me encontro, não consigo ver que parte do alvo ela acerta, mas provavelmente é no círculo preto: mamãe é uma arqueira habilidosa. Ela começa a andar na minha direção para trocar de lado.

É uma bela manhã, e o sol cria um halo em volta da figura de minha mãe, enquanto ela caminha. A aljava balança de um cinto de

couro em seu quadril. A bainha da saia parece enegrecida com a umidade do capim. Pássaros cantam, empoleirados nos telhados e nos galhos retorcidos das velhas árvores frutíferas. Do sul, além do acortinado da muralha e do fosso, posso ouvir os gritos dos barqueiros no rio. Não há sinais do temor da véspera por um ataque rebelde. Apenas o retinir da Cunhagem Real do outro lado da Torre quebra a paz. É uma percussão metálica que soa como um exército de demônios em marcha.

Uma dama de companhia arranca as flechas do alvo, e minha mãe as apanha e as enfia na aljava. Então caminha até mim e me beija na testa.

Então comenta:

— Você parece cansado. Não dormiu bem?

Dou de ombros.

— Estou bem.

— Pobrezinho.

Seu cabelo louro, solto à noite, está trançado e preso no topo da cabeça, como de costume. Hoje, está coberto com uma touca de linho encimada por um gorro de veludo: nada de véu para atrapalhar os disparos. Ela parece elegante e totalmente no controle. Mas, por baixo dos olhos, há sombras pesadas.

— Também parece cansada, mamãe.

— Pareço? Você é um menino muito zeloso. Dormi como uma pedra.

Ela fala isso alegremente demais, como se acreditasse mesmo. Se você é sonâmbulo, na manhã seguinte, sabe o que aconteceu? Suponho que não. Não se seus criados não lhe contarem.

Sigo mamãe enquanto ela se volta para atirar novamente.

— Já houve uma batalha? — pergunto.

Ela adota a posição de disparo, respondendo por cima do ombro.

— Lorde Daubeney enviou os melhores lanceiros de seu pai para atacarem os rebeldes. Houve alguma luta em Gill Down.

— Papai está lutando?

Os movimentos de minha mãe são sem pressa, suaves. Ela puxa uma flecha da aljava, a encaixa, retesa o arco e dispara. Tudo em três segundo, ou quatro.

Em seguida, ela diz:

— Ainda não, creio eu. Ele está testando os rebeldes. Para ver se manterão a posição.

— E manterão?

Ela dispara novamente, mirando e soltando duas flechas em rápida sucessão, então baixa o arco e vira-se para me olhar.

— Precisamos esperar mais notícias, meu bem. Eu lhe disse tudo o que sei. — Ela entrega o arco à dama de companhia. — Agora, deixe-me vê-lo atirar.

Atrás de mim, Compton está esperando com meu arco longo e uma seleção de flechas para exercício, com ponta rombuda. Pego o arco, enfio três flechas no meu cinto e caminho adiante para me colocar em posição de tiro.

Minha mãe dispara para acertar na mosca, mas ainda estou aprendendo a manter minha distância. Isso significa mirar a flecha corretamente em distâncias diferentes para que ela atinja o alvo e não caia antes. Você só pode aprender a acertar na mosca após saber como manter distância.

Hoje, aqui, é uma tarefa complicada: a linha de visão fica entre as árvores do pomar, que não são espaçadas regularmente, e a distância

é difícil de avaliar.

— Não se esqueça de verificar o vento.

— Ah, sim. — Arranco um pouco de capim e jogo no ar. Ele deriva suavemente para o lado e cai: o vento está vindo do sul, ao largo do rio. Mas não está muito forte.

Pego a primeira flecha. Com os braços abaixados, eu a apoio no nó do dedo da mão do arco e posiciono o encaixe — a ranhura na extremidade plumada da haste — contra a corda.

Então, enquanto levanto o arco para a posição, estico a corda para trás, até o polegar da mão que está segurando-a roçar minha orelha.

É aí que se precisa de força. Quanto mais forte o arco, mais difícil é puxá-lo. Os arcos do meu pai têm força de pressão equivalente a quinhentos quilos.

Seguro — não mais que uma contagem até três — e solto, tentando abrir os dedos completa e rapidamente, sem um solavanco. Se não for esperto para tirar os dedos do caminho da corda, você vai aprender: é um erro que não se comete duas vezes.

— Demorou uma fração longa demais segurando essa — comenta minha mãe, protegendo os olhos para ver o ponto que minha flecha atingiu: consegui acertar o alvo de palha, mas bem baixo e muito para a esquerda. — E, olhe... quando soltar a flecha, pense em juntar um pouco as escápulas e forçar para frente com o braço do arco. — Ela levanta seus braços para demonstrar.

— Fiz isso. É exatamente o que eu estava pensando.

Minha mãe estreita os olhos para mim e sorri. Pego outra flecha da aljava, encaixo, puxo, seguro e solto novamente. Esta raspa uma árvore e corre pelo capim bem perto do alvo. Rosno de frustração.

— Mamãe... — digo, enquanto puxo a terceira flecha.

— Hum?

— Como seus irmãos morreram?

Estou olhando para meu arco, mas posso sentir que ela ficou parada, de repente. Pergunta, baixinho:

— Por que quer saber?

— Digo, foi algum desastre ou... — hesito, imaginando se sou corajoso o bastante para dizer o que estou pensando. — Ou foi por faca ou revólver ou o quê? Uma flecha?

— Com quem você andou conversando, Hal?

— Com ninguém. — Levanto o arco, seguro por apenas um momento e solto a corda. É um disparo melhor. — Mas foram assassinados? E aconteceu aqui, na Torre?

Minha mãe não responde. Ainda não estou olhando para ela. Acrescento:

— Você disse que este era um lugar seguro. — Então avanço, caminhando na direção da outra extremidade do pomar, para apanhar minhas flechas.

Após um momento, ouço um ruge-ruge. Minha mãe me alcança e caminha ao meu lado. As saias arrastam-se pelo capim alto: ela agarra uma parte e passa o outro braço em volta de meus ombros.

— Hal. Sim, foram assassinados. Sim, aconteceu aqui. Mas isso foi antes de você nascer, meu bem. Durante as guerras antigas. Era... era um mundo diferente nessa época. Não creio que consiga imaginar o quanto era diferente.

Chegamos ao alvo. As três flechas de minha mãe estão todas no círculo preto; minhas duas estão mais dispersas, uma acima, a outra abaixo. Já apanhei a que caiu no capim. Agora, retirando as outras duas da palha comprimida, digo:

— Então foi por faca, certo?

Ela solta um suspiro rápido.

— Quer parar de perguntar sobre isso?

— Só quero saber. — Observo minha mãe arrancar suas flechas e colocá-las de volta na aljava. Duas manchas rosadas estão à mostra em suas faces pálidas.

Insisto:

— Se não me contar, vou perguntar aos criados.

A dama de companhia nos seguiu a distância. Ao se aproximar para entregar o arco de minha mãe, vejo-a lançar um olhar para mim.

Minha mãe, avaliando com a mão o peso do arco, fala, quase num sussurro:

— Ninguém sabe ao certo. Nenhum corpo jamais foi encontrado.

Então, animadamente, toma posição e dispara novamente. A flecha atinge o alvo, mas longe da mosca.

Meu cérebro está fervendo. Estou pensando em cordas arremessadas por cima de muralhas, em fugas audaciosas.

— Isso significa que... talvez não tenham sido mortos? Talvez tenham escapado?

— Não acredito nisso.

— Mas é possível?

— É possível — responde, com relutância.

— Mas... se o Pretendente diz que é seu irmão e se denomina duque de York...

Minha mãe solta outra flecha.

— Você é o verdadeiro duque de York.

— Sim, mas você disse que um de seus irmãos era o duque de York. Bem... esse irmão pode ter escapado. E o Pretendente poderia ser realmente ele, já adulto...

Ela me olha, uma nova flecha na mão.

— Não acredito nisso.

— Mas ele *poderia* ser.

Ela mira e dispara. Daqui parece que acertou o centro da mosca, mas, ao se virar para mim, sua expressão é sombria. Ela se aproxima e fala, num sussurro urgente:

— Escute-me, Hal. Não deixe ninguém ouvi-lo falar desse jeito. É perigoso... está entendendo? Seu pai é o rei... o verdadeiro rei. Já houve impostores antes, e os inimigos de seu pai estão sempre por trás deles, usando-os para causar problemas. O último foi o filho de um padeiro, especialmente treinado, durante anos, para fingir que era um primo meu. Quando seu pai o capturou, mandou-o trabalhar nas cozinhas. Esse homem de agora, que se denomina de York... Ele também pertence às cozinhas. Não é meu irmão.

Seus olhos parecem ferozes, quase apavorados. Penso: *Como você sabe ao certo?* Mas não ouso perguntar.

. . . VII . . .

Compton desaparece num canto, e meu sorriso murcha. É exaustivo, esconder o quanto estou amedrontado, mas como posso explicar? O que eu diria?

Vi um garoto num baú, e depois ele desapareceu. Ah, e descobri que meus tios foram assassinados aqui, quando eram meninos. Provavelmente. Embora talvez eles tenham escapado. Sendo assim... um deles está agora no exterior, tramando uma invasão? Ou seu corpo está escondido em algum lugar deste edifício? E, se ele está enterrado aqui, foi seu fantasma que eu vi... era seu cadáver no baú?

Somente duas horas se passaram desde o jantar. Não consigo me concentrar na leitura e precisei parar de jogar cartas com Compton porque estou perdendo muito dinheiro. Se minha avó me pegar fuçando, vai sibilar alguma coisa sobre o ócio ser a casa do demônio e me tacar um bocado de latim para eu decorar. Por isso, mandei Compton perguntar se tenho permissão para visitar a coleção de animais da Torre: a *menagerie*, casa dos bichos. Fica em algum lugar próximo dos portões externos, e acho que tem leões e leopardos, mantidos em jaulas de madeira. Compton diz que também havia um elefante, mas morreu.

Espero que ele não demore. Estou nervoso aqui sozinho. Faz sol lá fora, mas os aposentos e os corredores da Torre são frios. Acho que talvez nunca fiquem quentes. As sombras, também, parecem se juntar em lugares estranhos, negras como poços profundos, e há uma preocupante espécie de tração, quando passo perto delas, como se pudessem me sugar. Quando estou sozinho, como agora, vou de um aposento ao seguinte, não com um caminhar principesco, mas apressadamente.

Apesar de meus temores, porém, estou explorando: subindo e descendo compassadamente escadas, e, ao longo de corredores sombrios, experimentando cada porta por onde passo. A maioria está trancada. O que procuro? Em minha cabeça, há a ideia tola de que este é um castelo encantado e que algo horrível está atrás de uma dessas portas, à espera que eu o descubra. Não sei se é mais amedrontador procurar a coisa horrível ou me esconder no meu quarto, imaginando-a.

É estranho, mas sinto neste exato instante que existem dois "eus". Um está sendo maduro e sensato, abrindo portas para provar a mim mesmo que não há nada ali. O outro tem um horrível fascínio: *que* eu esteja abrindo portas *esperando* ver algo assustador. O que é uma loucura.

Contudo, enquanto minha imaginação está repleta de esqueletos de cabelos ralos, chãos manchados de sangue e horrendas armas assassinas, na realidade, por trás das poucas portas que consigo abrir, não encontro nada além de velhas mesas sobre cavaletes, bancos quebrados e estrados de cama de ferro.

A única coisa morta que encontrei até agora foi um camundongo, caído de lado com as patinhas dobradas e os dentes da frente à

mostra. Quando o vi, soube de imediato que estava morto, por isso, quando começou a se mexer — mudando um pouco de posição, para lá e para cá —, eu quis gritar. Mas logo percebi o motivo: a barriga do animal estava cheia de vermes, rastejando para cá e para lá, através de um buraco na pele. Os vermes faziam com que ele se mexesse. Cutuquei-o com um velho pedaço de graveto da lareira, depois o deixei em paz.

Agora, passando pelo acesso a uma escadaria, descubro que estou quase no fim de um corredor. Não tenho certeza exata de onde me encontro, mas creio que é em algum lugar ao norte de onde comecei, algum lugar perto da Torre Branca. Empurrando para abrir a última porta antes do final sem saída do corredor, olho para o interior de uma pequena câmara, onde uma janela estreita deixa entrar uma réstia de luz esmaecida.

Torço o nariz porque o aposento cheira a mofo. Na parede oposta, há outra porta — trancada. Perto dela, algumas peças de mobília estão amontoadas como se tivessem sido empurradas para fora do caminho: uma mesa redonda coberta com veludo negro gasto, um banco comprido, três banquinhos e duas cadeiras dobráveis feitas de madeira pintada. A única outra coisa no cômodo é um altar portátil de aparência raquítica perto da janela, com um lugar para ajoelhar — completo com uma almofada puída —, e um quadro pendurado na parede acima dele.

O quadro é familiar: quero dar uma olhada mais de perto. Entro totalmente no cômodo, fechando a porta suavemente atrás de mim, e me aproximo do altar. Sim, é uma pintura dos três pregos usados para prender Jesus à cruz, bem parecido com a que estou carregando.

Tiro minha pintura do bolso do cinto, para comparar. Observando-a, ocorre-me que talvez eu devesse rezar mais algumas ave-marias: sempre tenho medo de perder a conta e rezar quatro em vez de cinco (nesse caso, a proteção contra assassinato e espíritos maus não vai funcionar, vai?).

Portanto, ajoelho-me na almofada — que expele uma coluna de pó — e começo num sussurro, sem ousar quebrar o silêncio do aposento vazio.

— *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum...*

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

E paro. Ouvi alguém falar.

Por um louco momento, penso que é a Virgem Maria respondendo. Mas então ouço outro murmúrio — abafado, porém próximo — e passadas. Estão vindo da minha esquerda, mais além da porta na parede oposta. Estou paralisado, sem respirar, apenas ouvindo.

Nisso, a maçaneta começa a se mexer. Nem mesmo levo em conta correr de volta para a outra porta, a tal por onde entrei: não há tempo para tal. Em vez disso, mergulho para o canto junto ao altar, ficando bem agachado, para que sua lateral me proteja.

Instantaneamente, porém, percebo que não é suficiente. Estou escondido da porta, mas basta alguém ir para o centro do aposento e ficarei completamente à vista.

A porta começa a se abrir. A voz de minha mãe diz:

— Este é o melhor lugar... ninguém vem aqui.

Minhas costas descansam sobre uma parte do revestimento que tem um padrão de pequenos buracos. Percebo que é uma das portas de um armário: um guarda-louça preso à parede.

Rapidamente, ainda agachado, abro-o um pouco. O armário é bem fundo, guarnecido de prateleiras na parte superior. O espaço abaixo delas está vazio e, embora não seja alto, é largo: amplo o bastante para várias pessoas se esconderem, quanto mais apenas para mim.

Este é o momento de decisão: escondo-me? Ou levanto-me e admito que estou aqui; aceito a repreensão por estar vagando por aí sem Compton e volto para o quarto?

Não me levanto. Deslizo para dentro do guarda-louça. Talvez porque esteja com medo. Talvez porque, se minha mãe tiver segredos, quero ouvi-los. E mais tarde imagino se também houve algo mais em ação: talvez os três pregos. Talvez Deus.

Eles agora estão entrando no quarto: minha mãe e seja lá com quem ela está conversando. Lenta e cuidadosamente, minha respiração alterada soando alto em meus ouvidos, fecho a porta, torcendo para que ainda não tenham entrado muito no cômodo para perceber o armário se mexer.

Preparo-me para ser descoberto — para uma exclamação —, o que não acontece. Em vez disso, minha mãe diz:

— Não temos muito tempo. Preciso ser rápida.

— Sim, senhora — replica a voz de um homem.

Através do padrão de buracos na porta do guarda-louça, consigo ver apenas uma porção do aposento a minha frente; há uma parede à esquerda e, à direita, minha vista é bloqueada pela lateral do altar. Por um momento, capto a visão da ponta de um manto marrom — a batina de um monge — e sei, pela voz, que o homem que está falando é o padre Christopher, o confessor de minha mãe.

Ela diz:

— Bem... você foi à Cidade? O que as pessoas estão dizendo? Há profecias circulando?

— Sim, receio que sim, senhora. Como sempre, em uma época de crise, as pessoas se distraem com qualquer anúncio, verso ou cançoneta que veem pregadas na porta de uma taverna, quando, em vez disso, deveriam estar rezando ou ouvindo um sacerdote...

— Conheço sua opinião, padre, mas você recolheu alguma? Isto é, alguma profecia?

— Há um notário, conhecido meu, que nos últimos anos tem colecionado profecias como passatempo. Perguntei-lhe pelas últimas descobertas. Ele me deu isto.

— Você não mencionou que era para mim, certo?

— Claro que não.

Ouço um estalido de papel, como se minha mãe abrisse um pacote.

O padre Christopher continua:

— Há alguns manuscritos, creio, e alguns fólios impressos em papel barato. Meu conhecido, porém, madame, destacou que muitas profecias circulam na cidade apenas de viva voz.

Há silêncio por um momento. Então, distraidamente, como se, ao mesmo tempo, estivesse lendo, minha mãe diz:

— Não há ninguém do lado de fora daquela outra porta, há?

A figura simples do padre Christopher surge totalmente à vista, quando se dirige à porta pela qual entrei, abre-a, verifica o corredor e, cuidadosamente, volta a fechá-la. Vira-se para encarar minha mãe e balança a cabeça.

Mamãe pergunta:

— Acha mesmo que não há nada de valor nestas coisas?

— *Pode* ser que haja — vejo o padre Christopher franzir a testa como se não quisesse admitir —, em certos casos. Muitas das profecias que Santa Brígida fez, por exemplo, estão registradas. Uma verdadeira senhora santa e abençoada... Mas não se pode provar a origem de cada um desses papéis em suas mãos, senhora. Eu queria me encontrar com o autor, perguntar como a mensagem chegou até ele, aferir sua devoção, a pureza de sua alma... Pode ser que tenha um anjo sobre o ombro, sussurrando-lhe ao ouvido. Mas, igualmente, pode muito bem ter um demônio acocorado ali.

Minhas pernas estão ficando duras. Mudo cuidadosamente de posição.

— *Os turcos virão este ano a Roma...* — lê em voz alta minha mãe. — *Um grande rei surgirá no norte, o qual destruirá o poder de todos os franceses*. Bem, isso seria conveniente. — Ela faz um pequeno som nervoso, como um riso contido. — Puxa, estou tremendo. Que tolice. Talvez aqui não haja nada de relevante, afinal de contas.

Outro silêncio. Observo quando o padre Christopher levanta uma das mãos, alisando a franja de cabelo grisalho em volta da cabeça rapada.

Então, de repente, minha mãe pergunta:

— Você entende que este é um último recurso para mim, não é mesmo, padre? Eu consultaria uma pessoa respeitada, se pudesse. Consultaria o astrólogo da Corte. Mas sabe como a mãe do rei me vigia. Seria justamente o que ela mais desejaria: pegar-me pedindo ao Dr. Parron que fizesse o horóscopo de meu irmão! Pode imaginar? Ela já desconfia de mim.

— De quê, senhora?

— Eu gostaria que alguém perguntasse a ela: de quê, exatamente? — O tom de minha mãe é desdenhoso. — De querer que meu irmão esteja vivo? Claro que quero que ele esteja vivo! Que irmã amorosa não iria querer? Mas isso não significa que quero que ele invada com um exército, mate meu marido e meus filhos e se proclame rei. Ela não permite qualquer separação dessas coisas. Ter esperança de que meu irmão esteja vivo, na opinião dela, é ser uma traidora.

Contenho um arfar. Tenho calor e frio ao mesmo tempo. Minha mãe soa como uma estranha: não parece capaz e segura e reconfortante como sempre, mas amedrontada e furiosa. E agora sei que mentiu para mim. Ela *não* tem certeza de que seu irmão está morto. O Pretendente *poderia* ser ele, afinal. E, se ele invadir, meu pai será derrubado do trono, exatamente como eu temia: ele nos matará. Ele me matará.

A voz do padre Christopher interrompe meus pensamentos:

— O rei lhe tem devoção.

— Sua devoção maior é à mãe. Ele a escuta. E ela pinga veneno em seu ouvido... — Minha mãe geme. — Ela me odeia. Sempre me odiou. Estivemos em lados diferentes nas guerras de outrora. Ela só fez um acordo para seu filho se casar comigo porque fazia sentido politicamente. Odeia o fato de minha reivindicação à coroa ser mais forte que a dele, e também odeia o fato de ele me amar.

Suavemente, o padre Christopher diz:

— Então, esse Pretendente... acha que é realmente ele, seu irmão?

— Você está parecendo ela! — vocifera minha mãe. — Perdoe-me, padre. Não, não "creio que seja realmente ele". Eu *não sei*... essa é toda a questão. Como posso saber? Foi por isso que perguntei o que estão dizendo as profecias... Quero descobrir. Ou pelo menos

encontrar uma pista. Isso é tão ruim assim, padre? Pode afirmar que não faria o mesmo? Imagine só, seu irmão, um menininho, é levado embora, arrastado por soldados diante de seus próprios olhos, e depois lhe dizem que ele foi assassinado. Você chora e lamenta, mas é claro que nada o trará de volta.

Ela faz uma pausa e prossegue:

— Então, 14 anos depois, alguém numa terra distante declara que é seu irmão, que escapou e se tornou adulto. Não iria querer saber se é verdade?

— Sim, senhora, eu iria.

Silêncio. E é nesse silêncio que ouço uma respiração perto de mim. Há mais alguém comigo em meu esconderijo.

Congelo. Não ouso virar a cabeça, mas preciso. E, quando o faço, cada instinto dentro de mim quer gritar: enfio os nós do dedo na boca.

Os buracos em ambas as portas do armário, juntamente com uma fina fresta no centro onde as duas não foram fechadas adequadamente, deixam entrar luz suficiente para eu perceber uma figura, caída junto à parede do outro lado do espaço. Está virada de costas para mim, ajoelhada ou agachada, não consigo ver qual é a posição, mas as costas curvadas, os anéis de cabelo claro na gola são horrivelmente familiares.

Aquele corpo no baú, em meu quarto, ontem... está novamente aqui comigo.

No aposento, minha mãe diz:

— Sinto-me como se estivesse sendo rasgada ao meio, padre. Temo essa rebelião. Temo uma invasão. Cresci em meio a guerras civis. Já vi horror o bastante.

É um horror o que estou vendo neste momento: diferentemente de ontem, o corpo não está mortalmente imóvel, está se mexendo. Penso nos vermes retorcendo-se para dentro e para fora do buraco na pele do camundongo.

— Entretanto — continua minha mãe —, há uma parte minha incapaz de parar de desejar que meu irmão esteja vivo... que ele *não seja*, afinal, um pequenino cadáver apodrecido em alguma parte deste lugar.

Não há vermes desta vez. Este corpo — este garoto, esta coisa — está respirando, dando pequenas sacudidas, o peito subindo e descendo. Sons lamentosos também saem dele, suaves e horrendos como os de um animal aterrorizado. Como um coelho apanhado numa armadilha. Isso revira meu estômago. Se *fosse* um coelho, eu ia querer quebrar seu pescoço.

Mamãe continua:

— Não consigo parar de desejar que ele esteja vivo e... e talvez que ele seja esse Pretendente. Mas, se for, rezo a Deus para que largue suas armas, que nos deixe a todos viver em paz.

— Amém a isso — diz o padre Christopher.

Amém de mim também. Deixe-me viver em paz. Que este espírito, que esta visão de pesadelo — seja o que for — pare de aparecer para mim. Por favor, Deus, leve-o embora.

Ouço um embaralhar de papéis. Minha mãe fala:

— Ouça esta aqui: *E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas: e sobre a terra, aflição de nações, o solo ficará encharcado com mais sangue do que chuva. A palavra de Deus será transformada em uma serpente, e o bom, interpretado como mau. Mas, quando essas coisas começarem a acontecer, ergam a vista e levantem a cabeça: porque sua redenção está próxima.*

Preso ao meu terror, mal conseguindo respirar, ouço as palavras. Elas soam sinistramente belas.

— *Aquele que foi profetizado virá, cheio de poder, cheio de boa devoção e bom amor. Ó bendito governante, você é aquele tão bem-vindo que muitas ações facilitarão seu caminho. Você estenderá suas asas em todos os lugares; sua glória sobreviverá às eras...* — Minha mãe suspira. — Parece maravilhoso, não é mesmo? Fico toda arrepiada.

O garoto continua choramingando. Estendo a mão na direção dele. Tem de ser real: parece tão real, soa tão real...

Padre Christopher comenta:

— É maravilhoso, senhora, mas inteiramente inexato. Note que não há nomes nem datas, nada sequer, que ligue isso a qualquer país em particular.

Minha mão está tremendo. Olho as pontas dos dedos avançando pelo espaço, tão cautelosamente, como se o garoto pudesse a qualquer momento virar-se e arrancá-los com uma mordida.

— Ó Senhor — exclama minha mãe.

— O que foi?

— Quer algo específico? Aqui está... ouça isto. *York será rei*.

Mas, quando meus dedos o alcançam, ele já não está ali. A escuridão, de algum modo, filtra-se para o espaço que o menino ocupa, e o elimina.

Padre Christopher pergunta:

— O que mais diz aí?

— *Ele começará como um cordeiro e acabará como um leão.* — Minha mãe parece abalada. — É isso.

Estendo-me à frente o máximo que consigo. Meus dedos nada encontram a não ser sombras vazias.

— O Pretendente denomina a si mesmo duque de York, não é mesmo?

— Sim — responde, baixinho, minha mãe —, ele se denomina. Portanto... se *York será rei* está correto, significa que ele vai invadir e se apoderar da coroa... e, sem dúvida, *o solo ficará encharcado com mais sangue do que chuva*. . .

Ouço passadas apressadas. Olhando pelos buracos da porta do guarda-louça, vejo que minha mãe atravessou até onde se encontra o Padre Christopher, segurando sua mão. Ela diz:

— Preciso alertar meu marido!

— Como? Sem revelar que esteve lendo estas coisas? — Padre Christopher aponta para os papéis.

— Não sei. Posso dizer que tive um pesadelo... uma premonição... Ah, meu Deus... — Ela cobre o rosto, os papéis amarrotados em suas mãos.

— Acalme-se, senhora. Alguma outra profecia faz menção a York?

— Não... não. Já olhei todas elas.

— Então é apenas uma. Um pedaço de papel imundo. O rei, seu marido, tem muitos inimigos. Qualquer um pode ter escrito essa coisa com não mais inspiração divina que um escriturário ao copiar um livro-caixa. Pode ser simplesmente agitação política... os partidários do Pretendente podem ter enviado isso a Londres para tentar convencer as pessoas a se juntarem a eles. Não há nada de místico nisso. Não há necessidade de dizer nada... não há necessidade de se pôr em perigo.

Minha mãe inspira tremulamente.

— Tem razão. É claro. — Ela dobra os papéis amassados e os devolve ao Padre Christopher. — Eu não deveria ter pedido para vê-

los, não é mesmo? Como sou tola. — Sua voz é entrecortada. — Não deixe de queimar tudo, sim? Imediatamente. Coisas imundas.

— Sim, senhora. — Padre Christopher faz uma mesura. — Providenciarei isso agora mesmo.

Fico vagamente ciente de que deixam o aposento, Padre Christopher pela porta por onde entrei, minha mãe pela outra. Por vários minutos, fico completamente imóvel: aturdido, muito amedrontado e me perguntando se vou vomitar. Há, porém, algo mais também: algo pequeno que está forçando minha atenção como um irritante pajem dando puxões na minha manga. A princípio, ignoro-o. Meu coração está disparado, e não consigo me mexer mas preciso: preciso dar o fora daqui.

Puxão, puxão. *O que é?*

Surge uma imagem: minha mãe no pomar. Seus dedos fortes estalam; uma flecha voa; ela diz: "Você é o verdadeiro duque de York."

Inspiro lenta, tremulamente. Sinto que algo delicioso está se desdobrando em minha mente mesmo antes de saber o que é.

O que falou minha mãe, pouco antes de o garoto — a coisa, a visão — desaparecer?

York será rei.

E agora, em minha cabeça, posso ouvi-la ler aquele outro papel:

Aquele que foi profetizado virá... Ó bendito governante, você é aquele tão bem-vindo que muitas ações facilitarão seu caminho... sua glória sobreviverá às eras...

Sinto um calor se espalhando do centro do peito, formigando através dos membros. É como se um sol invisível tivesse saído de trás de uma nuvem e brilhasse sobre mim.

Forçando o corpo para frente contra as portas do armário, tropeço para o interior do aposento e caio de joelhos. Pouso a testa nas tábuas nuas e empoeiradas do chão.

Nada jamais ficou mais claro ou mais óbvio para mim. *York será rei* e *Sua glória sobreviverá às eras*: essas duas profecias referem-se à mesma pessoa. Sei disso em cada centímetro do meu ser. E não é o homem que espera no exterior, esse Pretendente.

Sou eu.

. . . VIII . . .

Só tenho um pensamento agora: preciso falar com minha mãe.

É fim do dia quando chega minha chance. Após as vésperas e a ceia, vou atrás dela e encontro-a sozinha num cômodo junto ao seu dormitório. A luz suave da tardinha de verão se exibe através das cortinas semifechadas, mas as paredes grossas de pedra mantêm de fora qualquer calor e a única outra luz no aposento vem do fogo, ardendo na lareira.

Minha mãe não me ouve entrar, está de costas para a porta, sentada numa cadeira de espaldar alto. A touca que usava no pomar esta manhã foi trocada por um capelo inglês e véu. De trás, vejo o pano comprido e preto pressionado contra o encosto da cadeira onde ela descansa a cabeça.

Eu me aproximo, hesitantemente, manuseando nervosamente a fivela do cinto, o cabo da adaga, apertando os dedos do pé dentro dos sapatos. O fogo crepita e chia. As figuras entalhadas na lareira ornamentada, iluminadas de baixo para cima, parecem sorrir demoniacamente. Minha mãe não se mexe, e imagino se está dormindo.

Dando a volta na cadeira para ficar diante dela, vejo que seus olhos estão abertos, mas ela se agita e parece confusa por um momento, como se eu a tivesse acordado de um sonho.

— Mamãe! — deixo escapar. Provavelmente pareço louco: olhos brilhantes e mal conseguindo ficar parado. — Não precisa se preocupar. Deduzi o que elas querem dizer!

— O quê, meu bem? — Com óbvio esforço, ela está sorrindo para mim, tentando parecer interessada.

— Aquelas profecias da Cidade. — O sorriso sumiu: minha mãe fica instantaneamente alerta, espantada. Prossigo depressa: — Eu estava escondido naquela sala. Sei que não deveria estar, peço desculpas... aconteceu de eu estar lá. De qualquer modo, *York será rei*. Não é ele, o tal a quem chamam de Pretendente. Sou eu. Mamãe, não sou também o duque de York? Não sou o apropriado? Sou eu quem será rei!

O impacto me atinge antes que eu perceba o que está acontecendo. Sua mão esquerda, anelada e surpreendentemente pesada, bate ruidosamente no meu rosto com a força de uma correia de couro. Descubro-me girando, olhando repentinamente para o chão.

Há um momento de silêncio.

Uma das pequeninas garras que prendem a pedra de seu anel atingiu-me a pele debaixo do olho direito. Distraidamente, meus dedos seguem até ali. Olho para minha mão e vejo sangue.

No momento seguinte, ela me envolve. Estou comprimido, com muita força, junto ao seu corpete, a bochecha cravada contra o decote adornado de joias, de modo que as pedras fazem dolorosos buracos em minha pele.

Ela chora — enormes soluços estremecidos. Penso: *Eu a fiz chorar*. E ela me embala. "Shh, shh", faz, finalmente, quando sua respiração se estabiliza. "Shh... shh." Mas eu não estou fazendo nenhum ruído.

Finalmente, ela me coloca à distância de um braço, as mãos sobre meus ombros. O rosto está borrado, os olhos, inchados.

— Você nunca mais deve dizer tal coisa, Hal — diz, sacudindo-me levemente. — Entendeu?

Agora sou eu quem chora. Confirmo com a cabeça, engolindo em seco.

— Essas profecias eram completos absurdos. Delírios de charlatães, agitadores, inimigos da coroa. Foram queimadas. Seu pai é o rei e... se Deus quiser... um dia seu irmão o sucederá. Ouça com atenção. — Não consigo suportar o modo como está me olhando: é feroz, penetrante. Em nada parecido com o que vi antes. — Nunca mencione essas profecias a ninguém. Vidas dependem disso. Minha vida. Talvez a sua também. Esta é uma época perigosa: rebeldes estão se aproximando de Londres; seu pai está liderando um exército para enfrentá-los; governantes estrangeiros tentam criar agitação... Profecias ridículas sempre circulam quando há uma inquietação como agora. Está entendendo?

Confirmo energicamente com a cabeça e pressiono os nós dos dedos contra os olhos. Não consigo falar.

— Se alguma vez *mencionar* as profecias... a qualquer um... negarei que as conheço. Direi que as inventou. E será açoitado por isso. Entendeu?

Confirmo uma segunda vez.

— Nunca mais me espione, está bem? Está bem? — Ela tira minhas mãos dos olhos e me faz sustentar seu olhar.

Sacudo a cabeça miseravelmente. Minha bochecha agora está latejando onde ela me atingiu. Quero fugir.

— Ah, Deus, olhe só para você. Sinto muito, meu bem. Sinto muito. — Alcança o lenço dentro da bolsa, umedece-o na língua e limpa o sangue da minha bochecha. — Pronto. Estamos melhor agora. Não estamos? — E sorri bravamente para mim. É tão vulnerável aquele sorriso. Faz meu coração cambalear dentro do peito, como se eu tivesse perdido um degrau da escada.

Então murmuro:

— Sim. — E faço o melhor possível para retribuir seu sorriso.

As joias em volta do pescoço de minha mãe cintilam com a luz do fogo quando ela inspira fundo e arregala os olhos.

— Ah! Não somos tolos, às vezes?

Ela agora se ajeita, procurando um canto limpo do lenço para enxugar os olhos. Sei o que está pensando: se minha avó a vir, ela não deve parecer que andou chorando.

Naquela noite, na cama, escondo-me debaixo das cobertas, apertando Raggy com força. Sinto que o mundo se misturou desordenadamente: despedaçou-se e se emendou, como um jarro quebrado que é remendado. E, apesar de na superfície parecer como sempre foi, sei que por baixo tudo mudou.

Às vezes, aprendi, as aparências não passam de máscaras. E saber disso me aterroriza tanto quanto qualquer coisa que eu já tenha visto aqui na Torre.

. . . IX . . .

No dia seguinte — o dia após minha mãe me bater por eu anunciar meu futuro glorioso —, quinhentos dos melhores lanceiros de meu pai, comandados por lorde Daubeney, enfrentam o exército rebelde em Gill Down e forçam sua retirada. Os rebeldes se reagrupam e montam acampamento ao lado da ponte Deptford, perto do rio Ravensbourne. Três dias depois, o exército de meu pai ataca ao amanhecer, pegando os rebeldes de surpresa.

Por volta das duas horas daquela tarde, meu pai entra na Cidade de Londres num magnífico cavalo de guerra, exibindo uma arroxeada cicatriz na face e um dos líderes rebeldes deitado, agrilhoado, sobre a sela do cavalo-guia atrás dele. Diferentemente dos milhares de mortos que ainda agora estão sendo arrastados do campo, esse homem foi guardado para um final mais lento e público.

Uma batalha é um teste da predileção de Deus; sei disso. Uma batalha prova quem é o legítimo rei. Portanto, agora, Deus mostrava Sua predileção, não pelos rebeldes ou pelo Pretendente, quem quer que seja realmente, mas pelo meu pai.

Naquela mesma tarde, enquanto papai desfila em triunfo pelas ruas da Cidade, subitamente suo frio. Minhas articulações doem, as

pernas parecem geleia, e as criadas me colocam na cama. Fico acamado por dias e dias: não faço ideia de quanto tempo. E, quando minha mãe deixa a Torre para se juntar a meu pai para o Dia de Ação de Graças em Westminster, tenho de ficar para trás. Encontrome num casulo de enfermidades. Se minha mãe vem se despedir, estou doente demais para saber.

◆ ◆ ◆

Durante aqueles dias febris na Torre, tenho um sonho estranho.

No sonho, estou deitado no escuro, debaixo de alguma coisa: parece ser na cama, sob as cobertas. Exceto que tenho frio. Não me importo. É repousante. Talvez esteja dormindo. Então me ocorre: não estou dormindo, estou morto. Coberto por uma camada de terra. Claro! Como fui tolo em não perceber antes.

E estou justamente pensando — então é *assim* que é, e na verdade é bem tranquilo; por que as pessoas se preocupam tanto em morrer? Preciso contar para minha mãe quando a encontrar —, então um ponto preto surge na escuridão. Ou melhor, um ponto preto com luz ao redor.

O ponto avança e aumenta enquanto o observo, até ficar tão grande quanto o sol, e sua luz irradia abaixo como uma estranha luz solar num dia claro.

E, a princípio, penso que é apenas o ponto. Algo nele está se mexendo, mas então vejo que a coisa que se mexe é um garotinho, descendo pelos raios na minha direção, caminhando pela luz como se esta fosse uma rua. Chega cada vez mais e mais perto.

Quando o garoto se aproxima de mim, vejo que é muito pálido, com uma auréola de cabelo louro. Parece o Cristo quando criança em uma velha pintura, exceto que os olhos são tão fundos que se encontram completamente ocultos na sombra. É como se o menino tivesse buracos escuros estranhos em vez de olhos. O cabelo dourado e os olhos sombreados fazem um contraste de luz e escuridão, como o sol negro brilhante. Tenho calafrios e estremeço.

O garoto estende a mão para mim — mãos gorduchas, as mãos de uma criancinha —, mas, quando coloco minhas mãos nas suas, o aperto é forte como o de um adulto.

E, no momento em que me toca, estar morto já não é repousante. Estou encharcado de terror e me agarro ao garoto desesperadamente, como se ele pudesse me manter seguro.

Simultaneamente, não estamos mais no escuro. Vejo que estamos num campo à margem de uma garganta. O lugar onde eu estava deitado é bem na beirada. Em algum lugar lá embaixo consigo ouvir a água correndo.

O garoto me levanta com um puxão. Ele é menor que eu e está vestido com uma roupa grosseira, como o filho de um homem pobre, mas há nele algo de impetuoso e poderoso.

Naquele instante, ouço um ruído terrível vindo da garganta. Viro-me e vejo uma enorme serpente arrastando-se para cima na beira do despenhadeiro. Suas pernas são curtas e musculosas, e de suas costas abrem-se imensas asas, com pele esticada através delas como as de um morcego. Os olhos são vermelhos, as narinas largas. Com um terrível movimento da cabeça, a criatura parece procurar alguma coisa, rugindo de dor e raiva. O bafo de suas mandíbulas abertas é

malcheiroso: carne podre. Num inexorável passo a passo, ela se aproxima, água negra escorrendo de suas escamas.

O garoto me dá um puxão violento, afastando-me dali. Desata a correr, e eu sigo atrás, aos tropeções. Mais adiante, surge um cavalo. De algum modo, o garoto parece ficar mais alto, porque é um cavalo enorme, ele o monta sem problemas, puxando-me para cima, para frente dele, na sela, justo quando os dentes da serpente abocanham o ar onde eu estava. Por mais perto que esteja do garoto, ainda não consigo ver seus olhos.

Seus braços me envolvem, ao mesmo tempo em que segura as rédeas e esporeia o cavalo para seguir a galope. Agarro a frente da sela. Nas costas, acho que sinto o metal deslizante de uma cota de malha, como se o garoto estivesse usando armadura sob a roupa de camponês.

Nós nos afastamos velozmente por um terreno a céu aberto, através de mirradas áreas pantanosas, campos e valas, tão depressa que despistamos a serpente: não há mais sinal de que está nos perseguindo. Logo depois a grande massa escura de uma floresta assoma diante de nós. Quando o cavalo diminui o ritmo para um trote, mergulhamos sob uma copa de galhos baixos, imergindo na suave luz verde-musgo. Muito acima de nós, uma luz mais forte brilha num padrão mosqueado, interrompido; abaixo, ouço os cascos do cavalo esmagando macias samambaias no chão.

O frescor da floresta, as sombras verde-escuro, a segurança receptiva, deliciosa: como eu adoraria me perder ali.

Acordo com muita felicidade. De algum modo, dias se passaram. A febre está passando.

PARTE DOIS:
Ações Facilitarão Seu Caminho



. . . I . . .

Quatro anos depois

— Mande o menino se afastar, Elizabeth. Ele está bloqueando a vista.

Os dedos de minha mãe pressionam meu ombro. Ela está atrás de mim, mas deve estar se curvando: sua voz soa bem no meu ouvido.

— Hal, meu bem. Seu pai quer que você saia da frente.

Levanto-me. No chão coberto de areia do vasto salão diante de nós, jovens vestidos com várias peças de meia armadura e acolchoamento de couro estão grunhindo e suando, golpeando e picando uns aos outros com espadas de gume cego.

— Vá se sentar ali. Do lado de Meg.

Sigo ao longo, segurando a prumo a espada que pende do meu cinto, para que ela não cutuque ninguém, e desculpando-me com as pessoas que são forçadas a ficar de pé para me deixar passar.

— Relegado a se sentar com as meninas — comenta Meg, minha irmã mais velha, quando chego. Ela fala com o canto da boca; o capelo incrustado com joias é pesado, e não valho o esforço de um olhar direto. — O que você fez?

Está sentada bem aprumada, as costas eretas, salpicada de rubis e pérolas do tamanho de mirtilos. Mais além dela, minha irmãzinha Mary, de 5 anos, está sentada igualmente empertigada, restringida por um corpete comprimido por cordões e pela supervisão de sua ama de olhos grandes e redondos.

— Fiz? — sussurro de volta. — Apenas usei um chapéu com pena, quando me sentei na frente do embaixador espanhol. — Ajeito-me no meu assento. — Gostaria que o próprio papai tivesse falado comigo. Para sair da frente.

Meg dá um leve sorriso.

— Ele não me dirigiu uma só palavra desde que cheguei — replicou.

Estamos em Westminster Hall. O local me faz pensar numa catedral: é uma imensa caverna de pedras frias, ecoantes. As janelas — arqueadas, como as de uma igreja — estão assentadas bem alto nas paredes. Quando ergo a vista, há um mundo inteiro de raios de sol e partículas de pó lá em cima, rodopiando. Mais além, mais, mais acima, o teto é uma construção espantosa: madeira, nervurado como o casco de um navio de cabeça para baixo e decorado com anjos entalhados.

Então, acima de nós: os anjos. Abaixo, no chão do salão: os lutadores labutando como demônios. Um deles é meu irmão mais velho, Arthur. Nós, enquanto isso, estamos suspensos no meio, sentados numa plataforma elevada e abobadada, com metade da Corte e um grupo de enviados espanhóis.

Os emissários vieram a Londres para negociar um tratado entre a Inglaterra e a Espanha. Para selar o acordo, meu pai deseja um casamento: o noivo será meu irmão Arthur, e a noiva, uma princesa

espanhola. Sei que é um prêmio que meu pai persegue há anos: a dinastia real espanhola é antiga e poderosa. Em comparação, nós, os Tudor, somos recém-chegados insignificantes; precisamos convencer o rei e a rainha da Espanha que sua preciosa princesa estará em mãos seguras. A exibição de combate de Arthur pretende provar, pelo menos fisicamente, que somos feitos para durar.

O que seria excelente se ele pelo menos fosse bom com a espada.

— Bloqueio! *Bloqueio!* — murmuro agora, os olhos na luta. Meus ombros se contraem, querendo participar.

É com Charles Brandon que Arthur está lutando, um jovem por quem meu pai revela predileção, pois o pai de Brandon foi seu porta-bandeira e morreu na batalha que fez de meu pai rei.

Brandon tem 17 anos, é grande e musculoso: vê-lo é como observar uma árvore combatendo. Arthur, dois anos mais jovem, é insignificante. Se ele treinasse com bastante afinco, se tornaria todo tendão e cartilagem, como papai. De qualquer forma, ele prefere passar o tempo curvado sobre a escrivaninha, as macias mãos brancas passando as páginas dos livros. E isso fica evidente.

— Uma abertura! Argh, por que ele não atacou?

— Shh! Tente ficar quieto — sussurra Meg.

Ela está à minha esquerda; à direita, um pouco mais distante, está um espanhol: um dos mais jovens membros da embaixada. Inclino-me adiante para ver mais além dele, fingindo observar os lutadores do outro lado do salão, mas, na verdade, estou olhando ao longo da fileira de espectadores para captar a reação de meu pai. Arthur é seu favorito: normalmente Arthur não faz nada de errado. Mas seguramente papai já notou que meu irmão é um completo asno quando se refere a lutar com a espada de folha larga.

Sentado no centro da plataforma, ao lado do embaixador espanhol De Puebla, meu pai usa sua face pública: calorosa, condescendente e risonha. Mas os olhos... creio que os olhos sempre o denunciam. São pequenos e aguçados, muito brilhantes. De modo algum calorosos. Vigilantes. Vejo que observa tudo — tudo que se passa no chão do salão, tudo aqui em cima, na plataforma — e, mesmo quando gargalha, não está deixando escapar coisa alguma.

Deve estar envergonhado, acho. Secretamente, deve desejar que Arthur pudesse dar uma prova melhor de que somos uma família de fortes guerreiros, apta a dominar nosso povo e esmagar todos os desafios ao nosso poder.

Recosto-me novamente e descubro que meu vizinho espanhol está olhando para mim. Sorrio educadamente. Ocorre-me que provavelmente devo iniciar uma conversa.

— Você tem uma pistola?

O espanhol parece ligeiramente sobressaltado.

— Não, milorde. Apenas isto. — Dá um tapinha no cabo da espada em seu quadril.

— Quis dizer em casa.

O enviado nega com a cabeça.

— Eu gostaria de disparar uma — prossigo. — Algum dia.

Viro-me para olhar novamente a luta. Há *oohs* e *aahs* e ondas de aplausos educados; lá embaixo, baques surdos, arrastar de pés e exalações violentas. Os lutadores avançam, recuam novamente para se esquivar; travam as espadas; param quando um golpe mortal (aplicado, mas não, é claro, executado) é reconhecido; separam-se.

— Acho que gostaria de estar lá embaixo com seu irmão, hein? — observa o enviado.

— Ele deveria ter usado, na ocasião, um verdadeiro *gardant*.

— Sinto muito. Meu inglês não é bom o bastante para entender essa palavra.

— Verdadeiro *gardant*. Uma posição de defesa. Assim. — Levanto o braço direito diante do rosto, a mão abaixada para mostrar a direção da lâmina da espada. — Então, se seu oponente tenta um golpe por cima, você precisa apenas esticar o braço para bloqueá-lo. Ele não espera muito bem esse movimento. Numa batalha, alguém poderia avançar e partir a cabeça dele bem no meio.

— Sim, entendo.

— Esse é o problema desse tipo de exercício. Brandon não faria isso...

— Partir a cabeça dele ao meio, não.

— ...portanto, ele pode continuar cometendo o mesmo erro, sem aprender... Ah, belo golpe.

Posso sentir que o espanhol está agora *me* estudando, em vez de assistir à luta. Ele diz:

— Gostaria de vê-lo lutar, milorde.

Olho-o de relance para ver se está gracejando, mas parece falar sério. Olho novamente para a luta e replico:

— Eu sou bom. Espada de folha larga, florete, espada e broquel. Em breve começarei a treinar com duas espadas. Também disparo com arco longo. Consigo acertar na mosca a maioria das vezes. Sou melhor que todos os meus amigos.

Do meu outro lado, Meg pigarreia intencionalmente.

O enviado argumenta:

— Deve ser bastante talentoso, milorde.

— E só comecei a treinar com bastão.

— Tão jovem? É impressionante.

O espanhol vira-se para falar com o vizinho do outro lado.

— Hal, pare de se exibir — diz Meg num tom de voz baixo.

Sussurro para a lateral do capelo incrustado de joias, mais ou menos onde imagino que deva estar o ouvido:

— Não estou. Acho que ajudaria se eles soubessem que há alguém nesta família que sabe como usar uma arma. Não acha?

Mas, antes que ela consiga responder, o espanhol se inclina novamente em minha direção.

— Com sua licença, milorde, meu colega aqui vai pedir permissão ao seu pai para que lute para nós.

— O quê? Agora? Eu ficaria encantado.

Ouço um gemido vindo de Meg; ignoro-o e, em vez disso, observo um criado transmitir o pedido a meu pai. Este reage com surpresa. Posso vê-lo dando de ombros, abrindo os braços, indicando que não é preciso. Mas, ao seu lado, o embaixador De Puebla está encantado com a proposta e pressiona os dedos na manga de meu pai, e vejo o rei ceder de boa vontade. *Claro. Claro que precisam ver também meu adorado filho mais novo. Que ideia maravilhosa*.

Um arauto se aproxima e curva-se elegantemente diante de mim.

— A pedido de nossos dignos convidados, Sua Majestade o Rei convida-o para uma peleja, milorde. O senhor tem armadura?

— Compton vai conseguir uma. — Fico de pé tão depressa que quase me choco com o arauto e, agora, vou em frente, escolhendo o caminho pela multidão, roçando, ao passar, por saias de veludo e mangas bufantes, tentando não pisar em sapatilhas de seda, debruns de pele ou tropeçar em bainhas de espada extremamente caras. Posso sentir a face queimar: estou ansioso, empolgado, apavorado.

E penso: esta é minha chance. Papai é um soldado; se conseguir impressioná-lo com minha luta, ele prestará atenção em mim. *Realmente* prestará atenção em mim. Vou valer alguma coisa.

Desço os degraus da plataforma dos espectadores. Meu estômago está apertado, o coração parece bater duas vezes mais forte que o normal. Há um pavilhão numa das extremidades do salão, para a escolha das armas, e vou em sua direção, mantendo-me junto à parede, certo de que todos devem estar olhando. Dentro do pavilhão está escuro, iluminado por velas. Sombras esticam-se e assomam sobre as criaturas fantásticas da parede de pano, que ondula suavemente quando alguém passa.

Em pouco tempo, Compton chega com minha armadura. Meu peitoril reluz verde e dourado à luz das chamas. Ele me ajuda a colocá-lo e fecha com força as macias correias de couro.

— Está tremendo — comenta ele.

Eu bufo.

— Frio. Tem uma corrente, não está sentindo?

Ele me passa o capacete e as luvas, e afasto para o lado a parede de pano para voltar ao salão.

. . . II . . .

Só pode ser uma piada. Estou de pé diante da galeria dos espectadores, acabei de ser ajudado a colocar meu capacete e, quando levanto a viseira, vejo Brandon caminhando em minha direção, como se fosse exatamente com ele que devo lutar.

Sou alto para minha idade e largo de corpo, mas, ainda assim... certamente isso é ridículo. Ergo a vista para a plataforma abobadada. Minha mãe parece aflita. Meu pai está olhando para o outro lado.

— Isto está correto? — pergunto ao arauto que vai atuar como juiz. — Tem certeza de que não deve ser outra pessoa? — Viro a cabeça, esquadrinhando o salão. Há vários meninos menores lutando ali perto. Avisto Arthur, tirando o capacete. Ele parece achar graça.

— Ordem de Sua Majestade o Rei, senhor — murmura o arauto, baixando a cabeça.

Engulo em seco. Brandon é ainda maior do que eu pensava, agora que estou perto dele.

A equipe de pajens de Compton foi eficiente em buscar meu equipamento: ele me entrega a espada de folha larga e avalio cuidadosamente seu peso, sentindo a empunhadura correta. A ponta

e o gume são cegos, mas, ainda assim, é uma arma perigosa: comprida, afunilada e harmoniosamente equilibrada. O ar assobia e canta, se golpeá-la rapidamente.

No centro do salão estende-se uma barreira de madeira, uma espécie de cerca, que evita colisões numa justa. O arauto posiciona Brandon e a mim próximos a ela, mais perto da plataforma dos espectadores.

A viseira de Brandon está levantada e posso ver parte de seu rosto, que sorri.

— Seja gentil comigo, senhor — diz ele.

— Sem chance. — Baixo ruidosamente minha viseira.

Então o arauto ergue seu bastão e anuncia em voz alta:

— Em guarda, cavalheiros! Sete golpes cada, por ordem de Sua Majestade o Rei.

E realmente começamos. Ladeamos um ao outro, mantendo uma boa distância.

Tudo é uma questão de quem age primeiro. Ao atacar, você toma a iniciativa, mas fica vulnerável. Se espera seu oponente agir, você precisa de uma reação veloz como um raio, para evitar ou bloquear o golpe *e* contra-atacar, de preferência tudo no mesmo movimento.

Brandon agora adotou a postura de *guarda para dentro*, o braço da espada atravessado diante do corpo, a lâmina em ângulo apontando para cima. Sigo seu exemplo. Ambos nos deslocamos, um pé adiante, outro atrás, joelhos ligeiramente curvados, tão leves sobre os pés quanto é possível em nossas meio-armaduras, prontos para agir, depressa e rigorosamente.

Ele ataca primeiro. O golpe oscila em direção à minha cabeça. Movimento a espada para bloqueá-lo, e as lâminas retinem juntas.

Não sinto muita força no braço de Brandon, e ele não faz qualquer tentativa de escapar de meu bloqueio e desferir outro golpe; em vez disso, separa-se e recua, em guarda novamente.

Então me dou conta: ele está sendo bondoso comigo; apenas brincando, pondo à prova as qualidades de um menino. A ideia me deixa enjoado.

Agora parto para cima dele e grito ao fazê-lo, alto o bastante para ser ouvido na plataforma. Todos riem quando erro. O alcance de Brandon é maior que o meu: ele precisa apenas erguer o braço da espada, e meu golpe, fazendo contato apenas com o ar, tira-me o equilíbrio e me envia lateralmente aos tropeções contra a barreira.

Mas estou furioso. De volta à posição de guarda por apenas um instante, ataco novamente, mirando alto — no pescoço de Brandon. Quando ele apara o golpe, deslizo minha lâmina para baixo para cortar sua coxa, mas ele me bloqueia novamente e, no mesmo movimento, desfere um ataque contra meu corpo, espetando com força meu peitoral.

Antes mesmo que o arauto declare o golpe, nos separamos e retrocedemos novamente. Respiro com dificuldade.

Maldição. Um ponto perdido. Mas, pelo menos, os risos cessaram. E vejo Brandon sacudir-se e assumir de novo sua posição com determinação, como se, de repente, estivesse levando aquilo a sério.

Numa luta sem capacete, o que você observa são os olhos do oponente, e não as mãos ou a espada. Você usa um instinto no momento da decisão; sente o movimento uma fração de segundo antes de ele começar. Adoro isso — aquela sensação de estarem presos juntos... desafiando um ao outro... e então explodindo em ação. Você não sente os machucados, até muito tempo depois.

Com capacetes, porém, e sem ver o rosto do oponente, é muito mais difícil. Ocasionalmente, vislumbro olhos negros reluzindo por trás da grade da viseira de Brandon, mas de modo algum consigo lê-los.

E, agora, ele está vindo para mim com determinação, mirando minha cabeça; há um estrépito de metal quando o bloqueio e me desloco para o lado. Nós nos separamos, então avanço novamente, o braço atravessado diante do rosto, a espada elevada, como se fosse atacar sua orelha esquerda. Mas é um truque: quando Brandon bloqueia, giro o pulso, movendo a espada de volta por cima de minha cabeça, e desfiro um golpe do outro lado do seu capacete.

Ele cambaleia; os espectadores vibram e aplaudem. Mas, no momento em que o arauto declara o ponto, Brandon já se recuperou e estamos novamente nos enganchando. Após dois confrontos mal executados, ele agarra o pulso de meu braço da espada e o empurra para trás, girando-o para o lado de fora e me desequilibrando. No instante seguinte, sua lâmina desce pesadamente.

Minha cabeça parece que está retinindo dentro do capacete como se fosse o badalo de um sino. Estou tonto; contra a escuridão de minha viseira, tiras estreitas da cena diante de mim distorcem e giram de forma nauseante. Cambaleio para trás, afastando-me tanto que poderia ser acusado de estar fugindo.

Bang. Choco-me com algo atrás de mim: é a geringonça que usam para a prática de justas: um cavalo de madeira montado sobre um carrinho com rodas, que está estacionado em uma das extremidades da barreira. Para ganhar tempo, levanto-me para me sentar nele, fazendo-o rolar um pouco para trás por causa do ímpeto do meu pouso. A multidão gargalha.

Minha visão do salão para de girar, mas estou desfrutando o momento, portanto não desço. Levanto-me com um salto, fico de pé sobre a traseira do cavalo e pulo dela para a barreira. Estendendo os braços como se caminhasse numa corda bamba, corro pela barreira até passar por Brandon, então oscilo e caio a certa distância atrás dele. Descubro-me não muito longe de Arthur, que está mais adiante, apoiado na barreira, o capacete debaixo do braço, enxugando o rosto com um pano franjado de dourado.

Num instante, prendi o pano com a ponta de minha espada e o tirei de seus dedos. Com um rápido piparote, mando-o voando. Ele parece ficar suspenso por um momento como uma panqueca voadora, então pousa — mais por sorte que por intenção — no capacete de Brandon, cobrindo a viseira.

A plateia grita e vibra. Brandon, para quem o mundo tornou-se surpreendentemente escuro, vira-se para lá e para cá, confuso. Enquanto isso, dou um salto e aplico o golpe mais forte de que sou capaz em seu guarda-ombro, rompendo uma de suas fivelas e fazendo seu dono ajoelhar pesadamente na areia.

Consigo ouvir xingamentos abafados vindo do interior do capacete de Brandon. O barulho da plataforma é maravilhoso. Ergo a vista, olhando para meu pai, mas, antes que consiga avistá-lo, o arauto me distrai: mantendo um rosto profissionalmente impassível, ele sinaliza que a luta acabou.

Brandon está agora sentado na areia, as pernas estendidas à frente. Arranca fora o capacete; o cabelo castanho está achatado e suado. Lança um olhar de lado para mim e sorri.

— Meu Deus, você é bom, senhor — diz, esfregando o cabelo. — Lembre-me de não lutar com você quando for mais velho, sim?

Após eu me desarmar e sair novamente do pavilhão, começo a sentir meus machucados. Descubro que o salão foi esvaziado dos meninos de infantaria, e um alvo para prática de arco e flecha foi instalado em uma das extremidades da barreira, pronto para a exibição seguinte. Criados arrumam arcos e flechas em uma mesa comprida coberta com um pano, bordado com o timbre de meu pai em dourado, vermelho e azul.

Arthur está escolhendo seu arco: puxando um, colocando-o de volta, experimentando outro. Ele trocou a armadura por um dispendioso traje de veludo preto; acima deste, seu rosto parece pálido. Brandon ronda perto dele, claramente esperando também para atirar, mas, quando me dirijo à plataforma dos espectadores, um arauto me para no caminho para dizer que o espanhol gostaria que Arthur competisse contra mim.

Concordo com um gesto de cabeça, o rosto calmo, ocultando a empolgação. Ao mudar de direção, caminhando com Compton em direção à mesa, sussurrou:

— Estou impressionando o espanhol! Estou mesmo *ajudando*. Ele está olhando? Papai está olhando para mim? Ele está sorrindo?

— Não consigo ver, senhor — responde Compton. — Devo mandar buscar um de seus arcos?

— Não, pode deixar.

Neste momento, sinto que consigo puxar qualquer um daqueles arcos dispostos na mesa, inclusive o mais pesado.

A marca do local de disparo está no chão do salão, diretamente diante do lugar de meu pai na plataforma. Arthur toma posição primeiro, encaixa a flecha, puxa, para, então dispara. A flecha voa suavemente e se crava na beira da mosca.

Estou efervescendo de energia enquanto caminho para a marca. O arco que escolhi parece ter quase exatamente o mesmo peso de empuxo do meu, mas começo a imaginar se conseguirei relaxar o suficiente para um disparo perfeito.

Ao tomar posição, tento inspirar profundamente. Tento esquecer onde estou, bloquear o salão, as distrações à minha volta, as cores, os rostos, o arrastar de pés, as tosses e as conversas abafadas.

Solto os dedos. Minha flecha, certeira e mortal, bate com um som surdo na mosca, apenas um pouco fora do centro.

Disparamos mais duas vezes, Arthur e eu. Então, com o canto do olho, vejo alguém se aproximar. É um arauto, o homem que arbitrou minha luta com Brandon.

— Gostaria de tentar acertar isto, milorde? — pergunta-me. Ele está segurando uma luva: uma manopla de couro, o punho adornado com ouro. — É um desafio, se aceitá-lo, do embaixador De Puebla.

Meus olhos agitam-se na direção da plataforma dos espectadores. Vejo o embaixador, a barba negra habilmente aparada virada para meu pai enquanto fala. A cabeça de meu pai está ligeiramente inclinada, o olhar baixo, ouvindo, concentrado. Nenhum dos dois está olhando para mim. Mas falando de mim? Talvez.

Olho para a luva, ainda sendo oferecida, na palma do arauto. Um artigo caro. Será que o embaixador quer realmente estragá-la, ou acha que não tenho a mínima chance de acertá-la? Já pratiquei esse jogo muitas vezes com Compton. Geralmente com um ou dois gorros velhos, no bosque perto de Eltham. É mais fácil que acertar aves, o que também consigo fazer.

Digo:

— Eu aceito.

O arauto se afasta, caminhando com os sapatos de sola macia, carregando a luva com todo cuidado, como se fosse uma bacia com água que pudesse derramar. Vou para a marca, encaixo uma flecha e, quando o arauto para e se vira, eu me preparo, a corda do arco semipuxada.

Na plataforma, conversas param, e cabeças viram. O arauto mostra-me a luva, em seguida a joga bem alto.

Uma luva voa de modo diferente de um gorro, claro. O peso é distribuído de forma distinta: o punho pesado com enfeites a faz girar de forma característica no ar.

É coisa de momento, de meio momento. A puxada total da corda, o movimento do arco quando você o posiciona na linha de voo do objeto, o libertar da flecha.

Entretanto, naquele meio momento, minha concentração falha. Meus olhos escorregam da luva rodopiante para um rosto abaixo dela, um rosto que tenho a esquisita sensação de reconhecer. O cabelo é amarelado, e os olhos, tão afundados como se estivessem na sombra. Atrás do rosto, asas estão bem abertas.

É um anjo entalhado, olhando para mim de cima de uma das vigas de armação do teto. Ele segura um escudo: a flor de lis da França esquartelada com os leões da Inglaterra. Vejo tudo num instante — o cabelo, as asas, o escudo —, mas, mesmo quando a flecha é libertada, sei que aquele instante foi crucial; não devo ter disparado direito.

A luva cai na areia, mas já virei de costas. Ocorre-me, ao voltar para meu lugar ao lado da área de disparos, xingando-me silenciosamente, que os aplausos são particularmente generosos,

levando-se em conta que errei. Quando me aproximo, Compton me dá um sorriso tão largo que provoca em mim uma centelha de incerteza; olho para trás. O arauto recolheu a luva e a está erguendo bem alto, virando-se para que todos possam ver. Minha flecha está enfiada no couro da palma. Olho-a, incrédulo.

Então olho novamente para o teto, à procura do rosto. Ele não tem cabelo dourado, nem qualquer cor: é apenas madeira comum entalhada. Não o reconheço agora. Quem pensei que fosse antes? Não lembro. Sacudo a cabeça, como se tivesse saído de uma chuvarada, exatamente quando Arthur se adianta e sinaliza que também gostaria de tentar aquele jogo. Rapidamente, providencia-se uma luva para ele, doada por outro espanhol. O arauto faz um segundo lançamento.

Na plataforma dos espectadores, uma centena de rostos inclina-se para cima, quando a flecha de Arthur voa em direção às poderosas costelas de carvalho do teto. Flecha e luva fluem elegantemente, como os jatos de uma fonte. Pousam no pó, separadas por 3 metros.

Há um curto silêncio.

Então os espectadores irrompem num aplauso. Vejo que o embaixador De Puebla ficou de pé enquanto aplaude, o resto de seu grupo acompanhando-o. Um instante depois, eles se viram e começam a se afastar de seus assentos. Estão descendo.

Ao se aproximarem pelo chão arenoso, Arthur está subitamente ao meu lado. Engancha o braço em volta do meu pescoço e agita meu cabelo. Como se gostasse de mim.

Meu pai lidera o grupo, coxeando ligeiramente como sempre. Ele tem uma rigidez permanente na perna esquerda, um tecido cicatrizado de um antigo ferimento: suas credenciais do campo de

batalha estão em exposição a cada passo. Quando se aproximam de nós, De Puebla está comentando:

— ...mas espantosamente habilidoso para sua idade. Ele é uma criança talentosa. Parabéns, Vossa Majestade.

Meu pai sorri.

— É generoso em seu elogio, embaixador. Estou orgulhoso do menino. Ele tem um excelente espírito. É muito dedicado. — Uma mão ossuda se estende e alcança meu ombro.

— Sem contar que — De Puebla vira-se para mim — tem todos os talentos naturais que Deus pode conceder a alguém, meu senhor príncipe. Já tem a compleição de um guerreiro. É quase tão alto quanto o irmão, e ainda há, o que, cinco anos de diferença entre vocês? Impressionante. Muito impressionante. — Faz uma reverência para Arthur. — E, milorde, foi também uma excelente demonstração de suas habilidades. Teremos o prazer de, na volta, fazer um relatório para o rei e a rainha da Espanha repleto dos mais altos possíveis louvores.

Arthur e eu fazemos uma reverência e expressamos nossos humildes agradecimentos.

Meu pai volta-se para seus convidados, abrindo os braços para arrebanhá-los para longe dali.

— Venham, cavalheiros, está na hora de tomarmos uns refrescos num ambiente mais confortável.

Observo-os se afastarem.

Estou orgulhoso do menino.

Olho à minha volta, pestanejando. Vislumbro novamente o anjo acima, mas há fileiras deles, um em cada viga, e não consigo me lembrar qual foi aquele que pensei ter reconhecido. A plataforma

dos espectadores está vazia. Arthur sumiu. Alguém segura delicadamente meu ombro. É Compton. Ele me conduz para fora do salão e pela rede de passagens que levam aos apartamentos reais. Não consigo parar de falar.

— Será que meu pai viu o penúltimo golpe... com Brandon? Não último, em que fui muito contido e não conta... mas, no anterior a este, encontrei realmente uma abertura, bem pequena, e fui tão veloz! — Paro abruptamente de andar e bato minhas luvas no peito de Compton. — Diga-me que ele viu esse.

— Ele viu.

— É mesmo?

Compton dá de ombros.

— Não sei. Espero que sim, senhor. Eu estava observando o senhor, e não o rei.

Voltamos a caminhar.

— Brandon é bom. Ele desferiu alguns golpes espantosos. Eu deveria ter visto aquele lateral se aproximando. E o modo como torceu meus braços, meu Deus... quero praticar isso. Pedirei para que ele me mostre, em alguma ocasião. Acha que ele treinaria comigo, se eu pedisse? Isto é, regularmente? Suponho que ele teria de vir a Eltham, e talvez isso fosse um problema.

Chegamos agora a meu dormitório. Entrando, arremesso as luvas para uma mesa e percebo que tenho um visitante.

— Ah. — Paro, olhando para ele. — Olá.

É Arthur. Não me lembro de alguma vez ele ter procurado voluntariamente minha companhia.

Está de pé, acompanhado por vários de seus criados, junto à janela. Diz lentamente:

— Quero parabenizá-lo pela excelente façanha lá no salão. — Faz uma pausa, olha para meus criados. — Compton. Rapazes. Queiram nos deixar.

Os pajens, que tinham entrado no quarto atrás de mim, fazem uma reverência e escapam. Compton hesita e me olha, mas sinalizo com a cabeça para que vá.

Então dou de ombros e me curvo para coçar a panturrilha.

— Apenas pratiquei bastante. Você não pode ser bom em tudo. Não deixe que isso o aborreça.

Ao me endireitar, vejo Arthur fazer um sinal para seus homens. Dois deles colocam-se um de cada lado de mim; seguram meus braços.

— O que é isto?

Ele não me responde. Contorcendo-me, rapidamente descubro que isso faz apenas com que os homens forcem mais o aperto. Arthur diz:

— Não, não. Este não é o momento para você se exibir.

Ele está puxando os dedos de suas luvas, um por um, sem pressa. Tira as luvas, coloca uma em cima da outra e as entrega a um criado. Em seguida, dobra os longos dedos brancos da mão direita, cerrando o punho. E me dá um soco forte na barriga.

Isso me tira a respiração; deixa-me arfando, inclinado para frente o máximo que permitem as fortes mãos em meus braços. Tusso e nada posso fazer para conter uma gota de saliva que se estica para o chão.

— Por que isto? — dou um grasnido. — O que eu fiz?

Nada de resposta, apenas outro soco. Dessa vez, os nós dos dedos fazem contato com o ouvido esquerdo e a têmpora. Há um tinido em

minha cabeça.

Arthur fala:

— Como você vê, não se trata de habilidade em lutar. Trata-se de poder. E poder é, entre outras coisas, ter alguém para segurá-lo enquanto eu bato.

Quando consigo olhar para cima, Arthur já apanhou novamente as luvas e as está examinando, removendo minúsculos vestígios de fiapos, pó, terra.

— Ou ter alguém para bater em você por mim. — Faz um sinal com a cabeça para alguém não visto à minha direita, que enfia um joelho, duro como um porrete, no meu rim.

Nada no meu rosto, é claro. Nada onde um hematoma possa ser visto.

Pendendo mole, prestes a vomitar, estou ciente de um pequeno prazer: Arthur tem cinco anos a mais que eu e não ousa me enfrentar sozinho.

Consigo dizer:

— Você vai pagar por isto. Contarei a papai.

— Ah, papai já sabe. — A voz veio de trás de mim, da porta.

Não consigo me virar, mas não preciso. Automaticamente, começo a tremer, como minha cadela Angwen quando está molhada. Os olhos de Arthur brilham, triunfantes.

Ouço passos irregulares se aproximando, e então meu pai surge, apoiado na vara fina que às vezes usa privadamente. Ele é ágil com esse membro a mais, como uma aranha.

Papai me avisa:

— Seu irmão achou que você precisava aprender uma lição... e concordei com ele.

Trinco os dentes, pelejando contra os tremores, e olho para Arthur.

— Que lição?

A vara de meu pai bate embaixo de meu queixo, forçando-o a uma posição desconfortavelmente alta.

— Você não tem controle. Não tem disciplina. Já foi *tolerado* por tempo demais.

Aponta a vara para Arthur.

— Pode ir — ordena.

A vara arremete para trás e me golpeia no peito.

— Você, não.

. . . III . . .

Os homens de Arthur me soltam e seguem seu amo para o lado de fora, batendo a porta ao saírem. Meu pai e eu estamos sozinhos. Apesar de meus melhores esforços, ainda tremo. Sinto-me enjoado com a perspectiva de novos socos.

Ele inicia uma pequena volta pelo quarto, cutucando com a vara os cortinados da cama, um escabelo, puxando para o lado a cortina que cobre um espelho. Eu me encolho todas as vezes que ele varre o ar com a vara. Ele me flagra contraído, e consigo ver seu desgosto. Eu poderia facilmente chorar: a garganta está apertada, os olhos formigam. Não devo. Isso só iria torná-lo pior. Mais irritado, mais desgostoso, me bateria pelo quarto inteiro. Já aconteceu antes. E sei que uma surra dói dez vezes mais que treinar luta de espada com um oponente mais forte — embora o motivo seja um mistério para mim.

Meu pai para, encarando-me novamente, as mãos na vara. O cabelo está ficando grisalho, e ele é magro sob a roupa de felpa de veludo. Se alguém o visse no campo de batalha, talvez pensasse que conseguiria derrotá-lo sem problemas: *Aquele montinho de gravetos?*

Vou quebrá-los em cima de meu joelho. Não perceberiam que cada graveto é tão forte quanto aço.

Ele agora sorri, mas não de forma agradável.

— Foi uma exibição e tanto — diz ele, esticando a cabeça. — Lá fora.

— Ob... — guincho. Pigarreio. Não posso parecer um camundongo. — Obrigado, senhor.

— Você é um bom espadachim, não é mesmo? Um excelente atirador também. Melhor que Arthur, você diria?

Hesito, então decido.

— Sim, senhor.

— E encantador. Os espanhóis se entusiasmaram com você, não foi? — Ele confirma com a cabeça. — Sim. Mas você sabe disso. Sabe o que faz.

— Estou honrado por ter merecido a aprovação deles — afirmo.

Os olhos de meu pai se arregalam numa extravagante surpresa.

— Acha que o *admiraram*? Eles estavam rindo! Não *com* você... *de* você. Sua gabolice infantil! *Foi* muito engraçado, até eu mesmo admito isso. Disseram-me: Contenha aquele ali. Conseguimos perceber que ele já é um problema.

Talvez eu esteja sacudindo a cabeça, embora mal esteja ciente disso, porque ele prossegue.

— Ah, sim, receio que seja verdade. Você *é mesmo*, sabe. Já é um problema. Não chore. Um menino chorando é uma visão que me dá náuseas.

Mas não consigo parar. Meu pai movimenta-se rapidamente, e a vara pousa com uma forte pancada no meu traseiro. Caio de quatro no chão.

— Seu insetinho patético. Levante-se! *Levante-se!*

Ao pelejar para me pôr de pé, meu pai está despindo a roupa comprida, mantendo a vara na mão. Vocifera:

— Tire esse gibão! Tire-o! Não quero estragar um tecido caro.

Desfaço os laços com dedos trêmulos. Ainda estou chorando. Meu pai arranca a roupa de minha mão e a joga numa cadeira.

— É tudo um grande jogo para você, não é mesmo? — grita ele, atingindo-me nas costas.

— Não, senhor!

Seu braço envolve meu pescoço, dobrando-me, minha cabeça pressionada na lateral de seu corpo, as costas, o traseiro e as pernas diante dele.

— Lembre-se disto — rosna, agora me batendo ritmadamente. — É assim que se aprende! É como fui ensinado e *nun*ca... esque*ci*...

— Pare! Pelo amor de Deus! — grita alguém.

Meu pai larga-me de repente; desabo no chão, incapaz de deter a queda. Por baixo do braço — erguido diante do meu rosto para evitar mais pancadas —, vejo minha mãe voar para o quarto e meu pai segurá-la pelo pulso no momento em que segue em minha direção. Ela se vira para encará-lo, as saias rodando.

— Não, não vá até ele — ruge meu pai, respirando com dificuldade por causa do esforço. — A culpa é *sua*, Elizabeth! O menino foi mimado. Ele precisa aprender seu lugar.

— Não desse modo!

— Se ele aprender agora, talvez isso possa salvar-lhe a vida.

— Mas ele não entende!

— Não? — Meu pai larga-a, apanha um banquinho de madeira junto à parede mais próxima e o coloca ruidosamente no centro do

quarto. — Então me deixe explicar. Em termos simplórios. — Senta-se e aponta para o chão à sua frente. — Fique de pé aqui, menino. Pare de chorar se não quiser outra surra.

Levanto-me, dolorosamente, e fico no ponto que ele indica. Atrás dele, o rosto de minha mãe parece desregrado com agitação e preocupação, mas ela se mantém totalmente imóvel, as mãos cruzadas sobre o peito, os nós dos dedos brancos.

Meu pai me encara, os pequenos olhos negros brilhando. Diz:

— Você é meu segundo filho. Para que serve o segundo filho de um rei?

— Não sei, senhor — digo, completamente desgraçado.

Ele me bate com a mão aberta, bem no rosto.

— Para que serve o segundo filho de um rei? — repete.

Engulo em seco, pestanejando muito. Digo:

— Para o caso de o primeiro filho morrer ainda haver um herdeiro, senhor.

— Exatamente. Você é um reserva. Um sobressalente. Para o caso de nosso amado primogênito morrer. E dessa calamidade, Deus, em Sua infinita sabedoria, tem sido suficientemente piedoso em nos poupar. — Meus pais se benzem. Papai prossegue: — E, quando o primogênito se casa e tem filhos para continuar sua linhagem... adivinhe uma coisa. Esse segundo filho não será mais necessário.

Ele se inclina para frente, segurando os joelhos.

— Agora: os enviados espanhóis estão aqui porque Arthur está para...?

— Casar-se, senhor.

— Muito bem. E, se Deus quiser, os nascimentos dos filhos de Arthur logo se seguirão. Pois bem. Fico imaginando, o que isso

significa para você? O sobressalente, que não é mais necessário? Hein?

— Não sei — sussurro, com medo de levar outra surra.

Meu pai se inclina mais e sussurra também, como se confiasse um segredo:

— Significa que você precisa tomar muito, muito cuidado.

Ele endireita o corpo e abre os braços.

— Pois bem. Você tem uma escolha. Primeira opção: normalmente, fazer muito barulho, atrair a atenção para si mesmo. Como fez a pouco no salão. Para provar a si mesmo que é homem... hein? Hein? Deseja aprovação! Deseja ser notado! Deseja ser *amado*.

O modo como diz faz parecer que a palavra significa algo vergonhoso.

— Bem, para onde acha que leva isso? — Levantando-se, meu pai caminha com passos pesados até uma mesa debaixo da janela onde meu jogo de xadrez está montado. Apanha um cavalo, um São Jorge a cavalo, e coloca-o com uma batida no centro do tabuleiro. — Aqui está você: o duque de York. Poderoso proprietário de terras, brilhante comandante militar, encantador, popular... com um enorme séquito de servidores leais. Parece bom?

Ele está me encarando com seus olhos de contas. Tenho de responder. Concordo com a cabeça, sentindo-me enjoado.

— Ah, céus. Ah, *céus*. Não é nada bom. E se alguns imbecis enfiassem na cabeça que você talvez desse um rei melhor que Arthur, hum? Isso me soa como *guerra civil*.

— Sou leal a Arthur, senhor.

Meu pai finge refletir. Então diz:

— Mas seu irmão acredita realmente nisso? Acho que ele poderia mandar matá-lo, só por garantia.

Com um piparote, ele derruba o cavalo. Este rola num semicírculo e para completamente.

— Mas como você parece assustado! "Ele não me mataria, sou seu irmão caçula!" — fala meu pai, monotonamente, com voz infantil. Em seguida, atravessa o quarto em minha direção. — Não acredite que este *sentimento* irá salvá-lo, menino. O sentimentalismo é a ruína de um rei. Eu me despi de sentimentos, esfolei-o como a pele das minhas costas. E estou ensinando Arthur a fazer o mesmo.

Uma pausa. Suponho que está de pé, olhando-me, pois não sei, tendo em vista que agora estou encarando o chão.

— Então, a segunda opção — prossegue ele, num tom mais suave. — Você pode desaparecer em silêncio. Entrar para a igreja. Por que não ir a Roma, distribuir algum dinheiro, tentar se tornar um cardeal? Isso poderia até mesmo ajudar Arthur.

Meu pai aproxima-se, curva-se, dobrando o pescoço para olhar meu rosto de baixo para cima.

— O quê? O quê? — escarnece. — Está pensando que não tem qualquer desejo de ser padre?

— Não, senhor.

— Sim-senhor-não-senhor. Entenda isto: não estou interessado em suas preferências.

Afasta-se. Ouço um farfalhar de saias quando mamãe também se afasta. Ela está ajudando-o com a roupa.

— Deus ordenou um destino para cada um de nós — afirma papai. — Meu destino foi trazer estabilidade para esta terra encharcada de sangue, arrasada pela guerra. O destino de Arthur é

ser o primeiro grande rei da era dourada de paz. E seu destino — a ponta de sua vara subitamente dá uma estocada no meu queixo para que eu olhe em seus olhos — é ficar fora do caminho dele.

. . . IV . . .

— Não endureça seu coração contra seu pai.

— Ele me odeia.

— Não — replica minha mãe. Várias horas se passaram desde a visita de papai. Estou deitado de bruços na cama, e minha mãe está sentada ao meu lado, aplicando habilidosamente um cataplasma de folhas de confrei e salsa esmagadas em meus machucados. — Você apenas assustou-o hoje, só isso.

— *Assustei-o?* — Viro a cabeça para olhá-la de soslaio.

Delicadamente, ela pressiona meus ombros para voltarem a ficar na horizontal. Olho de lado mais além das cobertas para a tapeçaria na parede, onde uma Deusa Fortuna vendada percorre o céu espalhando rosas à esquerda e pedras à direita.

Minha mãe diz:

— Você conquista corações, meu bem. Você é tão talentoso...

— Eles riram de mim.

Ela murmura:

— Não foi bem assim.

Então prossegue:

— Você sabia que, em todo esse tempo que estou casada com seu pai, não houve uma noite que passou comigo em que ele não tenha sido incomodado por pesadelos? Ele sonha com batalhas. Viu coisas, Hal... horrores... que o assombrarão por toda a vida.

Ela acabou com o cataplasma. Cuidadosamente puxa minha camisa por cima das costas e começa a recolher suas tigelas, as folhas e os talos espalhados.

— Seu pai está tentando cuidar de você, à maneira dele... para mantê-lo seguro. Não quer que veja o que ele viu. E acha difícil confiar... em qualquer um. Ele passou tantos anos fugindo, sabe, antes de se tornar rei. Teme espiões. Teme a traição de homens enviados para ajudá-lo. Mesmo como rei, não houve um ano de seu reinado em que não teve de combater rebeliões nos condados e tramas contra sua vida aqui na Corte. Às vezes, acho que não confia nem mesmo em mim. Não de verdade. Não no fundo de seu coração.

Ergo-me cuidadosamente sobre um cotovelo e observo minha mãe seguir para a mesa. Uma grande bacia com água foi colocada ali, e ela enxágua as mãos.

— Ele tem pavor de que, após sua morte, suas conquistas sejam desfeitas — prossegue. — Acima de tudo, ele quer segurança para a sucessão. Para Arthur e os filhos de Arthur.

— Mas como ele pode ter medo se é tão corajoso?

Minha mãe sorri.

— Um homem corajoso também sente medo, meu bem — afirma ela. — Todos sentem. A não ser que sejam estúpidos... ou mintam para si mesmos. — Apanha uma toalha de linho para enxugar as mãos. — A questão é que um homem corajoso sabe como

transformar seu medo em energia... para a batalha. E essa é uma habilidade que vale a pena aprender, não acha?

Mais tarde, muito tempo depois de mamãe me deixar e a vista de minha janela começar a ficar azul e cinzenta no crepúsculo, dou uma escapulida. Compton e meus outros criados estão ocupados preparando meu jantar, e a noite se aproxima. Apenas um pajem me vê sair. Entrego-lhe uma moeda: um *penny* pelo seu silêncio.

Meus aposentos ficam no lado do palácio mais distante do rio — o lado que, em vez disso, dá para fora, para a Abadia de Westminster e seus arredores. Aguilhoada com pináculos, o impressionante volume da abadia é agora uma forma escura, com apenas um bruxulear de cor, aqui e ali, onde luzes de vela iluminam vitrais.

Parado em suas sombras, no interior dos muros do palácio, está um pomar onde se deixa o capim crescer alto. Caminho agora para lá, molhando-me, virando o rosto para o céu escurecido e sentindo a chuva na pele e nos olhos abertos, pinicando como alfinetadas.

Terei de voltar logo, em breve estarão à minha procura. Compton ficará agitado, temendo pela minha segurança e por seu próprio cargo.

Mas é um luxo não ter ninguém aqui para me ver chorar. Minhas costas estão duras e doloridas, doendo mais agora do que logo após a surra. Estendo-me de frente sobre a grama encharcada.

Penso: *É uma mentira que não tenho importância. Sinto isso em minhas entranhas. Sinto isso no chão, no céu e na chuva. Muito tempo atrás, ouvi uma profecia... e não a esqueci.*

Minhas mãos se fecham e me apego furiosamente ao capim, como se o chão quisesse me lançar para fora.

. . . V . . .

— Aposto três *shillings* como ela tem uma verruga.

— Onde? — pergunta Compton.

Atrás de mim, Charles Brandon dá uma risada.

Meu cavalo está agitado. Deixo que ande um pouco adiante, então o viro novamente, dizendo:

— Pensei que estivéssemos nos limitando às deformidades faciais.

Sob o céu cor de chumbo de uma manhã de novembro, estamos montados a cavalo, em St. George's Field, esperando uma abertura na margem sul do Tâmisa, não muito longe da Ponte de Londres. Estamos nos preparando — juntamente com numerosos bispos, um arcebispo e uma multidão de condes e lordes — para entrar em fila e formar um grupo de boas-vindas à princesa Catarina de Aragão, a noiva espanhola de Arthur.

Andou chuviscando nos últimos dez minutos. A superfície de minha capa está coberta com uma fina névoa de gotículas, as pernas começam a sentir claramente a umidade, e o nariz está tão frio que perdi toda a sensação de que ele ainda está no lugar. A única coisa que me anima é a possibilidade de que a princesa Catarina seja feia.

— Que tal cicatrizes de varíola? — sugere Francis Bryan, do meu lado.

Bryan é um dos garotos bem-nascidos com quem passo minhas lições e meu tempo de lazer. Seu pai é um servidor de confiança do rei.

— Harry Guildford já apostou nisso — avisa Compton.

— Está bem, um bigode. Dois *shillings*. E nada de discussões, Compton: qualquer pelo preto visível no lábio superior, você paga.

— Pensei que ela fosse loura — arrisca Thomas Bolena.

Dos amigos e criados que me servem, alguns são meninos como eu, e outros são mais velhos: jovens adultos que avançam em suas carreiras trabalhando para mim. Bolena, um ambicioso filho de fidalgo, 24 anos, está nesse último grupo. Francis Bryan tem minha idade. Harry Guildford, cujo pai é um conselheiro real, é dois anos mais velho. Compton, que tem 19, e Brandon, de 17 anos, estão no meio. A idade, porém, não significa superioridade: sou amo aqui e tenho 10 anos.

— Loura? — Bryan ecoa as palavras de Bolena. — E espanhola? Isso é possível?

— Se ela for mesmo horrorosa — interrompe Brandon —, Arthur pode se recusar a casar com ela?

— Não — digo, dando um sorriso largo.

E é por isso, é claro, que tenho grandes esperanças. Tendo em vista que o casamento, como meu pai me explicou tão claramente, me transforma num ninguém, o filho sobressalente que não é mais necessário, quero que isso faça com que Arthur sofra também. O máximo possível. E creio que uma noiva horrenda seria um excelente início.

Agora, um batedor traz a notícia de que a comitiva espanhola está perto, aproximando-se pela terra a céu aberto que fica entre aqui e Lambeth. Nós nos colocamos em ordem. Sendo, é claro, o duque superior no local, eu me posiciono à frente.

Surge à vista uma bizarra aparição: uma coleção de figuras estranhamente vestidas se aproximando, não sobre cavalos, mas montadas em mulas. No centro, há uma garota, o rosto oculto pela larga aba de seu chapéu. Está sentada muito empertigada sobre uma sela não menos estranha que o resto de seu equipamento: esta tem um apoio para as costas que fica como uma escadinha na traseira da mula. A menina está empoleirada no topo, balançando à medida que o animal anda.

A comitiva espanhola para, deixando uma extensão vazia de capim úmido e pantanoso entre nós. É minha função fazer o primeiro contato.

Avanço com meu cavalo, de modo um tanto chapinhante.

Meu Deus, por favor, faça com que ela seja feia.

A garota — a princesa Catarina — ergue a vista. Embaixo do chapéu, seu rosto é suavemente redondo, com uma tez rosa e branca, e um lindo queixo com covinha. O longo cabelo castanho-avermelhado está solto, soprado para o lado pelo vento.

Maldição.

Eu havia preparado uma saudação em espanhol. Aprendi-a rotineiramente. Declamei-a, pensando: *Está bem, então, bonita, mas que seja malvada*. . .

Ouvindo o espanhol, Catarina abre um delicioso e agradecido sorriso. Inclina a cabeça, incentivando-me, quando tropeço na estranha pronúncia.

Está bem... bonita, temperamento afável, mas burra... por favor, burra...

E, quando termino, ela responde, agradecendo-me elegantemente num francês fluente.

Fedorenta?

É minha última esperança.

Improvável, porém, tendo em vista o cabelo limpo e reluzente e as roupas belamente cuidadas, com franzidos de linho de um branco imaculado, visíveis apenas no pescoço e punhos.

Desisto. Estou decepcionado. Ainda assim, não consigo parar de olhá-la, enquanto os arautos de meu pai nos organizam, encaixando os dois grupos — espanhol e inglês — num único longo cortejo. É como se eu achasse que ela fosse uma miragem e, a qualquer momento, se transformasse em outra coisa, ou desaparecesse completamente.

Catarina e eu lideramos o cortejo, cavalgando juntos. O chuvisco, ainda bem, parou. Nossa tarefa agora é fazer uma entrada formal na Cidade de Londres, para que Catarina receba as boas-vindas. Primeiro, temos de atravessar o rio.

Aproximamo-nos da Ponte de Londres, onde as cabeças pútridas de criminosos executados estão alargadas em ângulos malucos sobre piques acima do portão de entrada.

O chapéu de Catarina deve estar protegendo-a da visão, pois ela diz:

— Como seu país é bonito! Sinto-me tão feliz em estar na Inglaterra.

— Obrigado, senhora — respondo —, e a Inglaterra está extasiada em lhe dar as boas-vindas.

A ponte rasteja através do rio sobre vinte pilares de pedra, uma multidão de excelentes casas e lojas sobre suas costas. Quando estamos a meio caminho, paramos para ver uma "representação teatral de fundo histórico", ou seja, uma pequena alegoria, como parte das boas-vindas da Cidade. O palco é uma torre de madeira especialmente construída, onde se encontram damas da Cidade, vestidas como Santa Catarina e Santa Úrsula, acompanhadas de donzelas celestiais, que parecem todas trêmulas de frio. As santas fazem discursos — longos — em verso e inteiramente em inglês.

Olhando à esquerda, vejo as delicadas sobrancelhas de Catarina se juntarem.

Digo, em francês:

— Consegue acompanhar o significado disso?

Assentindo e sorrindo em benefício das artistas, Catarina responde em voz baixa:

— Nada depois de "acolhendo, ajudando e assistindo". Receio que meu inglês não seja bom o bastante.

— Santa Catarina está dizendo que Cristo é seu primeiro marido, e Arthur, o segundo. Precisa amar a ambos, mas nessa ordem.

Catarina me cochicha seu agradecimento, então pronuncia um alto "Amém", sorri e congratula os artistas, erguendo a mão para agradecer a aclamação da multidão enfileirada em ambos os lados da rua.

A multidão também está me saudando, entoando meu nome: as pessoas comuns, espremidas corpo a corpo atrás da fila de guardas de cada lado. O cheiro delas, mesmo no frio ar de novembro, é como o de animais sendo arrebanhados para o mercado.

Seguimos apressados pela ponte. Diante de nós, a Cidade se espalha: um amontoado de telhados e chaminés fumegantes, agitadas ruas de comércio, casas imponentes com seus jardins se estendendo até o rio, plataformas de desembarque, movimentados embarcadouros e uma floresta de pináculos de igrejas apontando para o céu. Penso, com uma súbita pontada de orgulho, que possivelmente nenhuma cidade da Espanha poderia ser tão gloriosa.

Na Gracechurch Street, paramos novamente, o cortejo agrupado atrás de nós, os cavalos pisoteando e peidando. Essa rua está ainda mais compactamente apinhada de gente que a ponte. Rostos, rostos, aonde quer que você vire: espremendo-se para fora das janelas pendentes de andares superiores, olhando dos telhados para baixo, olhos arregalados diante da visão de fazendas caras, joias reluzentes e a realeza em carne e osso.

Aqui, outra alegoria. Esta está montada sobre um arremedo de castelo, completo com torrinhas e coberto com emblemas de meu pai: coroas douradas e portas levadiças, dragões, galgos e rosas brancas e vermelhas. Dois cavaleiros observam de vãos elevados de portas marcados com “Diplomacia” e “Nobreza”. Junto a eles há um bispo rotulado de “Virtude”, a quem alguém na multidão parece estar disparando pequenos projéteis semelhantes a migalhas de pão.

Ao começarem os discursos, há um alto estalido à nossa direita, quando um pedaço de uma calha cede ao peso de um homem. Por um delicioso momento, ele fica pendurado no ar, aparentemente perigando arrancar toda a extensão do cano da parede; mas então, após um pouco de esforço, seus amigos puxam-no por uma janela, sob uma ruidosa gritaria de aplauso da multidão.

Catarina e eu aplaudimos; e também somos aclamados por isso. Isto já é maravilhoso; fico imaginando como seria então ser ovacionado pelas pessoas como seu rei?

E estamos novamente em movimento, o séquito retinindo, cintilando ao sol que ameaça chuva, enquanto serpenteia lentamente ao longo das ruas apinhadas.

Em Cheapside — uma impressionante rua de ourivesarias —, encaramos Deus Pai, além de gorjeantes anjos e uma variedade de sábios e profetas.

— Você precisa entender — explico —, vestiram a pessoa que interpreta Deus para parecer com meu pai.

— Ficou bem semelhante — diz Catarina. — Por que há muito mais guardas aqui?

Olho em volta. Alabardeiros do rei, além de um grande número de criados de libré, guarnecem cada janela, cada telhado, e estão parados a várias distâncias nas ruas à nossa volta. Essa quantidade de segurança só pode significar uma coisa.

— Ah — comento. — Acho que o próprio Deus está vigiando.

Catarina seguiu meu olhar. Há uma casa de um comerciante à nossa direita. Atrás de uma de suas janelas com vidraças em forma de diamante, creio ter vislumbrado um rosto. Meu pai, sem dúvida, planejou isso como uma visita secreta, mas, de qualquer modo, Catarina faz uma reverência com a cabeça naquela direção. Faço o mesmo.

Ela olha atrás para o pajem. Outro homem vestido de bispo já está vários versos adiante em seu discurso.

— Você pode me dar alguma ajuda com esse aí?

Ouço.

— Hum... Para nos salvar de nossos pecados, Deus fez um casamento entre o divino e humano, ao enviar Cristo para viver entre nós... Ele está dizendo que o Rei do Céu é como um rei terreno que prepara um casamento para seu filho. Não é necessário pensar muito para adivinhar que rei terreno é esse.

— Então... seu pai é Deus, e seu irmão é Cristo. Quem, então, você é? — Ela me encara, os olhos pestanejando. — O Espírito Santo?

Sorrio, embora não especialmente contente.

— Não sou ninguém em particular.

— Ah, não acredito nisso — fala Catarina. — E as pessoas claramente também não acham isso. Ouça-as.

A louvação começara novamente. Alguns chamavam meu nome, outros, o dela, e alguns gritavam "Deus salve o rei!" e jogavam seus gorros para o alto, causando conflitos ocasionais na aglomeração, quando pessoas erradas os apanhavam.

Ao seguirmos adiante, digo:

— Não, é verdade. Sou apenas um tapa-buraco, para quando meu irmão não está. Você se encontrará com ele em um minuto... quando chegarmos à igreja de St. Paul.

— Como ele é?

— Ah... — Fico subitamente perplexo. — Muito talentoso. Verá que ele é, hum, mais alto... bem, na verdade, não tão mais alto que eu. Mais velho, porém... sim. E mais, hã...

Catarina sorri.

— Estou provocando você. Nós já nos encontramos. Ele e seu pai foram me inspecionar a caminho daqui, desde Plymouth.

— Ah, sei. — Para verificar se havia verrugas, tive vontade de dizer. Mas não o fiz.

Cavalgamos para o átrio da igreja de St. Paul. Os sinos estão badalando, e o som estrondeante ecoa no espaço a céu aberto do pátio, ressoando nos prédios. Perto do portal oeste da catedral fica o Palácio do Bispo, e, diante deste, uma multidão de cortesãos está à espera. Catarina inclina-se na minha direção para falar, pois é difícil escutar qualquer coisa acima dos sinos:

— O rei queria se assegurar de que eu não era feia, acho.

— Sim — respondo automaticamente. — Quero dizer, *não*.

Ela ri.

— No meu país, sabe, uma noiva jamais se mostra ao noivo ou à família dele antes do dia do casamento. Mas seu pai insistiu. Disse que invadiria meu dormitório se necessário.

— Verdade?

Quando o cortejo para, ela sorri, mordendo o lábio, e confirma com a cabeça.

— Ele desconfiava, tenho certeza, de que eu tinha algo a esconder.

Blocos de madeira formando degraus são trazidos para que possamos desmontar. Sou o primeiro no chão. Catarina segura minha mão estendida ao descer de sua mula.

— Pode ser que *ele* estivesse desconfiado — confesso —, mas *eu* estava esperançoso. De que você fosse feia.

Os olhos dela arregalam-se.

— Eu poderia tomar isso como uma ofensa! Por que achava isso? Porque todos os espanhóis *devem* ser feios? Já me disseram que os ingleses pensam mal dos estrangeiros.

Conduzo-a em direção ao palácio. Caminhando lado a lado, percebo o quanto ela é pequena: tem seis anos a mais que eu, mas, ainda assim, encaramo-nos olho no olho. Explico:

— Não. É apenas que me daria uma pequena felicidade se meu irmão mais velho não tivesse *todas* as melhores coisas. Pronto, agora sabe o quanto sou mesquinho.

Catarina ri novamente.

— Ainda bem que terei você como irmão quando me casar! — exclama. — Tenho irmãs em casa... e também tive um irmão. Sempre conversávamos uns com os outros... conversávamos *mesmo*... e ríamos, brincávamos e discutíamos. Você é o primeiro inglês com quem tive uma conversa de verdade. Todos os demais foram bem educados, mas tão... formais. Algumas pessoas na Espanha dizem que os ingleses são frios, e eu estava começando a acreditar nisso.

Estamos quase na entrada do Palácio do Bispo. Os cortesãos abrem caminho ao nos aproximarmos — para revelar meu irmão, esperando-nos num gibão de seda azul e uma capa combinando, jogada por cima de um ombro e presa por um enorme diamante.

— Muito amada princesa Catarina, você é cordialmente bem-vinda — anuncia ele.

Faz uma reverência e oferece-lhe a mão, sem sequer registrar minha presença. Quanto a isso, não poderia me importar menos. Mas penso: *Há um lugar gelado para você, milady, bem ali, na capa azul*.

. . . VI . . .

Dois dias depois, na antiga catedral de St. Paul, vestido com roupa reluzente de cetim branco combinando, meu irmão e a princesa Catarina de Aragão se casam.

As celebrações duram uma semana.

No quarto dia, após as mesas terem sido retiradas — juntamente às criações nas quais os cozinheiros haviam trabalhado durante horas, apenas para serem mordiscadas e levadas embora semicomidas —, saímos para a estacada de justas.

Estou vestido com um tecido dourado e me sentindo desconfortável, como se minhas roupas não se ajustassem, embora se ajustem. Ou como se estivesse com comichão, embora não esteja. Ou pelo menos, não externamente. Talvez em minha cabeça.

A estacada — um vasto espaço a céu aberto do lado de fora de Westminster Hall — é fria e úmida. Aperto a roupa externa em volta do corpo enquanto sigo caminho, com o resto do séquito real, para o palanque principal coberto com dossel. O restante da Corte e os dignitários da Cidade sentam-se em palanques separados, sem cobertura, enquanto as classes mais baixas se aglomeram atrás de

barreiras na extremidade oposta do cercado. Tochas ardem: é apenas uma hora da tarde, mas quase não há luz.

Sou conduzido, com meus amigos, para a extremidade do reservado real. Por mim, tudo bem. No centro, junto aos meus pais, a noiva e o noivo sentam-se imóveis lado a lado, Arthur conseguindo demonstrar satisfação e timidez ao mesmo tempo. Ele parece não estar tendo muito sucesso em pensar coisas para dizer à esposa.

Então soam cornetas, as grandes portas de Westminster Hall abrem-se, e uma montanha sobre rodas rola para o ar frio. Ela é puxada por um dragão vermelho. No topo da montanha está sentada uma donzela (real) com um unicórnio (não tão real), deitado com a cabeça sobre o colo dela.

A montanha dá uma volta na arena, circundando a barreira de madeira que há no centro, sob gritos e aplausos que afogam os esforços dos corneteiros. Finalmente, para diante de nosso palanque real. Então uma porta de um dos lados escarpados se abre, e dela sai um cavaleiro montado num cavalo negro, a manta decorada com peças em forma de castelo feitas de ouro maciço.

— Como eles *fazem* isso? — Ao meu lado, os olhos de Harry Guildford se estreitaram ao observar o carro alegórico. — Como constroem a montanha? Como impedem que o cavalo enlouqueça e tente arrombar tudo para sair? E o que diabos tem dentro do dragão?

— Conte as pernas — sugere Francis Bryan do meu outro lado. — São quatro homens. E aposto que o que estão praguejando ali dentro é capaz de chocar um barqueiro.

Não ligo para o dragão, minha atenção está no cavaleiro, ocupado em fazer uma reverência para meu pai. É o primeiro torneio que vejo em séculos, e estou boquiaberto com a armadura: nesse caso, um

traje perfeitamente ajustado, dourado de cima a baixo e coroado por um penacho de penas de avestruz brotando do capacete.

— Como vai ser o carro alegórico de Brandon? — pergunto aos meninos à minha volta. Hoje, Charles Brandon vai participar de seu primeiro torneio público.

— Não me lembro — diz Bryan. — O que ele vai ser? Um eremita numa colina? Um porco numa canga?

Compton inclina-se em minha direção.

— Ele está numa tenda feita para parecer uma capela, senhor, acompanhado de um sábio e dois leões.

E, quando ele acaba de dizer isso, a capela (sobre rodas) surge à vista através da porta do salão. Gritamos até ficar roucos. Brandon, a quem muitas damas da Corte acham encantador, sabe Deus por que, emerge da capela com o capacete debaixo do braço, sorrindo como um maníaco. Ao passar cavalgando pelo palanque dos cortesãos, um lenço de mulher é lançado e flutua até o chão arenoso abaixo.

Brandon manda um pajem apanhá-lo. Quando lhe é entregue, ele, em sua sela, o beija numa exagerada exibição, depois o enfia na faixa de seda que decora o topo de seu capacete. A multidão grita e assobia.

Seguem-se mais chegadas: um cavaleiro vestido como turco, outro numa tenda coberta de rosas e um espanhol não identificado, sem brasão ou emblemas, a quem os arautos, aparentemente, não estavam esperando. Deve ser um membro do séquito de Catarina, e, por deferência a ela, os arautos aceitam-no como competidor, e ele desfila pela estacada como os outros.

Mais toques de cornetas. Mais gritaria. Então, finalmente, começa o torneio de lanças.

Os cavaleiros são divididos em dois grupos: os desafiantes e os defensores. A tarefa deles é se revezar para combater uns aos outros, quase frente a frente, separados apenas pela barreira de madeira. Cada cavaleiro carrega uma comprida haste de madeira — uma lança — com a qual visa atingir o oponente. Um ponto é recebido por um golpe no corpo, dois pontos por um golpe na cabeça e quatro pontos se a lança quebrar ao se chocar com o oponente.

Eu tinha me esquecido do quanto é emocionante uma justa. Com dois minutos, já estou na beira do assento. Os cavaleiros estrondeiam na direção um do outro a uma velocidade perigosa. Não pode haver esquivo nem falta de coragem, pois, em cada combate, se algo sair errado, um deles pode morrer.

E, enquanto observo, penso: *Eu poderia fazer isso*. Quero estar agora mesmo lá embaixo na estacada. Como seria? Tipo luta de espada, só que mais apavorante, mais emocionante? Tento imaginar a lança do meu oponente vindo depressa em minha direção, a ponta de metal voltada para minha cabeça; a sensação de terror e exaltação apenas sob controle; a jubilosa simplicidade acentuada do mundo quando tudo desaparece exceto *isto* e *agora*.

No primeiro combate de Brandon, seu oponente — o espanhol anônimo — lhe bate com força no peitoril. A lança resvala e treme. Brandon é arremessado da metade de sua sela para trás, e todos berramos, assustados, mas ele se recupera e consegue agarrar novamente as rédeas. E, quando chega à extremidade oposta da área, vira imediatamente seu cavalo, ávido pela corrida seguinte.

Ele parte, os torcedores iniciando uma onda crescente de saudações num crescendo até o momento do impacto. Dessa vez, o espanhol mira alto. A lança atinge o capacete de Brandon; sua cabeça

balança para trás com uma terrível velocidade. No momento seguinte, ele está caindo por cima da traseira do cavalo, a cabeça sobre as patas traseiras, ao mesmo tempo puxando e torcendo as rédeas, e eu estou de pé, assustado, agarrando Bryan. O cavalo recua, depois tomba, a barriga redonda rolando na areia, cascos agitando-se. Por pura sorte, Brandon libertou-se de sua montaria.

Uma equipe de cavalariços corre adiante para ajudar Brandon e o cavalo, enquanto alguns espectadores pulam as barreiras e correm para juntar adornos de ouro que caíram do tabardo de Brandon e do jaez do cavalo. O animal cortou-se no focinho com a própria armadura e está sangrando, mas consegue ficar de pé e é levado embora.

Miraculosamente, o próprio Brandon parece ileso. Tira o capacete. Está afogueado, o cabelo molhado de suor formando ângulos, e parece tão contente quanto um cachorrinho que acabou de galopar em volta do parque numa tarde ensolarada. Após fazer uma reverência para meu pai, tira do capacete, com um floreio, o lenço da dama e enxuga a testa, sob os aplausos da multidão. Parece que faria tudo de novo alegremente.

Enquanto isso, o espanhol anônimo desfila com seu cavalo em volta da arena, diante de uma ruidosa aprovação do séquito espanhol e de alguns dos londrinos mais desportistas. Ele ergue bem alto a lança, em triunfo. O capacete continua no lugar, o rosto oculto.

Ao me sentar, sinto-me subitamente com tanta inveja de ambos — de Brandon e do espanhol — que até parece doer fisicamente.

Então algo começa a se mexer no fundo de minha mente. Uma ideia: uma lembrança de velhos livros de história que li. Um herói adorado... um estranho misterioso... Os contos do rei Arthur e

sua Corte estão repletos de cavaleiros lutando anonimamente, as identidades ocultas atrás das viseiras.

Um cavaleiro anônimo é um *ninguém*, pode-se dizer. Um heroico ninguém. E um ninguém é o que meu pai quer que eu seja.

Quando os dois competidores seguintes se apresentam, meus olhos estão na estacada, mas minha mente está perdida num sonho acordado.

Vejo-me chegando à Corte de um novo rei Arthur: meu irmão. Vestido com uma armadura preto-carvão, sem penacho ou emblemas para me identificar, recuso-me a fornecer meu nome ou mostrar o rosto. Em vez disso, desafio para uma justa os cavaleiros mais corajosos da Corte. Eles aceitam.

O torneio é longo e árduo. Muitas lanças são quebradas, muitos cavaleiros derrubados da sela, mas triunfo sobre todos, minha habilidade e minha coragem maravilhando tanto o rei quanto a Corte. A multidão grita por mim, e a rainha do rei Arthur — a adorável Catarina — oferece sua luva para eu usar no capacete, como marca de sua consideração.

Quando o torneio termina, o rei me pede que fique para um banquete, no qual, promete, serei tratado como seu convidado mais distinto. Eu lhe agradeço com toda a cortesia, mas declino do convite, então viro meu cavalo e me afasto cavalgando no lusco-fusco. A Corte inteira vai para as janelas do palácio para me ver ir embora, até eu me perder nas sombras da...

— E você, Hal? — pergunta Bryan, a meu lado.

— O quê? — Pestanejo para ele.

— Armadura... eu estava falando sobre armadura. Eu disse que teria uma encarnada... Olhe, daquele tipo ali. Se eu pudesse escolher.

— Eu escolheria a dourada — diz Guildford.

— Preta — afirmo. — Definitivamente a preta.

Ao final do torneio, vou procurar Brandon. Compton me conduz a um aposento perto de Lesser Hall. Entrando, descubro que está cheio com vários dos justadores mais jovens, alguns sendo vestidos ou lavados, outros estatelados, descansando, examinando feridas ou lançando roupas em seus pajens para que estes se apressem em suas tarefas.

Quando a informação sobre minha presença percorre o aposento como uma onda, há uma movimentação para ficarem de pé e fazerem reverência. Mas faço um sinal de que é com Brandon que quero falar; não há necessidade de todos ficarem de pé e atentos. Ele se aproxima e digo-lhe:

— Ensine-me a competir numa justa.

Ele sorri.

— Você ainda é muito novo para isso, Hal.

— Eu pedi sua *opinião*? — Não é à toa que sou filho do rei; sei usar um tom de voz autoritário.

Um ar de surpresa percorre o rosto de Brandon. No momento seguinte, ele é a imagem do próprio respeito.

— Não, senhor. — Ele se curva formalmente diante de mim. — Farei o melhor possível, senhor.

Um cavaleiro anônimo — vencedor de torneios —, guerreiro misterioso, o rosto oculto atrás da viseira preta. Desse modo, posso ser o ninguém que meu pai quer *e* o herói dos meus sonhos. Pelos meses seguintes é meu plano secreto de sobrevivência.

. . . VII . . .

— Acerte-o!

A água faz um arco no ar e se esparrama ao descer, com gloriosa precisão, na cabeça de Harry Guildford.

Francis Bryan enfia novamente o bico do fole no balde, bombeando furiosamente as alças.

Guildford está sentado, os olhos vendados, no cavalo de madeira sobre um carrinho de rodas que estávamos usando para treinamento de justas. Compton e Brandon, que seguravam as cordas presas à frente do carrinho, puxavam-no em volta do hall tão depressa quanto conseguiam, enquanto Bryan e eu tentávamos encharcá-lo com projéteis de água.

Bryan apanhou o fole na lareira. Estou me arranjando com xícaras e jarros das cozinhas.

Guildford tem uma lança na mão direita, com a qual tenta se vingar: uma coisa grande e comprida, uma das lanças de treinamento com pontas substituíveis. Ela é, sei agora por experiência, pesada e difícil de equilibrar, mesmo quando você consegue ver o que está fazendo. Como ele não consegue, a lança

balança desenfreadamente e, por várias vezes, quase o derruba de sua montaria.

Agora Brandon, que largou sua corda, esvazia por trás um balde inteiro de água sobre a cabeça de Guildford e se desvia do caminho quando este, em resposta, envia a lança num mergulho. Guildford engole em seco e rosna, o rosto roxo, a camisa molhada grudada nas costas como nata de leite. O resto de nós está às gargalhadas.

No momento seguinte, Guildford desfere em Bryan um poderoso golpe no traseiro.

— Ele consegue ver! Ele consegue ver! — berra Bryan.

— EM NOME DE DEUS, O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

A voz é um rugido. Paramos e nos viramos ao mesmo tempo, todos exceto Guildford, que, assustado, perdendo uma última vez o equilíbrio, escorrega calmamente para fora do cavalo e cai pesadamente no chão.

O camareiro da família aqui em Eltham Palace, um homem de cabelos brancos com uma roupa comprida guarnecida de pele e um claro senso de sua própria importância, está parado na porta da extremidade oposta do salão, olhos arregalados e bochechas bufando enquanto inspeciona o aposento.

— Olhem o chão! Mãe de Deus, olhem os *reposteiros*! O que, diabos, possuiu os senhores, cavalheiros?

Estamos molhados, ofegando, soluçando. Dobro o corpo para recuperar a respiração, as mãos sobre os joelhos. Olhando por entre as pernas, consigo ver Bryan, atrás de mim, calculando a trajetória necessária para mirar o fole no camareiro.

— *Levante-se, menino!*

Brandon parecia disposto a se juntar a Guildford no chão, que está deitado de costas, exibindo as solas de seus sapatos molhados para o velho.

— Preciso enfatizar que não devem trazer esse cavalo de madeira para dentro da casa? — diz o camareiro, a voz mais calma agora, porém trêmula de raiva. — Aliás, eu gostaria de saber se mestre Simpson lhes deu permissão para usá-lo. E então?

A resposta é não, mas ninguém dá.

O camareiro abana as mãos.

— Fora daqui... todos vocês! Subam para os aposentos! Não pensem que vão se safar desta! Haverá consequências! E o senhor não está isento, lorde príncipe! Seu pai saberá disto!

Passamos em fila pelo camareiro, tentando parecer arrependidos, enquanto ele chama os empregados domésticos para apanharem esfregões e panos. Assim que chegamos às escadas, soltamos novas gargalhadas, correndo e nos empurrando escada acima, e lutando uns com os outros ao longo do corredor até meus aposentos.

Bryan dá uma parada para apanhar seu alaúde, Compton instrui um pajem para correr e conseguir camisas secas, e Brandon manda buscar uma jarra de cerveja, convencendo sua criada favorita a trazê-la pela escada dos fundos sem alertar o camareiro. Então nos apinhamos em meu dormitório.

Bryan varre para o lado uma porção de peças de xadrez dispersas e deita-se estendido em um dos bancos sob a janela.

Brandon senta-se no outro banco sob a janela, levanta-se com um salto, empurra para o lado um pente e uma raquete de tênis, e senta-se novamente.

— Hal, ninguém nunca arruma isto aqui? Seus criados estão negligenciando os deveres.

— Porque ele nos mantém em justas e combates o dia inteiro — replica Guildford de dentro de sua camisa, que um pajem está ajudando-o a despir.

A tarde acaba tornando-se bastante agradável. Bryan, de sua posição horizontal, canta uma canção com acompanhamento de alaúde. Eu discuto sobre armaduras com o recém-vestido Guildford, cujo pai e irmão mais velho são encarregados da Armaria Real. Eu gostaria de desenhar minha própria armadura para justas, mas não consigo ver meu pai concordando em pagá-la. Brandon e Compton, enquanto isso, dedicam-se a um absurdamente competitivo jogo de marelas.

Mais tarde, pego o alaúde de Bryan e começo a tocar um madrigal que adoro, e os meninos me acompanham com as outras partes de vozes, com variados graus de sucesso.

Ao final, Brandon pigarreia.

— Normalmente, não canto, a não ser para impressionar as garotas.

— Então você conhece meninas surdas, não é? — zomba Bryan. Brandon apanha uma peteca e a joga nele.

Esquivando-se habilmente, Bryan levanta-se e puxa em sua direção uma mesa de jogos de cartas.

— Hal, venha perder algum dinheiro para mim, sim? Estou precisando de botas novas.

— Ora, mire mais alto. Que tal um cavalo? — sugere Brandon. — Ou uma casa? Pensem nisso e me incluam nessa. Estou precisando de ambos.

— Não perco para você, Charles, já faz um mês — digo, largando o alaúde e me aproximando —, e não pretendo começar agora.

— Só porque você me manipula com bebida enquanto estamos jogando — alega Brandon, fazendo uma cara triste.

Sorrio e puxo o banco para baixo de mim.

— *Primero? [1]* — pergunta Bryan, as mãos com o baralho, pronto para dar as cartas.

Concordo com a cabeça.

— Por dinheiro sério? — confirma ele.

Solto uma gargalhada.

— Que mais?

Duas horas depois, já ganhei uma razoável quantidade de dinheiro, e Brandon já entornou uma grande quantidade de cerveja. Por ter sido penalizado e ficado de fora do jogo, ele agora está ajoelhado na cama, fingindo ser minha irmã espanhola Catarina, a qual, durante os últimos três meses, tem cuidado de seu lar de casada em Ludlow com meu irmão. Bryan está fazendo o papel de Arthur, o que é muito mais engraçado, pois ele é bem menor que Brandon.

Minha cama é uma visão que merece ser contemplada: tem um dossel carmesim de tecido bordado com fios de ouro e cortinas listradas de seda roxa e amarela. Brandon puxou as cortinas para baixo do queixo e colocou a cabeça entre elas: parece até um espetáculo de fantoches. Agora, ele está grasnindo (num arremedo de sotaque espanhol):

— Ah, Arthur! Seja delicado comigo!

Bryan imita com perfeição o modo de falar arrastado de Arthur:

— Seja paciente, querida, enquanto apanho meus livros. Tenho certeza de que num deles há um diagrama do corpo feminino.

Guildford e eu damos estrondosas gargalhadas. Compton parece ter desaparecido.

O corpo de Brandon está inteiramente coberto pelo cortinado da cama. Quando Bryan se aproxima, folheando rapidamente o exemplar de um livro que apanhou no meu armário, a lâmina da adaga de Brandon aparece, cutucando entre as cortinas bem abaixo de seu rosto.

Bryan levanta a vista do livro e ofega.

— Mas, meu amor, pensei que você fosse mulher!

— Seu livro não lhe diz, senhor? É assim que são as partes de uma mulher. — Brandon dá piscadelas. — Onde devo enfiá-las, senhor? Nós não nos encaixamos?

Guildford cai da cadeira e continua às gargalhadas no chão.

— Hal...

— O que foi?

É Compton, evidentemente retornando de uma conversa na câmara externa. Ele informa:

— Mestre Denys está aqui para vê-lo.

— Ah, meu Deus. — Hugh Denys é um dos criados mais confiáveis de meu pai. — Mande-o entrar. — Olho em volta para meus companheiros. — Comportem-se, meninos... tentem parecer respeitáveis.

Bryan cumprimenta, ironicamente, e Brandon arrasta-se para fora da cama, embainhando a adaga. Fico imaginando que mensagem meu pai pode ter enviado... e sabe Deus o que o camareiro já deve ter

relatado para Denys lá embaixo. Quando a porta se abre, viro-me e anuncio:

— Por favor, diga ao rei que pagaremos os danos ao assoalho do salão, tendo em vista...

Minha voz morre. Denys entrou, ainda com as botas e a capa salpicadas de lama. Claramente foi uma dura cavalgada. Ao se endireitar, após a reverência, seus olhos movem-se rapidamente em volta do quarto desarrumado, depois de novo para mim. Parece exausto.

— Não, meu lorde príncipe. Não se trata de qualquer — seus olhos se fecham por um momento — assoalho. Trago notícias de Ludlow.

Ludlow. Tento pensar. Que notícia poderia vir de lá?

— Ah! — exclamo subitamente, abrindo os braços num gesto nobre. — A princesa Catarina está grávida, não é? Mas já? Pendurem as bandeirolas, minha redundância está completa.

Denys franze a testa, intrigado.

— Não, senhor. É seu irmão, senhor. Receio que... — Ele hesita, torcendo o gorro nas mãos. — Não sei se chegou aqui a notícia da febre, mas, bem... me dói mais do que consigo expressar lhe trazer esta notícia, senhor. O príncipe Arthur morreu.

Olho-o fixamente. Denys tem um nariz estranhamente torto. Eu nunca havia notado isso. Fiquei imaginando: ele nasceu assim ou teve um acidente na juventude? E realmente é meio estranho, porque tive a impressão de que ele tinha acabado de dizer que meu irmão está morto.

Subitamente, o quarto balança, o chão gira para onde deveria estar a parede. Algo me atinge com violência no lado do rosto.

No minuto seguinte — ou depois, não tenho certeza —, ouço vozes próximas.

— Devagar...

— Levante-o...

— Cuidado com seus sapatos... ele vai vomitar.

— Pronto, senhor...

— Ele está com tremores... tragam um cobertor.

— Foi o choque... o pesar.

No entanto, mesmo quando me conduzem até uma cadeira, dobram um cobertor em torno do meu corpo e colocam uma bacia no meu colo, uma bacia para a qual olho fixamente, aturdido e estupidificado, como se uma explicação fosse surgir ali... mesmo agora sei que não é pesar.

Não é pesar de modo algum.

---

[1] Jogo de cartas nascido no século XVI bastante semelhante ao pôquer. (*N. do E.*)

. . . VIII . . .

Estou sentado à janela, satisfeito, lendo o Livro dos Salmos, traduzido do latim. O sol de abril derrama-se sobre mim, e as bordas pintadas de dourado da página dançam. Corro o dedo pelas palavras, para evitar que sacolejem.

O Senhor está comigo; não temerei: o que o homem pode fazer comigo?

Aos meus pés, minha cadela Angwen estremece e gane. Está dormindo, aquecendo-se sob a luz morna, e parece sonhar que caça lebres.

O Senhor está comigo entre aqueles que me ajudam: por isso, olharei triunfante para aqueles que me odeiam.

Meu dedo para. Estou impressionado ao perceber como as palavras parecem ter sido escritas exatamente para mim.

Esse é um feito do Senhor; é maravilhoso aos nossos olhos.

Três dias se passaram desde que recebi a notícia da morte de Arthur. Mal tenho dormido.

Eu serei rei.

Esta frase se repete em minha cabeça, várias e várias vezes. Causa em mim uma emoção que é em parte parecida com medo, espreme minhas entranhas e faz o coração disparar.

Eu serei rei.

Quando estou sozinho, eu a pronuncio, experimentalmente, em voz alta. Enquanto afio uma pena de escrever... desenho um arco... afivelo uma coleira de cachorro. Como se objetos fossem responder.

Ergo a mão para a luz, vejo a carne entre os dedos ganhar um brilho laranja avermelhado, e penso: quando for rei, quando for ungido com os óleos sagrados na minha coroação, esta carne se tornará santificada. Cada milímetro de mim será infundido pelo Espírito Santo. Qual será a *sensação* disso?

Entretanto, não consigo nutrir qualquer sentimento de piedade por Arthur. Tento imaginá-lo em suas últimas horas, fraco com a febre, mas a imagem não surge. Quando estou deitado à noite ainda acordado, tenho receio que ele venha me assombrar, sua fina silhueta branca erguendo-se do pé da cama, apontando-me um dedo fantasmagórico, acusando-me de insensibilidade. Mas ele não aparece. E, pela manhã, o que me surpreende é o quão verdadeiro parece que ele se foi e que eu, agora, estou em seu lugar.

Mas, por outro lado, eu não sabia disso havia anos?

York será rei.

E como era mesmo a outra profecia?

Ó bendito governante... você é aquele tão bem-vindo que muitas ações facilitarão seu caminho...

Escrevi-as, as profecias, no mesmo dia em que as ouvi na Torre — ou melhor, rabisquei as partes que consegui lembrar —, e mantive o papel enfiado cuidadosamente na parte de trás de um livro. As histórias do rei Arthur... acho que foi nesse.

Agora me levantando, deixo os Salmos abertos na mesa e vou até o armário onde guardo meus livros. Angwen, que acordou, esforça-

se para me acompanhar, e para, batendo entusiasticamente o rabo em minha perna enquanto vasculho as prateleiras.

Ainda estou procurando quando há uma batida na porta e Compton aparece.

— Milorde, Sua Majestade, a rainha, acaba de chegar de Greenwich.

É inesperado, e não há tempo para me preparar: antes mesmo que eu acabe de empurrar as duas bandas da porta do armário para fechá-lo, minha mãe está entrando rapidamente no quarto e Compton segura a coleira de Angwen. Ele faz uma reverência e leva a cadela para fora, deixando-nos a sós.

A porta se fecha com um clique. Minha mãe e eu olhamos um para o outro. E me dou conta de que, até este momento, não me ocorreu imaginar como ela se sente.

Não preciso imaginar, é óbvio demais. Ela parece uma boneca de papel num aguaceiro. Não está chorando, está inteiramente controlada — parada ali, tirando as luvas —, mas sua pele é tão pálida que está quase translúcida, e os olhos parecem imensos, úmidos e injetados de sangue, as olheiras lilás e azuis.

O que eu estava esperando, *parabéns*?

Aproximo-me de minha mãe e ajoelho-me, como sempre faço após ficarmos algum tempo separados. Ela me levanta e me abraça. O abraço parece apertado demais, mamãe me segura uma fração de tempo a mais.

Então, empurra-me para longe e examina meu rosto.

— Compton disse-me que você não está dormindo, meu amor.

Concordo com a cabeça, sentindo-me agitado. Não consigo pensar no que dizer.

— Sei que não eram muito próximos, você e... Arthur. — Ela pronuncia o nome dele tão baixinho que é quase um sussurro. — Como poderiam, vivendo separados esse tempo todo? Mas, sabendo disso, eu não tinha certeza do quanto isso afetaria você... agora...

Ela acaricia meu cabelo.

— Perdoe-me, meu bem, consigo ver o pesar em seu rosto. Você tem esse mérito... um coração amoroso. Mas lembre-se, Hal, não devemos sofrer demais. Podemos atrair a ira de Deus se não nos submetermos humildemente à Sua vontade. — Seus olhos parecem nadar. Ela pisca e duas gotinhas rechonchudas escorrem pelas faces. — E é exatamente isso, você sabe... a vontade de Deus... que Arthur tenha sido levado... de nós... tão jovem...

Ela me pressiona contra seu corpo, porque agora está chorando de verdade, sem fazer ruído, apenas tremendo e tremendo. Seguro-a, meus braços em volta de sua cintura, desejando urgentemente que pare. Mas então me dou conta de algo terrível. E óbvio também. É como se o clarão de um relâmpago tivesse me mostrado uma coisa no canto do aposento, uma coisa que estava ali *o tempo todo* —, como fui estúpido de não tê-la notado antes?

A coisa terrível e óbvia é a seguinte: não foi por acaso que Arthur morreu; não é por acaso que a profecia está se realizando. Não é assim, afinal de contas, que as profecias funcionam. Deus matou meu irmão por *minha* causa. Eu fiz isso à minha mãe. A culpa é minha.

— Sinto muito, sinto muito — diz minha mãe, tirando minhas mãos de sua cintura e virando de costas. Ela tira um lenço de uma bolsinha do cinto e o pressiona com firmeza em cada um dos olhos.

Sob a luz do sol que vem da janela, os tufos de cabelo que escapam de seu capelo parecem dourados e frágeis.

Permaneço de pé completamente imóvel. Tenho uma medonha, vazia e oca sensação no estômago: como se eu tivesse feito uma coisa horrível e fosse tarde demais para desfazê-la.

— Ah, bom menino. — Minha mãe vai até a mesa junto à janela e pousa os dedos na página dos Salmos. Inspira profundamente e com firmeza, e expira bem devagar. — Eu também tenho encontrado consolo nas Escrituras.

Não consigo responder. Meus olhos seguem-na enquanto ela caminha pelo quarto, ajustando minuciosamente a posição dos objetos, endireitando-os, alinhando-os — uma caixa de capuzes de falcões, uma pena com tinteiro, uma lousa.

Sem me olhar, ela fala:

— Seu pai não quer fazer mudanças em sua casa imediatamente. Você, é claro, se tornará príncipe de Gales, em vez de duque de York... mas exatamente quando, não sei. Talvez ele lhe indique outro tutor. Em determinado momento, ele o levará para a Corte, para viver conosco, mas ainda não.

Em meio ao silêncio, ela ergue o olhar. Espera que eu diga alguma coisa. Engulo em seco.

— Farei o que ele quiser.

Ela sorri, o rosto cheio de compreensão, então vai novamente até a janela, de onde olha para os jardins ensolarados, dando pancadinhas com os dedos no peitoril.

— Ele chorou, sabia? — comenta ela. — Seu pai. Eu nunca o tinha visto chorar. E ele me procurou para isso.

Há um tom desafiador em sua voz. Ela está pensando em minha avó, suponho, pois o rei não procurou a mãe *dele*. Tento imaginar meu pai chorando com alguém. Não consigo.

Minha mãe diz:

— Não espere muito dele, sim? Não a princípio. Ele... ele tinha grandes expectativas para Arthur. Enxergava nele muito de si mesmo. E todo aquele meticuloso planejamento, todos aqueles anos de treinamento... — Ela se interrompe, sacode levemente a cabeça. — Mas devemos lidar com a realidade... é inútil insistir no que poderia ter sido.

Então, vira-se e estende as mãos em minha direção.

— Somos tão afortunados, tão abençoados por termos outro filho.

— Serei bom — afirmo fervorosamente. — Serei *muito* bom, mamãe, vou trabalhar com afinco, vou satisfazer Deus, vou...

— Está bem, meu amor — replica ela. — Sei que vai. — Então meio que se vira novamente para a janela e fala num tom suave, prosaico: — De qualquer modo, como eu disse a seu pai... ambos somos jovens. Se Deus quiser, poderemos ter mais crianças.

Ela não quis dizer crianças, quis dizer filhos homens. Para garantir a sucessão.

— Mas vocês não precisam de mais. — Vou em sua direção. *Olhe-me*, penso. *Olhe-me. De pé, sólido, diante de você. Aqui estou eu, mamãe. Vire-se e olhe-me direito.*

É como se tivesse me ouvido, pois ela se vira. Estende a mão, a manga negra seguindo-a, um dedo comprido desenrolando-se, e afasta um cacho de cabelo de minha testa.

— Ah, meu bem — diz, baixinho —, qual de nós sabe a data de nossa morte?

◆ ◆ ◆

Minha mãe passa o dia todo aqui, em Eltham, ouvindo minhas irmãs lerem, indo à capela com nós três e, depois, inspecionando meu dever escolar e o cerzido de Maria enquanto Meg toca para nós algumas melodias no virginal. Antes do cair da noite, ela cavalga os oito quilômetros de volta a Greenwich, e fico tremendo com alguma sensação sombria que não consigo entender.

Após o jantar, volto ao meu quarto em busca do livro que eu procurava mais cedo: as histórias do rei Arthur. A princípio, vasculhando as prateleiras, receio que esteja em Greenwich ou Richmond — tenho coleções de livros nas três residências —, mas, finalmente, eu o vejo, enfiado no fim da prateleira mais baixa. Engancho o dedo no topo da lombada e puxo-o para fora. A capa é de veludo azul, bordada com flores de ouro e prata, e fechada com grampos de prata. Dentro, as páginas são manuscritas com tintas preta e vermelha, as ilustrações, pintadas separadamente.

No próprio ato de virar as costas do livro, imagino não encontrar nada — o papel sumiu —, e meu coração começa a martelar. Mas então eu a vejo: uma única folha dobrada várias vezes.

Pego o papel, aliso-o e, me aproximando da luz da vela, franzo a testa diante das palavras, que estão escritas bem pequenas (como se isso, suponho, as mantivesse mais secretas), na minha melhor caligrafia infantil.

Aquele que foi profetizado virá, cheio de poder, cheio de boa devoção e de bom amor. Ó bendito governante, você é aquele tão bem-vindo que muitas ações facilitarão seu caminho. Você estenderá suas asas em todos os lugares; sua glória sobreviverá às eras.

E, embaixo disso, escrevi a outra profecia.

York será rei.

Então, você pesa isso na balança, não é mesmo? Uma coisa boa contra uma má, para ver se a coisa boa vale a pena. E é isso que deve ser pesado contra a morte do meu irmão e a dor de minha mãe: minha glória.

Valerá a pena. Mostrarei a ela. Mamãe me verá tornar-me o maior rei da Inglaterra que jamais viveu.

. . . IX . . .

Mal posso esperar para ver meu pai. Com o passar dos dias, espero a convocação com crescente impaciência enquanto um misto de triunfo e culpa enche-me de uma energia incômoda e aflita. Mal consigo ficar parado para seguir com meus estudos, embora esteja determinado a trabalhar com mais afinco que nunca. Nem mesmo consigo me sentar sem que meus dedos fiquem tamborilando, os joelhos balançando. É muito mais fácil me manter em movimento, desde o momento em que acordo até a hora de dormir. Praticar caça, falcoaria, espada ou justa, tocar música, jogar tênis ou mesmo cartas ou uma partida de dados com meus amigos: preciso me manter ocupado, ocupado, ocupado.

E, o tempo todo, minha expectativa cresce. Sempre. O comportamento de meu pai em relação a mim foi definido pela minha posição na família. Ele jamais me viu como uma pessoa — enxergava minha função: o filho substituto, o reserva... o reserva que poderia se tornar um rival de Arthur.

Agora a barreira para ele me amar foi colocada de lado. *Eu* sou o precioso, eu sou seu herdeiro. Todos os meus talentos, todos os

motivos para eu ser uma ameaça a Arthur agora se tornarão vantagens: características para serem apreciadas e louvadas.

Quando finalmente chega a convocação, é fim de abril, quase um mês após a morte de Arthur, e meu pai está em Richmond. Na companhia de Compton e Guildford, cavalgo de Eltham a Greenwich e de lá pego um barco rio acima.

É um dia fresco de primavera, e, ao nos aproximarmos do palácio de Richmond, as luzes cintilam suavemente na pedra pálida de suas muitas torres, cada qual encimada por uma cúpula, uma lanterna e um reluzente cata-vento dourado.

Meu coração se anima. Tenho tudo planejado na cabeça — de que modo acontecerá. Meu pai sorrirá para mim e colocará suas mãos sobre meus ombros. Falará delicadamente comigo e talvez até mesmo se desculpe. Será como uma cena bíblica, como a tapeçaria pendurada no grande salão de Eltham, ilustrando a parábola do filho pródigo: o jovem penitente ajoelha-se diante do pai, o pai (numa roupa moderna de fulgurantes azul e dourado) curva-se para abraçá-lo carinhosamente. Exceto que hoje, aqui em Richmond, será o pai pedindo perdão.

Quando entramos no palácio, criados me informam de que o rei está em seus aposentos particulares: preciso atravessar as grandes salas públicas para chegar até ele, sala após sala abrindo-se em sequência, como um quebra-cabeça feito de caixas dentro de caixas. Esses aposentos tornam-se menores e mais íntimos à medida que avançam. O número de pessoas com permissão para passar por cada porta torna-se cada vez menor.

Finalmente, quando mais uma dupla de guardas afasta-se para o lado, uma porta abre-se diante de mim, para o interior de um

dormitório onde das paredes pendem panos dourados e a cama está decorada com os emblemas de meu pai: portas levadiças e rosas, dragões e galgos.

A primeira coisa que vejo ao entrar é o rosto de meu irmão morto: um quadro está pendurado entre as tapeçarias da parede oposta. Meus olhos desviam-se rapidamente, e olho em volta à procura de meu pai. Por um momento, não consigo vê-lo. Então avisto uma cadeira defronte à janela do lado oposto do quarto. Acima de seu encosto é visível uma parte de um gorro de veludo preto.

— Aproxime-se, milorde — diz Hugh Denys, balançando a cabeça para mim.

Uma peça de fulgurante veludo azul drapeja por cima da lateral da cadeira de meu pai. Quando faço o contorno para ficar à sua frente, percebo que esse veludo é um manto atravessado sobre seu colo. Ele o acaricia distraidamente, como se fosse um animal: um manto de veludo azul, forrado de damasco branco: o manto de um Cavaleiro da Ordem da Jarreteira.

Ajoelho-me.

— Levante-se — diz ele. Sua voz é inexpressiva.

Falar, mesmo concentrando-se em mim, parece ser um esforço.

— Todos os meus conselheiros... Fox, Warham, os outros — abana a mão vagamente na direção que suponho que seja a de seu Gabinete de Conselheiros —, todos eles parecem achar que este encontro é necessário. Não tenho certeza se entendo por quê. Sua posição mudou... mas você sabe disso. Há muito trabalho árduo à sua frente... mas suponho que tenha inteligência suficiente para também saber disso. Fora isso, não há nada mais a dizer. A não ser que você tenha alguma pergunta.

Por isso eu não esperava. Fico quebrando a cabeça até conseguir perguntar:

— Eu vou para Ludlow, senhor?

Há um breve momento de silêncio. Então subitamente o queixo de meu pai ressalta adiante e os olhos fixam-se em mim, enérgicos e acusadores.

— Não imagine que tomará o lugar dele — vocifera. — Você *nunca* tomará o lugar dele.

Volta a afundar na cadeira, olhando para o manto em seu colo. Percebo, com uma sensação de emaranhamento nas entranhas, que aquilo deve ter pertencido a meu irmão.

— Pode ser que eu o mande para Ludlow. Não sei — responde ele. — Talvez o faça príncipe de Gales... devo, suponho, em algum momento. Mas... — Solta um suspiro. — Arthur e eu entendíamos um ao outro. Nunca entendi você. Desde seus primeiros anos, parece ter uma capacidade inata de... me irritar. Suponho que não consiga evitar isso.

Ergue a vista para mim.

— Vou supervisionar as mudanças necessárias em sua educação — prossegue. — Não preciso dizer que espero que se dedique ao máximo. Se eu receber relatórios de seus tutores dizendo que, de algum modo, está se esquivando do trabalho, o castigo será severo, está entendendo?

— Sim, senhor.

— Isto é tudo. Pode ir.

Hesito, momentaneamente confuso. Deveria acabar assim tão cedo?

Um estalar de seus dedos.

— Vá!

Sentindo-me dormente, faço uma reverência e deixo o aposento. Compton e Guildford estão me esperando do lado de fora, na antessala. Continuo andando, passo pela Sala de Audiências. Eles me alcançam e estão ao meu lado.

— Está bem, senhor? — pergunta Compton.

— Sim. Sim, estou ótimo.

Depois da Sala de Audiências fica a Grande Sala da Vigilância, onde os guardas, com alabardas reluzentes e afiadas, permanecem alinhados ao longo das paredes. Ali, nós nos encontramos com a mãe do rei, que vem na direção contrária.

Não há nada que diferencie minha avó de luto da minha avó no auge da felicidade. Está vestida inteiramente de preto, exceto pelo véu branco em torno da cabeça e do pescoço, e seu rosto parece ter sido entalhado em madeira, inflexível e nodoso. Quando a cumprimento, ela me inspeciona com algo que se parece bastante com repugnância. Com meu corpo firme e cabelo vermelho-ouro, ela me vê, eu sei, como alguém inteiramente da família de minha mãe; e agora, para ela, suponho que isso seja como se o outro lado tivesse triunfado: os suspeitos, os vadios indisciplinados.

Sua mão ossuda estende-se em minha direção e manuseia o material de meu gibão, como se sentisse *minha* qualidade.

— Ora, ora — diz ela —, o que poderemos fazer de você, menino?

Ela não soa muito otimista.

— Estou disposto a aprender, senhora.

Não há resposta. Ela passa impetuosamente por mim, tirando do caminho a cauda do vestido preto, como se ele pudesse se contaminar se me encostasse. Atrás de mim, botas e armas retinem

quando guardas na porta da Sala de Audiências fazem posição de sentido para deixá-la passar. Então a porta se fecha atrás dela com um grande estrondo.

Descemos a grande escada em espiral e, pegando um atalho para a barragem, passamos por alguns cômodos de serviço dos aposentos reais: o guarda-roupa do rei e sua cozinha particular. Desta, ouço uma voz alta — alguém está sendo repreendido —, e, ao passarmos por um postigo, viro a cabeça. Vislumbro uma cena, parcialmente obscurecida por Guildford ao meu lado e emoldurada pela abertura retangular na parede. Caminhamos tão depressa que só registro o que vi quando estamos a meio caminho da passagem. Hesito, querendo voltar e olhar novamente, mas não imagino nenhuma boa desculpa para dar aos meus companheiros. Sigo adiante, a imagem permanecendo em minha mente, embora tenha sido bastante comum.

Era um menino da minha idade, curvado de dor. Não consegui ver seus olhos. Mas o cabelo era da cor de palha.

. . . X . . .

Quando chegamos à barragem, descobrimos que os barqueiros não estão prontos: não esperavam que eu voltasse tão cedo para casa. Tampouco eu esperava. Embora ainda haja sol, uma nuvem paira acima, fornecendo uma curta mas violenta chuvarada, por isso, enquanto Compton caça os barqueiros, eu me abrigo no palácio com Guildford. Estou perturbado com o vislumbre do garoto: é como se eu o reconhecesse, como se o conhecesse de algum lugar. Ele parece significativo. Mas como pode ser?

Quero evitar os alojamentos reais, então atravesso o fosso para os jardins, onde uma galeria recém-construída fornece alguma proteção. Ao rés do chão, a galeria é uma arcada aberta. Acima, há uma sala comprida fechada, ligada ao palácio numa das extremidades e à igreja do mosteiro próximo na outra, e iluminada por uma série de imensas janelas fasquiadas em ambos os lados. Querendo ficar a sós, deixei Guildford encostado num dos arcos abertos e subi sozinho a escada para o primeiro andar.

Abri a porta da galeria, ouvi música vindo lá de dentro e me apressei em fechá-la novamente. Mas eu tinha sido visto, e uma voz chamou, em francês:

— Não fuja.

A música parou. Enfiei a cabeça pela porta.

A princesa Catarina, viúva de meu irmão, está sentada a uma mesa debaixo de uma das janelas, os dedos pousados sobre o teclado de um virginal. Mais além dela, a galeria se estende à distância, esparsamente mobiliada, como um corredor de luz. Catarina sorri, desce as mãos para o colo e joga a cabeça para o lado.

— Não quer conversar comigo? Não tenho visto muitas pessoas nesses dias.

Meu coração esmorece. Não estou com ânimo para conversas. A *duenna* de Catarina — sua governanta —, uma senhora espanhola de aparência medonha, levantou-se de sua cadeira, a alguma distância dali, e me olha fixamente. Não sei se está mais ofendida pela minha presença ou pela sugestão de que eu talvez não fique.

Sentindo-me preso e aborrecido, faço uma reverência para ambas. A *duenna* senta-se novamente e começa a espetar algum bordado com sua agulha.

Falo para Catarina:

— Sinto muito, senhora... não me deixe perturbá-la. Não imaginava que estivesse aqui.

— Não vai me perturbar. Não é muita gente que o faz. Isto é, imagine que estou em Richmond... não me sento neste lugar o tempo todo, obviamente. — Levanta o queixo para a janela. — Mas gosto da vista. É uma variação da do meu dormitório, e não pareço ser necessária em qualquer outro lugar.

Sorrio, com relutância.

A luz do sol filtrada pela janela fornece um belo brilho ao rosto de Catarina. Ela está vestida de luto carregado — vestido, luvas, capelo,

véu, tudo —, e, se o *motivo* não me causasse um tremor de culpa, eu diria que isso combinava com ela. De qualquer forma, meus olhos vagueiam para o único pedaço de cor: um pequenino livro que repousa sobre suas saias, o cordão de seda em que está pendurado encontra-se frouxo, pois ela está sentada. O livro é laqueado e cravejado de joias — e repleto de elegias para os mortos, imagino.

Outro nó em minhas entranhas. Devo ser responsável também pela sua dor? Digo:

— Sinto muito por sua perda.

— Obrigada. Seu irmão era gentil comigo. — Olha-me pensativamente. — Sinto muito também por sua perda.

Inclino a cabeça, mas nada digo. Silêncio. O leve som de chuva flui através das janelas.

— É uma mudança e tanto para você, não é mesmo? — observa Catarina. — Para nós dois.

Mais silêncio. Ela sorri, ainda me olhando.

— Você deixou de ser "ninguém em particular" — comenta.

Quero responder. Quero dizer algo espirituoso ou pelo menos interessante. Mas não consigo. Caminho até a janela mais próxima e olho para o lado de fora, para as beirais e os arbustos pingando. Digo:

— Vou voltar para Eltham, daqui a pouco. Só estou esperando enquanto preparam minha barca.

Catarina toca um pouco, para.

— As pessoas dirigem-se a mim como princesa de Gales desde que eu tinha 3 anos... sabia disso? — pergunta. — Passei toda a minha infância esperando vir para cá e me casar com seu irmão. Pensava que era meu destino ser rainha da Inglaterra.

Recordo-me daquele dia em Westminster Hall. Os espanhóis nunca revelaram a meu pai que o acordo estava acertado anos antes: havia muita hesitação, e fizeram com que sentíssemos que tínhamos muito a provar.

Catarina estava dizendo:

— Mas nenhum de nós conhece seu verdadeiro destino, conhece? Fazemos planos... e os planos de Deus para nós acabam sendo muito diferentes.

Penso: *Isso talvez seja verdade com relação a todos os outros. Mas sei que serei um grande rei*.

Digo:

— Você deve estar decepcionada.

— Estou triste por Arthur. Embora não devesse estar, não deveria, pois ele superou sua dor e está com Deus. Mas não estou triste por mim mesma. Agora, vou para casa. Quando deixei a Espanha, pensei que nunca mais voltaria a ver meus pais.

Em minha mente, continuo em Westminster Hall. Lembro-me de disparar uma flecha e ser distraído por um anjo entalhado no teto que, por um momento, se pareceu... se pareceu com aquele garoto na cozinha, ainda há pouco. Estou ficando louco? Por que as coisas comuns que vejo subitamente me lembram alguém, embora não consiga imaginar *quem*? Talvez seja alguém que um dia conheci e de quem me esqueci. Talvez alguém de um sonho.

— Você lê grade? — indaga Catarina.

— O quê?

Ela bate na partitura que está apoiada à sua frente;

— Ah. Claro.

O instrumento junto ao qual ela está sentada é um virginal duplo, com dois teclados emparelhados. Catarina desliza para um canto do banco a fim de deixar espaço para mim. Hesito, então me sento ao seu lado. Estou apavorado com a possibilidade de haver alguma perigosa parte de minha mente na qual não possa confiar: alguma coisa que produza visões; que reconheça coisas que eu não identifico. Agora, concentro-me ferozmente nas notas escritas no papel, tentando bloquear tudo mais.

— Você toca bem — elogia Catarina, quando o dueto termina.

— Não sou um bebê.

— Sei disso! Não estou sendo condescendente. Você toca bem, comparado a qualquer um.

— Também escrevo. Melodias.

— Então toque para mim alguma coisa sua. — Ela se levanta e se afasta, deixando-me encarregado do instrumento.

Eu toco. E toco. Incansavelmente. Toco cada melodia que já compus para meu mestre de música e, também, algumas que não são minhas. Então paro e pouso a cabeça na borda da caixa de madeira do instrumento.

Em algum lugar lá fora, um cachorro late. A *duenna* faz uma pergunta num espanhol rápido, que Catarina responde.

E penso: *Houve um sonho... anos atrás... Um garoto veio na minha direção em raios de luz. Ele me salvou de uma serpente...*

Catarina diz, em francês:

— Não deve ser fácil. Para você, agora. Isto é, imagino que este não deva ser um período fácil.

Sem levantar a cabeça, pergunto:

— Você quer voltar à Espanha? — Minha voz é abafada. Estou falando junto ao teclado.

— Claro. Sinto muita falta de minha mãe.

— Será em breve?

— A ocasião mais adequada depende da vontade do rei, seu pai. Eu agora sou súdita inglesa.

Ergo a vista: alguém bateu à porta. É Compton, avisando-me que minha barca está pronta para me levar rio abaixo. Pegaremos cavalos em Greenwich e de lá cavalgaremos o resto do caminho até Eltham.

Beijo a mão de Catarina, ao sair. Não acho que a verei novamente.

. . . XI . . .

— Ele viu... com seus próprios olhos. Os corpos dos franceses em pilhas mais altas que um homem. Os soldados ingleses subiram nelas e continuaram lutando!

Estou encantado, quase rindo, emocionado com a espantosa vitória, contra todas as probabilidades, obtida por um pequeno bando de ingleses, quase cem anos atrás.

Do outro lado do aposento, minha mãe, que esteve escutando apenas em parte, comenta:

— Deus concede a vitória a quem Ele escolhe.

Rezemos, então, para sermos escolhidos. A predileção de Deus certamente recaiu sobre Henrique V da Inglaterra, naquele dia em que venceu a batalha em Agincourt. O livro, que estou traduzindo do latim para o inglês (um exercício passado pelo meu tutor) foi escrito por um homem que esteve lá. Ele diz que Henrique tinha seis mil homens contra um exército de 60 mil franceses. Mas, explica ele, era impossível o infortúnio recair sobre Henrique, porque sua fé em Deus era sublime.

Minha mãe observa:

— Hal, você não precisa estudar tanto.

— Eu sei. — Recosto-me, um joelho balançando, e seguro a pena contra a luz, para ver se a ponta precisa ser aparada. Penso: *Eu, também, preciso ter uma fé sublime para que o infortúnio não recaia sobre mim*.

Minha mãe está sentada com um livro farmacêutico aberto na mesa à sua frente, virando cuidadosamente as enormes páginas enrugadas, percorrendo o dedo por elas. Imagino o que está procurando. Algo a ver com sua gravidez, suponho.

Sem erguer a cabeça, sugere:

— Por que não leva os cães lá para fora... e vai caçar uma lebre no bosque?

— Sim, já fiz isso, antes do desjejum.

— Você é tão diligente, meu bem. Só me preocupo que se empenhe demais em seus esforços.

Não o suficiente. Quero ser *sublime* não apenas em fé, mas em tudo. Entretanto, sentado agora com minha mãe, há uma imperfeição que não pareço corrigir: a irritação com sua gravidez. Nesses dias, sinto-me incomodado só em estar no mesmo aposento que ela. Não gosto de ver os laços afrouxados no seu vestido. Não gosto de observar sua mão alisar suavemente a barriga dilatada. Serei um grande rei, como Henrique V, e não há necessidade de nenhum herdeiro substituto. Por que, então, ela precisa complicar as coisas, trazendo um novo irmão para meu mundo?

Sacudo-me, enfio a mão para trás no cabelo, curvo-me sobre o parágrafo seguinte em latim.

— As terras que Henrique V conquistou — comento — são legitimamente nossas. Por que papai não as tomou de volta? E a coroa da França também... tendo em vista que, na época de Eduardo

III, ela devia pertencer ao rei da Inglaterra. Por que papai não impôs seu direito?

— Você precisa de paz em casa antes de pensar em conquistas — declara minha mãe, ainda virando páginas. — Seu pai, entretanto, liderou um exército até a França no ano em que você nasceu. Lembro-me de que ele conseguiu um bom dinheiro com isso... a França pagou muito para garantir uma trégua. Mas consumiu todos os esforços e recursos para se manter como rei aqui e assegurar a existência de um reino seguro para passá-lo a você. — Ela ergue o olhar. — Estive pretendendo lhe perguntar... o que você pensa de Catarina?

— Como assim "o que penso dela"? — Escrevo mais algumas palavras, mordendo os lábios. — Eu não *penso* nela. Não está voltando para a Espanha?

— Bem, na verdade não — responde minha mãe, os olhos no livro. — Seu pai não quer devolver o dote... ele e os espanhóis estão discutindo a questão. Estive pensando que, talvez, não haja necessidade de devolvê-lo. A aliança ainda poderia ser útil.

Meu joelho para de se balançar.

— Mas... — Ela franze a testa a meia distância, o dedo marcando o lugar no livro. — Creio que você se casar com a viúva do seu irmão não seja...

— Permitido? — sugiro, encarando-a. — Aos olhos da Igreja, ela é minha irmã. Certamente, ninguém tem permissão para casar com a irmã, não?

Minha mãe sorri.

— Não é *ideal*, eu ia dizer. Mas não haveria problema, desde que o papa lhe concedesse uma dispensa... o que suponho que faria. Gosta

dela? — Ergue as sobrancelhas durante a terna inquirição. É como se estivéssemos conversando sobre uma peça de tecido que eu pudesse comprar. Ou um cavalo. — Podemos contratar e realizar a cerimônia de casamento agora e concretizá-la depois... mas ela não precisa tornar-se válida até que você faça 14 anos.

Qual é a expressão em meu rosto, não consigo imaginar. Estou vacilante. Gosto de Catarina? Eu? *Gosto dela*? Como minha *esposa*?

Minha mãe sacode os longos dedos para mim.

— Não há pressa, meu bem — diz. — Pense nisso.

Fecha o livro e, levantando-se, vai para mais perto do fogo. Uma de suas damas de companhia — que durante todo esse tempo estava sentada na sombra, bordando — aproxima-se para ajudá-la a se instalar, depois sai do aposento, numa incumbência.

Minha mãe coloca as pontas dos chinelos perfeitamente juntos na beira do escabelo e repousa a cabeça para trás e recosta-se na cadeira, seus olhos em mim. Fala:

— Lamento por você e Arthur não terem se conhecido melhor. Desta vez, gostaria de fazer as coisas de maneira diferente. — Uma das mãos está pousada na curva da barriga. — Vou criá-lo lado a lado com você, este bebê. No mesmo lar. Espero que os dois sejam próximos. É importante ter amor numa família. Mesmo numa família como a nossa. *Eu*, de qualquer modo, penso assim.

Abaixo os olhos novamente para meu trabalho, virando as páginas, murmurando uma espécie de concordância. Mas não sei qual será a opinião de meu pai sobre criar irmãos amorosos. Afinal, pela sua avaliação, o bebê que ela carrega poderia ser tornar um perigoso rival. Talvez, um dia, eu tenha de matá-lo, exatamente como me disseram que Arthur talvez tivesse de fazer comigo. Certas

frases atraem meus olhos enquanto vasculho o texto: um cavaleiro que se rebela contra Henrique V é chamado de "*esse filho das trevas... esse corvo da traição*".

A camarista de minha mãe retorna com um pratinho e um guardanapo, e, fazendo uma mesura, coloca-os ao seu alcance. Sei o que tem dentro. Durante toda a semana que esteve aqui em Eltham, minha mãe teve um intenso desejo por — que coisa! — ovos.

Hoje, é cozido. Observo-a tirar a casca, segurá-la com as unhas e largar os pedaços no prato ao lado.

Penso em ninhos de corvos... e em filhotes de penas pretas recém-saídos dos ovos.

— Onde o bebê vai nascer? — pergunto.

— Na Torre.

Solto um ganido.

— Por que *lá*?

— Seu pai escolheu o local. Ele tem uma força simbólica. A antiga fortaleza.

— Mas... — Dizem que os pensamentos e os sonhos de uma mulher afetam o temperamento da criança que cresce em sua barriga. Certa vez, vi minha mãe caminhar dormindo pela Torre.

— Mas o quê? — Ela me olha inexpressivamente. Está fingindo que esqueceu que seus irmãos foram assassinados lá. Ou quem sabe me mandando esquecer?

O reluzente ovo branco agora está descascado: liso e perfeitamente arredondado, como uma versão em miniatura de sua barriga. Ela bate os dedos de leve nos últimos vestígios da casca.

— Nada — respondo. — Não consigo imaginar que ali seja realmente confortável, só isso.

— Pelo contrário... maravilhosos preparativos estão em andamento. Já fiz uma visita, para verificar o progresso. Terei uma cama adornada com nuvens e rosas vermelhas e brancas. Tudo será exatamente como quero que seja.

Ao levantar o ovo e mordê-lo escrupulosamente com seus dentes afiados, contenho um tremor. A Torre, penso, é o local onde uma mulher talvez desse à luz... o quê? Algo monstruoso. Uma serpente. Um filho das trevas.

. . . XII . . .

Janeiro, Greenwich: a luz através da ampla vastidão de água é brilhante e fria quando emergimos do portão e seguimos em direção ao rio. Barcas balançam e puxam delicadamente os cabos de atracação; água bate nas escadas de desembarque. Um vento cortante açoita lateralmente as velas e enruga a superfície cinzenta do Tâmisa.

À frente do desfile, minha mãe para e se vira. Cortesãos aguardam mais atrás, enquanto os membros da família, um por um, espalham-se em volta dela para se despedir.

A elaborada ocasião — um desfile pelo palácio e agora essa despedida formal à margem do rio — marca a partida de minha mãe para a Torre. Lá, os aposentos especialmente preparados para o parto estão prontos para recebê-la. Ela ficará sozinha com suas atendentes: os quartos são um domínio isolado e exclusivamente feminino. E, assim que entrar neles, minha mãe só sairá novamente após a criança nascer: talvez daqui a semanas.

Minha avó, vestida pela primeira vez não de preto, mas com uma roupa de tecido bordado a ouro, segura minha mãe pelos cotovelos e

oferece cada face seca como papel para receber-lhe os beijos. Então minha mãe se vira para Meg e para mim e nos beija também.

Ela sorri feliz. Retribuo o sorriso, usando uma perfeita carapaça. Mas, por dentro, alimento uma fúria sombria que se acomoda em meu estômago como uma pedra. Penso: *Minha mãe acha que me conhece, mas se engana. Ela não faz ideia do que é estar aqui, olhando através dos meus olhos*.

No píer, meu pai está esperando. Vai acompanhá-la até a entrada de seus aposentos, pois nem mesmo ele tem permissão para entrar. Atrás dele, músicos na barca do séquito estão glissando levemente seus instrumentos, lutando contra o vento. Um imenso dragão vermelho de madeira na proa da barca real mergulha quando meu pai desce firmemente para o casco. Ele se volta para oferecer a mão à minha mãe, para equilibrá-la enquanto ela sobe a bordo, então a conduz ao seu assento sob o pálio real.

Em algum lugar debaixo da roupa de minha mãe, confidenciou-me Meg, encontra-se uma relíquia sagrada: uma cinta que pertenceu à Virgem Maria e que tem o miraculoso poder de aliviar o trabalho de parto. E, em algum lugar sob essa cinta, deitada presunçosamente em seu lugar seguro, lá estava: a criança.

Não quero ver o barco partir. Viro-me e descubro minha avó olhando-me estranhamente. Ao passar por ela, rosno. Apenas um ruído em minha garganta, como o de um cachorro.

. . . XIII . . .

Nossos sapatos rangem no chão enquanto rodeamos um ao outro, respirando pesadamente.

Guildford salta e agarra a frente da minha camisa. Seguro sua mão, torço-a e forço a articulação de seu cotovelo para o lado errado.

— Nossa! — guincha ele.

— Dê uma cabeçada nele, Guildford, vamos! — berra Simpson, meu mestre espadeiro.

— Isso é permitido? — arfa Guilford, os olhos lacrimejando de dor.

— É! — grita Simpson.

— Não! — grito ao mesmo tempo.

Guildford o faz de qualquer forma. Mas eu me desvio e mando-o estatelando-se para o chão. Ele rola e fica de pé, passando a mão na boca e rindo. Guildford é duro. Golpes lhe resvalam como granizo num telhado.

Vem de novo para mim, um punho apontado para meu rosto.

— Espere! — Simpson avança adiante. É um homem careca, bochechas vermelhas, com panturrilhas que se salientam como as pernas gordas de uma mesa de excelente qualidade. Ele lutou no

exército de meu pai em Bosworth e na Deptford Bridge. Conhece todos os movimentos elegantes. E também todos aqueles grosseiros e cruéis.

— Veja, senhor — diz para mim —, quando ele se aproximar assim, lateralmente, simplesmente vá para trás dele... passe o braço para frente... e puxe-o para trás por cima de sua perna.

Experimento. Guilford cai no chão de reboco pintado com um estrondoso baque.

— Isso! E agora que ele está caído, pise no seu joelho!

— Ei, senhor! — protesta Guildford.

Ponho meu pé em cima dele e o pressiono um pouco com meu peso, caçoando. Guildford agarra minha perna, tenta me fazer perder o equilíbrio...

— Aargh!

Dou um pulo, tropeço e caio pesadamente em cima dele.

Nós nos desemaranhamos, rindo novamente, e quando me levanto, descubro Compton parado junto ao suporte que contém os bastões, esperando para falar comigo.

— Senhor. Chegou um mensageiro vindo da Torre. — Ele segura um papel: suponho que seja o anúncio oficial da minha mãe. As palavras são sempre as mesmas, pois os escreventes as redigem antecipadamente: *Deus quis, em Suas infinitas misericórdia e benevolência, ajudar na geração e...*

Digo:

— Então ele nasceu, hein?

— *Ela* nasceu, senhor. Veja aqui... diz que a rainha deu à luz uma princesa.

Uma princesa; uma menina! Pego o papel. Que notícia maravilhosa. Meninas não servem para nada: são úteis para um casamento de aliança, apenas isso. Esse pedacinho de carne não será nenhuma ameaça para mim.

Engancho meu braço no pescoço de Guildford e mostro-lhe o papel.

— Precisamos festejar! — digo. — Simpson, venha e tome uma taça de vinho conosco...

Compton põe a mão na manga da minha camisa.

— Mas preciso lhe dizer: sua mãe não passa bem.

— Sério?

Ele baixa a cabeça em minha direção e diz em voz baixa:

— Não se preocupe indevidamente. Disseram-me que já aconteceu antes, das outras vezes que ela deu à luz. Só achei que deveria ficar sabendo.

Solto Guildford e falo para Compton:

— Quero vê-la.

— Conhece as regras, Hal. Não o deixarão entrar.

Ele tem razão. Fico calado por um momento.

— O que posso fazer, então? — pergunto.

— Bater em Guildford até ele virar polpa? Ajuda a passar o tempo. — Compton sorri, esperando me animar. Ao ver que não adianta, acrescenta sobriamente: — Não sei, senhor. Esperar. Rezar?

. . . XIV . . .

Rezo... durante horas. Aqui, em Greenwich, onde me encontro desde que minha mãe partiu para a Torre (meu pai, por sua vez, não me mandou imediatamente de volta a Eltham), há uma igreja adjacente ao palácio, pertencente a uma comunidade de frades franciscanos.

Não ouso ir à capela do palácio por medo de encontrar meu pai, portanto passo a noite na igreja do convento, minha velha gravura dos três pregos da crucificação apertada na mão.

Sou o Escolhido de Deus. *Aquele que foi profetizado virá, cheio de poder, cheio de boa devoção...*

Certamente, então, preciso apenas rezar — para demonstrar minha *boa devoção*, minha fé tão sublime quanto a do conquistador Henrique V — e, portanto, nenhum infortúnio pode recair sobre mim.

A igreja é fria como uma cripta. As chamas das velas agitam-se e curvam-se com as turbilhonantes correntes de ar. Na hora das vésperas, um único sino começa a dobrar, e, à minha volta, deslizam os frades de hábito negro, silenciosos como espectros. Ninguém fala comigo, ninguém questiona minha presença. Quando o ofício

termina, eles voltam a se dispersar através de nuvens de incenso, seus capuzes levantados contra o frio.

Na cama, naquela noite, sonho com as figuras encapuzadas de preto, mas agora são pranteadores em um funeral, seguindo um caixão pelo terreno nevado. Acordo em pânico.

— Levante-se.

Compton agita-se em seu catre quando cavouco com o pé sua forma envolta num cobertor. Ele tenta puxar a coberta mais para cima.

Agacho-me e o sacudo.

— Levante-se. Preciso ir à Torre.

Acendi apenas uma vela, que projeta nossas sombras, imensamente ampliadas na parede coberta de tapeçarias. Pareço um monstro corcunda agarrando minha vítima adormecida. Minha vítima pragueja, exausta, e rola para fora do leito.

Dez minutos depois, estamos ambos vestidos. Compton está enfiando as botas enquanto afivelo o cinto da minha espada.

Ele avisa:

— Eles não o deixarão entrar.

— É a terceira vez que me diz isso.

— É porque não está me ouvindo. E é verdade.

— Olhe. — Seguro seu pulso. — Um dia, serei rei, e quando isso acontecer talvez sirva para alguma coisa você ter trabalhado para mim agora. Ou talvez não.

Compton entende. Para de discutir e se apressa até a porta. Mas, com a mão no trinco, ele se vira.

— Você precisa de uma escolta.

— Não posso. A esta hora da noite? O capitão vai querer confirmar isso com meu pai. E se abrirão as portas do inferno.

Compton passa a mão pelo rosto, imaginando, sem dúvida, toda uma série de possíveis calamidades.

— Teremos problemas se formos sem nenhuma.

— Teremos problemas de qualquer maneira. Apenas me arranje um barco, sim? Pare de perder tempo.

Ao sair, Compton fecha a porta com todo cuidado. Ele tem várias negociações delicadas pela frente: tirar-me do palácio, passar pelos guardas e, depois, entrar num barco com alguma desculpa plausível para ir à Torre. Mas deixarei isso para sua engenhosidade. Para que ele serve, afinal?

Sopro a vela e tateio o caminho até a janela, onde puxo a cortina e olho a noite.

A lua está alta e quase cheia. Sua luz desliza pela superfície do Tâmisa. Debaixo da janela, tochas flamejantes marcam o lugar da escada de desembarque e da portaria, onde guardas permanecem a noite inteira de serviço. Depois da água escura, campos pantanosos e matas na margem oposta estão invisíveis contra o terreno alto e distante: uma massa negra contra o azul noturno.

Compton volta, segurando uma vela. Seu rosto, iluminado por baixo, parece demoníaco.

— Podemos ir.

— O que disse a eles?

— Que meu senhor príncipe ainda está acordado e ordenou que algumas roupas fossem trazidas do Grande Guarda-roupa em Baynard's Castle para a manhã. Você é um criado que está indo me ajudar. — Pousa o castiçal num banco e abre a tampa de um baú. —

É melhor pegar emprestada uma de minhas capas, são mais simples que as suas. — Retira do baú uma capa cinzenta e a joga para mim. — Suponho que tenhamos de voltar com alguma coisa que se passe por um baú de roupas.

— Mas não vamos a Baynard's Castle.

— Só direi ao banqueiro quando estivermos na água. Os guardas é que são o maior problema. Vamos.

Compton fez muito bem seu trabalho. Os guardas no interior do palácio nos deixam sair sem nenhuma pergunta. Emergimos num pátio meio banhando por luz leitosa e viramos à esquerda para a portaria, onde outro guarda destranca a portinha dentro do grande portão. Saímos.

Não estamos longe da beira da água, e um vento úmido nos açoita como roupa molhada. Debaixo dos pés, as pedras do pavimento do caminho para a escada de desembarque são pretas e lisas.

Adiante, um barqueiro imenso nos espera, seu jovem aprendiz ao lado, ambos de pé num esquife que balança suavemente. Pela aparência dos dois, foram acordados em suas camas toscas.

Não é o tipo de embarcação que eu esperava: as barcas nas quais costumo viajar têm uma parte coberta numa extremidade para fornecer abrigo.

— Nada de luxo para criados — murmura Compton, me acotovelando.

Embarco, o capuz da capa bem abaixado sobre o rosto, e sento-me com as costas para o barqueiro. Mesmo coberto dessa maneira, mal posso acreditar que me passo por um criado.

Partimos. Na água a céu aberto, faz frio. Um frio — após os primeiros estimulantes minutos — além da imaginação, a friagem penetrando nas roupas como um batedor de carteiras gelado, alcançando o interior da carne, revistando os ossos.

Ao deslizarmos pela escuridão, os barqueiros nos conduzem ao longo de um dos lados do rio, tão perto da margem quanto é seguro. A mais forte tração da maré é na parte central da água e está agindo contra nós. Viro-me na direção oposta de nossa viagem e observo a água sob a luz da lanterna: correndo, correndo para o outro lado, como se fugisse do próprio lugar para onde estamos nos dirigindo.

Minha mente está repleta de imagens indistintas de uma enfermaria, figuras sombrias curvando-se sobre minha mãe. Quero ir mais depressa. São necessários homens fortes para remar nosso barco contra a maré a qualquer velocidade considerada razoável, e nossos barqueiros são fortes — sem dúvida, Compton também lhes deu bastante do meu dinheiro para valer o esforço. Mas gostaria de remar com os dois, para irmos mais depressa, para eu me aquecer e parar de pensar.

Perto de Limehouse, ao passarmos pelos enormes cascos de navios ancorados, Compton fala ao barqueiro sobre a mudança de nosso destino e sugere que haverá um pagamento adicional.

— Visita secreta a um dos prisioneiros, hein? — comenta o homem mais velho. Viro-me para olhá-lo e capto um desagradável piscar de olho. — Não se preocupem, cavalheiros, não farei perguntas. É mais seguro para mim não saber, não é?

Passamos por chatas, barcaças e guindastes atracados em cais e molhes, mas não por outros viajantes acordados e seguindo pela água como nós.

Isto é, até que, olhando por cima do ombro, para tentar distinguir o que há adiante na escuridão, avisto um barco aproximando-se pela outra direção, mais distante, rumo ao meio do rio. É um esquife como o nosso, seguindo suavemente com a maré, a lanterna iluminando três figuras: dois barqueiros e um único passageiro: uma figura corcovada, sua capa cinzenta com capuz igual à minha, o rosto obscurecido na sombra.

Sem motivo, sou dominado por um súbito pavor pela figura. Meus olhos estão grudados nela, como se fosse algo monstruoso: o cadáver de minha mãe, já rijo, colocado na posição sentada e envolto numa capa, sendo levado para o outro mundo pelo rio da morte.

Tendo em vista que os dois barcos seguem em direções opostas, há um minúsculo instante em que ficamos justamente no mesmo nível, separados cerca de 10 metros, e vejo a figura lateralmente, apenas o vislumbre de perfil de uma capa com capuz curvada, sentada exatamente do mesmo modo que eu, olhando do mesmo modo que eu, usando uma capa como a minha, a única diferença é que ela não virou a cabeça.

Mas, quando os dois barcos passam um pelo outro, a figura *se vira*, chocando-me tão desagradavelmente quanto se eu visse um cadáver se mexer. A figura encara-me como se tivesse sentido meu olhar, e, ao fazer isso, o capuz cai até a metade de sua cabeça. Sob a luz oscilante da lanterna, vejo um jovem, o cabelo cor de palha, os olhos tão fundos que são apenas duas formas ossudas circundadas de sombra preta.

Quero gritar. No fundo daquelas sombras, sinto mais do que vejo um olhar resplandecente voltado diretamente para mim — sinto que

esse garoto, essa *coisa* sabe quem eu sou e por que estou ali, e não está surpreso: parece à minha espera.

Estendo a mão e me firmo na beira do barco. É aquele garoto que vi antes. O garoto na cozinha. O rosto do anjo no teto. E talvez... É como se houvesse em minha mente uma sala fechada, uma porta que não abro. Atrás dela, escondi a imagem do garoto do qual tenho pavor de lembrar: a princípio, tão endurecido e imóvel como carne fria, depois curvado e choramingando. As aparições que vi na Torre, anos atrás. Sempre o vi apenas pelas costas, mas seu cabelo não era dessa cor...? Ele também não tinha essa aparência?

Mãe de Deus, o que é isso? Um fantasma? Um espírito desassossegado que tem algum assunto comigo? Ou algum íncubo, algum demônio que não se encontra de modo algum neste mundo, mas aqui, em minha mente, projetando visões no mundo que vejo, num entalhe no teto de um salão, num anônimo ajudante de cozinha, num estranho num barco...

Em minha mente agitada, apenas um pensamento sobre esse garoto ergue-se claramente para a superfície, suficientemente horrendo e inexplicável:

Eu o conheço.

Ou melhor, algo em mim o conhece. Algum instinto, algo inatingível e sombrio que se mexe muito abaixo da superfície de meus pensamentos.

O barco sinistro, movimentando-se mais depressa que o nosso com a ajuda da maré, foi engolido pela noite. Estamos quase na Torre. Os barqueiros manobram atravessando o rio, atravessando a lenta corrente, e as ameias denteadas da antiga fortaleza assomam às minhas costas. Em minha mente, vejo bocas, as bocas de feras:

pórticos com fileiras de pregos como dentes. Meus próprios dentes doem com o frio, e percebo que minha boca está entreaberta. Ofego, meu coração martela, o suor formiga sob os braços.

E, agora, uma súbita sensação desenfreada me inunda, como se estivesse preso ou prestes a isso. De repente, a Torre parece uma coisa viva: monstruosa, maligna. Perdi, bem no fundo dela, toda a intenção de alcançar minha mãe. Sinto-me só e vulnerável, como se fosse uma presa prestes a ser engolida.

Estamos passando pela entrada que dá para o Portão dos Traidores, chegando à escada do desembarcadouro perto da Byward Tower.

— Volte.

— O quê? — Compton me encara de seu lugar na popa.

— Eu mandei voltar!

— Mas, senhor, já chegamos. Olhe...

Estou surpreso por eles não conseguirem sentir aquilo, se não por si mesmos, então emanando de mim: aquele temor animal.

Minha mãe estará perguntando por mim, em algum lugar daquelas profundezas? Ela pode estar perguntando por mim neste exato momento.

Seguro a cabeça.

— Pague-lhes o dobro, o triplo, não me importa... mas *me levem para longe daqui*.

O barqueiro mais velho murmura uma praga. Compton lhe diz rispidamente que não receberá absolutamente nada se reclamar. Mas o sujeito já está virando o esquife, um remo agindo na água, o outro levantado.

Então os homens começam a remar com determinação, e conseguimos uma boa velocidade, navegando com a maré.

Olho para mais além deles, procurando o barco que passou por nós. Conseguiremos alcançá-lo? Estou aterrorizado, mas igualmente ansioso: quero saber se o que vi era verdadeiro. Entretanto, por mais que force a vista, tudo o que consigo distinguir é a grossa e pesada escuridão, pontilhada, aqui e ali, por tochas flamejantes que marcam cais e escadas de desembarcadouros, ou molhes de imponentes casas particulares.

Guiados por uma mortiça lanterna, somos pequeninas manchas deslizando sobre as profundezas deste grande rio. Penso nas centenas de afogados que deve haver abaixo de nós, balançando na posição vertical como juncos. E, acima de nós, na infinita escuridão, quantos outros mortos, apressando-se como almas pelo ar, roçando seus dedos vaporosos pelos nossos rostos junto ao vento? Até mesmo os barqueiros parecem sinistros, até mesmo Compton, no meu medo, parece desconhecido e irreconhecível — um grotesco estranho na noite.

. . . XV . . .

Manhã: uma cinzenta, opressiva manhã de fevereiro. O mundo é maciço, inerte e inteligível. Estou no local dos torneios de lanças.

Ontem à noite, conseguimos voltar ao palácio graças às imaginativas histórias de Compton. Ele informou aos guardas que eu — seu ajudante, enrolado em minha capa, apoiado nele — havia me sentido mal e tivemos de voltar antes de chegarmos ao Grande Guarda-Roupa. Na segurança de meus aposentos, dormi apenas espasmodicamente pelo resto da noite. Esta manhã, tendo acordado me sentindo extenuado e doente, escolhi a tarefa física mais difícil que consigo imaginar. Espero que isso afogue meus pensamentos.

Há muito a aprender batendo numa parede de pedra. Investir com toda a força uma lança contra um objeto maciço, imóvel, a toda velocidade, é o treinamento mais difícil que existe.

O canto da parede é a parte em que miro. A força do impacto percorre a lança (quebre ela ou não) e desfere um forte golpe no braço e ombro direitos. Nesse meio-tempo, você precisa permanecer na sela enquanto o cavalo faz um arco, por causa do impacto, e manter o toque leve nas rédeas com a mão esquerda.

É necessária uma força considerável nas coxas, para manter-se sobre o cavalo, e no torso e ombro e braço, para controlar a lança e absorver o impacto.

Em competição, tudo isso é feito, é claro, enquanto estamos vestidos com 40 quilos de armadura. Ah, e contra um adversário vivo e que se mexe, em vez de uma parede, com o risco de, ao mesmo tempo, a lança de alguém mais bater com força em sua cabeça.

Estive praticando a manhã toda, usando um canto da parede que cerca o campo de justas. Treino solitário, meticuloso, cria confiança entre cavalo e cavaleiro, e tenho treinado assim há vários meses, aprendendo com cada um a melhor maneira de manter o ritmo e a manter o traseiro preso à sela, não importa o que o animal faça.

É um dia duro. Mesmo no interior das luvas, minhas mãos parecem em carne viva.

Salto do cavalo e sento-me no chão de areia, puxando um dos estribos e as rédeas. Estou ensinando o cavalo a não me arrastar se eu cair.

Uma forma bloqueia a escassa luz do sol.

— Senhor?

É Compton. Continuo o que estou fazendo. Ele espera.

— Senhor?

E espera.

— Pode parar, senhor, por um segundo? — pede, finalmente, exasperado.

— Não. — Levanto-me e passo por ele.

Minha mão paira diante das lanças dispostas num suporte. Não consigo me decidir. Então escolho uma.

Compton diz:

— O bispo Fox está esperando para lhe falar. — Ele se posta ao meu lado. — Há algumas notícias.

Encaro-o pela primeira vez. Parece aflito, agitado. O vento sopra a pele da gola de sua roupa, mostrando as pálidas raízes dos pelos.

De algum modo, sei qual é a notícia que está sendo transmitida: minha mãe morreu. Pergunto:

— Quando aconteceu?

Compton me lança um olhar penetrante. Então responde:

— À noite. Sinto muito mesmo, Hal.

Acima de nós, as bandeiras estalam e batem com o vento. Em algum lugar, um pássaro levanta voo, guinchando. Vasculho a mente atrás de algo para dizer, mas tudo o que encontro é um grande vazio, como uma vastidão de mar cinzento.

Mais além de Compton, uma figura alta está parada à espera: Richard Fox, o bispo de Winchester. Daqui, consigo ver seu rosto comprido e bem marcado, o capuz preto puxado até as orelhas. É um dos homens mais chegados a meu pai: um da turma que compartilhou seu exílio na França durante as guerras antigas. Bem recompensado pela lealdade, Fox é agora um clérigo do alto escalão.

— Mande-o embora.

— Não posso, senhor — alega Compton. — O rei ordenou que ele viesse.

Então me aproximo e suporto a informação com perfeita calma. Minha mãe morreu e o bebê também.

Pergunto:

— Onde está meu pai?

— Sua Majestade, o rei, recolheu-se aos seus aposentos — responde Fox. — Não pode receber ninguém. Está profundamente pesaroso.

Agradeço a Fox, desejo-lhe um bom dia e viro-me para o cavalariço mais próximo:

— Equipe a égua preta.

No fim do dia, eu havia treinado com cinco cavalos diferentes. É um trabalho lento, árduo. Mas estou melhorando.

. . . XVI . . .

Fevereiro se arrasta, como fevereiros costumam fazer, e o tempo piora. Mais úmido, decididamente menos invernal e, por isso, mais lúgubre. Retorno a Eltham e continuo meus estudos. Não vejo meu pai. Durante o dia, tento preencher cada momento em que estou acordado com trabalho, esporte, jogatina e apostas divertidamente altas — qualquer coisa. À noite, meus sonhos flutuam em rios negros em minha direção, repletos de visões de minha mãe, o rosto pálido e inatingível.

Então surge uma ideia, que se fixa como um carrapato em minha mente, resistindo à remoção, ficando cada vez mais e mais gorda até eu ser forçado a fazer algo a respeito.

Convenço meu tutor a organizar uma visita a Westminster, argumentando que ajudaria em meus estudos eu ter acesso à impressionante biblioteca que meu pai mantém ali. O verdadeiro motivo da visita, entretanto, encontra-se em outro lugar. A apenas uma curta viagem de catraia rio abaixo a partir do palácio, encontra-se uma série de desembarcadouros que dão para o que é — no caso de uma residência particular — um impressionante portão à margem do rio. Esse portão pertence a Durham House, a residência londrina

dos bispos de Durham: uma casa imponente, atualmente usada como residência temporária pela princesa viúva de Gales. Em outras palavras, pela princesa Catarina.

Instruo Compton a imaginar algum pretexto para me colocar num barco durante um intervalo das lições. Ele assim faz. Nem me preocupo em perguntar que história inventou.

E, então, após gastar três horas suando sobre textos em latim e grego, Compton, eu e uma dupla de guardas estamos no rio. Cisnes nos acompanham, enquanto deslizamos adiante, passando por Lambeth Palace, na margem oposta, e nos aproximando, pela margem mais perto, enquanto o rio começa a fazer uma curva para oeste, do primeiro dos portões de trás de toda uma fileira de casas imponentes cujas frentes dão para a costa e cujos jardins se estendem até o rio.

O terceiro é o de Durham House. Desembarcamos na escada, e Compton fala com o guarda no portão, o qual se afasta habilmente para me deixar passar.

Ouvi dizer que Catarina conservou toda uma equipe doméstica espanhola para servi-la, e estou assustado com a ideia de um aposento cheio de mulheres como sua *duenna*, os críticos olhos negros fixados em mim enquanto tento falar. Portanto, mando Compton se apresentar na casa e perguntar se Catarina pode vir até o jardim para se encontrar comigo. Enquanto isso, mato o tempo num canto sujeito a rajadas de vento entre os pontudos galhos nus de árvores frutíferas. Apoio-me numa parede, empurrando, irritado, o cascalho com o pé.

Já estou ali faz algum tempo. Ocorre-me que, nesse clima, ela talvez prefira dizer que está indisposta.

Mas, finalmente, um portão lateral se abre e Catarina emerge, acompanhada pela *duenna*, e Compton logo atrás. Afasto-me da parede, ela me vê e, pelos atalhos, segue seu caminho em minha direção. Ainda se veste de preto, mas, após tanto tempo com minha mente cheia de figuras pálidas de luto, o que me chama a atenção é o quanto ela parece robusta, bem-disposta, com as saudáveis faces viçosas e a faixa de lustroso cabelo damasco à mostra embaixo do capelo.

Após nos desejarmos bom-dia, Catarina diz:

— Minha dor pela notícia da morte da rainha não poderia ter sido mais profunda. Era uma dama de muita sabedoria e generosidade. E sempre foi gentil comigo. — Seus olhos brilham de compaixão.

Consigo resmungar um agradecimento, baixando a cabeça (compaixão neste momento é intolerável), e tento conduzi-la para longe da *duenna*.

Catarina entende a intenção de meus olhares. Revela:

— Pode falar livremente. *Doña* Elvira não entende francês.

— Está bem, então. — Não consigo fazer a coisa de modo elegante, sinto-me por demais andrajoso para ser capaz disso. Sei como vou parecer a ela: inquieto, confrontador, exigente. Digo: — Não volte para Espanha. Fique aqui e case-se comigo.

Ela arregala os olhos.

— Mas você é...

— O quê? Sou o quê?

— Por onde começo? Muito jovem.

— Para me casar? Ou jovem demais para você? — Não espero uma resposta. — Podemos contratar o casamento agora... o impedimento acabará quando eu fizer 14 anos. E você é apenas seis

anos mais velha que eu... isso não é muito... Ela disse que deveríamos.

— Quem disse?

— Minha mãe. Ora, e não se preocupe com o fato de sermos parentes. O papa nos dará uma dispensa, acredito.

Há um silêncio, no qual estou vagamente ciente de Compton, a alguma distância, tentando entabular uma conversa com a *duenna*. Catarina não responde. Parece aflita e com pena de mim.

Toca-me levemente no braço.

— Vamos caminhar.

Enquanto seguimos ruidosamente pelo cascalho, as nuvens começam a clarear. Fragmentos de luz solar fazem as flores amarelas nos arbustos de hamamélis e flor de inverno brilharem como ouro. O ar é refrescante, e gritos vindos do rio chegam até nós através de uma leve brisa.

Catarina fala sobre os jardins da Espanha e dos castelos: o palácio mouro em Granada, as fortalezas de Aragão e Castela. Ainda não respondeu se vai se casar comigo. Mas por que não iria querer? Ela me disse que cresceu esperando ser rainha da Inglaterra.

Paramos numa fonte onde a água cascateia por duas filas de feras fantásticas esculpidas até um reservatório quadrado mais abaixo de nossos pés. As feras de cada fila sustentam um grande prato nos ombros, segurando-os com garras que se projetam de asas iguais às de morcegos. Jatos de água esguicham de suas bocas, os canos ocultos entre presas.

Sob a luz do sol, cada rosto de pedra está coberto com um brilhante reflexo de água. Na ponta de cada mandíbula, gotículas

desviadas juntam-se, agarram-se e caem. Observo-as. E, sem ter planejado, descubro-me dizendo:

— Certa vez, ouvi uma profecia. Dizia que eu seria rei.

Ao meu lado, Catarina pergunta:

— Onde ouviu isso? Quando?

— Ah, faz anos. Muito antes de Arthur morrer.

— Isso me dá arrepios.

Encolho os ombros. As coisas simplesmente são assim. Comento:

— Mas não mandei envenenar Arthur ou coisa semelhante... para torná-la realidade... se é o que está pensando.

— Não. Claro que não.

— A profecia disse que eu seria... não apenas como um velho rei qualquer. Deus escolheu-me para a grandeza. Minha glória sobreviverá a eras.

— Ah! — Ela está sorrindo. — Isso é ótimo!

— Sim, vá em frente... dê uma boa gargalhada — replico selvagemente. Viro-me, bato num arbusto e trago um punhado de folhas. — Você pensa que sou inútil, exatamente como pensa meu pai.

— Não, nada disso. Sinto muito, Hal. Não estou rindo. Acredito em você.

— Não importa se acredita ou não. É verdade.

Silêncio. Abro a mão e as folhas espalham-se ao vento.

Catarina fala, baixinho:

— Realmente sinto muito por sua mãe, sabe.

Outro silêncio.

Digo:

— Eu quero... me *entristecer*. — Trinco os dentes, empurrando a palavra para fora como se tivesse um gosto ruim. — Mas não consigo. Porque é por minha culpa que ela está morta.

— Isso é loucura. Não diga isso.

— É, *sim*. Arthur morreu porque Deus me escolheu para ser rei. E a morte de Arthur foi o motivo que levou minha mãe a ter outro filho. Portanto, ela morreu por minha causa.

— Mesmo que isso seja verdade, a *culpa* não é sua. Você não pediu para ser escolhido.

Olho para o chão. Argumento:

— Deus testa Seus escolhidos... Ele descobre se são dignos enviando-lhes provações. Está tudo na Bíblia: Jó, Abraão, José...

— E Cristo.

— Exatamente. — Concordo com a cabeça. — E, agora, eu também. Minha mãe morrer é meu teste. Preciso provar que consigo suportar isso. Preciso apenas... — Ergo a vista para Catarina. — Suponho que o plano seja você partir em breve. Se me disser que concorda, posso falar com o rei. A questão do dote já foi acertada?

— Hal... — Ela parece aflita. — Seu pai andou averiguando sobre a possibilidade de ele mesmo se casar comigo.

— O quê?

— Ele vai escrever para minha mãe.

Uma gaivota circunda o rio, grasnindo. Sinto subitamente que estou no mar, à deriva, inteiramente só.

— Que honra... Parabéns — digo, energicamente. — E você será minha madrasta, em vez de minha esposa. Outro teste.

— Saiba que nem tudo se refere a você.

Ah, mas refere-se. Ela não entende. É um fardo que preciso suportar. Estou suportando tudo. A enormidade disso é aterrorizante. À noite, fico deitado, acordado, preso à cama, girando na escuridão, tonto com tudo aquilo.

Catarina diz:

— Estou... apavorada.

Quase não a escutei. Olho para ela, tentando absorver as palavras. Penso em meu pai sendo conduzido cerimonialmente pelos seus criados ao leito nupcial como foi Arthur — e ela, deitada ali, esperando-o, no lugar que minha mãe deixou vago, tão recentemente que a marca de seu corpo ainda poderia estar quente. Penso no cabelo ruivo de Catarina espalhado no travesseiro, o rosto suave e liso...

— Você vai superar isso — falo, e afasto-me para examinar um relógio de sol.

— Não fique assim.

Viro-me e a encaro.

— *O Senhor é um Deus justo e piedoso, que não permite que ninguém seja testado além de sua força* — digo. — A primeira carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo dez, versículo 15.

Estou chorando. Posso sentir as lágrimas escorrerem pelo rosto. Pingando, como a água da fonte das feras, do meu queixo.

. . . XVII . . .

Quando a porta se fecha, meu pai está rindo — expansivo, caloroso, o braço em volta de meus ombros.

Os enviados saem depois de nós da Sala de Audiências — uma dupla de venezianos esforçadamente encantadores —, provavelmente pensando que a porta abafa todo o som. Na verdade, a gargalhada cessa no instante em que a porta se fecha. E, também, os braços caem de meus ombros. Meu pai caminha adiante de mim, através do pequeno vestíbulo, e entra em seus aposentos particulares. Sigo-o. Aqui é um mundo diferente: silencioso, secreto, com apenas poucos criados movimentando-se discretamente para se anteciparem às exigências de meu pai.

Finalmente, ele me chamou para viver na Corte. Agora, estou sempre ao seu lado, aprendendo a ser rei com seu exemplo. Estou esperando que ele anuncie que vai se casar com Catarina. Só consigo apenas pensar que a demora é por causa das convenções sociais: os arranjos precisam ser adequados — ela não voltou para a Espanha, afinal.

— Tragam-me algo para comer. — Ele tira e arremessa o chapéu e, ao se sentar, coça vigorosamente o couro cabeludo, o oleoso cabelo

grisalho balançando-se sobre as faces. Agora não há sorrisos. Vira-se para trás e me varre com um olhar mortal. — Precisa dedicar mais tempo hoje à contabilidade.

A comida chega. Seus homens sabem do que ele gosta: coxa de ave, uma poça de molho para mergulhá-la. Ele senta-se num banco para comer, os cotovelos sobre os joelhos, o prato na mão, como um soldado num acampamento. É um milagre que ainda consiga mastigar: os dentes são poucos, atualmente, e enegrecidos. Observando-o comer, penso em Catarina.

Estou determinado a dizer alguma coisa, apesar de meu coração estar martelando. Agarro o encosto de uma cadeira, pressionando com tanta força as tachas de metal que meus dedos ficam brancos.

— Ela é sua filha — afirmo. — Aos olhos de Deus.

— O quê? O que o menino está falando? — Meu pai não olha para mim, é um comentário para o aposento. Ele cospe um pedaço de cartilagem, ergue os olhos para o bispo Fox, que entra no quarto atrás de mim, seguido pelo assistente. — Explique a ele, sim, Fox? — Meu pai estoca uma coxa de galinha em minha direção. — Não tenho paciência.

Fox me leva para junto da janela.

— Sinto muito, senhor — diz delicadamente. — O que o preocupa?

— Não interessa.

— A garota espanhola. — Vem a voz de meu pai, do outro lado do aposento. — É com a maldita garota espanhola que ele está preocupado. Conte.

A testa de Fox, normalmente enrugada, enruga-se ainda mais. Ele explica:

— Seu pai, senhor, em sua grande sabedoria, percebeu a vantagem de manter a aliança com a Espanha. Foi, portanto, acordado com as majestades católicas, o rei e a rainha da Espanha, que você se casará com a princesa Catarina. Estamos providenciando o noivado formal, que terá lugar no palácio londrino do bispo de Salisbury. Fica na Fleet Street, entre a igreja de St. Bride e os frades carmelitas... Conhece? Tem ameias. Não importa. Será, é claro, notificado da data quando for marcada... Provavelmente um ou dois dias após a assinatura do tratado formal de casamento...

— Eu? — Sinto-me sem fôlego, tonto. Fecho os olhos bem apertados. Como é possível tudo ter mudado tão de repente para se ajustar aos meus propósitos?

Abro os olhos novamente para encontrar Fox observando, preocupado, meu rosto. Digo:

— Mas pensei que o próprio rei fosse... — Inclino a cabeça na direção de meu pai.

O bispo parece pouco à vontade, esfrega seu longo nariz.

— Oh. Ah. Sim. A mãe dela não concordou... Respondeu que a simples menção disso ofendia seus ouvidos. Seu pai vai procurar uma nova esposa em outra parte. Claro, há a questão de, entre vocês dois — abana as mãos — também ser...

— Incestuoso? — sugiro. Lembro-me de ter aventado isso com minha mãe. — Ao se casar com meu irmão, ela se tornou minha irmã, e tenho permissão de me casar com minha irmã?

Fox assente, agitando o dedo no ar.

— Sim. Mas temos de requerer uma dispensa ao papa.

O assistente de Fox, um homem grande chamado Wolsey, adianta-se calmamente.

— Nossos contatos em Roma indicam que não haverá problema, milorde — informa.

Pestanejo.

Ações facilitarão seu caminho...

Uma imagem vem à minha mente: capim num prado abrindo-se diante de mim, antecipando o caminho que meus pés vão trilhar.

Qual é a sensação de ser o escolhido? Pergunto a mim mesmo, como se alguém quisesse saber. Meu Deus, se eu não fosse o escolhido, eu gostaria de saber! A sensação é de uma luz solar ardente — *interna*. A sensação é a de galopar por terreno plano. Seguro, certo. Sabendo que nada é capaz de me fazer tropeçar.

. . . XVIII . . .

— Eu exijo e ordeno a ambos, sob pena de expiarem no terrível dia do julgamento, quando os segredos de todos os corações serão revelados, que, se algum de vós souber de qualquer impedimento para que não possais estar legalmente casados, que confesse agora. Pois ficai bem assegurados de que, por mais que sejam numerosos os que estão unidos diferentemente do que o Mundo de Deus permite, não estão unidos por Deus; nem seu casamento é legítimo.

A capela se acomoda num cômodo silêncio, quebrado apenas por um bufo silenciado quando uma das testemunhas sufoca um espirro. Nada há a dizer. Wolsey estava certo, não houve problema: o papa concedeu uma dispensa. Não a tempo do contrato de casamento, que foi realizado assim mesmo, mas com bastante tempo para isto, nosso casamento.

Lançando agora um furtivo olhar lateral para Catarina, capto o contorno de seu perfil, bem definido contra o congestionado fundo de entalhes e enfeites. Eu mal a vi nos meses recentes: hoje ela parece mais magra e pálida do que me lembro, e ouvi rumores de que nem meu pai e nem o dela forneceram dinheiro suficiente para a montagem de seu lar. Eu gostaria de remediar isso, mas não posso.

Tenho 13 anos, sou jovem demais, segundo meu pai, para já ser um marido de qualquer espécie a não ser no nome. Portanto, após a cerimônia, seguiremos nossos caminhos separados — para viver, por enquanto, como vivíamos antes: Catarina em Durham House, e eu ao lado de meu pai, onde quer que ele esteja.

Viro-me novamente para frente. No chão, em volta da bainha do manto do arcebispo de Canterbury, padrões de sombras de folhas e brilhante luz solar movimentam-se sobre os ladrilhos coloridos. Contra minha perna consigo sentir o tecido duro dourado da saia rodada de Catarina. Minha mão está segurando a dela, seus dedos parecem macios e secos, o rufo de seu punho de manga pousado sobre meu polegar. Fico imaginando se está pensando no dia daquele outro casamento, quando se casou com meu irmão. Deve estar.

Um anel aparece sobre uma almofada de veludo. Apanho-o e olho para a mão de Catarina. As unhas são muito curtas: ela as roeu até o sabugo.

Passo o anel pelo seu polegar, dizendo, “Em nome do Pai”, depois pelo indicador, “E do filho”, então pelo dedo médio, “E do Espírito Santo” — nisso, seus olhos azuis movem-se repentinamente para cima, para mim, e ela dá um sorriso; um pequeno e secreto sorriso. E, finalmente, o anel chega ao seu destino, deslizando sobre o nó do dedo anelar, “Amém”.

. . . XIX . . .

— E as noites?

— Ah, sim, são noites de trabalho — diz Harry Guildford. — Não se preocupe, ficará pronto a tempo. Mas a conta das velas será enorme.

Estamos no maior dos meus aposentos particulares em Richmond, planejando o torneio que marcará meu aniversário de 14 anos: minha maioridade. Guildford, que desenvolveu uma paixão pela mecânica dessas exibições, está me atualizando com os progressos feitos tanto pelo seu pai quanto pelo irmão, que dirige a Armaria Real, e pelo Cerimonial das Festas, que está encarregado de fazer os trajes e os carros do desfile.

Peço:

— Mostre-me o veículo que conterá os animais.

Meus pés estavam apoiados em um banco próximo. Coloco-os para baixo e me inclino adiante enquanto Guildford entrega-me o desenho. É um projeto enorme, meticuloso e detalhado, completo com medidas e letreiros indicando os materiais de construção.

A gerigonça para os animais é um carro de desfile, montado sobre rodas em cima de um eixo, para ser puxado por dois cavalos

vestidos como leões, usando tecido felpudo e adereço de cabeça. O lado de fora do carro, de acordo com o projeto, será feito para parecer uma montanha, encimada com árvores e arbustos e pedras escarpadas.

— Teremos uma garota sentada aqui, uma de verdade — aponta Guildford para uma pedra —, mas estes cervos serão artificiais. Papel machê sobre armação de arame, pintados e vestidos com tecido.

— E os animais vivos aqui? — Aponto para o meio da montanha.

— Sim, dois compartimentos internos, um para o veado macho e o outro... aqui... para os dois galgos.

Charles Brandon bisbilhota sobre meu ombro.

— Os cães vão enlouquecer... vão farejar o veado no compartimento seguinte.

— Melhor ainda — afirma Guildford. — Quando abrirmos a armadilha, eles sairão rugindo.

— Mas cuide para que a divisória interna seja resistente — sugere a voz abafada de Francis Bryan, que está deitado numa camilha do outro lado do aposento, com o chapéu sobre o rosto. — Caso contrário, quando abrirem a porta, encontrarão dois cachorros fazendo uma refeição antecipada.

Devolvo o projeto para Guildford.

— Depois que eles o caçarem pelo salão e fizerem o abate, quero que cortem a cabeça do veado e a presenteiem a meu pai. — Acho que ele gostará disso.

Guildford faz uma anotação na sua caderneta enquanto sigo até a mesa e puxo uma pilha de papéis em minha direção. São esboços das armaduras. Folheio-os. Depois, novamente, com mais cuidado. De

xadrez verde e branco, listrada de vermelho com dourado, toda verde, toda vermelha...

— Cadê a minha? A preta... toda preta... Onde está?

Guildford, ainda escrevendo, fala:

— Mas, senhor, não tem permissão de participar.

Viro-me para ele.

— *O quê?*

— Ordens expressas do rei. Pensei que — ele ergue a vista e engole em seco — soubesse.

Silêncio. Todos estão olhando para mim. Até mesmo Bryan emerge de baixo do chapéu. Atiro os papéis no chão e saio a passos largos.

. . . XX . . .

O rosto de meu pai é como pedra.

Estou me controlando, minhas mãos abrindo-se e fechando-se ao largo do corpo. Digo:

— Por favor, senhor. Executei fielmente cada tarefa que me passou: horas com os livros contábeis, reuniões intermináveis, lições intermináveis. Essa é uma coisa que eu *quero* fazer. E tenho habilidade para tal, tenho me dedicado arduamente...

— Não.

Faço uma pausa. Tento outro rumo.

— Sentar-me nas laterais será uma humilhação. Todos os garotos com quem treino tomarão parte. E o que é participar de uma justa senão uma preparação para a guerra? Um dia, serei o rei. Um dia, terei de liderá-los numa batalha...

— Reze para não precisar fazer isso.

— Deus pode me chamar para liderá-los numa batalha — afirmo, resoluto —, como a que o senhor combateu em sua juventude... e combateu muitas vezes desde então.

Meu pai suspira, impaciente, e pousa sua pena.

— Mas eu não tive escolha. Quando era jovem, estava em fuga, lutando pela vida. Desde então, tenho lutado por minha coroa e pela paz em meu reino. Isso, para você, é um *jogo*.

Estamos numa pequena sala com a janela abrigada da luz por um reposteiro vermelho, fornecendo ao espaço um brilho infernal. Está quente, mas, apesar disso, meu pai, sentado à escrivaninha, tem um manto revestido de pele bem apertado em volta do corpo. Atrás dele, no chão, há uma fila de baús, amarrados com correias e trancados. Diante dele, sobre a mesa, encontram-se pencas de chaves, ao lado de feixes de papéis bem-arrumados, livros contábeis em pilhas meticulosamente regulares e pequenas caixas com gavetas contendo pedras de amolar e canivetes, penas e pequenos potes prateados de tinta meticulosamente ordenados.

Estou parado, rijamente, diante da escrivaninha, como um soldado reportando-se ao oficial comandante. Retruco:

— Não é apenas um jogo, senhor. Minha ambição, quando for rei, é reivindicar a coroa francesa. As conquistas de Henrique V...

— Deram em nada! — interrompe meu pai, golpeando a escrivaninha com a mão. — Pior que nada... um desastre! As ambições militares de Henrique V o mataram... quando seu filho e herdeiro ainda era um bebê. O resultado? A França foi perdida. A Inglaterra entrou em guerra civil. — Inclina-se para frente, olhando-me atentamente. — Garanta a sucessão ou, não importam suas façanhas, seu legado será uma *catástrofe*. É por causa disso, consequentemente, que não quero que você seja espetado no campo de esportes. Entende? — Inclina a cabeça e fala lentamente, como se explicasse a um idiota: — Eu... estou... garantindo... a... sucessão.

Silêncio. Uma brisa agita a cortina vermelha. Como tentativa, alego:

— Tenho certeza de que não será um desastre para mim, senhor. Estou convencido... — hesito. Reluto em compartilhar esse segredo com meu pai.

— Convencido de quê? — vocifera, alerta e imóvel como um pássaro, os olhos de conta fixos em mim.

Inspiro fundo.

— De que estou destinado a restaurar a glória da Inglaterra, senhor. E acredito que isso signifique recuperar a coroa francesa. Preciso treinar para a batalha...

Uma ruidosa gargalhada ecoa pelo aposento.

— Meu Deus! — exclama meu pai. — Você não muda, não é mesmo? Meu filho, o parvo irrefletido com terrível senso de privilégio. Pomposo, também. Você sempre se imaginou um herói, mas não faz ideia do que isso significa.

— E o senhor *sabe*? — retruquei. — Seu heroísmo é história antiga. Olhe para o senhor agora! Permanentemente curvado sobre a escrivaninha como um escriturário! Obcecado apenas com dinheiro!

Silêncio. Estou ofegando, tremendo. Meu pai olha-me friamente.

Ele diz:

— Eu poderia mandar açoitá-lo pelo que acabou de dizer. Eu gostaria... você merece. Mas... vou tratar essa pequena explosão de raiva como uma oportunidade para que *aprenda*. — Recosta-se na cadeira e abre os braços. — Por que esse desprezo pelo trabalho administrativo? Não é suficientemente *varonil* para você? Acha que, se ficar cavalgando por aí no seu cavalo, brandindo a espada, o país vai, de algum modo mágico, se dirigir sozinho? E que o dinheiro

para pagar seus exércitos conquistadores pode ser arrancado de árvores como fruta? E os impostos, o comércio, a justiça? E a administração de bens, a segurança de nossas fronteiras, contendas entre famílias que têm dinheiro e homens suficientes para iniciar uma guerra própria? Você tem gasto todo esse tempo, como diz, *executando fielmente cada tarefa que lhe passei*. Estava dormindo enquanto fazia isso? Não percebeu que ser um "escriturário" é como exerço o *poder*?

Ele arregala os olhos num arremedo de inocência.

— Se você acha que conhece um modo melhor — finaliza —, por favor, divida-o comigo.

Sinto-me enjoado, mas alguma coisa em mim sabe que não posso voltar atrás. Falo, com a voz trêmula:

— Acredito que a Inglaterra precise de um líder corajoso. Alguém para deslumbrar as pessoas... alguém para quem olhem com respeito. Suas tarefas me ensinaram muita coisa, mas um pouco do que vi eu... não consigo imaginar que seja para melhor. — Não ouso olhar para meu pai: estou tremendo e, ao prosseguir, tenho de focar a vista na parede acima de sua cabeça. — As famílias nobres da Inglaterra devem sentir seu orgulho e sua honra, senhor. Precisam exercer seu direito legítimo como leais servidoras, e não estar constantemente sob o peso de dívidas, oprimidas por multas forjadas que nada fizeram para merecer. Quando... quando eu for rei, defenderei a verdadeira justiça. Recompensarei a coragem e o valor. Perseguirei a virtude, a glória e a imortalidade. — Paro, sentindo-me esgotado, e espero a explosão.

A explosão não vem. Quando meu pai fala é com escárnio, mas a voz é tranquila.

— Soa muito bem, não é mesmo? — Lentamente, fica de pé e coxeia em volta da escrivaninha em minha direção. Ele pergunta: — Você acha honestamente que seus súditos mais poderosos o servirão por *amor*? Pense nos últimos quatro reis antes de mim. Três deles morreram violentamente, e o quarto passou anos lutando pela coroa. — Sua mão fina estende-se e aperta meu braço. — Henrique. Como rei, você estará cercado por pessoas escravizadas à própria ambição e à própria ganância. Não confie em nenhuma delas. Cada dia é uma prova de força. Não do seu estúpido braço direito, idiota, mas de sua força aqui. — Espeta minha testa. — E aqui. — Cutuca meu peito.

Por um momento, olha-me de modo penetrante, depois se vira, afastando-se. Perto da lareira há uma mesinha na qual se encontram um jarro tampado e copos; vai até eles e serve-se de uma bebida.

— Você quer ser admirado? — pergunta. — Eu descobri que é muito melhor ser temido. Como acha que consegui isso? Não posso manter uma faca na garganta de cada duque ou conde ambicioso. Mas preciso que trabalhem lealmente para mim, quando estão a centenas de quilômetros de distância, defendendo nossa fronteira setentrional, mantendo a paz no País de Gales...

Vira a bebida de uma vez e limpa a boca.

— A dívida com a Coroa os mantém numa bela correia curta, como um cachorro. Um passo fora da linha, e — pousando o copo, faz um gesto brusco, como se estivesse dando um puxão numa corrente — a dívida é cobrada e eles ficam arruinados. Sem dinheiro, não conseguem pagar seus guardas, suas tropas e seus castelos. E, desse modo, não conseguem me desafiar. Com medo disso, acho que me servem bem.

Observo meu pai caminhar de volta à escrivaninha. Os dedos passeiam amorosamente por seus papéis. Ele afirma:

— A guerra pelo controle da Inglaterra é combatida tanto *aqui* quanto no campo de batalha. Portanto... sugiro que pare de sonhar demais com justas e, em vez disso, passe mais tempo com os livros contábeis. — Sentando-se novamente na cadeira, apanha a pena. — Vou fazer uma anotação para aumentar o tempo que dedica às questões administrativas.

— E, se eu concordar com isso — sugiro —, vai me deixar participar do torneio? Por favor? Está tudo organizado. Ficará honrado com meu desempenho... verá. Afinal de contas, é minha maioridade.

Meu pai levanta os olhos para o teto, fingindo reflexão.

— Hum... — Então sua habitual expressão de desdém retorna. — Não. E esta é minha decisão final. Pode desfrutar o torneio como espectador. Pode se sentar ao meu lado.

Exausto e irritado, não sei o que fazer, exceto me curvar e seguir para a porta.

Meu pai diz:

— Ah, mais uma coisa.

Paro... viro-me.

Ele está novamente verificando o livro-caixa. Sua visão tem enfraquecido recentemente, e ele se curva muito sobre o livro, tão baixo que o nariz quase se esfrega na página, junto com a pena. Com apenas um rápido olhar acima para mim, ele prossegue:

— Você vai rejeitar seu casamento com a princesa Catarina. Ele pode ser desfeito direta e perfeitamente se você fizer uma declaração formal antes de atingir a maioridade.

Olho-o fixamente.

— Não.

A pena para. Meu pai ergue a cabeça.

— Como disse?

— Eu não quero.

— O que você quer ou não quer é irrelevante. Casamentos são uma questão de estratégia diplomática. A aliança com a Espanha não é mais tão útil como antes. Contudo... — Ele franze a testa distraidamente em direção à janela, refletindo. — Creio que, por enquanto, não devemos declarar a rejeição publicamente. Apenas assine o documento, com testemunhas, e então poderemos mantê-lo guardado e ver para onde a maré vai correr. — Novamente, molha a pena e curva-se sobre o livro.

Penso em Catarina. Penso em minha mãe, perguntando: *Você gosta dela?* Penso na pessoa que quero ser. A pessoa que sinto que Deus me escolheu para ser: preciosa, honrada, nobre, devota. Comento:

— Isso seria desonroso.

— *Desonroso?* — Meu pai golpeia a escrivaninha com a mão. — Essa é a diferença entre você e Arthur: você não tem compreensão da realidade... Ah, viver num mundo simples! Um mundo de ideais de contos de fadas! — Espeta a pena para mim. — Você está *sonhando*. Abra os olhos. Governantes estrangeiros mudam repentinamente e recuam a cada dia de suas vidas... Prometem ser seu amigo eterno e, ao mesmo tempo, fazem acordos pelas suas costas com seus inimigos. Não pode se prender a uma visão infantil da honra ou será tomado como um idiota.

— Gosto de Catarina — digo, teimosamente. — Preciso dela.

Meu pai larga a pena, enfia as mãos no cabelo grisalho e rosna em frustração.

— Pelo amor de Cristo, esteve ouvindo *uma única palavra* do que eu disse? Não está revelando nada, garoto, a não ser as profundezas de sua inadequação, da qual, sabe Deus, já me tornei amargamente ciente. Você *precisa* dela? Então esse é um motivo a mais para mandá-la embora. Tem de aprender a não precisar de ninguém. Precisa estar preparado para cortar seu braço direito se for para o bem da Inglaterra.

— Vejo que nada do que faz vai contra *sua* própria disposição, senhor.

— Você imagina que nenhuma decisão que tomo é difícil? — Meu pai me encara, então arrasta a cadeira para trás e se arremessa para fora dela. — Eu tomo decisões difíceis todos os dias.

Consigo não me retrair quando ele se aproxima. Pergunto:

— Multar um duque de que não gosta e retinir as moedas naqueles baús ali?

Ele está me olhando atentamente. Sussurra:

— Eu tive de executar um homem que ela acreditava que poderia ser o irmão dela.

— Ela? — Mas sei a quem ele se refere. Minha mãe. E aquele homem, o Pretendente...

Os olhos de meu pai estão desfocados, como se as lembranças estivessem repassando por sua mente. Ele fala:

— Os espanhóis exigiram. Eles se recusaram a admitir que Catarina deixasse a Espanha, a não ser, disseram, que nenhuma gota de duvidoso sangue real permanecesse na Inglaterra. Esse homem esteve na prisão durante anos... eu cuidava para que a rainha nunca

o visse. Mas ela, o tempo todo, tinha esperanças de que fosse seu irmão... eu sabia disso. Ainda assim, tive de matá-lo. Para fazer uma aliança de que a Inglaterra precisava.

Ele esfrega o rosto.

— Isso também quase *a matou*. Enfraqueceu sua saúde. Talvez, se eu não tivesse feito isso, ela poderia ter tido... — Sua voz diminui. Olha para mim. Então sua expressão enrijece. — Você pensa que não vivo com isso todos os dias? Eu sou forte... — Erguendo o punho com os nós dos dedos brancos, bate no próprio peito. Então me olha de soslaio, selvagem e próximo. — Você seria capaz disso? É suficientemente *heroico*?

Ele está tão perto que consigo ver a textura de sua pele, os pontos individuais da barba por fazer, o matiz acinzentado de sua palidez, os pelos projetando-se das narinas. Os lábios estão secos, salpicados nos cantos de saliva branca, e o hálito é azedo. Tendões no pescoço ressaltam-se como cordas. As mãos nodosas, com cicatrizes, estão manchadas de tinta. Eis a carne santificada de um rei: a perfeição perdida, maculada pelo conflito, decomposta em um pecador frágil e manipulador.

Nunca me senti tão limpo e lustroso. A integridade me preenche até a pele. E a raiva íntegra também: por que tenho me culpado pela morte de minha mãe? Aqui está a criatura lamentável que avaliou a felicidade de minha mãe, pesou-a na balança, calculou o custo no seu imundo ábaco. *Pesado foste na balança, papai*, digo a mim mesmo, *e achado em falta*. A repugnância sobe para minha garganta como bile.

Confiante e poderosa, minha voz não vacila mais.

— É desejo de Deus que Catarina seja minha esposa.

— É mesmo? — Meu pai coxeia de volta à escrivaninha. Seu tom é sarcástico. — Bem... é *meu* desejo que ela não seja. — Apoia-se nas mãos, ao baixar o corpo para se sentar. — Você rejeitará o casamento. Eu ordeno. Ou sua vida se tornará extremamente desagradável. Não me force a imaginar meios para fazer você sofrer. Mas esteja certo... eu os imaginarei se for necessário. — Puxa um papel na sua direção, molha a pena. — Agora, dê o fora.

Bato a porta ao sair, assustando os guardas e os criados postados do lado de fora. Ao atravessar o aposento seguinte, penso: *Eu preciso apenas esperar, papai. Você é um velho*.

. . . XXI . . .

No que diz respeito ao mundo, eu sou bom. Quando estou com meu pai — enquanto ele recebe seus conselheiros ou os embaixadores de cortes estrangeiras —, contenho minha língua. Intento parecer inteligente. Eles movimentam seus olhos para mim, à procura de alguma coisa, qualquer coisa, para interpretar. Mas não digo uma palavra. Meu rosto está moldado por obediência. Não conseguem saber o que penso.

E, na véspera de meu aniversário de 14 anos, diante do bispo Fox e de um punhado de outros conselheiros, num apinhado cômodo do palácio de Richmond, faço uma declaração formal na qual protesto veementemente contra meu casamento com Catarina e me declaro totalmente contrário a ele. Declaro que o casamento não implica uma obrigação, pois foi realizado quando eu era menor de idade. Para chegar a essa decisão, digo, não fui de maneira alguma forçado. Não é verdade, é claro. Porém, enquanto meu pai for rei, não tenho opção. Preciso simplesmente esperar o momento propício.

É apenas com garotos e homens que competem em justas que consigo descontrair. Existe algo limpo e honesto no combate físico. Com eles, sou bem-humorado. Isso surge naturalmente. Nada me

afetou, e sei o que pretendo. Dessa vez, essa espera é como subir uma colina íngreme: quando meu pai morrer e eu estiver no cume, eu a verei — aquela terra dourada se estendendo diante de mim — banhada de sol. Os anos negros sempre são encerrados por um salvador. Eu sou abençoado.

. . . XXII . . .

Três anos depois

— Ela tem terras — observa Brandon, arrastando a mão na fonte pela qual estamos passando. — Meu pai sempre me disse para procurar uma viúva rica.

Harry Guildford limpa os borrifos do casaco.

— Mas você foi prometido em matrimônio à sobrinha dela — comenta.

— Tecnicismo.

— Pensei que a sobrinha estivesse grávida.

— Mais uma insignificante... hum... inconveniente questão técnica. — Com a mão molhada, Brandon alisa o cabelo para trás. — Faço as coisas na ordem errada.

— A mim me parece que você fez as coisas na ordem certa — comenta Compton, e recebe de Brandon uma estocada com o cabo da raquete no estômago. — Ui!

— Desculpe, escorregou — alega Brandon radiante. Ele dá de ombros. — Falando honestamente, não creio que a tia viverá muito. Então, sabem, poderei fazer as coisas direito com a sobrinha.

Ao meu lado, Bryan diz, baixinho:

— Ah, então está tudo bem.

Bato com as costas da mão em sua barriga. Há um grupo se aproximando.

Atravessando o pátio ensolarado, na nossa direção: um estranho buquê de donzelas espanholas — uma alta e magra, uma rechonchuda e corada, a *duenna* com cara azeda e desconfiada — como deveria ser, suponho — e, no centro de todas, a pequena e aprumada figura da própria Catarina, os olhos voltados para baixo, para as pedras do pavimento enquanto caminha.

Ela, portanto, vê primeiro nossos pés: uma esparsa fileira de finos sapatos de couro. A visão a faz parar. Ergue a vista.

Não há vejo faz muito tempo. E, embora já tenham se passado três anos desde que assinei o documento formal, diante de testemunhas, rejeitando nosso casamento, meu pai ainda não a mandou embora. Será que ao menos contou a ela? Provavelmente ele ainda tenta espremer dinheiro do pai de Catarina.

— *Milady* princesa — começo —, você parece — sua aparência é pálida, surrada e em alguns lugares o veludo de sua sobressaia está liso, gasto de tanto ser escovado — bem.

Errado, errado, errado. Ela parece extenuada e malcuidada. E excepcionalmente bela.

Ela sorri.

— Que bom vê-lo, milorde.

Quando penso nisso, fico surpreso por não ter topado com ela mais frequentemente. Ela agora vive na Corte, tendo em vista que é mais barato para meu pai do que deixá-la ter o próprio lar. Talvez Catarina tenha instruções para se mostrar o mínimo possível.

Digo:

— Vamos jogar tênis.

— Estou vendo. — Catarina gesticula com a cabeça para Brandon enquanto ele agita sua raquete, tentando atrair o olhar da *duenna*. — Espero que se divirta.

— Obrigado.

Catarina segue em frente, mas, ao chegar perto de mim, hesita. Rápida e silenciosamente, com o canto da boca e em francês, diz:

— Seu pai agora me mantém sem dinheiro suficiente até para roupas. É... humilhante. Seja qual for sua intenção, pertenço à casa real da Espanha. Pode falar com ele por mim?

— Ele não aceita conselhos.

— Entendo. — Ela baixa os olhos. Está decepcionada. No momento em que percebo que verme eu me sinto, ela e suas damas de companhia já se afastaram.

◆ ◆ ◆

É a gorda e corada que atende a porta. Ela não me convida para entrar, mas, após alguma discussão lá dentro, com a porta encostada, abre-a novamente, e Catarina aparece.

— Você não deveria estar aqui — diz.

— Eu sei. — Estava apoiado no caixilho da porta. Endireito-me. — Eu só queria lhe dizer... Sinto muito, você caminharia comigo? Não se preocupe, há criados no acesso à escada. Seremos acompanhados, sabe, mas não ouvidos.

Catarina hesita, olha para a galeria, então avança em minha direção, fechando suavemente a porta de seu aposento ao sair.

Nós nos afastamos dos criados, caminhando lentamente lado a lado. Reposteiros revestem as paredes com cores escuras e fortes. A galeria é sombria, mesmo numa tarde ensolarada.

— Você queria me dizer...?

— Sim, desculpe. Eu queria dizer que não é apenas com você. O dinheiro. Isto é, meu pai não estar lhe dando o suficiente. Ele é obcecado. É... — É mais difícil de explicar do que eu pensava. Começo novamente. — Ele teme... todo mundo. Teme que tudo que conquistou se desmanche. Sabe, para ele, dinheiro significa controle.

— Ele não precisa me manter pobre para me controlar.

— Não. Mas os grandes proprietários de terras, os nobres poderosos... Eles os obriga a jurar que farão o que quer... e, se não concordam, são multados, tão severamente que ficam arruinados. Isso funciona. E tornou-se um hábito. Agora, meu pai faz, com todo mundo. Mantém-se rico deixando os outros em dívida com ele. Já vi os cofres em seus aposentos particulares... Estão estufados, cheios de moedas.

Chegamos a uma fileira de aberturas arqueadas na parede da galeria, não do lado que se abre para o pátio, mas do lado contrário, o lado interno. Elas dão vista para o cavernoso espaço do grande salão.

Paramos junto aos arcos, e me apoio num dos peitoris. Abaixo de mim, o salão está vazio: um grande, silencioso espaço, com reluzentes raios de sol inclinando-se das janelas altas e, entre eles, um mundo de minúsculas sombras cinzentas.

Em intervalos ao longo das paredes, encontram-se as silhuetas escuras de estátuas: reis e heróis congelados em ação, pisando em

um dragão, erguendo uma espada, de pé, triunfante, acima de um inimigo acorrentado.

Diretamente abaixo de nós, está o grande guerreiro grego Aquiles; do lado oposto — no centro da parede mais distante — há uma figura numa armadura completa, brandindo uma espada que se maneja com as duas mãos. Supostamente, é meu pai.

Gesticulo com a cabeça para a estátua.

— Ele não parece mais *daquele* jeito.

Catarina segue meu olhar.

— Eu não o vejo há meses — fala.

— Está grisalho. E tossindo. Perdeu peso. Está... — hesito. Semana passada, um homem na Cidade teve as orelhas cortadas por insinuar que meu pai estava morrendo.

Catarina pressiona a ponta dos dedos no peitoril revestido de veludo, um por um, habilmente, como se tocasse um acorde num teclado. Noto que suas unhas continuam roídas. Ela sussurra:

— Há mudança a caminho.

— Há.

Viro-me e me recosto na beirada.

Com o canto do olho posso ver que ela me observa por um longo momento. Então desvia o olhar novamente para o salão.

— Não pode culpá-lo por não ter afinidade com você — comenta ela. — Você vai eclipsá-lo. A profecia... não a esqueci.

Viro-me para olhar na mesma direção de Catarina, apoiando os cotovelos no peitoril.

— Pergunto-me todos os dias: o que significa, o que preciso fazer, o que preciso ser, para ser esse rei *perfeito*?

— E o que responde?

— Está vendo aquele ali? — Aponto para uma estátua na diagonal à nossa direita: um homem em cota de malha, com uma coroa sobre o capacete. — É Henrique V. Subiu ao trono aos 20 anos, já marcado pelas batalhas... levou uma flechada de besta em cheio no rosto, aos 16, e ficou desfigurado, mas note que o escultor não incluiu esse detalhe.

— Não consigo enxergar daqui.

— Acredite em mim. Ele não incluiu. — Olho para ela, depois de volta para a estátua. — Ele conquistou a França... Criou um império anglo-francês. É meu herói. Mas... morreu, deixando um filho recém-nascido, a quem nunca viu. O que se seguiu? Guerra civil e caos... e a França nos escapou pelos dedos. O filho cresceu para se tornar rei, mas foi um desastre. No final, foi assassinado.

Aponto para a esquerda, onde há a estátua de um jovem combatendo um leão.

— E ali, olhe: Alexandre, o Grande... criou um dos maiores impérios dos tempos antigos...

— ...mas morreu, deixando apenas um filho ainda por nascer — continua Catarina. — Resultado: guerra civil e caos, e o filho foi assassinado aos 13 anos.

— Exatamente. — Sorrio, impressionado por ela saber tanto. — Pois bem. Eu sei como fazer melhor. Para ser um grande rei, preciso realizar duas coisas. — Levanto a mão para contá-las. — Primeira: construir um império. Isso significa recuperar a França... A coroa é legitimamente nossa. E segunda: ter filhos para continuar meu legado. Filhos fortes, que atinjam a idade adulta antes de eu morrer.

Fazemos contato visual. Catarina me encara diretamente. Não há desdém nem ceticismo em seu rosto. É como se ela acreditasse em

mim.

Por um momento, apenas olhamos um para o outro. Então, indago:

— Eles ao menos tiveram a preocupação em lhe dizer?

— O quê?

— Que meu pai me fez rejeitar nosso casamento?

— Não. Mas... acabei sabendo. — Catarina olha para suas mãos. Então, vira-se para mim, o rosto cheio de determinação. — Não se apiede de mim. Por favor... essa é a única coisa que não consigo suportar. Tudo de que preciso é dinheiro para minha viagem para casa.

. . . XXIII . . .

No inverno seguinte, um bilhete anônimo é preso na porta de uma igreja na Cidade de Londres. Trata-se de uma citação traduzida da Bíblia, da Epístola de São Paulo aos Romanos, capítulo 13:

A noite vai adiantada, e o dia se aproxima.
Despojemo-nos, então, das obras das trevas,
e vistamo-nos com a armadura da luz.

Ao lado, há o desenho de um jovem alto, de compleição forte, montado num cavalo de guerra, com uma coroa na cabeça.

Sou alto e de compleição forte. Tenho 17 anos.

Do meu cubículo no balcão da capela, observo meu pai se ajoelhar com dificuldade, ajudado por dois de seus homens. Ele arremessa fora o chapéu e rasteja ao longo do corredor em direção ao altar, o cabelo grisalho pendendo sobre o rosto. Consigo ouvir, em sua respiração estridente, o esforço que isso lhe custa. As mãos nodosas pressionam o tapete: se um rei precisa se degradar e rastejar para receber a comunhão, ele o fará no mais refinado tapete que possui.

Meus lábios encrespam, viro-me de costas. A visão me enoja, mas não é surpresa. Já ouvi dizer que, agora que vê a morte se aproximar, meu pai faz penitência pelos seus pecados. Já ouvi dizer que ele chora e soluça por três quartos de hora consecutivos. Já ouvi dizer que fala repetidamente aos seus criados que se Deus lhe der vida mais longa eles verão um homem mudado. Foi-se o tempo de sua força. Foi-se o tempo de ser capaz de viver com suas decisões difíceis.

A primavera é úmida e esquálida. Pássaros fazem ninhos, e gatos ficam à espera, no capim alto, pelos filhotes de plumas fofas. O mundo segue em frente sem se importar com um velho magro que sonha todas as noites com o fogo do inferno.

É uma manhã de abril quando Compton vem aos meus aposentos em Richmond e conta que, hoje, meu pai não conseguiu se levantar da cama.

Sigo para o dormitório do rei. Está movimentado com médicos e conselheiros, com bacias e panos e conversas sussurradas; mas, quando me veem, estas param, e os homens mais próximos recuam, deixando um caminho livre para eu me aproximar da cama.

Ali, debaixo de um dossel de cetim encarnado, encontro meu pai deitado de costas, os braços pousados em cima das cobertas. O nariz parece maior, mais pronunciado: um gancho de osso e pele velha.

Passa-se um momento antes de ele ficar ciente de minha presença. Então, os olhos viram lentamente em minha direção.

— Henrique. — Ele franze a testa. — É cedo demais. — Silêncio; ele está respirando com fraqueza. — Você não *sabe* o suficiente. Não tente — é um esforço engolir em seco — governar sozinho. Meus conselheiros... mantenha-os por perto. Ouça-os.

Os olhos se fecham lentamente. Fico indeciso, imaginando se os abrirá novamente e dirá mais alguma coisa. Mas não diz; parece estar dormindo.

Horas se passam. Continuo no quarto e descubro-me mantendo uma espécie de vigília enquanto meu pai entra e sai do sono e os médicos cochicham nos cantos, erguendo para a luz frascos com uma urina escassa e de cor turva.

No fim da tarde, ele me avista, embora eu esteja a alguma distância, do outro lado do aposento. Abre a boca para falar, e eu corro para o lado da cama, enquanto, respeitosamente, seus atendentes se afastam. Enfio os dedos embaixo da mão, flácida e pegajosa, que está pousada na roupa de cama. Enquanto observo, sua boca se contrai e se contorce, mas a tentativa de falar resulta apenas em uma respiração, um chiado, uma terrível coluna de ar fedorento do interior de um corpo que parece já meio apodrecido.

Então a mão flácida segura a minha, e, enfim, dolorosa e lentamente, ele consegue dizer:

— Como... eu... serei... lembrado? Sou... amado?

Inclino-me para seu ouvido. Sou um anjo furioso, proferindo o julgamento de Deus. Por um momento, quase chego a pensar que há asas em minhas costas. Falo suavemente:

— Você é odiado por seu povo. Será lembrado apenas como meu pai.

Quando me endireito, seus olhos prendem-se aos meus — ferozes, temerosos —, mas ele não consegue responder. Sorrio para ele. Os conselheiros e os criados à minha volta também sorriem. Pensam que transmiti a meu pai amorosas palavras de consolo.

Mais tarde ainda, estou na janela. Abri as cortinas para olhar a noite. Luzes ocasionais mostram o rio enquanto, aqui e ali, um barco solitário segue em direção da Cidade. Abaixo de mim, o murado Jardim Privado, o jardim particular do rei, é uma combinação de perfeitas formas escuras: cercas vivas, trilhas e decorações esculpidas. Luzes, despejadas das tochas dos guardas postados nas entradas, captam reflexos de olhos e garras de animais dourados, agachados sobre postes e portando escudos pintados. Na ala do prédio do lado oposto, uma luz fraca pisca ao longo das janelas da galeria; alguém caminha por ali. Creio que vislumbro um jovem louro. Ele para em uma das janelas da galeria e olha para fora. Diretamente, ao que parece, para mim.

No mesmo momento, uma voz às minhas costas, chama:

— Vossa alteza...

Viro-me para o aposento. Sobre a mesa ao lado da cama, um fio torcido de fumaça flutua de uma vela queimada. Todos se viraram para me olhar; todos estão de joelhos. Na cama, meu pai encontra-se imóvel, na sombra. A boca está entreaberta e, iluminado por um leve reluzir, posso ver que seus olhos sem visão estão fixados no dossel acima. O rei está morto.

Vida longa ao rei.

PARTE TRÊS:
Levantai as Vossas Cabeças



. . . I . . .

O bordado na almofada deixa marcas em minha testa. Minha respiração, sem ter para onde escapar, sopra ar quente de volta em minhas bochechas. Estou deitado de bruços. Meus braços estão abertos em forma de cruz. O canto do coral ecoa na estrutura de pedra abobadada. E o Espírito Santo está descendo do céu e fazendo penetrar em mim a graça divina. Neste momento.

Acima de mim, o espaço é imenso: uma vastidão vazia, onde vapores de incensos flutuam através de raios de luz colorida. As janelas são brilhantes como frutas cristalizadas; as grandes colunas de pedra da nave, maciças como os troncos de árvores gigantes. A catedral inteira parece-me uma cavernosa clareira dourada.

É 24 de junho, meio do verão. Catarina, minha esposa há duas semanas — dessa vez, minha esposa *de verdade* —, está ajoelhada ao meu lado, reluzente num damasco branco com bordados em fios de ouro. Estamos aqui, na abadia de Westminster, para nossa unção e coroação. Aqui, exatamente no mesmo lugar onde Henrique V foi coroado.

Afinal, a cantoria para. Silêncio. Um arrastar de pés à minha direita. Tosses. Em algum lugar distante, um barulho baixo de

murmúrio. Levanto-me, tonto, e caminho uma curta distância adiante para ficar defronte ao arcebispo de Canterbury, William Warham. Um grupo de bispos se aproxima para abrir minha camisa. Posso sentir o nervosismo emanando deles como vapor. Então recuam, serviço feito, e eu me ajoelho.

Warham apanha o frasco dourado em forma de águia e unge-me com óleo sagrado: nas mãos, no peito, nas costas e na cabeça. O líquido é frio. Sinto um fio escorrer entre minhas escápulas. O abade de Westminster, movimentando-se desajeitadamente em seu hábito apertado, dá pancadinhas no meu corpo para me secar; o pano que usa, agora manchado com partes da graça de Deus, será queimado depois, pois um resto do óleo sagrado perdido no mundo é algo perigoso.

Pode transformar um homem numa criatura divina.

Depois, eu, não mais como um simples jovem de 17 anos, mas uma criatura sagrada, um rei ungido, um deus-na-terra, sento-me em meu trono no tablado construído especialmente diante do altar. Agora me vestiram com camada após camada de mantos, os externos alcançando meus pés, pesados com joias e ouro. Trouxeram-me esporas bentas no altar, e a espada cerimonial com a qual estou encarregado de defender a igreja. Na cabeça, colocaram a antiga coroa de São Eduardo, as joias representando as graças que hoje Deus conferiu a mim e com as quais devo governar: sabedoria, compreensão, bom senso, força, astúcia, piedade e temor.

Agora feito rei, conduzo Catarina de volta pela nave, através de uma aglomeração de súditos suntuosamente vestidos: duques e duquesas, condes e condessas, barões e lordes e simplesmente ricos.

Com meus pesados mantos e a coroa mais pesada ainda, é lenta a caminhada, serena e balouçante, como num sonho.

Perto do fim da nave, podemos ouvir os sinos estrondeando distantes, acima de nós. Então as portas grandes do lado oeste se abrem como o lado de uma montanha e saímos para a luz do sol de verão e uma parede de som.

O ar reverbera com o repicar dos sinos, ecoando estranhamente, de modo que o som parece vir das casas do lado oposto. Gorros chocam-se, girando, contra o ar acima de um mar de rostos que enche o pátio da catedral. As pessoas estão aplaudindo e gritando, entoando meu nome. Ergo a mão para elas, sorrindo: a vibração torna-se ensurdecedora.

Então me viro para minha esposa, aquela linda visão em branco e dourado, o brilhante cabelo castanho-avermelhado pendendo solto, a coroa — com delicadas hastes de flor-de-lis — entupida de safiras, rubis e cachos de pérolas. O vestido é bordado com nossos emblemas: minha rosa Tudor e a romã de Catarina, um símbolo de fertilidade. Ela está sorrindo. Seus dedos estão pousados delicadamente em minha mão direita enluvada estendida; levanto-os até meus lábios. Suas unhas, noto, não estão mais roídas.

◆ ◆ ◆

Minha avó, comparecendo à coroação com um manto quase tão suntuoso quanto os nossos, resmunga que alguma adversidade virá a seguir. E vem: para ela. O banquete de celebração deixa-a com dores de estômago agonizantes, e, cinco dias depois, ela está morta.

. . . II . . .

— O abade de Fécamp, Vossa Majestade — anuncia Compton. — Enviado de Sua Majestade Cristianíssima, o rei Luís da França.

Eu estava examinando a miniatura de uma máquina de sítio entalhada em madeira, um modelo em escala feita a partir de um projeto meu, mantendo-a erguida entre o polegar e o indicador; olho o embaixador através dela: uma figura imponente metida numa sotaina preta, esperando mais além das portas abertas da Sala de Audiências.

Entregando o modelo a Harry Guildford, viro-me e salto os degraus para meu estrado com dossel e recosto-me em minha cadeira orlada de ouro.

Faz sol lá fora. As janelas estão completamente abertas, e partículas de pó rodopiam nos raios dourados. Mais além dos jardins, brados distantes podem ser ouvidos vindos do rio enquanto barqueiros fazem a pregação de seu negócio de ida e volta a Lambeth. À minha volta, meus amigos — com dispendiosas roupas novas — misturam-se com meus conselheiros, alguns dos quais (embora não todos) são homens de meu pai, o bispo Fox e o arcebispo Warham entre eles.

O abade de Fécamp, enviado do rei da França, se aproxima. É um homem gordo e avança num gingado. Para a alguma distância do degrau inferior do tablado, os olhos correndo do dossel para alguma parte na região de meus sapatos. São penosas suas tentativas de dobrar a cintura para uma complicada reverência. É difícil uma esfera saber em que ponto pode se dobrar.

Observo-o, minhas mãos pendendo, pesadas com anéis, sobre os braços aveludados da cadeira. Hoje, escolhi um enorme diamante e três rubis.

Enxugando o rosto com um lenço rendado, o abade passa algum tempo parabenizando-me pela minha ascensão ao trono. É um discurso bastante satisfatório, ao qual, após meu meneio de cabeça, o bispo Fox responde num elegante francês.

— Vossa Majestade — diz então o abade —, eu vim confirmar a paz entre Inglaterra e França, em resposta à carta de Vossa Excelência a meu amo. Ele ficou contentíssimo com seu pedido de renovação do tratado de paz entre nossos países. Esse tratado, eu sei, era muito estimado pelo seu ilustre pai.

Encaro-o, sem piscar. Alarmado, ele faz beicinho. Então, menos seguro, começa a falar novamente.

Eu o interrompo:

— Não, não, não. Espere. Eu pensei... — sacudo a cabeça e agito energicamente o dedo para meu ouvido. — Eu pensei tê-lo ouvido dizer que foi *meu* o pedido de renovar a paz.

— Sim. — O abade pigarreia. — Assim falei, Vossa Majestade.

— Mas não fiz esse pedido. — Olho em volta para meus conselheiros. — Fiz?

— Meu amo, o rei da França, recebeu sua carta, senhor... — afirma o abade.

Ainda estou olhando para meus conselheiros.

— Mas por que, diabos, *eu* devo pedir paz ao rei da França? Ele não ousaria me olhar no rosto, muito menos fazer guerra contra mim!

Segue-se uma pausa constrangida. Fox sobe até onde estou e me diz, baixinho:

— Uma carta foi escrita. Pelo Conselho... em seu nome. — Ele se curva para bem perto e acrescenta, a meia-voz: — A continuação da paz é muito desejável, Vossa Majestade. Enquanto consolida sua posição e, hum, decide a direção que deseja que tome a política.

— Mostre-me.

— Senhor?

— Mostre-me a carta que *meu* Conselho escreveu para a França *em meu nome*.

Fox vira-se para Wolsey, seu assistente.

— Traga uma cópia da carta.

Wolsey retira da volumosa manga um rolo de papel e o entrega a Fox, que o entrega a mim. Leio-o e levanto-me da cadeira.

— Milorde abade — digo ao enviado. — Espero que perdoe meus conselheiros. Houve algum mal-entendido. Vou corrigir isso imediatamente.

Rasgo o papel, várias e várias vezes. Então jogo dois punhados de pedaços pela janela.

. . . III . . .

A gaiola está pendurada no vão da janela, presa por um gancho na parede. Dentro, um rouxinol está no poleiro, observando-me com os olhos de contas. Corro o dedo pelas barras, e ele adeja em volta da gaiola.

— Não sou uma criança! — exclamo, andando para a mesa. — Meus conselheiros pensam que, se me derem bastantes brinquedos e distrações inúteis, não vou notar enquanto dirigem o país.

Apanho uma caixa e abro-a. Dentro, há três bolas de prata. Mexo-as com o dedo, e elas repicam.

Catarina ergue a vista de sua costura.

— Como foram as justas, afinal?

— Ah, Thomas Bolena quebrou três lanças. E Brandon caiu. — Apanho outra caixa, abro-a, e a mostro a ela, com um olhar interrogativo.

— Línguas de serpente incrustadas em ouro e prata — explica ela. — Da parte de minha irmã. Ouça, Hal, você é o rei. Tem o poder de ordenar as coisas do jeito que quiser.

— Tenho? Parece que não consigo fazer porcaria nenhuma sem ter de ser ratificada em triplicata... Enviar documentos para Fox,

para um selo, para Warham, para outro selo. Eles retardam a coisa, se não gostam... e me devolvem uma concordância e me dizem que estou sendo generoso demais com meus amigos... Não teriam ousado fazer isso com meu pai.

Apanho uma peteca, quico-a na parede e pego-a novamente. Várias máscaras, com e sem barba, repousam em um banco. Gorros rejeitados, suas penas retorcidas, estão em uma mesa ao lado delas. Pergunto:

— Que chance eu tenho de fazer com que concordem com uma invasão da França se nem mesmo me deixam dar os presentes que quero? *Você* sabe o que a França significa para mim.

É meu caminho para a glória e a imortalidade: a criação de um império anglo-francês. Governarei de Londres e Paris. Serei o pai de uma grande dinastia de imperadores.

Catarina concorda com a cabeça.

— Império e filhos. Os filhos serão minha parte da tarefa.

— A qual, aparentemente, está desempenhando muito bem. — Eu me aproximo, sorrindo, e ela pousa a costura. Damos as mãos, entrelaçamos dedos, e me curvo para beijá-la.

— Ainda está no início — diz Catarina, com um leve franzido de testa como reprimenda. — Não tenho certeza. Mas, de qualquer modo... diga a Fox e a Warham que você planeja invadir a França.

Endireito-me.

— Já tentei. *Muito arriscado*! *Muito dispendioso!* Mãe de Deus, eles são velhos, é isso que são. Planejam morrer na cama.

— Bem, pelo menos pode estar certo do apoio espanhol. Esqueci-me de dizer... Recebi outra carta de meu pai.

Puxo um banquinho e me sento ao lado de Catarina enquanto ela retira uma carta da bolsa e a desdobra.

— Meu Deus! — exclamo. — Nunca pensei que teria de planejar uma guerra pelas costas de metade de meu Conselho... O que ele diz?

Catarina acompanha com o dedo a caligrafia de seu pai, traduzindo enquanto lê.

— Deixe seus conselheiros renovarem em seu nome o tratado de paz com a França. Por enquanto. Isso lhe dará uma boa cobertura enquanto são feitos os preparativos de uma invasão.

Solto um gemido.

— Parece sujo, humilhante...

Catarina ergue a vista da carta.

— Mas pense: você precisa encomendar artilharia de Flandres. E navios têm de ser construídos. Isso tudo leva tempo. Seu destino se concretizará... mas, às vezes, é preciso paciência. — Ela põe a mão na barriga. — Também estou impaciente.

Sorrio para ela. Nossas cabeças estão juntas, e um de meus braços envolve sua cintura. Com a outra mão, aponto uma linha da escrita.

— O que é esta parte?

— Hum... ele diz que é bom manter segredo e, quando vocês escreverem um ao outro sobre a França, isso deve ser cifrado. Acima de tudo, os franceses não devem desconfiar que os reis da Inglaterra e da Espanha estão planejando uma invasão.

Ela larga a carta sobre o colo e olha para mim.

— Ele agora é de sua família, Hal. Será um bom pai para você, tenho certeza.

Há um ruído na porta. Francis Bryan está parado na soleira ao lado de Thomas Bolena. Estão estranhamente muito próximos.

Catarina já se levanta para ir embora. Estendo a mão.

— Fique.

— Vossa Majestade... — Bryan faz uma careta para mim, sinalizando silenciosamente.

— Não há nada que não possa ser dito diante da rainha.

Qual será o problema agora?

— É que... — Bryan e Bolena se afastam, revelando as solas de um par de sapatos, os quais, ao entrarem no aposento, vejo que estão presos a pernas musculosas, uma roupa caída, um corpanzil na horizontal 1 metro acima do chão e, na cabeça, na extremidade, um sorridente Charles Brandon e um suado e ofegante Harry Guildford.

Levanto-me para investigar.

— Meu Deus! — Solto uma risada e viro-me para Catarina. — É o homem de Fox. — Clamo: — O que diabos lhe fizeram, senhor?

Bolena, fingindo indignação, diz:

— Esse padre, ontem à noite, ganhou vinte libras de Bryan no *primero*...

— Não é nenhum crime. Dê-lhe os parabéns.

Guildford atende, olhando para baixo.

— Parabéns.

— Mas, agora, nós acabamos de pegá-lo na Sala da Vigilância, trapaceando os pajens, arrancando seus centavos — informa Bryan.

— *Trapaceando* não. — Vem uma voz afável de mais além da grande barriga. — Eu diria... iludindo.

— Achamos que deveríamos prendê-lo — diz Brandon. — Trazê-lo à sua presença, sabe, para ser amarrado e pendurado como um

javali. Como castigo.

— Está bem, então, deixem-me falar com esse animal. — Faço um sinal para colocarem o prisioneiro de pé.

O rosto redondo de Thomas Wolsey, o padre que é assistente de Fox, emerge ruborizado, quando o levantam, mas imperturbável. Ajeita o manto.

— Perdoe-me, Majestade, mas eu estava apenas passando um pouco do tempo. Horas passadas na sala externa à espera de uma audiência podem ser... bem, tediosas. — Ele sorri amarelo. — E os pajens me imploraram para lhes mostrar minha prestidigitação.

Ergo as sobrancelhas, pedindo uma demonstração. Wolsey aproxima-se de Brandon, arregaçando a manga, e ergue a mão, aparentemente alcançando a parte de trás da cabeça dele.

— Para eles, parece mágica — explica Wolsey. — São muito ansiosos. — Recolhe a mão, revelando entre os dedos uma reluzente moeda de meia coroa. Ele suspira. — E obtusos.

Por um momento, há silêncio, e um ar de preocupação percorre o rosto de Wolsey. Então solto uma sonora gargalhada.

— Eu gosto desse homem! — Faço-lhe um sinal para se aproximar e sentar-se comigo. — Você toma vinho condimentado?

Wolsey faz que sim e sorri, enfiando a moeda na mão de Brandon e dando nela um tapinha distraído.

— Receio que sim, senhor.

◆ ◆ ◆

— Disseram-me que preciso passar mais tempo na minha escrivaninha — digo.

— Ao contrário. Eu recomendo menos tempo.

Estou praticando mira com dardos. O alvo, circular e margeado de veludo verde bordado a ouro, está montado sobre uma armação a vários metros de distância. Wolsey está observando, bebericando seu vinho. Meus amigos dedicam-se a outros jogos, xadrez e um instrumento amarelo e azul que produz uma melodia se você girar uma manivela.

Bato os dardos nos dedos.

— Você está zombando de mim.

— Senhor... como eu ousaria? Falo sério. Precisa apenas de um agente capacitado para cumprir suas instruções e fazer o serviço administrativo em seu lugar.

— E você está propondo a si mesmo. — Jogo agora, alinhando e disparando os pequenos dardos em rápida sucessão: *thud, thud, thud*. Em seguida, caminho adiante e os arranco do alvo.

Quando volto, Wolsey inclina a cabeça.

— Eu manteria um fluxo constante de informação para Vossa Majestade, e cada decisão seria sua... é claro... Por que desperdiçar seu tempo com detalhes mundanos da execução de seus planos? Sei o quanto sua mente é rápida. Simplesmente me diga o que quer realizar... — Ele esvazia sua taça. — E eu realizarei. Teste-me.

Disparo novamente.

— Mas os selos... o envio e a devolução de cada instrução para Fox, para Warham...

— Não é necessário. Pode fazer as coisas por decreto real. Simplesmente determine que sua ordem terá efeito imediato, por poder real.

Olho para ele.

— Não me disseram que eu poderia fazer isso.

Seu olhar é firme e sério.

— Não, eu sei — responde.

A parte final de uma canção obscena chega até nós vinda do lado oposto do aposento: Bryan introduziu o nome de Wolsey na letra.

— Que descarado! — exclama ele, girando. — E eu, além disso, um homem da Igreja! — Pousa o cálice, inicia uma corrida pelo aposento e um verso de sua autoria, introduzindo os nomes de Bryan, Brandon e Bolena na rima e batendo na cabeça deles com a ponta de sua estola.

Quando ele termina, estou quase sem fôlego de tanto rir e aplaudir. Comento:

— Para um homem enorme já passado do vigor inicial da juventude, você tem uma energia fabulosa.

— Quer dizer para um velho homem enorme, senhor! — Ele solta uma gargalhada, uma maravilhosa gargalhada de tremer a barriga, e caminha de volta para mim. — Não me verá vadiar em seu serviço, senhor. Jamais. — De repente, fica sério, intensamente. — Deixe-me mostrar-lhe o que pode fazer.

Enquanto meus amigos continuam com sua música, agora um pouco mais conveniente, balanço a cabeça para Wolsey ir até a grande janela saliente. Em sua sacada, podemos conversar mais privadamente. Lá fora, o céu é de um azul sem nuvens, e claros raios de sol brilhantes derramam-se para dentro, criando reflexos ofuscantes nas superfícies de um curioso objeto que se encontra ali no meio.

É uma caixa, uns 30 centímetros de metal no comprimento, os lados feitos de vidro, para melhor se enxergar os tesouros internos.

A tampa, também de vidro, é feita de duas metades, como portas, a moldura adornada com pérolas e fios de ouro. É um presente de casamento; esqueci-me de quem.

Negligentemente, mexo na lingueta da tampa e digo:

— Então me aconselhe a este respeito: quero invadir a França. Um grande número de meus conselheiros mais antigos se opõe a mim. — Abro os dois lados da tampa. Dentro, há um dragão de ágata em cima de uma pedra de cristal negro ao lado de uma montanha de cristal branco. Observo a fera e percorro com o dedo suas costas lisas. — Eles me dizem que uma guerra é muito dispendiosa, muito perigosa, pois não tenho herdeiro...

— Isso será remediado em breve, se Deus quiser — diz Wolsey. Ele medita por um momento. — Se for possível evitar um ataque aparentemente injustificado à França...

— Injustificado? Quando o rei francês retém terras que são minhas por direito?

— Sim, concordo, Majestade, mas nem todos os governantes estrangeiros veriam isso dessa maneira. Seria melhor ter um motivo adicional para invadir. Desse modo, quem está interessado em incitar problemas com a Inglaterra não pode usar isso como pretexto para seu próprio ataque. — Wolsey baixa a cabeça para olhar o dragão pelo vidro. — Mas há maneiras... a França, como sabe, está em guerra com a República de Veneza, instigada pelo papa.

Confirmo com a cabeça.

— A República está de joelhos. — Dentro da caixa, a montanha de cristal branco tem o topo plano, no qual foi recortado um quadrado. Provavelmente, é alguma espécie de porta que se abre.

— Posso fazer uma previsão? — pergunta Wolsey. — O rei francês e Sua Santidade, assim que obtiverem vitória, vão brigar pela divisão dos espólios venezianos. Então o papa Júlio voltará sua ira contra a França. Essa será sua oportunidade. Quando ele convocar uma Liga Santa de nações para travar guerra contra a França, você poderá dizer: Ah, estou relutante em ir à guerra... mas, como a Mãe Igreja me chama, tenho o dever de obedecer. — Ele exibe uma expressão exageradamente solene, então os olhos lampejam alegremente. — Pode marchar contra a França sob a bandeira do papa. Será uma *cruzada*.

Estou batendo de leve com a unha na porta do topo da montanha, mas ela não se move.

— Perdoe-me, senhor, mas acredito que isso abre através de uma mola. — Wolsey enfia a mão enorme na caixa e puxa um minúsculo pino da encosta da montanha. A porta do topo, em vez de se abrir, gira, e surge um São Jorge numa armadura de prata, de pé sobre um pequeno outeiro laqueado de verde e brandindo uma espada.

Wolsey sorri para mim.

— Engenhoso, não?

. . . IV . . .

A criança — meu filho — me é trazida uma hora após seu nascimento.

É a parte mais escura da noite: as primeiras horas do novo ano. Estive sentado com Compton, jogando xadrez à luz da lareira, enrolado em minha capa de zibelina.

Levanto-me quando as mulheres entram. Baixam-se numa reverência e o entregam a mim: não sei como segurá-lo. Ele está envolvido firmemente em fraldas; repousa em minha mão como um peixe capturado.

Dois olhos inchados se abrem, e ele me dá um lento olhar sombrio. Pisca, tenta virar a cabeça. Mando que as mulheres o desembrulhem no calor do fogo. Ele fica deitado sobre a manta de pele que lhe estenderam: sem chorar, as mãozinhas bem fechadas, as pernas como as de uma rã. As bochechas são macias ao toque e são do tamanho das de uma boneca.

— Olhe, Compton — observo. — A prova das boas graças de Deus... bem ali, deitado na manta.

— É uma criança excelente, senhor. A esperança de toda a nação.

A sensação é a de estar num cume olhando abaixo para uma radiante planície: meu notável futuro, disposto diante de mim. Mais distante, à direita, um campo de batalha, onde obterei grandes vitórias; à esquerda, uma venerável catedral, onde serei coroado rei da França. E diretamente à frente, um jovem numa armadura: esse menino.

Império e filhos.

. . . V . . .

A fenda estreita é o que me permite enxergar: uma fina fatia horizontal de cor no interior escuro de meu capacete.

Minha cabeça não consegue virar; o capacete está rebitado à minha couraça para poupar o pescoço do impacto de uma pancada.

Transfiro as rédeas para a mão esquerda e estendo a direita, cegamente, para a lança enquanto o cavalo pisoteia e muda de posição abaixo de mim. Fora da vista, dois cavalariços trazem-me a lança, aprumada, e colocam o grande e pesado punho em minha mão. Avalio-lhe o equilíbrio e descanso a ponta sobre minha coxa.

Meu sangue está bombeando no dobro da velocidade. A barreira está à vista. Vislumbro o cavalo e o cavaleiro protegidos com armadura na outra extremidade. Estou no alinhamento apropriado para correr. Meu cavalo agita-se impacientemente. A trombeta sinaliza o início.

Já.

É fevereiro: frio de doer. O campo dos torneios de lanças está lotado. Corações estão na boca para ver se o rei consegue desferir golpes e recebê-los sem danos.

Uso a técnica mais difícil: cavalgar com a lança na vertical, baixando-a no último momento para o alvo.

Ela o atinge. Há um solavanco; pressão insuportável contra o aperto de minha mão; então um súbito afrouxamento e um grande estalido quando a madeira da lança se quebra. Lascas voam, e a multidão grita de prazer. Meu cavalo reduz a velocidade ao chegar ao final do campo de torneios, e faço com que se vire. Largo a lança quebrada; sinalizo por outra.

Corro sem parar, até o cavalo ficar exausto. Sou atingido, repetidamente, mas não derrubado. Quebro sete lanças. As pessoa veem que, com a ajuda de Deus, não corro perigo.

Numa das extremidades do campo está meu pavilhão: azul e dourado e encimado por um veado branco sustentando um estandarte. Enquanto os outros participam de suas provas, Compton me ajuda a tirar a armadura e a vestir um casaco justo de tecido, bordado com fios de ouro.

Reapareço, agora num cavalo cinzento; o pano que cobre seus flancos é veludo azul, decorado com corações de ouro laminados e iniciais: minhas e de Catarina.

Ela está observando da galeria de assistência. Paro o cavalo diretamente a sua frente, desembainho a adaga e, abaixando-me, arranco um coração dourado.

Desmonto, entrego as rédeas a um cavalariço. Então subo pela fachada da galeria, encontrando apoios para os pés nas fileiras entalhadas de portas levadiças e rosas pintadas. Giro a perna para montar no peitoril enquanto Catarina me dá a mão, rindo.

— Há degraus, sabe, lá atrás.

— É mais interessante desta maneira. Eu lhe trouxe um presente. — Entrego-lhe o coração de ouro. E beijo-a, o que leva a multidão a gritar e vibrar novamente.

No momento seguinte, já pulei para o chão de areia e estou de volta sobre meu cavalo. Eu o esporeio para uma estrondeante volta no campo e faço com que salte e empine-se para a multidão, e erga os cascos para tamborilar na barreira de madeira com um ruído igual a uma salva de tiros.

Rio, extasiado. Nenhum outro cavaleiro se aproxima nem mesmo da metade de minha habilidade. Sou o primeiro entre os guerreiros, primeiro entre os homens. Só queria estar na França neste momento, no campo de batalha. Mas isso ainda acontecerá. Posso fazer qualquer coisa. Sou maior que este campo de torneios, maior que esta cidade e todas as criaturas dentro dela. Eu as seguro em minha palma. Sou a Inglaterra.

No pavilhão, posteriormente, estou tonto. Coisas normais parecem estranhas, ridículas. Estou com sede, mas como posso precisar fazer algo tão mundano quanto segurar um copo e beber? Como posso precisar comer, cagar e dormir como homens comuns? Meu coração está batendo tão forte que sinto que pode explodir. Preciso de outro desafio. Estou suando.

— Traga um pouco mais de cerveja.

Compton vai buscá-la. A aba da tenda se fecha atrás dele.

Não consigo me sentar, tenho de caminhar. Virando-me para pousar o copo, meus olhos são atraídos para as sombras mais além da mesa. Há uma pessoa no chão, apertada contra a parede de pano. Está de costas para mim. O cabelo louro se encaracola em cima da gola.

Instantaneamente, fico completamente gelado. É ele. O fantasma, a visão ou seja qual for a coisa diabólica que já vi antes. Faz algum tempo que não aparece para mim — desde a morte de meu pai. Mas agora ele voltou.

Desta vez, parece mais alto, mais velho: não é mais um garoto, e sim um jovem adulto como eu. Ainda assim, em minha mente, não consigo chamá-lo de outra coisa, a não ser de *o garoto*. Enquanto observo, ele vira o rosto para mim, girando a cabeça contra a parede de pano como se fosse de tijolos maciços e ele estivesse apoiado nela. Parece em forma, saudável, e as roupas — um gibão e meias iguais às que um criado de um cavalheiro usaria — são simples, mas limpas. O rosto, contudo, é horrível. Com a boca aberta e babando, ele chora, os olhos profundamente sombreados. Posso ver o brilho de globos oculares úmidos e de grossas lágrimas a escorrer. Ele não faz nenhuma tentativa de esconder a vergonha ou limpar do rosto o muco nasal e a saliva.

A raiva me domina. Atiro-lhe o copo. Embora pareça sólido, passa direto por ele, bate na parede de pano e cai, deixando o tecido balançando.

Ele continua chorando. Jogo o jarro também, embora saiba que é inútil, e a toalha de mesa embolada. Arranco meu manto e o arremesso naquilo. Estou histérico. Penso: *Por que ele veio até mim agora?* Este torneio é a celebração do nascimento de meu filho e herdeiro. Por que ele tem de envenenar meu momento de triunfo? Está com ciúmes? É o fantasma de meu tio assassinado, um daqueles garotos mortos na Torre, torturado por me ver levando a vida que ele deveria ter levado? Está chorando de raiva?

Se está, não tenho compaixão. Quero que vá para o inferno, que é seu lugar. Eu lhe digo isso — ele pode me ouvir? Deus é quem sabe, então arranco a aba da tenda e saio aos tropeções para o frio do campo de torneios.

. . . VI . . .

Ver o garoto deixa-me com a sensação de um temor inexplicável. Poucos dias depois, olhando para trás, aquele temor parece uma premonição. Fui visitado pela calamidade. Meu filho bebê está morto.

Sento-me, olhando pela janela. Não lembro quando me mexi pela última vez. Chove. Observo a chuva.

— Afinal de contas — diz Wolsey, baixinho, de pé em algum lugar atrás de mim —, sua incomparável mãe perdeu três.

Lá fora, galhos negros pingam, e, quando um pássaro levanta voo, um resto de lama cinzenta escorrega e se esparrama no chão. O vento rodopia, soprando com força pingos de chuva contra a vidraça.

— E você é jovem. Haverá...

— Outros. Eu sei.

Mas 52 dias, como vim a descobrir, é o bastante para se apegar a uma criança.

Ele morreu muito tranquilamente, disseram. Sem espalhafato ou aflição. Eu teria gostado de abraçá-lo, mas não admito isso. Consolo Catarina e falo vigorosamente sobre nosso futuro. Em seguida,

venho me sentar e observar a chuva. Sinto-me vazio, como se estivesse carregando meu filho dentro de mim, como se ele preenchesse cada centímetro meu e agora tivesse partido. No espaço que deixou há uma sensação escura, escura como os galhos negros.

Digo a Wolsey:

— Tenho uma tarefa para você.

— Senhor?

— Vai conseguir que meu Conselho permita uma campanha na França.

— Ah. Sim.

— Como você previu, o rei francês e o papa não são mais aliados. Roma nos apoiará.

— Realmente, o papa Júlio ficará encantado. — Wolsey faz uma pausa. — O Conselho nem tanto. Mas posso fazê-lo mudar de ideia.

— O rei espanhol está pronto para invadir pelo sul. Abriremos uma segunda frente no nordeste — explico. — E comandarei pessoalmente nossas tropas.

— Bem, a *isso*, o Conselho certamente se oporá. Sem... — Hesita. — Senhor, sem um herdeiro, eles vão argumentar que o risco para a nação é muito grande.

Os pingos da chuva nas vidraças juntam-se, reluzem, escorrem.

— "Diga-me o que quer realizar", você falou. — Minha voz é tranquila e absolutamente inflexível. — Agora, estou lhe dizendo.

. . . VII . . .

O navio todo vibra quando o canhão dispara; posso sentir na amurada que estou segurando; posso sentir através das solas de minhas botas.

Fumaça de pólvora flutua lateralmente sob o sol da tarde. A estibordo, a cidade fortaleza de Calais surge à vista, deslizando, o contorno de sua catedral aparecendo acima das altas muralhas, orgulhosa contra o horizonte. O canhão a bordo de nosso navio, e os do resto da esquadra, dispara salva estrondeante após salva estrondeante, retrucadas pelos canhões nas muralhas da cidade.

Não estamos bombardeando nada, a não ser nossos ouvidos: trata-se de uma demonstração comemorativa, pela minha chegada, com a esquadra, a esta cidade inglesa na extremidade mais setentrional da França, o último remanescente do que foram nossos vastos territórios neste continente. Há oitenta anos, o filho de Henrique V foi coroado rei da França, mas, desde então, a coroa e as terras foram perdidas na guerra, e apenas Calais e a área circundante permanecem em mãos inglesas. Agora, estou aqui para corrigir essa injustiça: estou aqui para recuperar a França.

Os canhões são tão barulhentos que não posso evitar uma risada.

— Parece o fim do mundo!

Ao meu lado, Wolsey sorri. Ainda está um pouco verde e acabou de emergir de sua cabina.

— A discordância de Compton é tamanha que pode ser ouvida em Dover — comenta ele.

Para o bispo Fox, que está mais à frente, eu observo:

— Esse homem tem a compleição de um touro. Mas faltam-lhe pernas para o mar. — Abraço Wolsey em volta dos ombros. — Lembre-me de não torná-lo um almirante.

Brandon aparece do meu outro lado, para examinar a flotilha de pequenas embarcações, decorada com bandeiras e superlotada de pessoas que acenam ao sair do porto para nos encontrar. Raios de sol inclinados refletem no peitoral e nas manoplas de Brandon e realçam os rubis absurdamente grandes do cabo de sua espada.

— Já teve a sensação do Todo-poderoso sorrindo para você? — pergunta. — Alguém deveria dizer ao rei da Espanha que ele saltou para o lado errado.

— Ele não vai demorar a perceber.

Três meses atrás, perdi o pai de Catarina como aliado: ele me traiu e assinou a paz com a França. E pensar que se dizia um bom pai para mim. Mas não preciso dele: Wolsey foi tão competente em conseguir aliados substitutos quanto em retirar moedas das orelhas de Brandon. Conseguiu, em vez disso, o poderoso imperador Maximiliano como meu parceiro de combate. Maximiliano governa uma porção considerável da média Europa e é um aliado poderoso.

Os pensamentos de Fox também se voltaram para Maximiliano.

— Dizem que o imperador é o homem menos confiável de toda a cristandade. Precisamos ficar de olho nele o tempo todo.

Sorrio para Fox.

— Conto com você para prever todas as dificuldades — replico.

Nada consegue afetar meu bom humor. Passei muitos dias felizes planejando essa campanha em Greenwich: ajoelhado sobre mapas imensos espalhados no chão do meu aposento, imaginando formações e planos de acampamento, projetos de pavilhões e novos tipos de máquinas de sítio.

Agora, finalmente, estamos aqui. Ontem, dizem, houve uma chuva terrível no Canal; hoje, tivemos uma passagem perfeita sob um sol glorioso. Estive o tempo todo no convés, o vento salgado no rosto, bandeiras adejando acima de mim: o estandarte papal ao lado dos leões da Inglaterra.

Estou até mesmo *usando* um milagre, com a graça de Deus: uma armadura com a qual é fácil se locomover. Ela tem mil juntas que se mexem quando eu me mexo, de qualquer maneira. Sobre ela, há, no meu peito, um tabardo de tecido branco bordado com fios de ouro com a cruz vermelha de São Jorge, o matador de dragões.

E o melhor de tudo, na Inglaterra, Catarina tem uma nova criança na barriga. Deus, de fato, sorri. Dessa vez, será um menino que sobreviverá.

. . . VIII . . .

Em minha primeira noite no acampamento, cai um aguaceiro. Quando escurece e as cornetas soam para as sentinelas de quarto tomarem suas posições, equipes de montagens de pavilhões ainda pelejam para estancar goteiras nas tendas dos oficiais.

Um de meus maiores pavilhões — paredes medindo 2 metros de altura e com camadas duplas — está montado e seguro, mas, ainda assim, não consigo relaxar. Mando selar um cavalo e, envolvendo-me numa capa com capuz, parto para uma volta pelo acampamento. Do mesmo modo que Henrique V: na encharcada noite chuvosa da véspera da Batalha de Agincourt, ele passeou pelo acampamento para elevar o moral de suas tropas. Eu trouxe minha *História de Henrique V* — a tradução que eu mesmo fiz — acondicionada em um de meus baús. Pretendo mantê-la à mão.

A chuva apagou as fogueiras, e a escuridão é como tinta, as tendas assomando como cascos de navios e brilhos ocasionais de uma luz interna. Diante de mim, os lanterneiros chapinham na lama e se curvam, subitamente, quando um pé entra num buraco cheio de água. Gotas de chuva pingam na frente do capuz; minhas pernas já

estão encharcadas, e a umidade parece se infiltrar pelo grosso revestimento das luvas.

O acampamento está montado de acordo com um desenho que aperfeiçoei: uma superfície quadrada, com duas "ruas" principais dividindo-a, cada qual com trinta passos de largura, cortando-se no meio, em cruz. É uma pequena cidade, e as tendas maiores têm placas do lado de fora como tabernas, que balançam e rangem ao vento e fornecem locais para escoamento de água. "O Cálice" é o lar dos capelães, "A Manopla" é para o mestre da armaria. "Os Leitos" é onde os cirurgiões passam a noite, e um pavilhão da coleção de Wolsey tem o nome de "A Casa Inflamada", que é um exagero para qualquer lugar num clima como este.

Mais adiante, na direção do limite do acampamento, soldados comuns estão amontoados debaixo da chuva, descansando da melhor forma possível. Alguns estão sentados, cobertos por pequenos pedaços de lona, como velhas enroladas em xales. Outros juntaram galhos e fizeram cabanas rudimentares. Rostos pálidos aparecem quando passo.

— Estou no mesmo estado que vocês, esta noite, camaradas! — grito para eles.

Um momento de hesitação, percepção, então se levantam com dificuldade e ficam atentos.

Paro diante de um homem que acabou de emergir de um abrigo bem construído.

— Seus oficiais deveriam muito bem se aconselhar com você, meu amigo... vejo que é um especialista em se arranjar em qualquer tempo.

— Basta saber como fazer uma cabana, senhor — diz ele. — Lá dentro, eu me aconchego como um porquinho, senhor.

— Um bom homem. E você?

O vizinho dele está torcendo nervosamente nas mãos um gorro de lã, fazendo escorrer uma razoável quantidade de água, sem perceber, para seus pés.

— Um inglês não teme a umidade, senhor — fala.

Continuo cavalgando, meu cavalo pisando cautelosamente na lama. No limite do acampamento, há carroças estacionadas formando um círculo protetor, intercaladas com artilharia. O soldado que guarda a carroça mais próxima ajoelha-se quando me aproximo. Salto do cavalo e chapinho perto dele.

— Levante-se, homem. Você já está molhado demais. O que tem nessas carroças?

— Nessas, Majestade? Arcos e cordas de arcos, feixes de flechas, meias-lanças e lanças inteiras. Ah, e estacas para serem enfiadas no chão diante dos arqueiros.

— E para os cavalos dos franceses se espetarem.

O homem sorri.

— Isso mesmo, senhor.

Sigo para a carroça com canhão mais próxima.

— Isso é chamado de canhão órgão, não?

O homem que o vigia abre a boca, então, sem encontrar palavras, concorda com a cabeça.

É uma peça de artilharia com muitos canos, para disparar metralha através de uma brecha na muralha de uma cidade, ou numa formação de soldados.

— E isso?

— É a bombarda, Vossa Majestade, senhor — diz outro homem. Ele levanta várias camadas de lona para eu ver.

Passo a mão pelo metal liso do canhão. O cano é enorme, e olhar seu interior iluminado por luz de lanterna é como examinar uma caverna.

— Quanto de pólvora usa esse monstro?

— Cerca de 40 quilos, senhor.

— A habilidade de vocês — observo, olhando em volta para eles —, para mim, vale mais que a Jewel House.*

A mesma Jewel House que, por acaso, trouxe comigo: uma fortuna em joias e ornamentos abrigada numa tenda bem vigiada chamada de "A Jarra", distante dali várias centenas de metros. Precisarei dela, quando fizer o papel de anfitrião para o imperador Maximiliano. Estou determinado a causar boa impressão.

Quando volto ao centro do acampamento, terminaram de erguer minha casa de madeira, que viajou da Inglaterra em partes que cabiam deitadas em carroças. Ela tem dois aposentos, janelas revestidas com chifre laminado, lareiras e chaminés. O exterior é pintado como obra de alvenaria, e, no interior, há pendurada tapeçaria dourada. Minha cama é de tamanho natural, entalhada e dourada, e cercada por cortinas de tecido com fios de ouro.

Compton ajuda-me a tirar as roupas molhadas e vestir uma camisola que foi aquecida no fogo. Subo para a cama, e ele fecha as cortinas. Mesmo no escuro, os bordados com fios de ouro brilham.

◆ ◆ ◆

Estranhamente, a cama começa a rolar. Parece estar sobre rodas.

Sonho que estou numa fonte feita de cetim avermelhado, curiosamente decorada com cobras modeladas em papel e pintadas. Em volta de mim, oito gárgulas lançam pela boca, como água, panos bordados com fios de prata. Tento não rir. Não porque alguém pudesse ver debaixo do meu capacete, mas porque, sentado vestido desse modo com minha armadura, a borda inferior do peito de armas pressionando minhas coxas, rir é doloroso.

Brandon está numa liteira em algum lugar atrás de mim e, eu sei, está, desejando que tivesse tomado um pouco menos de vinho. Ao sermos carregados em volta do campo de torneios, a multidão vibra e há um estrondo de batidas de pés nas pranchas de madeira da tribuna principal.

Com um alto ruído de trombetas, minha fonte para diante de um dos muitos triunfos da equipe de carpintaria de Harry Guildford. Trata-se de uma imensa fortaleza: inteiramente negra, com *O Castelo Doloroso* escrito em prata acima dela, sobre uma madeira pintada recortada para parecer um estandarte ondulante. De pé bem alto nas ameias está um cavaleiro numa armadura cor de carvão, com plumas negras de avestruz brotando do capacete. Embora a viseira esteja abaixada, escondendo seu rosto, tenho a perturbadora sensação de que deveria saber quem é. Só que de modo algum consigo me lembrar.

Nota:

* Instituição localizada na Torre de Londres responsável pela gestão das joias do soberano. (*N. do E.*)

. . . IX . . .

— Tropas inimigas estão se reunindo a alguma distância ao sul, senhor, perto de Enguingate. Parece-me uma tentativa de reabastecer a cidade. — O cabelo de Sir John Neville está de pé como espiga. Ele está com o capacete, que acabou de tirar, debaixo de um dos braços e, com a outra mão, segura as rédeas do cavalo, que pisoteia e agita-se embaixo dele.

— Então, pelo amor de Deus, vamos detê-las — digo. — A cidade resistirá indefinidamente se continuarem chegando suprimentos.

Está amanhecendo. Após dez dias de marcha, alcançamos a cidade de Thérouanne, à qual a dianteira e a retaguarda de meu exército passaram o último mês montando um cerco. Um baluarte francês bem fortificado, a cidade está localizada na margem norte do Lys, dez quilômetros rio acima de Aire. O imperador Maximiliano me apresentou fortes argumentos para sua captura.

Agora meu corpo de guarda-costas, formado por arqueiros montados, se aperta para deixar Francis Bryan passar com a montaria. Dou-lhe permissão para falar.

— Acabou de chegar um mensageiro, Majestade, da parte do conde de Essex e de Sir John Peachy. Eles fizeram um prisioneiro a

cinco quilômetros ao sul daqui... E o sujeito diz que os franceses virão simultaneamente do norte e do sul.

— Eles distrairão nossas tropas no lado norte... e farão uma rápida incursão com alimentos pelo sul. Isso faz sentido — observa Brandon ao meu lado, as rédeas de seu cavalo retinindo enquanto este sacode a cabeça. — Eles vão pensar que a muralha sul continua desprotegida.

Concordo com a cabeça, olhando, abaixo, da colina em que estamos para onde longas colunas de homens, cavalos e carroças serpenteiam lentamente através do rio.

— Então teremos a vantagem da surpresa.

Até nossa chegada com a última divisão do exército, meus soldados não conseguiram cercar Thérouanne completamente, e, portanto, os franceses continuaram a reabastecer a cidade. Agora, minha divisão, a tropa do meio, precisa seguir para o sul da cidade a fim de completar o estrangulamento: isso significa levar 16 mil homens e todas as nossas carroças, tendas, artilharia e arsenal através do rio que margeia a muralha meridional da cidade.

Com madeira trazida da Inglaterra, os carpinteiros passaram a noite construindo cinco pontes. Agora, sob a luz mortiça do amanhecer, o exército está fazendo a travessia.

Viro-me para Bryan.

— Instrua os soldados do lado norte para se prepararem para a batalha — digo. — Rhys ap Thomas pode levar um destacamento de cavalaria adiante para iniciar o ataque aos franceses. Talvez ele consiga contê-los inteiramente.

Quando Bryan parte, meus guarda-costas fecham-se em volta de mim e descemos para atravessar o rio.

Uma vez atravessado, as carroças e as provisões se estabelecem em posição defensiva fora do alcance dos canhões dos muros da cidade. Os combatentes movimentam-se para o sul a fim de ficarem de frente para a planície por onde os franceses terão de fazer a aproximação. Por um lado, ela é limitada por uma floresta, e, pelo outro, por uma cadeia de colinas.

Instruo o comandante da artilharia.

— Use as colinas ali. Quero uma fileira de canhões mais leves para dar cobertura enquanto envio batedores adiante.

— Senhor.

Coloco uma carreira de arqueiros onde também possam cobrir a planície. Protegendo-se atrás de uma cerca viva, eles tomam posição, espetando as flechas com a ponta para baixo no chão diante deles. Cavalgo até Compton e digo:

— Você e eu podemos conduzir primeiro a cavalaria adiante, com a infantaria em seguida.

Compton hesita, então sugere:

— Senhor, por favor, fique para trás. O Conselho não vai aprovar que cavalgue com a primeira carga.

— Dane-se o Conselho. Estou aqui para liderar meus homens.

Brandon, que nos ouviu, vira seu cavalo para se aproximar, e fala em voz baixa:

— Hal, os franceses estão apenas tentando levar suprimentos para a cidade. Se você for abatido na primeira investida, por causa de um pedaço de bacon...

Encaro-o.

— Meu Deus, você andou dando ouvidos a Fox?

Ele faz um movimento que, se não fosse pela armadura, podia ser um dar de ombros.

— Isto aqui não é Agincourt — responde ele. — Mas poderá ser algo mais um dia. Espere pelo momento.

A distância, posso ver agora as manchas azuis e douradas contra os campos verde-acastanhados. É a cavalaria francesa cavalgando em direção às nossas linhas.

Olho para trás, para Brandon e, mais além dele, para onde o brasão da Inglaterra ondula com a brisa, erguido bem alto por Harry Guildford, a quem dei a missão de porta-estandarte.

— Se vou ficar aqui, você também vai. — Dou meia-volta com a montaria e afasto-me, cavalgando.

Da segurança do terreno alto, com Brandon ao lado, observo a massa de soldados à espera: os cavaleiros montados à frente; atrás deles, a infantaria oculta debaixo de uma floresta de piques e alabardas, os perigosos piques reluzindo em prateado. Um denso calor está se formando, e, dentro do capacete, o suor escorre por minhas têmporas.

Na colina à minha esquerda, uma bandeira é baixada, e canhões disparam sobre a planície. A cavalaria francesa, pesada por causa de enormes alforjes — sem dúvida, a comida para a cidade — parou a alguma distância de nossas linhas; está claro que não esperavam enfrentar uma quantidade tão grande de soldados em seu caminho.

Hesitando, eles agora são alvos fáceis. Uma nuvem de flechas sai velozmente de trás da cerca viva. Subindo 30 metros, as pontas buriladas viram e mergulham na direção dos franceses. Flechas assobiam e cantam; cavalos guincham e relincham quando os projéteis encontram seus alvos.

Os cavaleiros franceses fazem a volta e começam a recuar, mas correm direto para a linha seguinte de conterrâneos que vinham pela retaguarda. E, nesse momento, meus soldados de cavalaria esporeiam as montarias para um ataque frontal.

O solo, remexido por cascos, está lamacento. Na escaramuça, homens e animais escorregam e são pisoteados. Há gritaria, retinido metálico e os estranhos guinchos perfurantes de cavalos dominados pela dor e pelo medo. É emocionante, como um imenso e cruel campo de torneios.

Brandon aponta para mim com uma manopla.

— Meu Deus, os franceses estão depondo suas armas! Veja! Não conseguem recuar depressa o bastante!

Posso ver em seus olhos exatamente o que sinto: é insuportável apenas observar.

— Vamos então? — sugiro, e vejo-o sorrir.

Baixamos nossas viseiras, e faço um sinal para o capitão de minha guarda. Em seguida, saco a espada e esporeio o cavalo para que galope a toda velocidade colina abaixo. Grito para Brandon, embora ele não possa escutar — com a viseira fechada, é como gritar dentro de um balde:

— Quem disse, hein? Quem disse que não é como Agincourt?

. . . X . . .

Seguimos depressa pela galeria, de mãos dadas. Catarina está quase correndo, deslizando em macios chinelos cor-de-rosa, a mão livre sustentando a curva da barriga. Avanço a passos largos, hoje todo vestido de prateado, espada sacudindo na coxa.

Animais da floresta em tapeçarias agitam-se e ondulam quando passamos; o escuro revestimento de madeira é entalhado com árvores e frutas; os suportes da iluminação salientam-se da parede como se fossem galhos, as douradas folhas-chamas bruxuleando.

Chegamos às portas duplas da Câmara do Conselho, e abro-as com um empurrão. Rostos se voltam: um fila de cada lado da longa mesa. Mãos ossudas estão pousadas no tampo, espalmadas e descarnadas, algumas manchadas de tinta; nenhuma com bolhas causadas pela manipulação de espadas ou lanças. Há um movimento de pés e um arrastar de cadeiras. Com todo o cuidado, os nobres e os bispos baixam-se e ajoelham-se. Parecem crianças murchas, mal conseguem ver acima do tampo da mesa.

— E então? Eu não lhes disse que seria um triunfo? — digo para meu Conselho. — Levantem-se, todos vocês, pelo amor de Deus.

Sentem-se. Reuni todos para que pudessem me oferecer suas felicitações.

Puxo uma cadeira para Catarina e fico de pé atrás dela, minhas mãos em seus ombros.

Rangendo, um conselheiro já se levantou.

— Nós oferecemos nossas sinceras felicitações, Vossa Majestade. E a senhora, cara rainha, que seja abençoada no iminente acontecimento... a senhora carrega dentro de si a esperança da nação. — Catarina agradece com um gesto da cabeça, colocando, satisfeita, as mãos na barriga. — Mas, acima de tudo, senhor, agradecemos calorosamente ao Deus Todo-poderoso por ter retornado para nós em segurança.

— Da próxima vez, eu gostaria de menos oposição — digo, enquanto ele se senta. — Gostaria de menos ceticismo. Reflitam, cavalheiros: vocês aconselharam contra essa gloriosa expedição.

— E o faríamos novamente — afirma outra voz.

É o arcebispo Warham. Olho-o fixamente.

— Um cético *obstinado*! Não valoriza nada do que realizamos?

Ele permanece sentado. Olha para as mãos, que se contraem um pouco enquanto estão pousadas na mesa.

— Perdoe-me se falo com franqueza, Majestade — diz ele —, mas, no meu ponto de vista, a expedição não foi um grande sucesso.

— Estou interessado em ouvi-lo definir seus termos. — Puxo um ramo de lavanda de um vaso e sento-me, girando-o nos dedos. — Destruí completamente uma das mais bem fortificadas cidades da França; capturei e ocupei outra. Obtive uma vitória gloriosa... que rivaliza com a de Agincourt. E trouxe de volta, como meus

prisioneiros, alguns dos nobres mais eminentes da Corte francesa. O que mais, Warham, você deseja?

— De fato, Majestade, mas, ao fazer tudo isso, gastou o suficiente para encher um poço de ouro. — Seu triste olhar ergue-se para mim. — Com que finalidade? Uma aldeia vagabunda francesa foi destruída, outra se tornou um posto avançado que consumirá dinheiro e homens. Que utilidade tem para a Inglaterra uma única cidade do interior cercada por território francês? — Ele sacode a cabeça lentamente. — Custará uma fortuna mantê-la e custará uma fortuna defendê-la. Ela nada significa para nós: nada estrategicamente, nada comercialmente. A única pessoa a quem beneficia é o imperador.

Um murmúrio percorre a mesa. Fico imaginando se alguém vai detê-lo, discutir a questão, mas o arcebispo prossegue, sem ser interrompido:

— Em algum momento, imaginou por que o imperador Maximiliano o aconselhou a destruir Thérouanne e capturar Tournai? Elas são estrategicamente importantes em relação aos territórios *dele*, não aos seus. É extremamente importante para ele que essas cidades estejam fora do poder dos franceses. O senhor pagou pelo empreendimento e até mesmo pagou para ele lutar por você. Lamento dizer isto, senhor, mas Maximiliano venceu essa parte do jogo sem muito esforço.

Estou agora sentado completamente imóvel, encarando o arcebispo. Há uma queimação em meu estômago. Falo, baixinho:

— Estou na iminência de uma conquista.

Ele não responde. Amasso a lavanda com os dedos e levanto-me.

— Você acha que, porque eu trouxe o exército para casa, já terminei? O serviço está apenas na metade. Os soldados voltaram porque o verão acabou... a estação para operações militares terminou. Mas voltaremos no ano que vem. — Meus punhos estão sobre a mesa, e estou inclinado na direção dele.

Atrás de mim, Catarina fala brandamente para Warham:

— Meu pai, o rei Fernando, percebeu o quanto foi tolo em não participar da invasão. Já demonstrou o desejo de se juntar à Inglaterra no próximo ano.

Não tirei os olhos do rosto do velho.

— Pois bem. No próximo verão, voltarei à França com uma força maior e numa aliança com o imperador Maximiliano e o rei Fernando da Espanha. Não há possibilidade de a França resistir a esse violento ataque. Serei coroado em Paris antes de o ano terminar. — Sorrio, mas não amavelmente. — Eu me pergunto, senhor, se viverá para ver isso? Vamos esperar que sim. Então, nessa ocasião, poderá me pedir desculpas.

Faço uma pausa e prossigo:

— Enquanto isso, cavalheiros, aqueles dentre vocês menos dispostos ao pessimismo têm muito trabalho a fazer. Precisamos nos preparar para governar a França.

. . . XI . . .

— E que tal o filho de minha irmã ser o padrinho? — Catarina vira-se para me encarar, o cabelo espalhado pelo travesseiro. Aqui, com as cortinas da cama fechadas, é como um mundo particular só nosso.

A única luz vem de uma vela que queima logo acima de nós, em sua alcova na cabeceira entalhada. Sob a luz dourada que ela projeta, as faces de Catarina parecem cor de creme, os olhos mais escuros que o normal e brilhantes. Coloco a mão por baixo das cobertas e pouso-a em sua barriga. Gosto de sentir a criança se mexendo. Ela indaga:

— Onde acha que deveremos criá-lo?

— Metade aqui, metade na França. O povo precisa conhecê-lo em todos os territórios... não achar que é um estrangeiro.

— Refiro-me a que casa! Talvez Eltham ou Richmond... Ah, não o mande para fora muito novo, sim?

Sorrio e apoio-me no cotovelo.

— Já vejo como será. Ele vai fazê-la de gato e sapato.

— De modo algum — diz Catarina. — Na Espanha, dizem que os ingleses odeiam os filhos. Batem muito neles e os mandam embora para viver na casa de outros homens.

— É mesmo? Que engraçado. Na Inglaterra, dizemos que os espanhóis são ladrões; os alemães, beberrões; os franceses, lascivos; os escoceses, traiçoeiros; os dinamarqueses, sanguinários...

Um fino travesseiro de linho atinge em cheio meu rosto. Tomo-o dela.

— O que foi? Não é verdade? Talvez os *espanhóis* sejam beberrões, os *alemães,* lascivos...

Agora, nós dois estamos rindo; bem, ela está rosnando e gargalhando, e tentando arrancar de volta o travesseiro de minhas mãos. De repente, ela para, arfando, e rola para longe de mim.

— O que foi? — pergunto. Ela não se mexe. Consigo enxergar apenas uma confusão de camisolas, cobertas e cabelo. — Não se zangue.

— Não, não é isso. — Ela está enrolada, e sua voz é abafada.

— O que é, então?

— Hal. — Ela se vira e me olha desoladamente. — Estou sangrando.

. . . XII . . .

— *Benedixit, deditque discipulis suis, dicens: Accipite, et bibite ex eu omnes, hic est enim calix Sanguinis mei...*

Ele o abençoou e o passou aos Seus discípulos, dizendo: Tomai, todos, e bebei, pois este é o cálice do meu sangue...

Mais além da pequena janela gradeada da divisão, a voz do padre se ergue e baixa em seu padrão familiar, entoando as palavras da missa matinal. Ocupo meu cubículo particular, que fica ao lado do Aposento Privado. Ao meu lado, Wolsey está sentado, fazendo rápidas anotações na margem de um despacho. Há uma pilha de papéis descartados aos meus pés.

Wolsey pergunta:

— Como está a rainha?

— Bem.

Resposta idiota. Ela não está nada bem. Perdeu a criança... um menino. Disseram que a coisa semicrescida já estava suficientemente formada para que se pudesse ver seu rosto. Mas o corpo de Catarina está sarando. E tenho de pensar na invasão da França, na próxima estação.

— Lembre-me da proposta original.

— Senhor?

— O tratado com a Espanha. Vamos, quero caçar assim que a missa terminar.

Wolsey assente.

— Foi proposto que o rei Fernando invadirá Guienne ou Aquitânia...

— Antes de junho próximo.

— Sim. Com 15 mil soldados de infantaria, 1.500 de cavalaria portando armas pesadas, 1.500 de cavalaria portando armas leves e 25 peças de artilharia. Das quais 12 grandes e 13 pequenas.

Ele repete, sem consultar anotações. Sua memória, reflito, e não pela primeira vez, é prodigiosa. Digo:

— E toda terra que ele tomar será entregue a nós.

— Exatamente.

— Dinheiro?

— O senhor contribui com 20 mil coroas de ouro por mês desde o momento em que ele começa a combater.

— Enquanto isso, invadimos Picardia ou Normandia... também antes de junho... e cada um de nós põe uma esquadra no mar antes do final de abril.

— Sim.

— Meu Deus, ele deveria estar feliz com isso. É mais que generoso. Qual é o problema do homem?

Wolsey ergue as sobrancelhas, inalando profundamente.

— Ele quer alistar 6 mil mercenários alemães e pede que o senhor se encarregue do custo do transporte destes e, antes de junho, lhes envie um ano de pagamento... 20 mil coroas por mês.

— De uma só vez? Isso é um absurdo. — Penso por um instante. — Podemos fazer isso?

— Precisaríamos aumentar um imposto, senhor... — Wolsey gesticula na direção de meu genuflexório, que se encontra diante da janelinha gradeada.

Ajoelho-me em silêncio enquanto o padre dá a comunhão. Então me benzo e me levanto.

— Que mais?

Wolsey puxa um papel da pilha a seu lado.

— Só mais uma coisa. Nossos agentes em Roma informam que, agora que o papa quer todo mundo livre para uma cruzada contra os turcos, Sua Santidade planeja lhe pedir para que renuncie a pretensão à França.

— Quando estou prestes a conquistá-la? A resposta é não.

— E, em troca, ele deixará — lê de um documento — que o rei da Inglaterra governe a Escócia, que pertence ao sobrinho de um ano de idade.

— Interessante...

— De fato. — Seus olhos volvem-se para mim. — Mas há algo mais que precisa saber. Fui informado de que sua irmã, a Rainha dos Escoceses, concordará com isso, porque espera que seu filho herde a Inglaterra no devido tempo.

Encaro Wolsey. Ele está falando de minha irmã Meg: ela se casou com o rei da Escócia logo após nossa mãe morrer. Pergunto:

— Ela espera *o quê*?

— Cito: "Tendo em vista que o rei da Inglaterra não tem filhos, seu sobrinho será o próximo na linha de sucessão.

— *Ainda*. Não tenho filhos *ainda*, Meg. Dê-me isso.

Leio o despacho. Ele informa que a opinião geral é de que o recente aborto prova que Catarina é incapaz de gerar um filho saudável que sobreviva, portanto não há a perspectiva de um herdeiro.

O aposento está silencioso enquanto examino o papel pela segunda vez; ao lado, a voz do padre segue monótona.

Inspiro fundo e sacudo a cabeça. Sinto-me sem fôlego.

— Isso é ridículo. Há tempo.

— Claro que há.

O papel fica amassado em minha mão. Jogo-o no chão.

— *Há* tempo.

. . . XIII . . .

Claro que há tempo. Um novo ano começou: é primavera, novamente, e Catarina está grávida... novamente. Este é o ano em que conquistarei a França; este é o ano em que terei um filho.

Seguramente.

Uma manhã de odor fresco: tudo lá fora está desabrochando, verdejante, resplandecente. Acabei de voltar da caça; estou fedendo a suor de cavalo e a meu suor; estou sujo de sangue de animal e compreensivamente salpicado de lama. Também estou feliz. Meus pensamentos ainda estão na caça: a dura cavalgada, os perigosos saltos, os toques de corneta, os uivos e os latidos, e a maravilhosa visão de veados machos caindo — debatendo-se, dilacerados, de olhos vidrados.

Quando os camareiros entregam as roupas que quero na porta de meu dormitório (apenas um seleto grupo de pessoas, claro, tem permissão de tocar minha carne santificada), chega uma carta. É de Wolsey, que está mergulhado no trabalho — papéis e tinta, lacres e números —, em seus aposentos em Westminster.

Lendo, afasto com um safanão os homens que tentam desatar minhas mangas, dou um passo para trás e me apoio na parede. Meu

coração deu uma sacudida, as mãos estão tremendo, a pulsação parece estar martelando no estômago. Leio a carta duas vezes, manchando-a com o sangue de minhas luvas, então deixo rapidamente o quarto, pisando forte ao longo da galeria com as botas de montaria e enlameando o novo capacho de juncos.

Guardas puxam para os lados suas alabardas quando alcanço a entrada de um aposento. Abro a porta ruidosamente.

— Você sabia que ele ia fazer isso?

Vejo de relance um quadro vivo: senhoras sentadas em poses educadas numa janela de sacada banhada pelo sol, enfeites de cabeça com ornamento triangular curvados sobre seus cerzidos; uma cena de atividade e conversa baixa. Agora, todas as cabeças voltam-se para mim. Vendo minha expressão, os rostos subitamente ficam inexpressivos. Cada senhora levanta-se de seu banquinho e mergulha imediatamente numa profunda reverência. Parte da costura — alguma em minhas próprias camisas, bordadas pela metade — escorreu pelos lados das saias até o chão.

As senhoras continuam curvadas; a figura no centro levanta-se, bastante aprumada, e diz:

— Milorde?

Catarina é estudadamente formal. Sinaliza intensamente, como se estivesse agitando os braços. *Espere*. *Estamos em público*.

Pouco me importa onde estamos. Grito:

— Você. Sabia. Disso?

Um pequeno movimento de sua mão para as senhoras: saiam. Elas se endireitam e saem em fila, quase tropeçando na pressa de partir. A última fecha cuidadosamente a porta ao deixar o cômodo.

Assim que somem, Catarina avança, as mãos estendidas para segurar as minhas.

— Hal, o que aconteceu? Qual é o problema?

Afasto-me de lado, para manter distância.

— Ele desfez o acordo.

— Quem?

— Seu pai! — Jogo-lhe a carta. Ela faz um movimento para pegá-la, mas a carta ziguezagueia no ar. Catarina fica parada, olhando-me. Grito:

— O desgraçado, bexiguento do seu pai! Não apenas isso, como convenceu o imperador a também cair fora. Eles arriaram as calças para os franceses. Não haverá invasão. — Caminho até o fim do aposento e volto, pego um prato de vidro da mesa e o despedaço na lareira.

Por alguns momentos, Catarina não se mexeu. Agora, inclina-se, com dificuldade em seu vestido com barbatanas, para apanhar a carta. Não ajudo.

Ela examina o papel, ergue a vista para mim.

— Hal, ele já fez isso antes. Você não...

— Sim, ele já fez isso antes — repito num tom cantado, como-se-falasse-com-um-idiota. — Mas *desta* vez não tenho dinheiro para montar uma campanha sozinho. Eu. Estou. Destruído. — Enfio as mãos no cabelo. — *Este* era o ano. Meu Deus! *Este* era o ano em que eu seria coroado em Paris.

— Nenhum acordo feito com os franceses dura.

Caminho até ela, seguro seus ombros.

— Qual é sua participação nisso? É tudo o que preciso que me diga. Porque sei que você mantém essa — faço uma careta de

desgosto — correspondência *particular* com seu pai e tenho certeza de que ele a aconselha a me colocar numa coleira, como um cão. Quero saber o quanto vocês dois têm me feito de idiota.

— Ele pode escrever o que quiser. Minha lealdade é está com você.

— Então é muito estranho... não é mesmo? ...que você não consiga parir.

Silêncio. Ficamos nos encarando. Digo, baixinho e claramente:

— É para isso que você serve. Acha que me casei por amor? Casei-me para que me desse uma aliança com a Espanha. E filhos. — Olho abaixo para sua barriga. — Acha que este sobreviverá? Para variar?

Meu Deus, o controle de Catarina é magnífico. Nem um só músculo do rosto se contrai. Mas seus olhos... Ela parece que está se afogando.

◆ ◆ ◆

Seis meses depois, num dia claro e viçoso de outono que passo treinando falcões, outro pequeno caixão é colocado na cripta da capela dos frades em Greenwich.

. . . XIV . . .

Mais quatro invernos se passam. Como aguento isso? Não suporto nem mesmo esperar enquanto me vestem pelas manhãs.

O velho rei da França morre na cama, sem deixar filhos para sucedê-lo. O rei da Espanha, o pai de Catarina, também morre, antes que eu consiga me vingar dele pela traição de merda ao meu glorioso plano.

Descubro que já não sou o mais jovem governante da cristandade. Um jovem duque com cara de cavalo chamado Francisco é o novo rei da França, e ele tem um vivo interesse na construção de um império, assim como eu. Está de olho na Itália. Na Espanha, o novo rei é o sobrinho de 18 anos de Catarina, Carlos, que foi criado na Holanda e cuja mãe, dizem, é louca.

Como é curioso o mundo.

E agora chegou novamente a estação das operações militares. Não me encontro numa catedral de Paris nublada de incenso, nem num campo de batalha repleto de fumaça de pólvora. Não estou na França em qualquer aspecto. Estou em Hampton Court, o palácio de tijolos vermelhos de Wolsey no Tâmisa. Num jardim. Esperando, ainda, por meu império. Esperando, ainda, por meus filhos.

Há, contudo, uma criança: uma menina. Maria. Atualmente com dois anos de idade, ela está parada junto a mim no caminho de cascalho, olhando uma moita de calêndulas e apontando o dedinho para uma abelha.

— Listrada — diz seriamente. Observa-a por um longo momento, então ela olha para mim. — A abelha está zoando. — Franze a testa e se corrige. — *Voando*. — Em seguida, sorri deleitadamente. — A abelha também está zoando!

Puxo-a para meus braços. Seu rosto está nivelado com o meu. Animais entalhados em postes de madeira verde e branca montam guarda em intervalos ao longo das margens bem aparadas: leão, dragão, galgo, antílope, *Dun Cow,** unicórnio. O unicórnio é estranho, focinho curto e aparência feroz, o corpo pintado de branco iluminado pelo sol brilhante contra um fundo com formação de nuvens escuras de chuva.

Ao vê-lo, Maria solta um gritinho e esconde o rosto na curva de meu pescoço, a mão agarrando a corrente de ouro atravessada em meus ombros.

Dentro de seu apertado corpete e saias grossas, ele é uma trouxinha bem maciça, embora seja pequena para a idade. Se fechar os olhos e abri-los novamente, poderei estar segurando um menino?

— *Olhe* para ele — instruo-a. — Você não tem medo de nada.

Ela levanta a cabeça. É uma linda criança, os olhos do mesmo azul das safiras que margeiam seu capelo. O vestido é de cetim enfeitado com ouropel, os punhos orlados de pele, as mangas revestidas com seda verde. Ela agora observa as joias da minha gola, dando batidinhas nelas para ver se estouram como bolhas.

— Olhe para ele.

Ela olha. Então ergue as mãos diante do rosto, os dedos curvados como garras, e faz pequenos rosnados.

— Pare de rir, papai — fala para mim. — Estou ameaçando o monstro.

Quando coloco a menina no chão, Catarina fala:

— Suas amas me dizem que ela nunca chora.

— Claro que não. É minha filha.

A menininha em cetim violeta afasta-se correndo, para, volta, faz uma reverência cambaleante para mim e sai correndo novamente. Catarina vira-se e vai atrás dela. Observo por um momento as costas de minha esposa enquanto se afasta: as saias compridas e grossas, o véu preto. Desse ângulo, não é possível dizer que ela carrega uma nova criança. Foi uma longa espera desta vez: a primeira gravidez em dois anos. Mas Catarina começou a ter crianças que sobrevivem. Primeiro, a menina; e agora tenho certeza de que carrega um menino.

— O noivado pode ser realizado neste outono, senhor — informa Wolsey, subitamente acima de meu ombro —, mas estou estipulando que eles só se casem após o delfim completar 15 anos. Isso lhe dará tempo suficiente para mudar de ideia. E, é claro, pode ser que o tempo a mude por você: o delfim talvez não viva até os 15 anos.

Ele está falando sobre o casamento de Maria. Estamos envolvidos em uma dança de negociações com o novo rei francês. Recentemente, Francisco foi abençoado com um filho: o tal delfim. Deste modo, se Maria se casar com o garoto, meu filho (o bebê que Catarina carrega atualmente) governará a Inglaterra, e meu neto — o filho de Maria —, um dia governará a França. A não ser, é claro, que eu conquiste a

França muito antes disso. Há tempo, como disse Wolsey, para eu mudar de ideia. Por enquanto, é apenas outro interesse.

— E eles concordaram, não? Com o adiamento?

Wolsey abana a mão, como se não importasse.

— Concordarão.

Olho para ele, esperançoso.

— Ah — diz —, tem havido muitos questionamentos e evasivas ridículos. O senhor conhece os franceses. São incapazes de uma afirmativa direta.

Parto pelo caminho de cascalhos em direção à casa, e Wolsey me segue. Pergunto:

— Questionamentos? Sobre o quê?

— Bem... mais recentemente, a validade de seu casamento.

Meu passo diminui. Por um momento, fico em silêncio, então solto uma ruidosa gargalhada.

— Meu Deus, eles não adoram provocar os outros? Ridículo. Querem ver a maldita dispensa?

Passamos por uma porta e subimos a escada particular que leva aos meus alojamentos. Wolsey pergunta:

— Senhor, eu gostaria de marcar a data do noivado da princesa Maria. Prefere que seja antes do confinamento da rainha... ou depois, quando já soubermos o resultado?

Resultado. Ele quer dizer: se a criança for ou não um menino. Se vai ou não sobreviver.

De qualquer modo, se Maria fosse minha única herdeira, gostaria de mandá-la para a França.

— Não há dúvida sobre o resultado. — Chegamos ao topo da escada e viramos à esquerda. Ao me aproximar da porta de um

cômodo, esta é aberta para mim. A vista do interior é de um punhado de homens conversando, rindo e descansando sobre bancos. Um dos mais jovens parece vermelho de irritação, como se estivesse sendo caçoado. — Faremos a cerimônia em Greenwich, assim que puder ser combinada. Não poupe despesas. Quero os franceses deslumbrados. Está bem? — Bato no ombro bem almofadado de Wolsey e falo para o aposento: — Tênis?

— Sim. — Brandon já está de pé, alcançando o estojo com raquetes.

— Você anda muito lento para mim ultimamente, vou jogar com Norris.

Pego o estojo e o arremesso para Henry Norris, um dos meus novos jovens cavalheiros do Aposento Privado, um rapaz tranquilo e confiável. Brandon está parado, atônito, abrindo e fechando a boca como um peixe.

— Não o culpo, Brandon, mas, às vezes, esquece que é mais velho que eu. Você tem atualmente, o quê, quase 35? Se saiu bem em me acompanhar enquanto pôde.

Dito isso, há uma gargalhada geral e um comentário sarcástico da direção de Bryan contendo a palavra "vovô".

— E você — digo. Vários homens, avidamente, fazem menção de se aproximar. — Maldição! Esqueci seu nome, filho de Bolena.

Um jovem de cabelo preto, a vítima da caçoada, se aproxima, voltando a ficar vermelho, mas, dessa vez, de deleite.

— George, senhor.

— George, venha fazer as anotações. — Sorrio para Wolsey. — Perdoe-me, padre. Sabe que *não* estou interessado, a não ser que haja dinheiro envolvido.

Nota:

* Vaca mítica do folclore inglês e galês. (*N. do T.*)

. . . XV . . .

— Chances?

— Dez para uma. Contra.

É novembro: menos de um mês desde que Maria e o príncipe francês ficaram noivos, em meio a impressionantes festejos dispendiosos em Greenwich. O delfim, que ainda nem sequer tem um ano de idade, não compareceu pessoalmente. Em vez disso, o Almirante da França, como seu substituto, colocou o enorme anel de diamante no dedo de Maria. Esta, por sua vez, comportou-se bem, embora ficasse agitada durante o sermão e precisasse ser contida.

Desde então temos permanecido em Greenwich, e, esta noite, Catarina está em trabalho de parto.

Em uma extremidade do Grande Salão, Norris instalou numa armação de madeira, um alvo para prática de arco e flecha: diante dele, sobre uma pilha de caixas, encontra-se uma vela em seu castiçal. Estamos apostando se consigo apagar a chama com um disparo.

Alguns dizem que não é necessário um acerto direto: as plumas da traseira da flecha fazem vento suficiente ao passar. Não fazem, sei por experiência.

Não estou mirando para acertar a vela. Miro para acertar o pavio.

— Ora, vamos, é impossível. — George Bolena sacode a cabeça. — Mesmo se você estivesse sóbrio. Vamos tornar interessante. Cinquenta por um.

— Um disparo apenas.

— Certo.

Estivemos atirando a noite toda. Estivemos também bebendo a noite toda. Cadeiras, com capas jogadas sobre elas, parecem arrumadas a esmo em volta da grande lareira. Sobre uma mesa longa ali perto, a toalha está embolada e amarrotada, repleta de restos de comida e copos, alguns em pé, outros não.

Agora, enquanto passo a haste da minha flecha pelo cordão do arco e descanso sua cabeça na posição contra o nó do dedo, sou observado pelos rostos ansiosos de Bolena, Norris, meu primo, o marquês de Exeter, e Thomas Wyatt, o belo jovem filho de um de meus conselheiros. Compton também está presente, mas nunca parece ansioso, apenas divertido e atento.

Encaixo a flecha e disparo.

Penso: *Torne-se a flecha. Veja-a acertar o alvo antes mesmo de ter disparado*. Se você consegue fazer isso, tudo mais se desfaz. É uma deliciosa sensação. Existe apenas a flecha e o alvo — e não são mais nem mesmo duas coisas separadas. Flecha-alvo. Unidos. Uma coisa só.

Reflexos de fogueira e de vela brincam nas escuras vidraças das janelas do salão. Mais além, debaixo de um céu negro, vazio, o mundo é cortante, límpido e implacavelmente frio.

A flecha voa. Atinge o pavio. A chama se apaga.

— Eu sou incrivelmente bom. Não sou? — Sorrio radiante para George. — Pague.

— Hum. Vou lhe fazer uma promissória.

— Isto aqui serve. — Pego uma flecha de reserva e prendo-a debaixo da corrente de ouro que ele tem no pescoço, soltando-a e fazendo com que caia nas mãos estendidas de Compton. Todos riem.

Mandamos buscar mais bebidas, e explico — de certo modo meio embriagado — os méritos relativos de meu filho se chamar Henrique, como eu, ou Eduardo, como o pai de minha mãe.

Enquanto isso, Wyatt e Bolena fizeram um plano para marcar o momento da chegada das boas notícias: ordenaram das adegas o barril de um bom vinho e estão agora mesmo rolando-o duas escadas acima, com xingamentos e percalços.

Wyatt, um rapaz alto de força normalmente impressionante, está agora rindo tanto que precisa parar e se apoiar debilmente na escada, encostando a testa num degrau.

Quando se recupera, ele e George erguem o barril para equilibrá-lo em uma das vigas do teto do salão, na extremidade mais próxima do vão da porta principal, onde o amarram a um suporte de canto com uma rede de cordas confusa. A ponta do barril pende da viga, o botoque claramente visível. Ajustaram cuidadosamente o botoque, de modo que está ligeiramente solto, mas sem vazar.

— Pois bem, senhor — explica-me George —, o homem entra, lhe dá a notícia, você dispara no botoque, e nós o seguramos debaixo da queda-d'água.

— *Queda de vinho* — corrige Wyatt.

— Boca aberta...

— Ele será o primeiro a beber à saúde do príncipe — diz Exeter, parecendo subitamente solene. — Um encharcamento honroso.

— Não se preocupe — avisa George. — O segundo será você. — Exeter sorri.

Quando o homem chega, mais vinho foi engolido e o salão parece ligeiramente inclinado quando caminho. Fico imaginando quais são agora as chances de eu acertar o barril, quanto mais o botoque.

— Então, senhor, meu filho nasceu? — Estou mirando, o cordão do arco todo puxado. Meus olhos estão no botoque. Com o canto da visão posso ver, pelo modo como estão parados, que Norris e Bolena seguraram o assustado homem pelos cotovelos e levaram-no para debaixo do barril, o qual, é claro, ele não viu. Momentaneamente, imagino que o barril poderá se soltar das cordas e cair na cabeça do pobre coitado. A ideia me faz rir e não ajuda em nada minha pontaria.

Meus braços começam a doer. Dou-me conta, abruptamente, que o homem não respondeu. Que há, aliás, um estranho silêncio no salão.

— Meu filho nasceu? — repito, os olhos ainda no botoque.

— Majestade... — começa o homem. E hesita.

Mantendo o arco ainda todo esticado, baixo os braços. A flecha agora está apontada diretamente para o rosto do homem.

— Meu filho nasceu *vivo*?

No silêncio, fiquei sóbrio num instante.

— *A criança está viva?*

Os olhos do homem estão se movendo. Apesar de seu terror, ele não consegue fazer contato visual comigo.

— Exceto que, Majestade... é uma menina. Isto é... *era* uma menina. Ela viveu por poucos minutos. O bastante, dizem, para ser segurada.

Mudo uma fração a mira e disparo. Não no mensageiro — as pernas do homem curvam-se de alívio. Em vez disso, uma vidraça da janela se despedaça. Cacos de um vitral: sementes de romã e pétalas de rosa, meu emblema e o de Catarina, chovem sobre o jardim negro.

. . . XVI . . .

O sol na água turva a vista. Reflexos dançam na parede interna da fonte, de um lado para o outro, de um lado para o outro: ondulantes e repetitivos, como meus pensamentos.

— Há uma mensagem da rainha, senhor.

— Depois.

Minhas mãos estão na sela. Balanço o corpo para cima, viro o cavalo na direção do portão e saio do pátio a meio-galope. Meu grupo de jovens vem atrás.

Seguimos na direção do parque de caça. Apesar das horas iniciais da manhã, já está claro e quente; o ar treme, a distância, acima dos campos secos. As cores são berrantes: azul abrasador, verde viçoso e dourado.

Outro inverno passou, e uma primavera. Há alguma coisa me pressionando. Um vazio que se expande para preencher tudo até eu não conseguir respirar.

À noite, raramente durmo, de dia, os pensamentos em minha cabeça correm à velocidade dupla, enquanto tudo no mundo *lá fora* parece lento e estúpido, e estranhamente distante. Quando as pessoas falam comigo parece que estou submerso.

— Os batedores para levantar a caça saíram bem cedo, senhor — informa Norris, parecendo longe. — Teremos uma boa diversão.

— Quantos cavalos foram preparados para mim?

— Dez, senhor.

É a mesma coisa hoje como todos os dias: saímos cedo, ficamos fora até escurecer. Os cavalos cansam antes de mim — preciso de oito a dez por dia. Wyatt reclama que transformo a caça num martírio. Simplesmente porque ele não consegue me acompanhar.

Quando chegamos à floresta, o alívio é intenso. As clareiras farfalhantes me refrescam como água. Os cavalos marcham pelas doces aspérulas e violetas, azedas e gerânios. Trepadeiras sobem por troncos; samambaias estendem suas mãos com múltiplos dedos. Salpicos de luz agitam-se quando o vento movimenta as copas das árvores. No tronco de uma, vejo os profundos sulcos das marcas de fortes arranhões feitos por grandes garras ou unhas.

O tempo parece passar num instante. Agora, há suor correndo para meus olhos. Minha respiração está alta e áspera. Estou subitamente consciente da exaustão do cavalo. No entanto, parece que se passaram apenas instantes desde que iniciamos a caçada.

Ocasionalmente, em momentos como este, verei algo estranho: um sonho acordado. Às vezes, é uma garota de cabelo escuro cavalgando adiante. O sol reflete nela — branco e dourado —, como se estivesse usando armadura. Às vezes, é a serpente que vi certa vez, há anos, num sonho.

Hoje é um veado branco. Automaticamente, puxo uma flecha da aljava, afrouxo as rédeas para encaixá-la e disparar montado a cavalo. Um movimento fluido; sereno e rápido.

Por um momento, enquanto a flecha voa, o veado parece ser um jovem louro, correndo. Pestanejo, e a criatura é novamente o veado, a flecha erra, suas patas traseiras escoiceiam quando ele salta por cima de uma árvore caída.

Elas não são nada, essas visões. Apenas não consigo dormir.

. . . XVII . . .

Quando retorno, Wolsey está me esperando. É muito tarde.

Ele está nos meus aposentos, sentado junto ao fogo, pesado e maciço como uma peça de mobília.

As cortinas estão fechadas contra o céu escuro. Sua sombra aumenta, assomando diante delas, quando ele se levanta: um homem gordo com uma sombra fina.

Desabo numa cadeira, ordeno vinho.

— O que está fazendo aqui? Pensei que estivesse ocupado batendo uma cabeça na outra ao perseguir seu tratado de paz. Sente-se, pelo amor de Deus.

— Ocorreu-me algo. Uma ideia.

— Não me diga... uma aliança com os turcos porque é mais barato que uma cruzada? Que os céus nos protejam de suas *ideias*. Por falar nisso, em que momento vamos romper o noivado de minha filha? Não podemos ter aquele moleque francês na linha de sucessão da coroa da Inglaterra.

Há um curto silêncio. Wolsey olha-me placidamente. Vejo meu joelho sacudir e o imobilizo.

Wolsey pergunta:

— O senhor dorme?

— Profundamente. — Esvazio a taça e estendo-a para a sombra, onde os criados espreitam. — Outra.

Esvazio essa também.

— Pare — pede Wolsey, delicadamente. — *Pare*. — Abana a mão, e os criados somem. A porta dá um estalido ao se fechar suavemente depois que saem.

Encaro-o com um olhar que fritaria um homem inferior. Ele simplesmente pestaneja.

Um espasmo em meu peito: alguma coisa fria serpenteia em volta do coração, apertando-o. Levanto e dou uma volta no aposento. Meu corpo todo dói, mas não consigo relaxar.

— Parece incomensurável como cheguei a este ponto. Como *você* me fez chegar a este ponto. Império e filhos? Que piada. É o décimo primeiro ano de meu glorioso reinado e o que tenho? Um tratado com a França e uma filha.

— Talvez Deus lhe dê o que você quer, mas não do modo como espera.

— Droga, não me dê a resposta de um *padre*! Estou olhando na beira de um precipício para...

— Para o quê?

— Um vazio. O nada absoluto.

— Majestade, posso lhe contar minha ideia?

— Se for rápida.

— O imperador está com problemas. Precisa de ajuda... desesperadamente, creio eu... para esmagar as rebeliões na Espanha. Não lhe resta mais dinheiro.

Atualmente, o homem que usa o título de "imperador" não é Maximiliano, o sujeito menos digno de confiança na Cristandade, como Fox o chamou, certa vez. *Ele* dorme — confiavelmente morto — em sua sepultura, ao passo que os jovens reis da França e da Espanha travaram uma mutilante guerra financeira para ganhar sua coroa imperial. Ela se reduziu, no final das contas, a ameaças e subornos. E, ao custo de um milhão de florins de ouro, o rei Carlos da Espanha saiu vencedor.

Portanto, Carlos tem agora, em seu nome, Espanha, Borgonha, os Países Baixos, Alemanha, Áustria, alguns estados italianos, partes do Novo Mundo... e nenhum dinheiro. *Talvez Deus lhe dê o que você quer, mas não do modo como espera*.

Wolsey diz:

— Ocorre-me que aqui há um prêmio a ser ganho. Maior do que jamais poderíamos ter aguardado.

— Não faça uma pausa para efeito dramático. Não sou uma assembleia. Diga logo.

— Você dá a Carlos os navios e o dinheiro de que ele precisa para a Espanha. Em troca, exige uma invasão conjunta da França e a mão dele em casamento para sua filha.

Paro. Estou do outro lado do quarto. Distraidamente, estendo a mão e toco a parede coberta com tapeçaria à minha frente: a coroa de Davi reproduzida com fios de ouro, reluzindo à luz da vela.

Atrás de mim, Wolsey levanta-se da cadeira, explicando:

— Veja: o senhor conquista a França. A princesa Maria, como esposa de Carlos, torna-se imperatriz. Ela terá um filho, seu neto... podemos dizer que ele se chama Henrique? Esse neto governará não apenas as terras que Carlos governa agora... por mais numerosas que

sejam... mas também a França e a Inglaterra. Seu império terá uma extensão desconhecida desde os tempos de César.

Apoio a testa na parede.

— Isso faz *sentido* em relação ao que aconteceu — observa Wolsey. — Se você tivesse um filho, o império não conseguiria ser tão vasto. Desse modo, seu neto estabelecerá uma nova ordem mundial. Não haverá ninguém para desafiá-lo.

Meus olhos estão fechados, e inspiro fundo. Algumas das terríveis criaturas soltam seus tentáculos de meu coração e retiram-se furtivamente.

— Quem sabe? — diz Wolsey, agora sobre meu ombro. — Carlos pode morrer jovem. Então o senhor governará esse novo império como regente até seu neto atingir a maioridade.

O maior império do mundo.

Sim. Isso faz realmente sentido. Não faz?

. . . XVIII . . .

O jovem mais poderoso da Cristandade não esperou em seus aposentos — desceu aos pulos a imponente escadaria para nos saudar, passando por fileiras de guardas vestidos com seus melhores uniformes novos, passando por corneteiros no grande vão de porta, que agora estão confusos sem saber se devem ou não tocar. Ele é uma visão em damasco dourado e cetim vermelho: com membros ossudos, todo joelhos e cotovelos, e um queixo de tamanho tão fora do comum que poderia servir de pá.

Atravesso o pátio, braços estendidos. Meu abraço de urso se fecha no ar: o imperador Carlos V abaixou-se sobre um dos joelhos em cima das pedras do pavimento e tirou o gorro.

— Honrado pai — diz ele em francês, e desço o olhar para sua cabeça escura enquanto seu cabelo cortado à perfeição cai à frente, momentaneamente ocultando sua mandíbula colossal.

Por parte de Catarina, sou seu tio, porém não tenho idade suficiente para ser seu pai; mas isso é como uma matilha de cães discordar de seu líder. Subitamente, estou de excelente humor. Levanto o jovem pelos ombros e o abraço, dando-lhe tapinhas nas costas. Resfolegando, o jovem sorri, sem jeito, para mim. Mas não

demora muito sobre seus grandes e estreitos pés. Ele e Catarina ajoelham-se um para o outro no mesmo momento — e riem e se abraçam ali mesmo.

— Consigo ver minha irmã em seus olhos — diz ela. Quando Catarina bate as mãos, um laço bordado de sua manga prende-se num conjunto de pérolas do gibão dele. Rindo novamente, eles se desenredam. Ele a ajuda a levantar. Lágrimas escorrem-lhe pelo rosto. Ela está sorrindo e sorrindo.

Os corneteiros tomam uma decisão; um toque ecoa pelo pátio enquanto eu o conduzo para o interior. Através do enchimento de seu ombro, sinto seu sobressalto.

Estamos em Dover Castle, minha fortaleza de pedras cinzentas que, do alto, contempla o Canal. Nas águas profundas, os navios de Carlos permanecem ancorados; bandeiras, estandartes e flâmulas tremulando de cada cabo do cordame, e, voando mais alto, seu estandarte imperial, a águia negra de duas cabeças, aberta ao meio, como um faisão abatido sobre um rico pano dourado.

Nossa conversa ocorre durante um almoço privado — cotovias e cordonizes dispostas em bandejas de ouro, sobre uma mesa com incrustações de mármore —, e, à medida que se quebram os ossinhos, da mesma forma fácil os acordos são fechados. Fornecerei dinheiro e navios para esmagar a rebelião espanhola. Carlos fornecerá por seu lado — como marido para minha filha Maria, a quem removeremos do casamento francês — mais 40 mil soldados para nossa invasão conjunta da França. Nós dois juramos por Deus só chamar de volta nosso exército ou nossa armada depois que cada qual recuperar o que lhe pertence.

Pois bem. A guerra não terminará até que eu seja o rei da França.

Os modos de Carlos são sérios e reservados, sua fala, lenta, interrompida por longas pausas para pensar. Mas comer é sua grande peleja. Devido ao maxilar deformado, é difícil mastigar e ele precisa enxugar a saliva com o guardanapo. Não é nada bonito — e, mesmo assim, quanto mais sem jeito ele parece, mais sinto afeição por ele.

Enxugando com um pano minha própria boca, sugiro:

— O rei da França, como você sabe muito bem, alimenta ambições em relação à Itália. A mim me parece que você pode incentivá-lo a estender-se para lá...

Os olhos negros de Carlos deslocam-se para os meus quando, com ambas as mãos, ergue seu cálice. Dá um gole e observa:

— Proporcionando, com sua ausência, a oportunidade perfeita para nossa invasão?

— Exatamente.

Ele limpa novamente a boca. Ao remover o guardanapo, revela um lento sorriso.

— Que ideia maravilhosa.

Olhe para ele. Esse garoto que governa vastos territórios. Tão simples. Tão dócil. Percebo com deleite o que Deus colocou em minhas mãos.

. . . XIX . . .

A espada lampeja sob a luz da tocha. Quando agarro o cabo, levantando-a, o equilíbrio é perfeito. A lâmina é afilada de um modo elegante, o centro de gravidade perto o bastante do cabo para me permitir cortar o ar com apenas uma torcida de punho. E tão veloz que faz um sinistro sonzinho cantante. Corro o polegar pelo gume — está apropriadamente cego, como deve ser numa espada de torneio.

Ainda segurando-a, pulo para cima de um baú de flechas. Nele, diante de mim, no maior dos pavilhões de armamentos do campo de torneios de Greenwich, uma multidão de cavalheiros está conversando, bebendo e rindo, trocando gabolices e provocações amigáveis. Estão com as cabeças descobertas: alguns calvos, alguns barbudos, alguns tão jovens que mal saíram da adolescência. Bordas de peitorais reluzem debaixo das cores agitadas de seus tabardos; de seus quadris, pendem bainhas cobertas de veludo e joias — estojos para espadas tão insanamente dispendiosas quanto a minha.

Toco no ombro de Compton com minha lâmina, e ele pede silêncio. Há arrastar de pés e retinidos, e rostos voltam-se para mim.

— Sabe Deus, milordes, que tem sido uma longa espera. Mas neste Ano-Novo estamos na iminência de uma gloriosa vitória.

O imperador Carlos acolheu meu conselho, como eu sabia que faria. Atraiu o rei da França para que ele atravessasse os Alpes.

Comento:

— Temos todos ouvido relatos da irrefletida campanha do rei francês na Itália. Quem, a não ser um louco, faria seus soldados passarem o inverno em campo aberto? Eles estão fracos e dominados por doenças. E a França está enfraquecida pela ausência de seu rei e de seus melhores soldados.

— Em suma, os franceses estão aterrorizados que nós ataquemos.

Há murmúrios. Uma figura barbuda na frente, que, após todos esses anos, ainda tem a constituição de um tronco de árvore, indaga:

— Esse é seu melhor presente de Ano-Novo?

— Gostei de suas travessas de ouro, Brandon, mas creio que esse está centímetros à frente. — Quem está ao alcance da voz dá uma risada.

Aumento novamente o tom:

— Pois bem, cavalheiros... estou observando de perto. Isto não é simplesmente um torneio. Isto é uma preparação para a França. O imperador só espera meu aviso, e, juntos, iniciaremos nossa invasão. Ainda não decidi quem vai preencher os postos principais de comando. Mostrem-me hoje que os merecem. — Enfio a espada na bainha. — Vamos.

Do lado de fora do pavilhão encontra-se o enorme campo de torneios assolado pelo vento. Montamos em nossos cavalos, colocamos os capacetes, as viseiras levantadas, e partimos para um desfile em volta da arena.

É um daqueles dias de inverno que nunca parecem ter luz suficiente. O céu tem um mortiço brilho cor de chumbo, e, no

contorno do campo de torneios, tochas estão queimando, embora seja metade do dia. Mais além delas, vermelhos de frio, flutuam os rostos dos espectadores, comprimidos nos bancos da tribuna principal, enrolados em capas de pele ou de lã, mantendo-se aquecidos com batidas de pés e cantos, e queimando dedos e bocas com castanhas assadas vendidas em cones de papel.

Em uma das extremidades do campo está uma enorme imitação de castelo — *O Castelo da Lealdade* —, as torrinhas erguendo-se 15 metros do chão de areia. As ameias estão guarnecidas com filas de meninos do coro da capela, fazendo-se passar por damas, usando vestidos e longas perucas. Quando meu cavalo se aproxima, posso ver que, das arquibancadas, cascas de castanhas estão sendo jogadas nos meninos, que se inclinam abaixo do parapeito para recolhê-las e jogá-las de volta. Acima deles, mulheres de verdade — damas de companhia de Catarina — encontram-se em cada topo de torrinha. A maioria acena em resposta aos gritos da multidão ou peleja contra os véus que se agitam em seus rostos. Uma, porém, está olhando para mim.

Retribuo com interesse seu olhar. Não que ela seja bonita; Catarina tem outras damas de companhia mais bonitas. Mas, de algum modo, ela parece atraente, sugestiva: é como se me tivessem falado algo a seu respeito, embora não consiga lembrar o que foi, ou como se a tivesse visto num sonho.

Seu vestido é branco e dourado, como os das outras, mas, nela, ele me lembra de uma armadura. Seu cabelo, o pouco que é mostrado embaixo do capelo, é escuro. Ela se mantém bem ereta, aparentemente intocada pelo vento. E seus olhos... Mesmo a essa

distância, consigo perceber que há algo arrogante naquele fixo olhar escuro.

Mas o momento passa: viro o cavalo, pronto para voltar para o outro lado do campo. Afasto da mente aqueles olhos escuros.

Primeiro evento: um ataque ao castelo. Francis Bryan e Tom Wyatt se ofereceram para defender a face oeste da fortaleza contra meu grupo, que é composto — além de mim — por George Bolena, Henry Norris e um atlético jovem cortesão chamado Edward Seymour.

Os lados norte e sul do castelo são limitados por uma vala profunda, mas não o lado oeste. Aqui há apenas uma proteção: uma barreira de 3 metros de altura de terra batida, a superfície lisa, sem apoio para mãos ou pés. No topo, atrás de uma cerca feita de estacas de madeira, Bryan e Wyatt estão à espera.

Estamos armados e prontos. As cornetas soam, e nos apressamos ao ataque, berrando, golpeando e espetando na direção dos dois homens com nossos longos piques.

É terrivelmente difícil lutar contra homens em posição elevada. É preciso direcionar seus golpes de baixo para cima; e descobrirá que, de repente, seus braços, pescoço e pulmões estão esgotados.

Contudo, continuamos com toda a força. Posso ver que Seymour, ao meu lado, está ansioso por impressionar. Ambos somos altos, com um bom alcance; há açoites, baques e retinidos quando enfrentamos os piques que nos estocam e nos picam do alto.

Em cima da barreira, a figura esguia de Bryan está teatralmente ocupada e ostentosa, enquanto Wyatt é um confiante peso-pesado. Ele troca de armas: o fio de sua espada pode ser cego, mas, mesmo

assim, um golpe horizontal é o bastante para lascar a haste do pique de Norris.

Norris pede uma substituição de arma, e continuamos lutando. Troco pique por espada e consigo subir, com dificuldade, mais um pouco da barreira, mas Wyatt me faz recuar com alguns golpes habilidosos. Seymour, avançando por minhas pegadas arranhadas e lambuzadas, retorna não menos rapidamente.

Já encharcado de suor, o peito inchando por ar, volto a subir e percorro novamente a barreira de lama. Plantando os pés bem afastados enquanto corro para combater a íngreme inclinação, dessa vez eu me aproximo o suficiente do topo para lutar corpo a corpo, mas não consigo manter o equilíbrio. Minha mão livre agita-se para segurar na cerca, mas não consigo alcançá-la. Sou forçado a voltar.

Chamo meu grupo para se reagrupar a pouca distância da barreira. Uma deliberação rápida, pois é difícil falar entre respirações ofegantes. Dou instruções: novo ataque, nova tática.

Bolena não tem a altura de Seymour, mas é agressivo, como um cachorrinho brigão. Ele e Seymour agora atacam do chão com seus piques tão vigorosamente que Bryan e Wyatt mal conseguem olhar por cima da cerca.

Enquanto isso, Henry Norris e eu, protegidos por esse ataque, usamos nossas espadas para cavar buracos na barreira a fim de criar apoios para uma escalada.

Dá certo. Subo e consigo agarrar uma das estacas da cerca antes que consigam me rechaçar. Agora com apoio, luto corpo a corpo com Wyatt, o tempo todo apoiado por baixo pelos golpes dos piques de meus companheiros. Um de meus melhores golpes deixa a ombreira da armadura de Wyatt meio pendurada para fora.

Agora, Norris também conseguiu subir usando os apoios para os pés. A luta é feroz; Bryan e Wyatt precisam combater a dois de nós na cerca e aos outros dois subindo. Finalmente, Seymour e Bolena aproximam-se o bastante por trás para ajudar a Norris e a mim a subir as estacas e, com um toque de corneta e ensurdecedores vivas da multidão, o arauto declara o fim da batalha.

Caminhamos cambaleantes de volta aos pavilhões, ofegantes e exaustos, machucados e enlameados, deixando a barreira de terra esburacada com escavações e lambuzada com pegadas desordenadas. Quando desata o capacete e arranca-o fora, vejo Wyatt olhar para trás e acima: para as torrinhas do castelo.

Isso me faz lembrar.

— Compton, quem é aquela garota?

Ele está mantendo aberta a aba de minha tenda particular, a mão estendida para tirar meu capacete. Olha na direção em que estou apontando.

— Mary Talbot, senhor.

— Não, ao lado dela. A que está à direita.

Ele presta mais atenção.

— Aquela é a filha de Thomas Bolena. A mais nova. Lady Ana.

Ah, sim. Então já a vi antes. Há tempos que todos os filhos de Thomas Bolena frequentam a Corte. Ela é apenas mais uma dentre os muitos descendentes de meus amigos. Observo-a: não está mais virada para meu lado, porém a estranha sensação permanece. Uma sensação de identificação. Por que não senti isso até agora?

Cornetas soam. Os primeiros homens estão saindo para o torneio. Dou uma última olhada em volta da arena. Distante, mais para o lado, Catarina está sentada em sua galeria coberta com pálio. Após

tantas gravidezes, ela é uma figura mais arredondada que antes: maciça como um pudim, a expressão benigna.

Entro em minha tenda.

. . . XX . . .

A porta se fecha. Nem mesmo me dou ao trabalho de erguer a vista.

— Se está se sentindo melhor é porque parou de tomar todos aqueles malditos remédios — afirmo, alcançando meu compasso de ouro e tomando medidas no desenho diante de mim. — Eu sabia que você tinha tomado demais.

Posso sentir Wolsey sorrindo.

— E bom dia para você, Majestade. Estou totalmente recuperado, obrigado. Foi apenas uma leve febre. Isso não me impediu de trabalhar. — Para provar, como percebo ao erguer a vista, ele está carregando um pesado maço de papéis.

Estou em minha biblioteca particular de Greenwich, na torre mais próxima do rio. Um sol frio, amarelo pálido brilha embaciado sobre minha escrivaninha, onde enormes plantas estão desdobradas: de aparelhos para sítio e canhões e armaduras. Projetos de minha autoria.

— Quero falar com alguém da armaria.

— Vou providenciar. — Wolsey remexe em seus papéis e traz um para mim. — Posso? Não há realmente muitos esta manhã. —

Desliza-o diante de mim. — Este é o dinheiro para os consertos em Tunbridge e Penshurst.

Assino-o e volto para meus desenhos. Um morteiro e um canhão de calibre grosso que quero fundir em bronze. Pergunto:

— A irmã de George Bolena... a mais nova. Ela não deveria ter se casado na Irlanda? — Estou agora desenhando os detalhes para os entalhes decorativos: rosas, leões, dragões. — Lembro-me mais ou menos de ter dado consentimento para um casamento.

— Com o filho do conde de Ormonde. — Wolsey traz outro documento e espera. Então, o pousa. — A tutelagem do menino Cluny.

Assino.

— E não aconteceu por quê?

— Senhor?

— O casamento.

— Ah, o de sempre... as famílias não concordam com os termos. — Wolsey volta aos papéis, que se encontram em uma mesa próxima. Recosto-me e o observo. Ele é imenso e impressionante de vermelho. A bainha do manto levanta uns dois centímetros quando ele se inclina sobre a mesa. Vejo a parte de trás de seus sapatos largos de veludo e os tornozelos, túrgidos em seda branca. Um lutador com sapatos de veludo e meias de seda. Ele diz:

— Harry Percy também tem mostrado interesse nela... e é um partido muito melhor. Ela, sem dúvida, gostaria de ser condessa de Northumberland.

— Isso é ridículo. Ela não tem a posição certa para Percy. — Alcanço uma faca e tiro algumas aparas de meu lápis de ocre vermelho. — E, em todo o caso, já há uma esposa escolhida para ele.

— Sim, a filha dos Talbot. Ele não gosta dela.

— Desde quando isso significa alguma coisa?

Wolsey ri.

Uma caixa de couro dourada sobre minha escrivaninha contém gavetas cheias de prateadas caixas de tinta, tesouras, canivetes e pequenas pedras de amolar para afiá-los, um espelhinho, capuzes de falcão, miscelânea de chaves e uma ou outra joia. Procuro nela a pena com a ponta mais fina. Encontro-a, mergulho-a na tinta e curvo-me novamente sobre a ilustração.

Enquanto desenho, digo:

— Haja o que houver entre Percy e a irmã de Bolena, providencie para que seja desfeito, está bem?

— Com prazer, senhor.

Há uma batida na porta. Wolsey vai atender; tem uma breve e murmurada conversa com alguém lá fora e volta ao aposento segurando uma carta. Recosto-me na cadeira, estico-me, viro a cabeça, mexo os ombros, olho para o teto, para as antigas sereias modeladas em papelmachê e couro, as faces aplicadas com ruge brilhante iguais à de um ator.

— Minha nossa, meia hora sem fazer nada na escrivaninha e já estou farto — digo. — Como diabos você consegue mais?

— Sinto-me constantemente inspirado pela devoção ao meu senhor. — Wolsey está sorrindo. Estende a carta.

— Então, o que é isso?

— Senhor, acredito que sejam notícias da Itália.

◆ ◆ ◆

Catarina está rezando quando irrompo no quarto: uma trouxa de roupas adornadas, ajoelhada no altar do lado oposto de sua cama. Ela tem um sobressalto, benze-se apressadamente e se levanta.

Com dois passos, atravesso o tapete; vejo-a retrair-se minimamente quando a alcanço. O que ela está esperando? Seja o que for, o que Catarina consegue é ser agarrada e girada. Ela dá um gritinho e perde um chinelo, que sai girando para um canto.

— Por Santa Maria! Hal! O que é isso?

Sento-a, a saia de sino balançando. Coloco as mãos em seus ombros. É necessário um esforço para falar com calma.

— Está havendo uma batalha na Itália... em Pávia. Seu sobrinho... *nosso* sobrinho, Carlos... Deus concedeu-lhe uma grande vitória sobre os franceses, Catarina! Milhares deles morreram, e o rei Francisco foi capturado. Está em mãos imperiais. Neste momento.

Há silêncio — um delicioso silêncio. Catarina nem mesmo respira. Então suas mãos alcançam os macios reposteiros verdes na coluna da cama ao lado; esconde o rosto neles e chora.

— Leia para ela! — digo a Wolsey, que vem atrás de mim, brandindo a carta. — Leia a parte sobre Francisco preso debaixo de um cavalo! — Rio e seguro seu braço, então, dirijo-me novamente a Catarina e viro-a delicadamente para meu ombro. — Ouça isto.

Ela se recosta em mim enquanto Wolsey lê:

— *...os franceses foram atacados onde acamparam no grande parque de caça fora das muralhas da cidade. No furor da batalha, a densa floresta dificultou os movimentos de sua cavalaria. Por volta das 8 horas, os piqueiros e os arcabuzeiros do imperador cercaram-na por todos os lados. O rei francês lutou, mas seu cavalo foi morto sob ele e caiu-lhe por cima, ferindo-o e prendendo-o ao chão. Enquanto estava caído, os espanhóis*

arrancaram as plumas de seu próprio capacete. Ele foi feito prisioneiro e levado do campo de batalha...

— Será que ele vai morrer dos ferimentos? — pergunto a Wolsey. — Hein? O que você acha?

— Se Deus quiser.

— Vamos rezar para isso! Não vamos? Mas será melhor que ele morra em seu próprio país, quando nós o invadirmos. Carlos pelo sul e nós pelo norte. — Não consigo ficar parado. Separo-me de Catarina e começo a caminhar. — Meu Deus, é isso! É perfeito! Até que enfim, até que *enfim*!

Abro as janelas — todas elas; levantando o trinco e empurrando cada folha de janela após folha de janela. Havia chovido, e o vento que sopra do rio é forte e fresco, açoitando as últimas gotas de chuva das trepadeiras das paredes lá fora. Passado o rio, vejo uma clara extensão de terra; mais além dela, a luz do sol rompe as colinas.

Consigo respirar novamente.

Volto-me na direção do quarto. Comparada com a claridade lá fora, a luz é suave e verde, como se estivéssemos sob copa de árvores. Wolsey está parado, um Merlin de manto vermelho, as mãos enfiadas nas mangas. As lágrimas de Catarina pararam, e seu rosto brilha quando olha para mim.

Vou até ela e seguro sua mão. É macia e atarracada, hoje em dia, como as de uma criança. Esfrego delicadamente as costas de sua mão enquanto falo para Wolsey:

— Precisamos organizar a invasão o mais depressa possível. Todos os navios em nossos portos, ou seja de que nacionalidade for... detenha-os para serem usados como transporte. E despeça o embaixador francês. Precisamos também mandar alguém a Flandres

para comprar cavalos. Mas, acima de tudo, precisamos de dinheiro... depressa.

— Meus últimos cálculos são de 800 mil libras, senhor. O Parlamento vai odiar isso.

— Então ao inferno com o Parlamento! Encontre outro modo.

— Claro. Agora não há possibilidade de se evitar a invasão.

— Vá, então. Vá e comece a trabalhar nisso.

— Majestade. — Wolsey faz uma reverência e deixa o aposento.

Catarina ainda está olhando para mim, e é um olhar caloroso. Foi por *isso* que me casei com ela: Catarina me trouxe o imperador Carlos. Ela me trouxe a este momento.

Beijo-a. Havia anos que não a beijava na boca.

. . . XXI . . .

Está úmido, vermelho e exsuda um líquido. É do lado da perna esquerda: um talho de uns 8 centímetros onde caí do cavalo, ontem, no parque de caça aqui de Windsor, e minha carne foi rasgada por um pedaço de madeira lascada. A perna agora está enfaixada e apoiada em um banquinho; mas estive observando uma mancha crescente infiltrar-se pelas bandagens enquanto o embaixador fala.

Agora, interrompo-o:

— Comandante, com o *devido* respeito — o qual, se olhar nos meus olhos, verá que é muito pouco —, do que diabos está falando?

O comandante Peñalosa pigarreia e começa novamente:

— Sua Majestade Imperial solicita que envie a princesa Maria para a Espanha sem demora, juntamente com seu dote.

— Você já disse isso. O que estou pedindo é uma explicação. — Peñalosa pestaneja para mim. Estou clicando a parte de baixo de meu anel no braço da cadeira. — Olhe. Nós temos um acordo. Um tratado. Lembra-se? O qual declara que devo mandar minha filha para a Espanha, no mínimo, em três anos. Não agora. Ela tem apenas 9 anos, pelo amor de Deus. O imperador não pode levá-la para sua cama...

— Ele não pensaria em tal coisa, é claro, Majestade.

— Alegro-me em, pelo menos, ouvir isso. Pois bem. Eu a mandarei dentro de três anos, com seu dote, sim, mas *subtraído* os empréstimos que já fiz ao seu amo. Não a quantia total. Muito menos a quantia total *mais* outros 600 mil ducados. É... bem, muitas palavras diferentes surgem em minha mente, mas, digamos... *surpreendente* que o imperador esteja exigindo isso agora. E não tenho obrigação de pagar.

Peñalosa, um militar experiente, continua movimentando os dedos no lugar onde estaria o cabo de sua espada. Tenho a sensação de que, naquele momento, ele preferiria estar num campo de batalha, envolvido com a questão mais direta de matar ou de ser morto. Ele alega:

— Majestade, o dinheiro não é exigido como uma obrigação, mas como o tipo de ajuda que um pai dá a um filho.

— Já dei ao seu senhor uma grande quantidade de ajuda paternal. Sem isso, ele não teria ainda o controle da Espanha.

— Sua Majestade Imperial está constantemente ciente de tudo o que tem feito por ele, e é inteiramente grato. Ele vê esse pedido agora como uma soma muito modesta — com isso, Wolsey, que está apoiado na lareira, dá um uivado, mas o espanhol prossegue, erguendo um pouco a voz —, considerando-se que cada centavo dela será gasto numa guerra que beneficiará a Inglaterra... e, além do mais, depois que Vossa Majestade reivindicar a coroa da França, sua riqueza será enormemente aumentada.

— Sim, será. *Quando* eu for rei da França. Mas, agora, não sou rei da França. Agora, não posso pagar. Está sendo bastante difícil levantar dinheiro suficiente para colocar meus próprios soldados no

campo de batalha. — Inspiro fundo; tento ser bem-humorado. — Comandante, eu entendo... o imperador gostaria de tentar espremer mais dinheiro de mim. Talvez pense que sou fácil de apertar. Por favor, diga-lhe que foi uma boa tentativa.

— Essa não é a opinião dele...

— Tanto faz. A resposta é não. Vamos adiante. — Sorrio, e Peñalosa estremece. — O imperador e eu temos um acordo solene, obrigatório, de invadirmos juntos a França. Um acordo ajuramentado aqui na capela deste próprio castelo. Aquele homem — aponto para Wolsey — viu-nos fazer isso. No altar. Não seria apenas contra Deus romper o acordo. Seria... francamente... loucura, considerando-se que seu senhor agora mantém o rei da França como prisioneiro. — Olho estreitamente para Peñalosa. — A não ser, é claro, que haja alguma coisa que não esteja me dizendo.

— Estou sendo totalmente aberto, senhor. Mas o pedido de dinheiro não pode, receio, ser colocado de lado.

— Então está dizendo que, se eu não pagar, o imperador não invadirá a França? É isso?

— A guerra na Itália foi ruinosamente dispendiosa, senhor. Ele simplesmente carece de fundos. Caso se recuse a ajudar, senhor, a única alternativa será ele arranjar outro casamento imediatamente, com outra princesa que lhe leve um grande dote.

Ah, meu Deus.

— Não consigo acreditar que seu senhor faria...

Paro, lembrando-me do queixo enorme, do olhar lento. Será que o julguei mal? Aquela simples máscara escondia... Minha nossa! ...*Astúcia*? Subitamente, sinto-me exausto. Esfrego os olhos.

— Ele está pensando em alguém em particular?

— A princesa de Portugal, senhor, levaria junto uma boa soma de dinheiro. E ela está em idade de gerar filhos.

— E, se ele se casar com ela, invadiremos a França imediatamente, não é mesmo?

— Bem, senhor, na realidade... — Cores surgem no rosto de Peñalosa. Ele se recompõe, puxando os punhos, mudando de posição, então reinicia, falando, depressa: — Na realidade, o imperador, meu senhor, a fim de satisfazer a própria consciência e o desejo de seus súditos, enviou certas personalidades ilustres ao rei francês para indagar se ele está disposto a devolver... de livre e espontânea vontade e sem coação... aquelas terras que mantém injustamente e por usurpação do meu senhor e de... de Vossa Majestade. Enquanto ele não tiver uma resposta sobre essa questão, meu senhor não pode dizer como e onde a guerra vai começar... e esse foi o motivo pelo qual ele ainda não escreveu a Vossa Majestade anunciando suas intenções. Contudo, não tenho dúvida de que, obtida uma resposta definitiva, o imperador não deixará de informar seus planos a Vossa Majestade e ao cardeal.

O homem encerra triunfantemente e parece enjoado.

Há um momento de silêncio.

Eu digo:

— É muita bondade dele.

O aposento está repleto de sombras. O ferimento em minha perna lateja.

— Deixe-nos agora.

— Senhor, o que devo informar como sua resposta?

Olho para ele.

— Deixe-nos. Agora.

O comandante Peñalosa parece querer correr mais que as próprias pernas. A porta se fecha à sua saída. Wolsey e eu estamos sozinhos.

Lá fora, é um desalentador dia de verão, cinzento e tempestuoso. Uma gavinha de trepadeira arranha a vidraça com cada lufada de vento... um som agudo, rilhador.

Ainda encostado na lareira, Wolsey comenta:

— O imperador, é claro, sabe que as exigências são absurdas. Elas têm a intenção de serem recusadas. Essa é sua maneira de escapar do tratado.

— Então não haverá invasão.

Ele não precisa responder.

— E nada de casamento.

Estou sentado totalmente imóvel, mas alguma coisa se move. Como se eu fosse habitado por coisas que se mexem e rastejam. Digo:

— Não entendo.

Wolsey olha fixamente para o fogo.

— O imperador encontra-se numa posição de força — diz ele. — Marchou contra os franceses. Tem seu rei como prisioneiro. Avalia que não precisa mais de nós. Por que, agora, deveria ajudá-lo a se tornar o rei da França? Ou esperar até a princesa Maria atingir a maioridade para se casar? Como disse esse homem, o parlamento de Carlos o está apressando a se casar logo e gerar um herdeiro...

— Não. Não entendo — repito — como você pôde estar tão errado.

Ele se vira para me olhar.

— Majestade...?

— Você me disse: Isso faz sentido com o que aconteceu. Você me disse: Deus me dá o que quero. Não da maneira que espero, talvez, mas, mesmo assim, ele me dá. Pois bem. O que Deus está me dando agora? Outro aliado que me traiu. E um ministro que falhou comigo. Não *outro* ministro... o mesmo. O qual, ao que parece, falha comigo novamente... e novamente... e novamente. — Levanto-me, com alguma dificuldade, e, caminhando, afasto-me de Wolsey até a janela. O pátio abaixo parece sombrio e desagradável, as criaturas da fonte que cospem água, grotescas. Encosto a testa no vidro frio.

— Majestade — diz Wolsey novamente, mas não me viro. — Senhor, lidar com governantes estrangeiros é lidar com mentiras e fraude. O tempo todo. Um rei francês, um imperador espanhol... qualquer um... vai jurar que é seu amigo, enquanto, na verdade, tem seu próprio objetivo, que está perseguindo, impiedosamente, pelas suas costas. É assim — suspira profundamente — que o mundo funciona. O segredo é reconhecer isso, aceitar, e seguir em frente. Continuar pisando com cuidado enquanto os quadrados do tabuleiro de xadrez mudam de posição debaixo dos seus pés.

Ele agora está na janela, também olhando para o pátio abaixo. Esfrego lateralmente a testa no vidro, para olhá-lo.

— Qual é o seu objetivo?

— Senhor?

Endireito-me.

— Bem, como você diz, um homem vai jurar que é seu amigo, enquanto, na verdade... — bato no peitoril com alguma violência. — É assim que o mundo funciona.

— Eu estava me referindo aos governantes estrangeiros.

— É mesmo? Sabe, eu me pergunto por que você estava tão interessado em me vender essa aliança. Estava trabalhando para o imperador? Para que *foi* isso? Para que ele lhe entregasse o papado e você lhe entregasse seu rei numa bandeja...

— Não, senhor... como vê, não sou papa...

— ...para ser humilhado, para rirem dele, para ser usado, quando surgisse a necessidade, e depois jogado fora, como uma bagagem desnecessária.

Wolsey está completamente imóvel, olhando para mim. Ele fala:

— Seu sucesso é meu sucesso. Tudo o que tenho, tenho por sua causa.

Silêncio.

— Majestade, precisamos apenas de uma nova estratégia. Ouça. Podemos fazer uma aliança com os franceses. Não com o rei, mas com o que restou do governo em Paris. Se a princesa Maria se casar com o delfim, tenho certeza que eles coroarão o menino como rei. O rei Francisco não é popular... não darão um centavo pelo seu resgate. Então o senhor poderá governar como regente até o menino alcançar a maioridade.

Caminho na direção dele. Estamos face a face. Digo:

— Já estou farto de suas ideias. Elas não são nada. São — sopro em seu rosto — promessas vazias.

Viro-me para sair.

— Acho que não posso confiar em ninguém além de mim mesmo.

— Pode confiar em mim, Majestade. Apenas me dê um pouco de tempo para ajeitar as coisas. Acharei um meio.

Estou na porta. Não olho para trás.

. . . XXII . . .

Hoje eu janto na Sala de Audiências, sentado cerimoniosamente, sozinho à mesa, embora o aposento esteja apinhado. É uma honra assistir ao rei comer.

A cena diante de mim salta e crepita com cores: o azul-dourado do teto; o ouro lustroso das travessas; as sedas encarnadas e veludos roxos dos cortesãos parados à minha volta; os amarelos e verdes dos cetins talhados e das capas drapejadas; o resplandecer dissonante das joias e lantejoulas; as cores frenéticas de um milhão de fios das tapeçarias que revestem as paredes.

A comida aparece. Vapor ergue-se das tortas quando são cortadas e abertas como estômagos: tentáculos ondulantes de vapor que sopram seus dedos no ar, fundindo as cores do cenário atrás deles.

Observo as cores começarem a escorrer, gotejar, juntarem-se em poças escuras no chão. E, enquanto as cores se fundem, as pessoas ao redor parecem exsudar um cheiro rançoso, misturado com nauseantes sopros de perfume. Quando se curvam, noto a gordura de seus cabelos; quando as mãos movimentam objetos na mesa, observo camadas de pele se soltando; percebo a película amarela das unhas, os olhos reumosos, as cicatrizes de varíola. Um homem

inclina-se para pousar uma travessa, e detecto uma bolha em seu pescoço, apenas meio escondida pela gola da camisa.

Meu olhar é atraído para a porta do lado oposto do aposento: a porta para a sala pública seguinte. O espaço está apinhado de gente, mas, por um instante, no mar de rostos feios, um deles se destaca.

É um jovem adulto com cabelo cor de palha. Está bem no meio da multidão, o corpo escondido pelos corpos à frente, mas o que consigo enxergar é peculiarmente nítido, como se, de algum modo, ele estivesse mais perto de mim do que o resto: o cabelo amarelo, os olhos obscurecidos pelas sombras; posso ver a textura de sua pele — áspera e amarelada. Parece mal alimentado, e o rosto é anguloso, mais magro do que me lembro. O mais interessante, porém, é a calma, a inabalável certeza de seu olhar. Hoje não está chorando. Parece me fixar com um horripilante escrutínio.

Levantando-me de um salto, viro-me. Sigo para a outra porta; a porta para meus aposentos particulares. Insetos são esmagados sob meus pés. Algo anda a passos rápidos diante de mim e desaparece debaixo das tapeçarias.

Longe da multidão, caminho ao longo da galeria, passo por janelas que produzem um ritmo de sombras no chão: luz, escuro, luz, escuro.

Lá fora, a chuva é uma cortina cinzenta. Estamos cercados por água. Mais além, invisível, sinto a floresta marchando, comendo o pasto a céu aberto, estrangulando os jardins podados.

Chegando ao meu gabinete secreto, dispenso os criados e sento-me sozinho.

Não há velas acesas. O revestimento das paredes está escuro, os cantos, sombrios. As sombras avançam, consumindo a luz,

engolindo-a inteira, como um ovo.

O tempo passa. Talvez minutos, ou horas.

Pelejo para pensar. Não tenho império, filhos. E agora, minha última esperança — ser o rei da França e meu neto se tornar um grande imperador depois de mim — me foi tirada.

Mas como se chegou a isso? Meu glorioso destino foi vaticinado na profecia: é a *vontade de Deus*.

Certamente, só pode haver uma explicação: Deus está me dizendo que alguma coisa está errada, que alguma coisa O desagrada. Que, até eu corrigir isso, meu destino não será cumprido.

O que será que está errado?

Sou Escolhido de Deus. Esse é o fato fundamental — irredutível — do qual toda reflexão deve iniciar.

Conclui-se, portanto, que o que desagrada a Deus não pode ser eu.

Vindo agora do canto mais escuro do quarto, ouço um leve raspado e arranhado, como se uma criatura com garras ou unhas afiadas estivesse agachada ali. Sinto, em vez de ver, o movimento no escuro como breu. Detecto uma mudança na corrente de ar.

Amedrontado, aperto os braços da cadeira, arregalando os olhos para enxergar no meio das sombras. Mas não consigo ver nada ali.

Lentamente, em rastejantes passos de lógica, raciocino: se o que desagrada a Deus *não pode* ser eu, então deve ser uma coisa — ou pessoa — que não eu mesmo.

Ó Deus piedoso, fale comigo. Mostre-me quem O desagrada.

Nada responde. Sinto como se a escuridão pudesse me tragar. Em algum lugar das sombras impenetráveis, onde a criatura invisível está agachada, imagino a boca negra de um poço sem fundo.

Então, finalmente, há um som do outro lado do quarto: a porta, se abrindo... e voltando a se fechar.

Alguém entrou silenciosamente. A princípio, distingo apenas uma forma indefinida: um bloco arqueado de cor, como uma janela de igreja. É uma mulher.

É Catarina.

PARTE QUATRO:
Aonde quer que eu vá



. . . I . . .

Emergindo, tiro o cabelo molhado dos olhos. O linho branco e limpo de minha camisa de banho gruda na pele, pesado e pingando, enquanto vadeio para o lado da piscina.

— Pedi a Deus que falasse comigo. Ele tem falado comigo... por anos. Com cada criança morta. — Rolando novamente para a água, inclino-me para trás e estico os braços ao longo da borda de pedra. — Catarina é o problema. Preciso de uma nova esposa.

Wolsey, suando em seu pesado manto, está sentado em um banco junto à parede. Enxuga o rosto metodicamente com um enorme lenço, que dobra e redobra, à procura de uma superfície seca.

— Sabe, senhor — diz ele, de trás do lenço —, um ajudante meu... de nome Thomas Cromwell... conta que sua mãe o deu à luz quando tinha 50 anos.

— Não estou lançando nenhuma ideia. Nem pedindo seu conselho... ou sua opinião. Estou lhe dando instruções.

O lenço para. Ele o baixa, examina-o sobre o colo, alisando as bordas debruadas de ouro Veneza e seda vermelha. Finalmente, pergunta:

— Tem certeza disso?

— Nunca estive tão certo de alguma coisa em toda a minha vida.

Observo minhas pernas flutuando diante de mim, o pano solto ondulando na água. No canto do aposento, a estufa gorgoleja: ela é esmaltada de verde, bulbosa como um enorme sapo aquecedor de água. Wolsey passa a mão pelo rosto. Levanta-se e caminha.

— Não seria sem precedente o papa anular o casamento, é claro. Luís XII da França pôs de lado a primeira esposa... e Luís VI, antes dele... — Hesita. — Um pequeno problema pode se apresentar para a dispensa...

— Ah, tenho certeza de que você pode encontrar um jeito.

Ele faz contato visual comigo.

— Sim — diz, calmamente. — Tenho certeza de que posso. — Volta a caminhar, passando a mão pela parede azulejada. — E a rainha, senhor? Já lhe...?

— Não há necessidade, ainda, de lhe dizer. Quero tudo providenciado primeiro, para que, quando acontecer, aconteça rápido.

Wolsey parou. Um quadrado de luz vindo de uma janela brilha no alto de uma parede atrás dele. Mais além, ele está na sombra. Percebo que não é à toa que sua mão está tocando a parede: está ali para apoiá-lo.

— Está sentindo alguma dor?

Por um momento, ele não se mexe. Então sacode a cabeça.

— Não, senhor, não é nada. Apenas cólicas. Elas passam. — Outra pausa. Ele empurra o corpo para se afastar da parede, indo para a luz. — Pronto. Já melhorou. — O rosto está pálido como cera. Sorri. — Bem. Um novo casamento oferece uma maravilhosa oportunidade política. Tem alguém em mente? Digamos, uma princesa francesa?

— Não quero nenhuma das irmãs bexiguentas do imperador, se esta é uma alternativa. — Seguro o nariz e me preparo para mergulhar. — Pode fazer uma lista.

. . . II . . .

Os nomes estão escritos a giz na lousa acima da extremidade da pista de boliche.

Edward Seymour
Henry Norris
George Bolena
Thomas Wyatt
O Rei

— Compton? Você não?

— Farei o habitual, senhor.

— Quanta modéstia — murmura George Bolena. — Ele não tem nenhum espírito competitivo?

— Ao contrário, George. Acho que é tão competitivo que não se arrisca a perder. — Arremesso para Compton minha bolsa de moedas. — Ele não sobreviveria a isso.

Estamos todos jogando juntos. Decido ser o último a jogar, tendo em vista que minha tática favorita é derrubar as outras madeiras do caminho.

Ambos os lados da pista de boliche são guarnecidas de janelas sem vidraça, abertas para o jardim mais além. Na extremidade superior, onde ficamos esperando para jogar, há assentos e peitoris de madeira para nos apoiarmos. Compton joga a bola que marca o final da pista e da qual os jogadores deverão aproximar suas madeiras. Seymour é o primeiro a jogar. Olho para o pomar, onde as árvores estão repletas de flores.

— Muito bem. Se ela não tivesse feito uma curva no final... — Bolena sorri, ignorando o olhar de Seymour. — Norris? Você é o próximo?

Volto a vista para o jardim. Algo lá fora está me irritando. Abelhas zumbem, param e zumbem novamente enquanto se arrastam pelas flores e afastam-se oscilando. Pássaros chilreiam repetitivamente, todos numa única nota musical.

Entre as árvores frutíferas, várias damas de companhia de Catarina caminham com alguns cavalheiros do Aposento Privado. Observo a provocante dança social: os homens se curvam solícitos; as mulheres se afastam e riem.

Vendo o fluxo e refluxo de um grupo enquanto se movimenta — conversas começando ou terminando, pessoas divergindo, novas manobras sendo feitas, aceitas ou recusadas —, pode-se dizer quem detém maior poder.

Aqui está uma figura improvável: uma garota pequenina com o rosto muito singular e a intenção de ser bonita. É a mesma garota que vi no topo da torre naquele dia do torneio: a irmã mais nova de George, Ana.

Vejo, intrigado, homens tentando fazê-la rir — tentando dizer alguma coisa inteligente o bastante para ganhar sua aprovação. Vejo

mulheres, em momentos esparsos de suas próprias conversas, olharem para ela com desconfiança ou óbvia antipatia. É intrigante: ela não tem posição, dinheiro ou aparência para ser tão segura.

— Boa jogada!

Wyatt afasta-se, batendo a poeira das mãos e sorrindo. Sou o próximo.

Do outro lado da pista, as madeiras — cada qual com a forma de uma esfera amassada dos lados, igual a um queijo inteiro — aglomeram-se em torno da pequena bola branca. Algumas ultrapassaram a marca; outras, lançadas experimentalmente, ficaram aquém.

Jogo o braço para trás e lanço minha madeira. Ela traça um arco acima da margem curva da parede, ultrapassando as de Seymour e de Norris, e desce velozmente, derrubando a de Bolena, que rola para um canto.

Há aplausos por toda a volta enquanto retorno pela pista. Estou mancando, ainda; a perna esquerda, embora a pele tenha sarado, me incomoda e está inchada. Mas não me sento. Apoio-me novamente no peitoril e fico encarando o pomar.

Em meses recentes, tenho me apanhado pensando mais e mais sobre aquela jovem — sabe Deus por quê, já que isso não faz sentido para mim. O que é ela? Uma garota insignificante sem algo que a recomende, a não ser uma viva inteligência e aqueles estranhos olhos escuros: olhos capazes de chamejar com inexorável alegria e, então, parecer inexpressivos como um lago congelado.

Fui até mesmo longe demais ao mostrar meu interesse. Mas sua reação tem sido confusa, atraindo-me num minuto e repelindo-me no seguinte. O que é totalmente desavergonhado.

Ela não é nenhuma grande dama, afinal de contas; é uma garota da Corte, que deve valer não mais que um breve momento de diversão — um prazer fácil — e, depois, ser esquecida.

Mas está piorando. A sensação, o interesse — seja qual for — tornou-se uma amolação, como minha perna ferida, que coça e dói, e inflama.

Seymour acaba de jogar.

— A melhor jogada até agora — grita Compton do lado oposto. Levanta um dedo e o polegar. — Centímetros da bola.

Norris joga, depois Bolena. A madeira de Wyatt carambola a de Seymour, tirando-a do caminho.

— Um "beijo" de sorte — comenta Wyatt, levantando as mãos.

Enquanto caminha de volta pela pista, Wyatt mantém-se voltado para as janelas. Ele também tem observado a irmã de George. Há algo atormentado em sua expressão que conheço muito bem.

— Senhor?

Viro-me.

— Sua madeira, senhor. — Norris estende-a para mim.

A última jogada. Dou um passo adiante para segurá-la. É outro bom lance: a madeira oscila perto da parede, como antes, e para pouco depois da bola.

Compton saltita ao redor, olhando para as madeiras de diferentes ângulos.

— O vencedor será por pouca distância. Está entre o senhor e Wyatt.

Então Wyatt e eu nos aproximamos para examinar a situação.

No dedinho de minha mão direita, há um pequeno anel — um anel de mulher. Um topázio apenas, nada caro. Enfio-o no indicador

— nem passa da primeira junta — e aponto para a bola.

— Wyatt, eu digo que é minha. — Estou sorrindo.

Ele vê o anel, e seus olhos disparam para meu rosto. Ele sabe de onde veio o anel: é de Ana. Hesita. Então, rindo também, enfia a mão no gibão e tira uma pequena pérola num pedaço de fita.

— Mas, se deixar que eu meça a distância, Majestade, espero descobrir que, na verdade, é minha.

A pérola, a fita: também as reconheço. De Ana também.

Wyatt ajoelha-se e estende a fita entre as duas madeiras e a bola, comparando as distâncias. Ergue a vista para mim e, vendo minha expressão, empalidece instantaneamente. A fita afrouxa, e, lentamente, ele fica de pé.

Antes que ele consiga pensar o que dizer, estou longe, caminhando a passos largos o mais depressa que permite minha ferida, voltando pela pista de boliche e atravessando a porta para o pomar.

Todos ouvem a porta bater. Grupos dividem-se e recuam antes que os alcance, abrindo caminho para eu passar.

Ao final de uma fileira, encontro Ana. Paro diante dela, respirando pesadamente. Ela se curva numa reverência, depois se levanta, perfeitamente calma.

— Posso falar com você um momento? — pergunto, e seguro seu antebraço sem esperar uma resposta.

Conduzo-a na direção de uma pérgula semiconstruída ali perto. Sei que minha mão a segura de modo incomodamente apertado, mas Ana não reclama, apenas caminha depressa para se manter ao meu lado, segurando as saias com a mão livre.

A pérgula é uma janela de sacada feita de pedra, sem vidraça e sem telhado. Ao entrarmos, largo-a, e ela se vira para me encarar.

— Você se... — Minha voz soa estrangulada. Pigarreio. — Você se entregou a Wyatt?

Por um momento, seus olhos registram algo desconcertante como curiosidade. Então ela diz:

— Majestade. Se é por causa da pérola, não fui eu que lhe dei. Ele a roubou de mim três dias atrás e, desde então, vem me insultando com ela. — Aperta as mãos no vestido. — Quanto a mim, senhor, não me entrego a ninguém.

— Ana, perdoe-me. — Sinto-me subitamente desesperado. — Você está me perturbando...

Ela ergue as sobrancelhas.

— Isto é, em minha cabeça. Eu... — Exasperado, arranco o gorro e esfrego violentamente meu cabelo. — Olhe... você leu minha carta?

— Qual delas?

Encaro-a, então pressiono.

— Minha oferta continua de pé. Você poderia ser minha amante declarada. Ninguém recebeu essa oferta antes.

Ela pestaneja, discretamente, e nada diz.

— Você terá posição.

Nada de resposta ainda.

— E nem mesmo olharei de relance para outra mulher.

— Exceto sua esposa.

— Claro, mas...

— Então, senhor, agradeço sua generosidade, mas devo pedir que procure sua *diversão* em outro lugar. — Gesticula na direção do

jardim. — Certamente deve haver muitas coisinhas bonitas ansiosas por aí, que considerariam uma honra agradá-lo, não?

Olho-a. Ela não hesita.

— Ana. Não estou gostando disso. É irritante. É... — *Tortura*, eu poderia dizer. Inspiro, sem muito esforço. — Não sei de onde veio esse sentimento estúpido, nem por quê. Mas posso me livrar dele. E *vou*.

É uma ameaça, e gosto que minhas ameaças sejam recebidas com temor e escusas. Em vez disso, percebo deleite, algo secreto, ligeiro e travesso em seus olhos. Como se, aonde quer que meus pensamentos estejam seguindo, ela chegasse lá antes de mim e ficasse esperando no caminho, escondida entre as árvores — observando-me, rindo.

Ana diz:

— Eu teria hesitado em usar a palavra se o senhor não a tivesse usado antes, mas concordo que é estupidez insistir que eu abra mão de minha honra. Meu futuro marido e os filhos que Deus nos concederá não iriam me agradecer por tê-la jogado fora.

Silêncio. Descubro que estou tremendo.

— Então pode considerar isto... seja o que for... como um fim. *Milady*.

Afasto-me, não de volta ao pomar, mas em frente, em direção ao palácio. Quero entrar sem olhar para trás, mas não consigo. Quase na porta para minha escada particular, viro-me. A distância, a garota está deslizando pela grama, seguindo de volta ao pomar, esfregando suas saias contra talos de papoulas arrancados. Imperturbável.

Observo-a ir embora. Sei muito bem que nada chegou remotamente a um fim. Pelo contrário, ocorre-me que ela lançou um

desafio.

. . . III . . .

— Casar-se com *ela*?

Wolsey tinha ficado da cor de mingau.

— E quando... quando lhe ocorreu essa ideia?

Não respondo. Sob meu olhar, Wolsey cai de joelhos.

— Senhor, eu lhe imploro. Não faça isso.

Silêncio. Estamos num pequeno aposento em Westminster. Wolsey está ajoelhado num pedaço de luz do sol, os olhos semicerrados contra a luminosidade.

Abre a boca, fecha-a, recomeça:

— Senhor, reis não se casam por amor. Certamente deve concordar. É para isso que servem as amantes. Casamentos reais são alianças políticas... feitas com princesas estrangeiras. E não com a filha de um de seus próprios cortesãos. Dessa maneira, nós... o senhor perderia cada um dos fragmentos de vantagem que um novo casamento poderia obter... E tornaria a anulação... mil vezes mais difícil de se conseguir.

Caminho lentamente para as sombras atrás dele.

— Eu sei por que Lady Ana me recusou. Porque ela é enviada por Deus.

Wolsey vira-se e me encara.

— Para ser sua *esposa*?

Curvando-me para seu ouvido, sussurro:

— Você é muito sagaz.

Então, vivamente, digo:

— E a anulação não será tão difícil de se conseguir como julga. Ana já consultou seus capelães — olho a expressão de Wolsey — *secretamente*. Eles advertem que é um pecado que eu mantenha Catarina como esposa por mais tempo.

Há uma cadeira ao lado de Wolsey. Uma cadeira adornada, franjada de ouro e decorada com seu próprio brasão. Sento-me nela, prendo o dedão debaixo de um banquinho de pajem para arrastá-lo em minha direção e apoiar nele minha perna. Afirmo:

— O caso é cristalino. A Bíblia afirma claramente que um homem não deve se casar com a viúva de seu irmão. A dispensa dada originalmente foi um erro... o que está escrito na Bíblia é a lei divina, e o papa não pode desobrigar a lei divina.

Abro os braços... *viu*? Digo:

— Podemos instalar um tribunal particular... você pode dar uma sentença dentro de uma quinzena. Afinal de contas, você é um legado papal para quê?

Wolsey está olhando minhas mãos, desconcentrado.

— Sou capaz de pensar por mim mesmo — digo, e sorrio. — Você deveria se orgulhar. Seu pupilo, finalmente, atingiu a maioridade.

. . . IV . . .

A chave é nova e adornada: mandei trocar todas as fechaduras. Enfio-a de volta na bolsa do cinto e empurro a porta para abri-la.

— Vá. — Gesticulo com a cabeça para Ana.

Ela passa por mim e entra no pequeno aposento, parando no centro do piso para se virar lentamente e olhar ao redor.

É um dos meus espaços mais privados: um cômodo de torre construído muito tempo atrás por minha mãe. As pequenas janelas de gelosia estão pintadas com seu brasão. Lá fora faz sol, e o vidro colorido brilha como joias, mas o quarto é sombreado e cavernoso. A maior parte do espaço das paredes é ocupada por armários e prateleiras entupidos com caixas e sacos, livros e documentos.

No aposento obscurecido, vejo o brilho dos olhos de Ana e seus pequenos dentes brancos quando ela sorri.

— Fique à vontade — digo. — Explore. Nada de segredos.

Ela se aproxima de uma parede, corre o dedo pelo trinco de um armário, ao longo da borda de uma prateleira. Não está segura do que abrir primeiro. Sua mão alcança uma caixa, coberta por ornamentos pintados. Retira-a.

— O que é isso? — indaga, olhando o conteúdo.

— Um dragão. Seco.

— Verdade? — Examina-o com renovado interesse, depois coloca-o de volta.

Investiga prateleiras atravancadas com instrumentos astronômicos, caixas recobertas de couro e veludo, e vários relógios enfeitados; armários dos quais pendem montes de papéis; outros apinhados com peças de xadrez e ampulhetas incrustadas de joias.

Ela solta os fios de um saco de tecido verde sedoso e examina o interior.

— Um par de esporas. Douradas. Antigas?

— Henrique V usou-as em Agincourt.

Estou refestelado numa cadeira, adorando observá-la. Vejo-a abrir uma caixinha.

— Tesouras... — diz. E outra. — Perfumes?

— Provavelmente. — Algumas das caixas são tão antigas que já esqueci o que há nelas.

Em seguida, seus dedos pousam sobre um estojo achatado, coberto de veludo negro. Ela o abre.

— Ah. E você.

Dentro, se lembro bem, está um camafeu de madeira. Ana contempla-o, a cabeça meio de lado.

— Acho que se parece muito com você.

Sorri rapidamente em minha direção, depois o coloca de volta na prateleira.

Eu digo:

— Vai encontrar joias aí. — Suas mãos estão na porta de outro armário.

Ana olha-me novamente de relance e então mergulha nele, pescando caixas contendo gavetinhas e, das gavetas, cordões de pérolas, braceletes e broches, colares, joias soltas, passamanes para capelos e mangas.

— Pode pegar qualquer uma que quiser.

— São bonitas — diz, finalmente, colocando-as de volta. — Mas eu quero as joias de Catarina. — Fecha o armário. — Quando eu for rainha.

Observo-a apanhar uma coleira de cachorro. Às vezes, ela me deixa sem fôlego. Antes que consiga me recuperar, pergunta:

— Bem. Quais são as notícias de Wolsey?

Levanto-me e finjo procurar alguma coisa numa prateleira.

— Ah, há um... hã... pequeno atraso.

— Por quê?

— Ele diz que precisa se aconselhar. Está tudo sob controle.

— Está?

Ela se aproxima e me puxa em sua direção, pela manga; puxa-me para bem perto.

Na sombra, parece haver nela alguma coisa aterradora, algo sobrenatural na pele sedosa, o pescoço comprido, o rosto pontudo de elfo.

— Tem certeza? — pergunta.

— Sobre o quê? — Acaricio sua face. — Tenho certeza sobre você.

— Certeza de que está tudo sob controle... — Fecha os dedos em volta de meu pulso. — É uma falha minha. Não confio muito nos outros. Gosto de saber exatamente o que está acontecendo.

Examino-a.

— Mas creio que você sabe... de tudo. É sinistro. Acho que consegue ler minha mente.

— Consigo? — Ela ri. — Sim, talvez...

Agora, ambos rimos, e a estou beijando.

Quando começo a beijar seu pescoço, Ana inclina a cabeça para o lado. Pede, com voz sonhadora:

— Fale-me sobre Wolsey.

Paro. Olhamos um para o outro. Seu olhar é inteiramente sério, de modo algum como num sonho.

Largo-a e pouso o cotovelo numa prateleira.

— Está bem, ele interrompeu o caso. Diz que é difícil demais e precisa de orientação jurídica. Mas me deu garantias...

— Difícil demais? Por quê? — Seus olhos se estreitam.

Solto um suspiro.

— A Bíblia afirma categoricamente, no Livro do Levítico, que um homem não pode se casar com a viúva do irmão. Mas, em outra parte do Antigo Testamento, há um texto contradizendo que...

— No Deuteronômio, eu sei. — Ana vai para luz. Ela parece calma, elegante e humana novamente. — Mas isso trata da lei cerimonial. Ela se aplica apenas a judeus, não a cristãos.

— S-Sim. Mas nem todos os teólogos concordam com isso, concordam? Wolsey acha que é inevitável... — hesito.

— O quê?

— Que o papa seja envolvido.

Ana havia apanhado e aberto uma caixa. Agora, fecha a tampa com um estalido.

— Mas tropas imperiais invadiram Roma e o papa agora é prisioneiro do imperador. — Ela caminha pelo aposento. — Se o

julgamento for realizado lá, você imagina por *um só momento* que o papa terá permissão de fazer um julgamento contra Catarina, a tia do imperador em pessoa?

— O julgamento não será realizado em Roma. Não se chegará a isso. Wolsey tem planos.

Ana faz um ruído na garganta, algo parecido com uma risada.

— Ele está pedindo que o papa envie um documento — prossigo — conferindo-lhe especificamente autoridade para decidir sobre esse caso.

Ana parou perto de uma mesa. Está mexendo na rolha de uma garrafa. Pergunta:

— Alguma vez já duvidou da lealdade dele?

— De Wolsey? — Olho pela janela. — Eu o conheço há muito tempo. Muito mais do que você...

— Muito mais do que tenho de vida?

Sorrio.

— Nem tanto assim.

Ela ergue a garrafa, examinando sua superfície.

— Ainda assim — fala Ana. — Catarina também o conhece durante todo esse tempo. Wolsey pode estar trabalhando para ela. O que a rainha disse?

Há um silêncio constrangedor. Ana me encara de modo penetrante.

— Você não lhe contou — diz.

Não me mexo. Prometo:

— Vou contar.

Novamente, silêncio. Encaramos um ao outro. De repente, noto que a garrafa que ela segura está gravada com as letras H e C

entrelaçadas. Vou até Ana e tiro-a de suas mãos. Digo:

— Preciso apenas encontrar o momento certo.

— Você se recorda do que disse meu capelão? Que seria um grande crime contra Deus se não a repudiasse de imediato?

— Há progressos. Wolsey...

— Em todo o caso, e quanto ao meu momento certo? — pergunta. — Tenho desprezado ofertas por causa disso. Já poderia estar casada e grávida. Preciso de segurança. — Seus dedos finos estão novamente no meu braço, e o aperto é surpreendentemente forte.

— Segurança? — pergunto.

Ela confirma com a cabeça.

— De que não estou perdendo meu tempo.

. . . V . . .

— Não quis incomodá-lo enquanto estava tão ocupado com essas... essas negociações. Isto é, com os franceses. Por isso, eu as encomendei de qualquer modo. Uma é de veludo roxo orlado com arminho, três de tecido com fios de ouro e há também — ela conta nos dedos — uma roxa com ouropel, uma de tecido com fios de prata e uma de tecido fulvo com fios de ouro...

— Catarina...

— Ah, e alguns capelos. De veludo preto revestido de cetim. O estilo triangular combina mais com Maria, você não acha?

— Catarina.

— Sim?

Estamos sozinhos em seu aposento. Este é voltado para o sul, através da área de parque de Greenwich, e hoje o sol está penetrando... uma forte luz, quase insuportável. Como o brilho alcançou o quarto, estou parado nas sombras, logo após a porta, suando por baixo das roupas.

Deus está por todos os lados: ícones olham para mim de todas as paredes — Cristo com a coroa de espinhos; Cristo como o Homem das Dores, sangrando e assistido por anjos; a Virgem Maria com

diadema e cetro, equilibrando o Cristo menino no joelho. Num altar junto à janela, um ostensório de ouro reluz ao sol. Em seu centro, encerrado em cristal, encontra-se uma lasca preta tosca: um pedaço da cruz verdadeira.

Catarina está parada no meio do aposento, maciça como um navio de guerra estofado de veludo, as contas do rosário presas na cintura. Uma cruz de ouro, pesada com pedras preciosas, pressiona a pele frouxa abaixo da garganta. Acima desta, o rosto dela exibe uma expressão de tamanha inocência, tamanha sinceridade. Estou prestes a despedaçar seu mundo.

Inspiro fundo, então começo, rapidamente:

— Vários homens sábios e doutos vieram a mim com notícias terríveis. Dizem que estamos vivendo em pecado e sempre estivemos. Dizem que nosso casamento é contra a lei de Deus.

Em minhas mãos, está um volume do Antigo Testamento, a capa adornada com a impressão de meus dedos onde a aperto fortemente. Eu o manuseio desajeitadamente atrás da página marcada com uma fita, depois viro o livro e o estendo.

— Levítico, capítulo 20, versículo 21. Leia.

Ela não registra o livro: ainda está olhando para mim. Empurro-o em sua direção, mas Catarina não o segura.

— Hal...

— Está bem, então. — Viro o livro de volta para mim e leio, traduzindo o latim: "Se um homem tomar a esposa de seu irmão, é imundície... ficarão sem prole." Pois é, sem filhos.

Ergo a vista para ela e a encaro.

— Não está surpresa?

Seus olhos estão arregalados, mas seu olhar é firme, meigo. Ela diz:

— Está acontecendo alguma coisa com você.

— Minha consciência está perturbada.

— Não me refiro a isso. O que é?

Olho para ela, perdido. Então respondo:

— Nada. Não é nada.

Uma mosca entrou por uma janela aberta e pousa na manga de Catarina. Observo-a movimentar-se pelo tecido; para; volta a se mover.

Baixo o olhar para o texto da Bíblia, que balança levemente. Digo:

— Houve um dia... algum tempo atrás... sentei-me para comer... — As cores das iluminuras escorregam e se misturam. Pestanejo fortemente. — Não sei. Nada parecia o mesmo.

Eu não a ouvira se mexer, mas, subitamente, ela está tirando os livros de minhas mãos, puxando-me na direção do assento da janela. Deixo que ela me conduza. Quando nos sentamos, pede delicadamente:

— Prossiga.

— Tudo era tão feio. — As cenas erguem-se novamente diante de meus olhos: a Sala das Audiências; as pessoas se espremendo, vindo me ver comer; o brilho untuoso dos cabelos, a pele marcada por pústulas, o cheiro azedo. E as cores das tapeçarias, fundindo-se e correndo enquanto eu observava...

Nossos joelhos estão quase se tocando. Catarina segura minhas mãos. Pergunta:

— E... como tudo parece agora?

Como uma criança, enterro o rosto em seu ombro. O cheiro de sua pele é tão familiar, parece caseiro.

Após alguns instantes, sem me mexer, afirmo:

— Catarina, nosso casamento é maldito.

— Casamos de boa-fé.

— Estávamos errados.

Há uma pausa. Ela está respirando normalmente. E diz:

— Não devemos nos comportar assim.

Abruptamente, sento-me. Então levanto-me. Recuo, encarando-a. Prometo:

— Você não tem nada a temer. Será tratada com todas as honras. Não perderá seu conforto: roupas, cavalos, terras, joias...

Ela também está de pé.

— Você está fora de si — fala. — Precisa de mim.

— Eu preciso ficar *livre* de você — digo, e deixo o aposento.

. . . VI . . .

Atrás de mim, a sala do tribunal lotada observa-me avançar: os advogados, escrivães, bispos. E os juízes: dois cardeais em seus mantos vermelhos. Um deles é Wolsey, e o outro, um italiano adoentado chamado Campeggio, presente por insistência do papa. Na extremidade mais baixa da sala, as pessoas comuns ficam de queixo caído enquanto passo, não fazendo nenhum ruído, exceto arrastar de pés e cochichos. Comerciantes e suas esposas, lojistas, operários: todos se acotovelaram e se empurraram por um lugar melhor para assistir, e muitos que não conseguiram estão comprimidos na antessala mais além ou nas escadas.

Uso minha expressão para o público: sóbria, digna, graciosa; conveniente a um homem que luta com sua consciência; conveniente a um homem que se retira do primeiro dia do julgamento que determinará a validade (ou não) de seu casamento de 20 anos.

Não desço pela escada apinhada. Em vez disso, vou adiante, para uma galeria, contígua ao primeiro andar, que segue para o norte, e daí vai à direção noroeste, enquanto outra galeria me conduz diagonalmente através dos jardins e pomares do mosteiro. Isso leva direto à nova ponte coberta que atravessa o rio Fleet e liga

Blackfriars, dentro dos muros da Cidade, com meu palácio de Bridwell logo do lado de fora.

É um dia cinzento, mas quente e abafado. O Fleet é um esgoto a céu aberto, as margens uma estrada pública. A multidão aqui é tão densa quanto o fedor, as roupas empoeiradas, enlameadas, tão marrons quanto a água. Ao passar pelas janelas da ponte, ergo a mão para eles, em reconhecimento, dominando a necessidade de fazer uma careta diante do cheiro. Uma única criança grita e acena. O resto olha estupidamente para mim.

Uma vez na ponte, em Bridwell Palace, caminho mais depressa. Guardas ficam em posição de sentido quando me aproximo, cortesãos curvam-se e fazem reverências. Não agradeço; larguei minha máscara pública.

Um dos homens de Wolsey espera do lado de fora da porta para meus aposentos: Thomas Cromwell. É um homem grandalhão metido em veludo negro. Paro diante dele e enfio o dedo em seu peito.

— Pode dizer aos guardas: nunca deixem gente do povo entrar novamente em minha Corte.

— Sim, Majestade. Majestade...

Cromwell tem algo a me perguntar ou dizer, mas, antes que consiga falar, entro no quarto e fecho a porta com um chute. Ela bate em sua cara.

Desabando numa cadeira, esfrego os olhos no fundo das órbitas com os nós dos dedos.

— Bebida, senhor?

É um cálice, estendido por um de meus homens. Agarro-o e o despedaço na lareira.

— Eles gritam por ela. Por que não por mim? Hein?

— Quem?

— A gente do povo. A maldita plebe. — Abro bem os braços e grito para o teto: — Não se preocupe, rainha Catarina! Os céus a favorecem! ...Danem-se! — Meus punhos atingem os braços da cadeira. — Não percebem que é uma encenação? É calculado. Ela foi *orientada*, pelo amor de Deus!

Descubro que preciso de uma bebida, urgentemente. Vou até o aparador e a sirvo. Parte escorre pela lateral do copo.

— Ela se ajoelhou, sabe disso? Rebaixou-se a meus pés diante de todo o tribunal, pedindo piedade, dizendo que é estrangeira e está à minha mercê, que é humilde e obediente. E a trataram como se ela fosse a maldita Segunda Vinda.

Engulo a bebida, limpo a boca.

— E quando *eu* me levantei e disse que sofria dores de consciência... que ficaria feliz em saber que o casamento era decente se ao menos alguém pudesse me *provar* isso, o que eles fizeram? Contiveram o riso com suas... suas mãos sujas de merda.

— Porque acham que você está mentindo.

Viro-me. Meus criados sumiram, talvez após um gesto de cabeça de Ana. Ela está de pé, imóvel, no canto.

— Ah, é *isso* — confirmo, com sarcasmo. — E *você* acha que estou mentindo, Ana?

Ela olha para mim, calma.

— Não.

É quase metade do verão. As janelas estão abertas, mas o calor opressivo é implacável. Ana — aparentemente impermeável, ao

clima — está vestida de preto, apenas o rosto pálido sobressaindo nas sombras.

Ela diz:

— Acho que você *ficaria* feliz se isso fosse provado. Mas a única prova possível seria seu filho, parado agora aqui ao seu lado, com 16 anos.

— Seriam 17 — corrijo, baixinho. Está falando da criança que viveu por 52 dias. — Ele teria feito 17 neste último Ano-Novo.

Ana olha-me, impassível.

— Você sonha com ele, sempre? — pergunta. — Tem sua altura, talvez. Sua cor. Forte. Um grande cavaleiro. Suficientemente habilidoso com o arco longo para rivalizar com o melhor capitão de seu exército. Um líder de homens em formação. Que ama e teme seu pai como a um deus.

— Sabe, às vezes gostaria realmente de perguntar ao seu irmão sobre seu passatempo infantil favorito. Creio que ele me diria que era arrancar asas de passarinhos. Ou afogar filhotes de cachorro.

— Não estou sendo cruel, mas lhe lembrando o porquê de eu estar aqui.

— Está me mostrando o prêmio, Ana... um filho, um herdeiro... sem me oferecer os meios de conquistá-lo.

Suas sobrancelhas erguem-se uma fração.

— Já lhe forneci os meios.

Ela havia me mostrado livros e panfletos apresentando os argumentos sobre o papel da igreja. Dizendo que as histórias e crônicas antigas declaram que este reino da Inglaterra se tornará um império. Que, como tal, está livre da autoridade de qualquer

governante estrangeiro. E que eu, como rei da Inglaterra, não tenho nenhum superior exceto Deus.

Onde — perguntam esses escritos — diz na Bíblia que um papa deve ter autoridade sobre um rei?

Ana avança. No centro do quarto há uma mesa coberta de documentos relativos ao julgamento. Ela para ao seu lado.

— Faça o caso ser decidido aqui — diz. — Não desse modo. — Abana a mão rejeitadora sobre os documentos. — Não sob a jurisdição do papa, sob a *sua*. Mude seus juízes. Livre-se de Wolsey. Ele fez tão pouco progresso que, ou deve ser incompetente ou está trabalhando contra você: uma bela escolha. Livre-se desse cardeal italiano decrépito, Campeggio. O papa, eu lhe garanto, deu-lhe a missão secreta de retardar e retardar, até eu passar da idade de ter filhos ou tombarmos todos em nossas sepulturas de tédio, o que acontecer primeiro. Em vez disso, mande o arcebispo de Canterbury julgar o caso.

Dou uma bufada.

— O velho Warham? Não chegaríamos a lugar algum. Ele se recusa a agir contra Roma.

— Mas quantos anos ele tem... 79? Uns 80? Não viverá muito mais tempo. Então você poderá indicar um novo arcebispo que veja a verdade.

Sirvo-me de outro gole. Entorno-o e olho para ela.

— E se o caso for decidido sem a concordância do papa? — indago. — E daí? Acha que ele me enviará uma carta de parabéns e me desejará toda a felicidade? Hum? *Eu* acho que ele me excomungará e convidará todos os reis da cristandade para virem me destituir do trono.

Ana caminha até mim. Para bem perto. Questiona:

— Desde quando a Inglaterra teve medo? Desde quando *você* teve medo... de qualquer um? A França o apoiará contra o imperador. Só nós, os Bolena, lhe daremos 10 mil soldados. Livres de encargos por toda uma temporada de campanha.

Sorrio.

— Se você conseguir reunir tantos assim — replico —, eu lhe darei também muitas terras.

— Eu mesma os comandarei se necessário.

— Meu Deus. — Deslizo as mãos em volta de sua cintura. — Acredito nisso.

— Não se trata de mim — sussurra Ana, o rosto junto ao meu. — Nem de Catarina ou do papa. Trata-se de você... só você. Deus falou com você. Pois bem. Quer dar um herdeiro a este império da Inglaterra... ou não quer?

. . . VII . . .

Com um estrondo de estilhaçar vidraças, os grandes canhões da Torre disparam, saudando a chegada do cortejo aquático. O Tâmisa é um tumulto de ruídos e cores tão distante rio abaixo quanto a vista consegue alcançar.

Um imenso modelo de dragão, amedrontador como um deus pagão, ergue-se de uma barcaça, ondulando à frente em vibrantes eclosões à medida que os remadores movimentam suas pás pela água. A cabeça dele balança de lado a lado, a gigante mandíbula abre-se, cospe fogo, chamas e faíscas, depois se fecha novamente com um estalido.

Em outra barcaça, monstros com olhos bulbosos, membros grotescos e língua de fora cospem mais fogos de artifício enquanto horrendos homens selvagens com esparsas roupas de pele rugem e rosnam ao lado deles.

Uma terceira barca carrega uma escarpada montanha flutuante, encimada por um toco de árvore dourado. Sobre ele, um grande falcão branco está pousado. A ave — desprendendo algumas penas de verdade quando uma bandeira extraviada bate em sua asa — usa uma coroa na cabeça e, onde as garras se prendem à madeira

dourada, brotam flores: rosas brancas e vermelhas, numa fértil abundância.

No meio dessas monstruosidades, os botes cortam e costuram, as barcaças cobertas de seda e tapeçarias das guildas da Cidade sulcam em formação (seus músicos a bordo, labutando valentemente contra a barulheira) enquanto lordes e bispos, em suas próprias barcaças, disputam atenção para a ostentação de sua pompa. E, por toda a parte, bandeiras e galhardetes com guizos nas pontas estalam e tinem, e o sol lampeja onde consegue, nos ocasionais centímetros de trechos de água desocupada.

Eu, enquanto isso, estou esperando.

Desse caos, Ana emerge finalmente, subindo os degraus do cais, vindo da própria barcaça, como o sol arrastando-se no horizonte. Ela é uma criatura dourada emergindo da sujeira do Tâmisa — uma fênix de esperança renovada, erguendo-se de meu arruinado passado.

O cais está apinhado de gente. Por um corredor de espectadores, eu a vejo: vem na minha direção, pisando cuidadosamente com os pés delicados, calçados de dourado.

Sua capa de tecido com fios de ouro arrasta-se às suas costas, limpando as velhas e cinéreas mentiras e inverdades, as blasfêmias e superstições. Seu estranho rosto de elfo é uma visão brilhante de triunfo e convicção.

Satisfiz seu desafio.

Libertei-me do papa, rompi com mil anos de tradição equivocada e afirmei a verdade de Deus: que eu sou o Chefe Supremo da Igreja em meu reino e que ninguém tem poder acima de mim, a não ser o próprio Deus.

O velho Warham morreu. Com minha permissão, meu novo arcebispo de Canterbury julgou o caso e declarou que, aos olhos de Deus, Catarina e eu jamais fomos realmente casados. E assim, finalmente, tenho uma esposa: casei-me com Ana.

Ela estava certa (como costuma estar): Wolsey não ajudava. E, agora, ele também está morto. Acometido de uma enfermidade, deu o último suspiro a caminho do Portão dos Traidores desta mesma fortaleza, cochichando para seus amigos que Ana era uma gralha noturna que me assombrava como um espírito mau.

Mas o mal estava em seu próprio coração, e aqui está a prova: olhem agora para Ana.

O corpo esbelto está dilatado pela criança em seu ventre: meu filho.

Estou de pé na ponte levadiça que liga o cais à Torre. Esta é a recepção formal para Ana na Torre como minha rainha, e, dentro de três dias, ela será coroada na abadia de Westminster. Diante de mim, está uma comitiva de recepção: meu camareiro-mor, meu tenente e condestável da Torre, e os nobres e bispos que não estão no rio.

Atrás mim, o monstruoso edifício da própria Torre, a fortaleza que certa vez vi como uma fera devoradora, um portão para o inferno, um local de horrores. Hoje, Ana acenderá uma luz em sua escuridão que queimará e afastará todo o mal: essa luz é meu filho, em sua barriga.

Penso na criança que vi certa vez num sonho, o garotinho descendo por raios de luz em minha direção, vindo de um brilhante sol negro. Agora, sinto como se meu próprio filho descesse por raios de luz em minha direção, enquanto permaneço aqui na escuridão: a escuridão da Torre, a escuridão de meus anos de luta. Ele vai

estender a mãozinha para mim. E eu a segurarei e entrarei na luz. Ele é meu descendente, meu futuro, o início de minha gloriosa dinastia que durará para sempre.

Ana passa pelos lordes e bispos curvados. Ela me alcança, e seus olhos negros brilham com mais intensidade do que o manto dourado que veste.

Numa voz sonante que todos conseguem ouvir, digo:

— Bem-vinda, minha adorada esposa e verdadeira rainha. — Seguro seus ombros e a beijo. Mais baixinho, acrescento: — Bem-vinda, Ana.

E, virando-me, seguro sua mão e a conduzo pelo sombrio portão e para o interior da própria Torre escura.

As façanhas exigidas foram executadas: ganhei a mão da donzela dourada. Agora meu destino se estende diante de mim, como a profecia feita há muitos anos neste mesmo lugar previu:

Ó bendito governante... você é aquele tão bem-vindo que muitas ações facilitarão seu caminho. Você estenderá suas asas em todos os lugares; sua glória sobreviverá às eras.

Agora, finalmente, a espera terminou.

Império e filhos.

. . . VIII . . .

Passaram-se três meses desde a coroação de Ana: é setembro e está tempestuoso. O vento geme em volta dos jardins e pátios aqui em Greenwich, aparentemente inseguro do caminho de saída, esbofeteando as feras heráldicas em seus postes e agitando a água das fontes. Dentro de meu grosso manto, tremo de frio.

Setembro, durante meses, foi meu objetivo. Por esta ocasião, eu deveria estar delirantemente feliz. Porque, por esta ocasião, a criança teria nascido.

E *nasceu*. Ana deu à luz em segurança. Ela e a criança sobreviveram. É um bebê lindo. Saudável, robusto.

Mas é uma menina.

Quando a notícia me foi trazida, inspirei fundo. Agora, cinco dias depois, sinto como se ainda não tivesse expirado.

Isso eu nunca esperei.

Isso não, isso não, isso não.

É impensável.

O rio hoje parece frio e cinzento sob a monótona luz do norte. Estou parado numa janela de sacada, olhando para fora; alguém atrás de mim fala. É um bispo, um de meus conselheiros. Na mão,

segura um despacho: peço perdão à Vossa Majestade, mas há uma questão urgente relativa ao assunto dos navios de Lübeck...

Arranco o papel: sei ler. O bispo dá uma pequena empinada nervosa na minha direção e recua, insistindo que o deixe resumir; esquadrinhando o papel, logo percebo por quê. Não são apenas notícias sobre navios e disputas comerciais: há notícias de nosso homem em Flandres sobre boatos também. Circulam rumores de que Ana deu à luz um monstro, ou então uma criança que está morta; e que, se eu não aceitar Catarina de volta como minha esposa, o papa convocará todos os príncipes católicos para uma guerra contra a Inglaterra na próxima Páscoa. Ah, sim, e, para coroar tudo isso, os flamengos comparam o rei da Inglaterra ao conde Baldwin de Flandres, que foi perseguido por ilusões diabólicas...

Amasso o papel — aperto, aperto até formar uma bola —, levo-o até a lareira e o lanço nas chamas. Ao pegar fogo, ele começa a se abrir; as margens chamejam radiantes enquanto queimam.

Atrás de mim, a voz do bispo tagarela ansiosamente, branda e confortante: é uma indecência, senhor, mas é bom saber o que é dito nas ruas, aliás, o que é dito em qualquer lugar; é espantoso, claro, como pode ser nociva a difamação, contudo podemos fazer circular contraboatos, mesmo tão longe quanto Flandres; e, agora, talvez possamos chegar ao assunto daqueles navios de Lübeck?

Não me viro. Olho fixamente para as chamas enquanto se enroscam nos restos enegrecidos do papel. Nessas últimas noites, eu mesmo sonhei com partos de monstros. Tais coisas aconteceram de fato em certas cidades alemãs e italianas: já vi gravuras em madeira desses nascimentos. Uma mulher gerou uma criatura com asas de pássaro e uma única perna terminando num pé com garras. Outra

teve uma criança com asas de morcego e duas pernas, uma com pata de demônio, e a outra com um olho no joelho. Andei sonhando com Ana procriando uma serpente, com a pele escamosa e grandes garras dilacerantes.

Todas as vezes, acordei e descobri Ana deitada ao meu lado, no escuro: essa criatura maravilhosa que Deus me enviou, pronta para a batalha como se usasse uma armadura. E tenho pensado como posso sonhar tais coisas. Ela me deu uma menina saudável. O próximo será um excelente filho guerreiro.

É o que Ana me diz, e tem razão. Ela é desafiadora e determinada, como naqueles anos escuros de luta pela anulação de meu casamento com Catarina, e também está encantada com nossa filha: a quem batizei de Elizabeth, nome de minha mãe. Ela está encantada com os membros fortes de Elizabeth e seu choro vigoroso, os olhos escuros dos Bolena e o tufo de cabelo vermelho-dourado dos Tudor.

Quando olho para a criança, também fico orgulhoso. Mas, assim que é levada embora, o sentimento se esvai. Penso: o menino que Ana carregava quando subiu os degraus do cais para a Torre, o menino que emitia sua luz brilhante naquele lugar de negros horrores — aonde ele foi? Ele existiu, e eu o conheci. Pus a mão na barriga dela e o senti mexer-se e chutar.

Atrás de mim, o bispo agora parou. Está esperando uma resposta, mas não faço ideia da pergunta. Digo-lhe que cuidarei depois do assunto e deixo-o, caminhando através do Aposento Privado e da Sala de Audiências, por uma curta galeria, até meu reservado no balcão do primeiro andar da Capela Real.

Norris seguiu-me. Na porta da capela, mando que permaneça do lado de fora. Ao entrar, vejo o deão e um dos capelães abaixo de

mim, parados perto dos assentos de madeira escura do coro; dispenso-os. Quero ficar sozinho. Quando somem, desço a escada em espiral que leva ao corpo principal da capela, me aproximo do altar e me ajoelho.

O que desejo dizer ao meu Deus? Que esperar um único instante mais por meu filho é uma agonia: que já esperei demais durante esses últimos 20 anos, que estou tenso, esticado, como se amarrado à roda do suplício. Esperei tanto para me casar com Ana. Casar-me com ela significava o fim da espera, ou assim pensei.

Sei que Deus tem um plano para mim, mas não entendo por que é preciso fazer isto. Talvez, então, esteja rezando por forças. Talvez esteja pedindo que Deus me revele Seus motivos...

A capela é um recinto frio e vazio. Velas estão acesas no altar e abaixo das estátuas com expressões austeras, e, de tempos em tempos, um pavio chia. Gradualmente, dou-me conta do silêncio do espaço atrás de mim. Parece sinistramente uma presença; alguma coisa esperando.

Olho por cima do ombro. O balcão está escuro e parece desocupado. Embaixo dele, não há movimento nas sombras.

Viro de volta e abaixo a cabeça. Mas agora consigo ouvir alguma coisa: um ruído indistinto de esfregar ou raspar. Penso em aves aninhando. Penso em ratos. Tento bloquear isso; concentrar-me na minha prece. Espero que o som pare. Não quero ver o que o produz.

Mas o som não para. E me sinto obrigado a descobrir sua fonte.

Eu jamais agiria assim diante de mais alguém, jamais seguiria na direção de um som que agora sinto vir de trás do púlpito à minha direita. Não quero ver, mas preciso. Já estou pegajoso dentro das roupas.

Observando lentamente, centímetro após centímetro, dando a volta pela extremidade do púlpito, avisto um pedaço de algo escuro, embaixo, perto do chão. O pedaço muda de posição com trancos repentinos: é parte de algo ativo. Não estou sozinho.

Encolho-me contra o revestimento de madeira do púlpito, então, forço-me a olhar. O pedaço que vi era a ponta de um gibão: tecido escuro. Quem o veste está ajoelhado no chão; o leve arranhado que ouço é produzido por suas unhas, ao arrastá-las em grandes movimentos dilacerantes ao longo da pele. O arranhado é violento e brutal. Desamarradas nos pulsos, as mangas foram puxadas para trás; sulcos vermelhos foram abertos na superfície dos antebraços, intermitentemente salpicados de sangue

Enquanto observo, ele inclina a cabeça, põe as mãos — iguais a ancinhos ossudos — na nuca, por baixo do cabelo cor de palha, e o arrasta para baixo em volta da curva da garganta, deixando rastros vermelhos como forcados. O esforço arranca-lhe um grunhido gutural; o esforço e talvez a dor.

A visão é desprezível, repugnante. Inclino-me contra a lateral do púlpito, então subo cambaleante sua curta escada e lanço-me para a Bíblia, como para um talismã que vai enxotá-lo.

O grande livro está aberto sobre o atril. Levo apenas um instante para focalizar as palavras. Para abafar o som dele — a coisa, *o garoto* —, leio alto a primeira frase sobre a qual caem meus olhos: “Seja sensato e atento, pois seu adversário, o diabo, como um leão rugidor, anda por aí, procurando a quem devorar...”

Ainda consigo ouvi-lo, então leio mais alto, prossigo, declamando as palavras como se fosse para uma congregação: “O Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de

haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. A ele seja a glória e o poder para sempre e enquanto o mundo durar. Amém."

— Senhor?

Nos fundos da capela, Norris colocou a cabeça ao redor da porta: seus suaves olhos castanhos estão intrigados e preocupados. Ele podia me ouvir lá de fora, sem dúvida, e deve ter se perguntado por que eu gritava num espaço vazio.

Agora, parei de gritar. O arranhar também parou. E sei, sem olhar, que o garoto sumiu.

Minhas mãos estão sobre o livro aberto. Respiro com dificuldade, como se tivesse acabado de lutar uma justa. Por que sofro assim? Faz parte dos desígnios de Deus? Ele me mostra essa horrenda aparição — esse fantasma ou seja o que for — para me lembrar que há maldade no mundo que também devo combater?

Não preciso ir muito longe para isso. Muitos de meus próprios súditos me desejam mal. Tem havido previsões — alguns as chamariam de profecias —, mas não as honro com esse nome. Ano passado, um monge declarou que, se eu me casasse com Ana, os cães lamberiam meu sangue como lamberam o de Acab. E uma freira, que afirmou ter visões, previu que eu não permaneceria rei um mês após o casamento.

Quando ouço tais coisas, preparo-me para lamber o sangue dos traidores que fazem circular tais sujeiras. Mas vejam: os meses se passaram e nada disso se tornou verdade. Já faz mais de meio ano que Ana e eu nos casamos, e continuo rei.

Atualmente, porém, ao caminhar entre os sorridentes cortesãos, fico imaginando: quantos, no recôndito de seus corações, acreditam

que mereço a morte — por heresia, por ter rompido com o papa. Quantos deles ainda torcem para que minha sepultura esteja aberta à minha espera agora mesmo?

— Norris — digo, descendo do púlpito —, reúna todas as chaves... as chaves mestras e as menos importantes. E mande chamar meu serralheiro. Quero que ele faça uma nova série de fechaduras. Maiores e mais complexas. Mais seguras. Talvez eu mesmo as projete.

— Novas fechaduras para os apartamentos reais, senhor?

— Para todos os cômodos do palácio, Norris — saliento, passando por ele. Sigo na direção da escada em espiral que leva de volta aos meus apartamentos. — De *todo* o palácio.

. . . IX . . .

A peça que Ana está tocando é muito difícil. Os dedos movem-se rapidamente sobre o teclado; a testa está enrugada, concentrada

Inclino-me e toco um floreio nas notas mais baixas. Ela me afasta com um tapinha.

— Você é muito irritante — diz ela, mas seu tom é provocante.

Minha cadeira está bem ao lado da dela. Ponho o rosto perto de seu ouvido.

— Eu-te-amo-eu-te-amo-eu-te-amo.

Ela me golpeia como se eu fosse uma mosca. Sorrindo, volto minha atenção ao astrolábio que estou segurando.

— Minha esposa é tão cruel.

O astrolábio é um objeto de grande beleza: um disco de latão dourado e mostrador, entalhado com monstros marinhos e signos do zodíaco. Pode ser usado para navegação a bordo de um navio, para dizer a hora do dia ou da noite, para calcular horóscopos e para medição de terra. Quando nascer o novo bebê que Ana tem na barriga, poderei calcular seu mapa astral natal com essa coisa — pois eu estava certo: Deus nos trouxe a criança seguinte, um menino,

rapidamente para nós: a menina Elizabeth tem apenas poucos meses e Ana está grávida novamente.

Movimento o mostrador do astrolábio, examinando as gradações marcadas na borda. Pergunto:

— Você já o sentiu se mexer?

— É muito cedo.

Voltamos ambos às nossas preocupações. Lá fora, o sol de inverno é aquoso e frio, pingando gotas de luz através de uma neblina úmida. Aqui, em minha galeria particular, tochas em arandelas lançam porções de laranja bruxuleante para o teto. Uma grande fogueira queima na grelha, mas correntes de ar ainda rodopiam no nível do chão. Minha perna ruim está escorada para escapar delas.

Ana canta uma ou duas frases enquanto toca, mas logo para.

— Se você me ama tanto... do que... então — ela toca uma nota para cada palavra — você... abriria mão... por mim?

Eu rio, ainda mexendo no astrolábio.

— Do que ainda *não* abri mão por você?

Ela se vira e me olha severamente. Ergo as sobrancelhas — *o que foi?* Então, cedo e sigo com o jogo. Largo o astrolábio.

— Está bem. Minhas caçadas. Abriria mão das caçadas.

Ela finge, por um momento, refletir sobre a oferta, então volta a tocar.

— Não é o bastante.

— O quê? Isso é muito grande! Está bem, então... Eu abriria mão de jogar. Qualquer jogo. Nenhum dinheiro nunca mais será apostado pelo rei em qualquer coisa.

Ela toca mais um pouco. Interrompe e sacode a cabeça.

— Hã-hã.

Aproximando-me, seguro o queixo dela, viro seu rosto para mim. Digo:

— Eu pediria esmolas de porta em porta pelo resto de meus dias.

— Para manter meu luxo, espero.

— Claro. E, como um cão, me deitaria a seus pés com meus trapos fedorentos, e você poderia me alimentar com restos de seu prato. — Beijo-a. — Isso é o suficiente?

Beijo-a novamente. Ela franze o nariz e responde:

— Talvez.

Beijo-a repetidamente — beijo, beijo, beijo. Digo:

— Talvez, hein? Talvez.

De repente, sinto Ana tensa, embora não tenha se mexido. Percebo que alguém entrou. Uma figura volumosa está parada nas sombras mais além da janela. Largo Ana, estico o corpo e levanto-me. Pergunto:

— Cromwell, meu diligente ajudante, o que me traz agora em suas mãos manchadas de tinta? Entre. Quantas coisas há em sua lista?

As mãos que seguram os documentos de hoje são grossas como as de um ferreiro. Cromwell é um cão de briga, nascido nos fundos de um beco: um começo de vida tão inesperado que nem mesmo ele sabe a própria idade. Gosto de seus dentes selvagens, gosto de seu encanto. Ele é rápido em perceber minhas intenções. As intenções de Deus. Ele faz as coisas acontecerem.

No momento, está examinando sua lista. Eu digo:

— Ah, não me deprima. Apenas comece. — Viro-me para Ana. — Negócios são enfadonhos. Seus pensamentos precisam ser todos felizes. Junte-se às damas. Pelo bem da criança.

Ela está de pé, majestosa e autoritária ao lado do virginal. Afirma:

— Estou bem.

— Pela criança.

Lança-me um olhar mortificador e outro condescendente.

— Vou me sentar.

O primeiro assunto de Cromwell é Catarina, cujo título agora não é rainha, claro, mas — como viúva do meu irmão — princesa-viúva. Diz ele:

— Majestade. O mais recente relatório de Buckden diz que faz um mês que a princesa-viúva não sai de seu quarto. Exceto para ouvir a missa numa galeria.

Ana bufa, irritada. Levanta-se novamente.

Cromwell recorre às suas anotações.

— Ela não come nem bebe o que as novas criadas fornecem. O pouco que come é preparado por suas damas de companhia. E o quarto dela é usado como sua cozinha...

— E daí? — Bato no aparador ao meu lado. — O que devo fazer a respeito? Eu ordenei alguma coisa disso? Essa situação miserável é — bato com a mão na madeira, para enfatizar — *inteiramente invenção* dela. O que Catarina pensa? Que pretendemos envenená-la?

— Claro — diz Ana. Ela me segue com os olhos quando passo por uma das janelas. A névoa parece pressionar a vidraça. Abaixo, silhuetas indistintas aparecem e desaparecem a curta distância... os construtores estão fazendo o que podem, apesar do clima. Esse palácio de Hampton Court é para ser inteiramente os alojamentos da nova rainha, e estamos impacientes para que o terminem.

Cromwell prossegue:

— A princesa-viúva reclama que a casa em Buckden fica perto demais do rio, senhor, e que a umidade está destruindo sua saúde.

— Nada destruirá a saúde dela tão bem quanto se manter no quarto, sem respirar ar puro ou fazer exercício, apenas com pensamentos obstinados e vingativos. — Viro-me para encará-lo. — Mas, se Catarina está determinada a se apressar até a sepultura, não a deterei.

— E ela pede novamente para ver Lady Maria.

Lady Maria, nossa filha: nossa filha ilegítima, tendo em vista que nasceu durante um casamento inválido. Agora não mais princesa e contando com quase 18 anos de idade.

Ana responde, com calma:

— Maria poderá ver a mãe quando domar a teimosia de seu sangue espanhol e reconhecer que é uma bastarda.

Os olhos de Cromwell pestanejam em minha direção: checando.

Digo:

— Exatamente. Espero que Lady Shelton tenha lhe dito... Maria está fazendo o mesmo truque que a mãe, mantendo-se nos aposentos para não se encontrar com nossa filha Elizabeth.

— E para não precisar fazer uma *reverência* para ela — acrescenta Ana.

— Catarina deve estar incentivando-a. Sem dúvida, o embaixador do imperador também tem estado em contato com ela. Você está interceptando a correspondência?

— Claro — afirma Cromwell.

O atual embaixador do imperador, Chapuys, é um elegante homenzinho afetado e um fofoqueiro inveterado.

— Ele pode ir para o inferno — digo. — Eu o detesto.

Cromwell esfrega no queixo os dedos tipo linguiça. Sua barba é bem aparada, mas os pelos são tão escuros que a pele ali é permanentemente cinzenta. Fala:

— Mas eu sugeriria, senhor, que não dissesse nada... ainda... sobre o conselho que Chapuys está dando a ela. Isso revelaria nossa vigilância... e lhe daria um fim. Estamos esperando uma descoberta maior: queremos saber se a princesa-viúva está enviando mensagens ao imperador, pedindo-lhe que invada a Inglaterra.

— Sim... Meu Deus. Eu sei.

— Mas há uma questão diferente, senhor, sobre a qual talvez decida agir — prossegue Cromwell. — Tenho espiões na residência de Chapuys. Eles me contam que têm ouvido o embaixador dizer coisas... *interessantes*... ultimamente. Que, quando o Parlamento é intimidado a aprovar uma lei, tal lei não vale nada. E que os homens podem, com livre consciência, desobedecê-la assim que chega um sinal do papa ou do imperador para fazê-lo.

Por um momento, ninguém fala. O fogo crepita e chia.

Minha concentração está toda em Cromwell. Pareço vê-lo num túnel. Digo:

— Bem. Vejamos se entendi bem. Uma lei... digamos, a Lei da Sucessão que você está preparando, a lei que confirmará esse bebê menino como meu herdeiro... — Aponto, sem olhar, na direção da barriga de Ana. — Essa lei pode ser aprovada pelo Parlamento, assinada e selada, mas, se o imperador faz uma invasão, *meus próprios súditos* são isentados de qualquer dever de obedecê-la? Podem lutar ao lado dos soldados do imperador para colocar um usurpador no trono, em vez de a mim ou meu verdadeiro herdeiro? É isso que significa?

— Creio que sim, senhor.

O mal me cerca. *Seja sensato e atento* — diz a Bíblia —, *pois seu adversário, o diabo, como um leão rugidor, anda por aí, procurando a quem devorar...*

Minha mão vai para o cinturão enquanto caminho adiante.

— Traga-me Chapuys. Traga-me esse merdinha sórdido. Ao diabo com a proteção diplomática. — Saquei a adaga. Mantenho a lâmina erguida, reluzindo, diante do nariz de Cromwell. — Eu mesmo vou estripá-lo. Vou esfolá-lo. — Virando-me, jogo a faca na parede. Ela se enterra, vibrando, no revestimento de madeira. Pressiono as palmas contra a testa, empurrando com força, esticando a pele. Minha cabeça parece prestes a explodir.

Ouço uma voz fria, obstinada:

— Se ele está dizendo isso, outros também dirão.

Giro rapidamente para encarar Ana.

— Então mandarei matar todos — replico. — Ninguém se meterá no caminho da sucessão de meu filho. Vou abater todos como animais, vou pendurá-los em cada forca. Que cada cidade feda a carne podre.

Cromwell diz:

— Tenho uma solução a propor.

— Meu Deus. — Vou até as janelas e volto. Minha perna está doendo. — Diga-me. Diga-me qual é. Depressa. — Continuo andando; não consigo parar.

— Tenha um juramento preparado — começa Cromwell. — Faça com que cada cidadão jure observar essa lei. Que jure — conta nas pontas dos dedos — obedecer suas majestades, apoiar o direito de seus filhos herdarem a coroa, aceitar a validade de seu casamento,

negar o poder do papa... Então será da consciência de cada pessoa, diante de Deus, obedecer... ou arriscar a danação de sua alma.

Ainda estou andando; murmuro:

— Sim. Sim.

Ana indaga:

— Como é possível fazer todo mundo jurar?

Com o canto do olho, vejo Cromwell sorrir.

— Qualquer coisa pode ser feita, Majestade.

Não preciso olhar; sei que Ana não retribui o sorriso. Está esperando por mais. Rapidamente, Cromwell acrescenta:

— Nomear delegados. Usar cada proprietário de terra, cada juiz de paz, cada bispo, abade e frei... dar a cada um a responsabilidade pelo juramento de cada pessoa sob sua responsabilidade. Eu organizarei isso.

Paro de caminhar diante de outra janela, ergo os braços e me apoio numa das barras, olhando fixamente a vista inexpressiva, cinzenta.

Atrás de mim, Ana pergunta:

— E se as pessoas se recusarem?

— Simples — responde Cromwell. — Então as leis de traição farão o resto.

O que significa pena de morte. Portanto, a escolha é esta: jurar total lealdade a mim ou morrer.

. . . X . . .

— Não é complicado, Norris. Bem, não tão complicado. — Estou descendo a escada, batendo o chicote de montaria na lateral da bota.

Atrás de mim, Norris observa:

— Simplesmente não consigo imaginar isso, senhor.

Na curva da escada, paro e puxo minha faca de caça.

— Olhe, o cano percorre a parte de trás da lâmina... a lâmina tem fio único e profundo como este. E o cano é muito estreito. — Seguro a parte achatada da faca e mostro com o polegar e o indicador onde fica o cano da pistola. — Vou lhe mostrar, quando voltarmos a Londres. Pode tentar dispará-la.

George Bolena, esperando mais adiante da escada para nos acompanhar, comenta:

— Avise-me quando for fazer isso, senhor... ele é um péssimo atirador. Eu iria querer me proteger.

— Se me lembro bem, meses atrás, ele ganhou de você no tiro ao alvo — diz Edward Seymour ao seu lado.

Estou em The More, uma das antigas casas de Wolsey em Hertfordshire. Sempre há boa caça aqui, e faz um dia glorioso lá fora. Estamos prontos, com nossas botas e casacos verdes de caça, e

Bolena — que entre seus outros títulos é meu Senhor dos Buckhounds* — assegurou-me que os cachorros e seus treinadores estão prontos.

Chegando ao pé da escada, pergunto:

— Aquele trecho do fosso que fica mais para oeste... devo mandar enchê-lo?

— Senhor? — Norris parece confuso. Ainda está intrigado com a ideia de combinar faca e pistola.

— O fosso aqui. — Encarando Norris, estou caminhando de costas. — O trecho dele mais próximo do rio. Você o conhece? Daria um percurso melhor para a caçada se fosse cheio. Você não ac...?

Colido com alguém diretamente atrás de mim. Viro-me para ver o topo de um capelo triangular: é uma das damas de honra de Ana, agora fazendo uma reverência, a cabeça curvada.

— Eu... Eu sinto muito, Majestade. — Vem uma vozinha de dentro do capelo. Na mão, ela segura uma pilha de roupa branca limpa.

Observo-a por um momento. Um momento que, evidentemente, ela acha incômodo. Então digo:

— Está perdoada. Siga seu caminho.

Ela sai apressada.

— Seymour, não é uma de suas irmãs?

— Sim, senhor.

Observo seu apressado progresso pelo corredor.

— Qual delas?

— Jane, senhor.

— Ela sempre treme daquele jeito?

Seymour começa a se desculpar. Dou um tapinha em sua barriga com as costas da mão.

— Não se preocupe, homem — digo. — Gosto disso. É uma mudança do que consigo...

Paro. Nas sombras debaixo da escada, há uma trouxa de roupas. Só que não é uma trouxa de roupas. É ele — novamente. Agachado, seus joelhos ossudos se sobressaindo. O garoto.

O chocante, dessa vez, é o quanto sua aparência piorou: parece arruinada, definhada, fibrosa. As roupas estão rasgadas e gastas, e pendem frouxas do corpo magro. Ele está comendo como um animal, e, à sua frente, no chão, estão espalhados pedaços de uma pequena carcaça guardada. Ele apanha ossos com os dedos, enfiando rapidamente pedaços na boca.

Enquanto observo, ele ergue a cabeça para mim. Vejo o úmido brilho de seus olhos no escuro. Larga a comida e estende os braços, os gordurosos dedos como garras tentando alcançar adiante, arranhando o ar. Uma voz soa em minha cabeça, insistente e exigente:

Console-me.

Os lábios do garoto não se mexeram, mas sei que é sua voz.

— Senhor? — diz Norris ao meu lado. — Sente-se bem, senhor?

Meu coração está martelando. Suo. Não ouso reconhecer aquilo, mas, com a mão oscilante, aponto.

— Norris, está vendo alguma coisa?

— Onde, senhor?

— Ali... debaixo da escada.

Ele vai até lá, examina as sombras.

O garoto ignora Norris, olha mais além dele, diretamente para mim. Com aquela aparência faminta, ele deveria estar fraco, mas tenho a sensação de que seu poder está crescendo, que em sua deterioração física aquela criatura exibe cada vez mais e mais a natureza diabólica.

Console-me!

Aquela voz novamente.

Norris sacode a cabeça.

— Que tipo de coisa estou procurando, senhor?

— Hã? Nada. Foi um truque da luz — alego, sustentando o olhar fixo do garoto.

É um esforço me virar, mas consigo. Viro-me e caminho até a porta que dá para o pátio. Quando estou para alcançá-la — prestes a escapar para o exterior ensolarado —, um estrépito de passadas traz um pajem, correndo pelo corredor, atrapalhando-se ao parar.

— Majestade. Tenho uma mensagem da rainha.

Viro-me. Daqui, não consigo enxergar o espaço debaixo da escada. Em vez disso, vejo o pajem, endireitando-se após a reverência. Parece pálido, perturbado. Atrás dele, vejo mulheres indo e vindo da direção do apartamento de Ana. Carregando roupa branca, como a moça Seymour. Apressadas. Cabeças abaixadas. Noto que algumas delas estão chorando.

Em volta de mim, meus ajudantes esperam, tensos, por minha reação.

Confuso por causa do silêncio, o mensageiro olha para Norris, pedindo instruções... ele deve prosseguir?

Norris pergunta, baixinho:

— Deseja ouvir, senhor?

Há uma vidraça entre mim e o mundo. O pajem, meu séquito, a cena toda está distante. Aqui, onde estou, há apenas eu. E a voz.

Console-me!

Pergunto:

— O quê?

— A mensagem, senhor — responde Norris. — Deseja ouvi-la?

Mas não preciso ouvi-la. Vi as mulheres chorando, a roupa branca limpa, o mensageiro perturbado. É cedo demais para Ana dar à luz um bebê vivo.

Sinto um pânico crescente; não ouvirei a mensagem. Não ouvirei as palavras. Não posso. Digo para Norris:

— Não.

E viro-me novamente na direção da porta aberta. Por um momento, preciso me apoiar no caixilho da porta. O sol lá fora é ofuscante: uma brilhante luz negra.

Nota:

*Cães de caça usados para acossar veados. (*N. do T.*)

. . . XI . . .

Num quartinho escuro, entupido de livros encadernados com fortes tons de vermelho e marrom, destaca-se a gola circular branca e limpa do homem, que faz a cabeça parecer pousada, como a de João Batista, num prato. Ele diz:

— De acordo com a lei em vigor, a recusa em se fazer o juramento apoiando a validade do casamento de Vossa Majestade com a rainha Ana e os sucessores herdeiros de Vossa Majestade implica na sentença máxima de prisão perpétua. Não pode implicar na pena de morte.

Recosto-me em minha cadeira e olho-o com firmeza: Audley, meu atual presidente da Câmara dos Lordes, é um homem competente, mas desagradável, com uma barba sarapintada e um irritante apego a sutilezas jurídicas. Contudo, seu cuidado com detalhes, juntamente ao de Cromwell, é o que, dia a dia, torna possível essa extraordinária tarefa de toda a nação fazer o juramento.

Aldeias inteiras estão sendo reunidas ao mesmo tempo para assumir o compromisso. Todos os homens acima de 14 anos são convocados. E aqueles com mais responsabilidade são informados — pelo próprio Cromwell — sobre o quanto são observados de perto.

Bispos, vocês são responsáveis pela obediência de seu clero; abades e freis, pelos irmãos de suas instituições; proprietários de terras, pelos seus arrendatários. Muitos estão se atropelando uns aos outros, na pressa para se submeter. Muitos temem as consequências da recusa. Essas consequências, então, não devem ser nada menos que aterradoras. Se eu der alguns exemplos horríveis, será o suficiente para estabilizar quaisquer mentes que ainda permaneçam indecisas.

Com os dentes trincados, observo:

— De acordo com a lei em vigor? Pois mude a lei.

Audley olha para as mãos. Parece hesitar. Então diz:

— Com o perdão de Vossa Majestade, posso lembrar-lhe de alguns daqueles que se recusaram a fazer o juramento? O bispo de Rochester, Sir Thomas More...

— Sua questão?

Ele pestaneja na minha direção.

— Senhor, o bispo é um homem velho. Goza, internacionalmente, de alta estima. Foi o confessor de sua avó...

Digo, em voz baixa:

— Minha avó... ora, aquela bruxa velha?

— Ele pregou no funeral de seu ilustríssimo pai...

— Ah, entendo. Ele pode ser desculpado de traição por, digamos, razões sentimentais? E suponho que mestre More também... porque o chamei de meu amigo e, certa noite, caminhei ao seu lado com o braço em volta de seus ombros, discutindo não-sei-o-quê... por causa disso, ele pode liderar uma rebelião para me depor ou fazer o que quiser? É isso que você acha?

— Ele não tem intenção de...

— É mesmo? Mas sua recusa em jurar é o mesmo que uma declaração de intenção. Para apoiar o papa, para me declarar herege, para negar o direito de governar de meu filho.

Meu filho que sequer nasceu. Que sequer foi concebido.

Indago:

— Isso é aceitável, é?

O olhar de Audley baixa novamente para as mãos.

— Não, claro que não — diz ele.

— Claro que não.

Levanto-me de trás de minha escrivaninha e vou até a janela. Está escuro lá fora e vejo minha silhueta refletida na vidraça. As velas atrás de mim parecem chamejar no topo de minha cabeça. O que fizeram com o feto morto que Ana deu à luz naquele dia em que vi o garoto debaixo da escada? De repente, ocorre-me que nem mesmo perguntei. Será que ele — pois era um menino, isso eu perguntei —, será que ele acabou no fogo, com a roupa branca suja de sangue?

Seguro a cortina mais próxima e puxo-a em volta de mim para enxergar na escuridão lá fora. Argumento:

— Deus põe à prova Seus escolhidos... minha vida é prova disso. O diabo olha em volta, à procura de corações para penetrar, para me testar, me golpear. Quem ele escolherá? Os mais próximos a mim. Meus amigos. Não acha?

Audley não responde. Embaixo, a uma curta distância, posso distinguir uma barcaça sulcando seu caminho através das águas negras do Tâmisa. Na margem oposta, tochas queimam na escada de desembarque perto de Lambeth Palace. As chamas, as águas escuras como tinta: eu poderia muito bem estar olhando o portão de entrada para o submundo.

Digo:

— O mal espreita a terra. Se você não acredita nisso, é um tolo. — Viro-me de volta para Audley, puxando a cortina para se fechar atrás de mim. — Pois bem... como acha que é a aparência do mal? Usa uma máscara. Parece com qualquer um... você.

Sorrio para ele.

— Ou você. — Aproximo-me de um jovem que espera junto à porta, um alaudista que estava tocando para mim antes de Audley chegar. Esqueci-me de dispensá-lo, e ele agora parece querer se fundir com os reposteiros.

Continuo:

— E ele ri.

O jovem ri automaticamente, nervosamente. Um instante depois, o sorriso some ao se dar conta do que acabei de falar.

— Então ele o assassina a sangue-frio na primeira chance que tem — afirmo, dirigindo-me novamente a Audley.

Poucos minutos depois, estamos caminhando ao longo de uma galeria, debaixo de um teto ornado com gregas semelhantes a teias douradas. Na parede, figuras congeladas, pintadas — Orfeu e as feras, Morte visitando um banquete —, brilhando sob a luz de velas. O som de risadas e o odor de frutas condimentadas flutuam até nós, vindos dos aposentos adiante. Esta noite, tenho um compromisso para jantar, dançar e jogar algumas partidas de *primero* no apartamento de Ana.

Estou aconselhando Audley:

— Portanto, precisa se tornar alta traição, castigada com morte, não apenas para quem deseja que danos físicos recaiam sobre nós,

mas também para quem negar quaisquer um de nossos títulos, ou para quem possa dizer ou escrever que somos hereges e tiranos.

Audley morde o lábio inferior, pensando enquanto caminha. E diz:

— Isso vai requerer uma nova Lei de Traição.

— Então fale com...

Subitamente: Ana. Parada na saliência da janela de sacada, estava fora de vista enquanto nos aproximávamos. Agora, de repente, estamos diante dela. Ana conversa com o irmão George e com Norris, rindo com eles. Ela se vira. A boca está aberta. Estou perto demais. Ela está rindo na minha cara.

— ...Cromwell — termino.

Na brecha entre dois mundos — uma medida de tempo não maior que um batimento cardíaco —, fui atingido por um estranho pensamento.

O diabo olha em volta, à procura de corações para penetrar, para me testar, me golpear. Quem ele escolherá? Os mais próximos a mim. Meus amigos... Não acha?

Solto um gemido.

— Senhor?

Por um momento, fico tonto. Volto-me para Audley, pelejando para me lembrar do que acabei de dizer.

— Hã... Fale com Cromwell sobre isso, sim?

— Sim, senhor.

Audley vai embora e cumprimento minha esposa. Observo-a falar. Não escuto o que diz. Não havia notado antes o quanto sua boca é desagradável, o quanto é queixosa? O pescoço comprido parece grotesco, e os dedos pálidos, com juntas delicadas que

ajustam seus punhos, são como pernas de aranhas brancas. Ela está usando pele escura, veludo negro e damasco. Como foi mesmo que Wolsey a chamou? Gralha noturna.

Apenas um instante atrás, o mundo parecia inteiramente diferente. De forma distraída, minha mão segue para o crucifixo pendurado diante do gibão.

. . . XII . . .

A quintana tem a forma de uma cruz, um dos braços terminando num escudo, o outro num peso pendurado. O objetivo é atingir o escudo com sua lança — como seria com o oponente numa justa — e fazer o boneco girar. O truque, então, é evitar ser atingido pelo peso quando este rodar.

Hoje — uma manhã de dezembro —, o campo de justas é uma vasta planície árida de areia congelada dura. Estou aqui com outros 12, praticando para os torneios do Ano-Novo. Para mim, a quintana é útil para aquecimento, mas não um teste para minhas habilidades. Para alguns de meus companheiros mais jovens, porém, é mais que um desafio: algumas duras pancadas já haviam sido dadas e certas quedas sofridas, quando avisto uma figura robusta caminhando em minha direção, vindo do portão do pátio externo. Freio o cavalo, para esperá-la.

Está vestido de preto, a capa apertada em volta do corpo, o gorro revestido de pele de zibelina puxado sobre as orelhas.

— E então? — pergunto, quando ele chega mais perto.

Cromwell não responde até que, tendo feito uma mesura, está bem diante do focinho de meu cavalo. Diz:

— Majestade, os médicos temem pela vida da princesa-viúva.

Eu já havia largado a lança. Agora, desmonto — hoje, sem muita dificuldade — e passo as rédeas para um cavalariço. Pergunto:

— Quanto tempo? Meses, semanas, dias... o quê?

— Dias... semanas, no máximo.

— *Isso!* — Jogo a cabeça para trás. O grito flutua em direção ao céu numa nuvem de bafo quente.

Cromwell não reage, mas outros no campo de justas olham para mim. Grito-lhes:

— A princesa-viúva está morrendo! Ficaremos livres do perigo de uma guerra! Não haverá motivo para o imperador nos atacar, após sua morte.

Energizado, ponho o braço em volta do pescoço de Cromwell e o conduzo para longe do cavalariço e dos demais cavaleiros.

— Chega de Catarina. Que o Todo-poderoso receba-a em Seu seio assim que Ele desejar. Quero falar com você sobre outro assunto. — Baixo a voz. — Acredito ter recebido um sinal de Deus, Thomas. Sobre a rainha Ana.

Chegamos a um canto vazio do campo. Viro-me para encarar Cromwell, mantendo o aperto em seus ombros. Continuo:

— Posso ter sido iludido a fazer este casamento.

— Iludido?

Confirmo com a cabeça.

— Por feitiçaria. Seduzido. Ela é... — Sacudo a cabeça e começo novamente: — Eu enxerguei sua verdadeira natureza. Creio que devo tomar outra esposa. — Coloco o dedo enluvado sobre a boca de Cromwell. — Shh. É nosso segredo.

Ele me observa, pensativo. Para um homem grande, tem olhos pequenos — e são tão aguçados como os de um rato. Suponho que está fazendo cálculos rápidos. Ele diz:

— Senhor. Uma coisa. Em tais circunstâncias... iria a rainha, o senhor acha, afastar-se tranquilamente? Para... — Coloca o lábio inferior para fora, um sinal facial de dúvida. — Para uma vida de retiro honroso?

Olho para ele. A distância, ouço o impacto duplo quando um cavaleiro leva um golpe e cai com força no chão.

Faz muito frio, ficar parado daquele modo. O nariz de Cromwell está vermelho. Não respondo à pergunta. Em vez disso, digo:

— Haverá mais um sinal. Ana me disse que está grávida novamente. Essa nova criança que ela carrega vai fornecer o sinal de que precisamos. Certo? Deus falará através da gravidez. — E, dando um tapinha no ombro de Cromwell ao passar, caminho de volta aos meus cavalos.

. . . XIII . . .

Hoje, cada passo é doloroso. Mas o movimento é uma distração: é pior sentar e descansar. Usando a bengala ao caminhar, tento colocar o mínimo de peso possível na perna esquerda.

Mesmo assim, nada me prepara para a dor que rasga meu corpo quando chego ao meio do aposento. Encolho-me contra a mesa mais próxima, o peso sobre os cotovelos. Estou ofegante, achando que vou vomitar, quando pinga saliva nas mãos. Meus criados correm para me ajudar.

— Afastem-se de mim!

Eles param, indecisos. Minha bengala caiu. Um deles arremete adiante para recuperá-la. Desliza-a por cima da mesa e logo recua, rápido.

Viro-me, ainda apoiado em um cotovelo, as pernas ainda curvadas, e golpeio a bengala na direção deles, mas estão fora de alcance.

— Não me tratem como um maldito inválido! — vocifero. — Deixem-me em paz! Vão se esconder atrás das portas e me espionar pelos buracos das fechaduras como sei que fazem!

Eles me olham, pestanejando estupidamente.

— *Vão embora!*

A princípio, hesitantes, e a seguir apressados, eles batem em retirada.

Estou sozinho na Galeria Particular, onde vim caminhar para tentar livrar-me da dor. O antigo ferimento na perna esquerda está ulcerado e muito inchado. Precisa ser rebentado e esvaziado de seus humores nocivos. Até lá não vai sarar. Até lá fico intermitentemente, em agonia.

A galeria é um espaço comprido — meu passeio particular —, onde os adornos se emaranham e rastejam acima para cada superfície disponível. Numa noite como esta, fica iluminada com velas de cera na lareira e nas janelas, e por tochas em arandelas nas paredes. Atrás dos reflexos tremeluzentes das janelas, a noite é escura e implacavelmente fria.

Por enquanto, a dor diminuiu. Caminho novamente, mancando, até o fim do aposento e paro, reunindo energia para virar.

É quando ouço aquilo. O som de uma lenta, arrastada de pés, subida de escada. E algo parecido com...

Pancadinhas. Não, não... é mais como um arranhar. Ouçam... começou novamente.

Quem disse isso certa vez? Minha mãe? Não tenho tempo para pensar. O medo faz meu coração disparar. Minha cabeça está latejando.

A escada fica nesta extremidade do aposento; pequenos degraus de pedra em espiral levando acima diretamente do meu jardim particular. A porta no topo dela está entreaberta. A que fica embaixo deve ficar — ou deveria ficar — trancada e ser verificada normalmente pelos guardas do turno da noite.

Não haveria como alguém subir aqueles degraus.

Ouço, sem respirar. Há um momento de silêncio, como se quem quer que se encontre na escada estivesse ouvindo também. Então, as passadas recomeçam.

Não consigo me mexer... e preciso. Afasto-me de costas, os olhos na porta.

Lentamente, os passos se aproximam. Parecem durar uma eternidade. Então vejo dedos finos segurarem a beirada da madeira.

Quando a figura passa pelo espaço, vira-se para olhar, primeiro na direção errada, para o lado vazio da galeria.

Tenho uma fração de segundo para ver sem ser visto, e viro-me.

Apoiado na bengala, de costas para a porta, levo um instante para recuperar o controle. Então, digo:

— Coelhinho trêmulo. Ainda está tremendo? — Viro-me para a encarar. — Sim, está. Por que os guardas a deixaram passar?

A garota Seymour, Jane, baixou o corpo numa profunda reverência.

— N-Não sei, Majestade — diz ela. — Meu irmão me disse que eles deixariam.

— Que interessante.

Seu irmão, aparentemente, convenceu os guardas de que eu autorizei o ingresso dela. Que presunção. Descubro que estou igualmente divertido e aborrecido.

Pensando nisso, estou observando-a. Ela se contorce diante do escrutínio: olha para as mãos, o chão, as janelas... então começa a manusear desajeitadamente as amarrações de sua capa.

Comento:

— Eu vi você no dia em que a criança morreu... lembra-se?

Seus dedos congelam nos laços da capa.

— Sim.

— Lembro-me de tê-la visto.

Outro silêncio. Jane retoma sua tarefa e consegue desamarrar as laçadas. Tira a capa com o menor, mais retraído movimento possível, e a pendura no antebraço, como uma criada carregando as peças de roupa da ama.

Pergunto:

— Está aqui para me seduzir, Jane?

— Não! — O choque dá-lhe uma sacudida e faz com que me olhe diretamente, mesmo que por um instante. — Não. Meu Deus, não... — Observo enquanto um profundo rubor se espalha por todo o rosto e o pescoço, e suas mãos se agarram, os dedos torcendo-se dolorosamente.

Penso: *O que quer que seu irmão pretendesse, ele a manteve no escuro quanto a isso. Será que é tão simplória assim?*

Indago:

— Então por que *está* aqui?

Ela morde o lábio.

— Eu gostaria de... Meu irmão diz que eu deveria lhe perguntar... se gostaria que eu tocasse algumas músicas no virginal. Ele acha que isso poderia ajudá-lo a repousar...

Meu Deus! E ela acha que é isso realmente que o irmão quer dizer. Pobre fêmea ingênua.

Pergunto:

— Ele acha mesmo? E o que você acha... Jane? Acredita que isso me ajudaria a repousar?

Seus olhos pestanejam para mim e voltam para o chão. Ela responde:

— Acho que, talvez, possa encontrar um pouco de conforto na companhia de uma moça simples, que não tem... não tem opiniões, nem exigências... que deseja apenas servir ao seu soberano do modo que for possível.

Ah. Talvez não seja tão ingênua, afinal de contas.

Por um momento permaneço parado, observando-a. Então me viro e caminho para o lado oposto da galeria: para a porta que dá para meu apartamento.

Abro a porta sem olhar para trás. Poderia fechá-la ao passar... e quase o faço.

Quase, mas não completamente. Por um momento, hesito. Então me afasto, segurando a porta aberta, deixando espaço para ela passar.

. . . XIV . . .

Caminho pelo corredor a passos largos, depressa. Guardas recuam quando entro no aposento, batendo a porta.

— Levante-se. Vamos. Vamos.

Rostos se viram; criadas, assustadas no meio de suas tarefas domésticas, largam o que estão fazendo e curvam-se apressadamente.

Arrasto a cortina da cama, abrindo-a. O rosto de Ana — zangado, alarmado, os olhos inchados de choro — encara-me de uma montanha de travesseiros.

— Quero ver o corpo que matou meu filho. *Novamente*.

Essa nova gravidez me forneceu realmente um sinal: outro feto masculino... morto.

As mãos de Ana estão segurando a coberta. Agarro um pulso fino e puxo. Ela tem dificuldade de ficar de pé a tempo antes de eu arrastá-la completamente da cama.

As criadas desapareceram. Ana está parada sobre o capacho, os pés descalços, a camisola caindo direto até os tornozelos, mas permanece tão ereta quanto se estivesse usando as joias da coroa.

Caminho em volta dela, puxando o tecido da camisola, que ela arranca de mim e segura em punhados. Pergunto:

— Diga-me. O que há de tão podre nesse corpo que não consegue manter uma criança?

— Ele consegue.

— Um *menino*. Meninas contam menos que nada. Como você sabe.

Ela olha para mim, feroz, fixamente, o longo cabelo desarranjado, alguns fios colados ao rosto. Alega:

— Foi o choque pelo acidente que você sofreu.

Paro. Há uma mesa ao meu lado. Apoio-me nela, as mãos na beirada, e olho para Ana com interesse. Digo:

— Ah, entendo. Então a culpa foi minha?

Minha perna esquerda sarou, mas, no torneio da última semana, esquecendo-me do quanto se tornara fraca, julguei mal uma manobra na justa e sofri uma queda feia do cavalo. Disseram-me que perdi a consciência por duas horas.

Os olhos de Ana lampejam com algo como medo e algo como desprezo. Responde:

— Não, eu não disse isso. Mas fiquei tão alarmada com a notícia de que você estava inconsciente... — Ela para, comprime os lábios e recomeça. — Nas outras gravidezes, você se preocupou com minha... minha paz de espírito. Agora, deveria consolar-me. Mas, em vez disso, zomba de mim.

Console-me. Penso na figura arrasada que vi debaixo da escada no dia em que ela deu à luz o último menino morto. Pergunto:

— Zombo de você? Como?

— Com as atenções que está dando — baixa a voz até um sussurro — àquela cadela de rosto pálido.

— Desculpe-me, a quem?

— Para outra mulher. Não pense que não sei. Percebo o que está acontecendo.

Ergo as sobrancelhas.

— Bem. Alegro-me em saber que seus espiões estão lhe prestando tão bons serviços. Em alguma ocasião, preciso lembrar-me de descobrir quem são para castigá-los. Enquanto isso, eu a aconselharia a fechar os olhos, madame, como o fizeram mais virtuosos antes de você. Lembre-se, eu a exaltei... e posso voltar a humilhá-la num instante.

Viro-me para ir embora — e consigo chegar até porta antes que seus punhos esmurrem minhas costas.

— Por que é cruel comigo? Você me ama!

Viro-me e, com um rápido movimento, seguro seus punhos e os sacudo para cima, juntos, diante de seu rosto.

— Querida, eu realmente não consigo imaginar — Ana baixou a cabeça e mergulho a minha para olhar em seus olhos — o que vi em você.

Ela se debate, e seguro mais apertado. Encara-me, chocada e desafiadora, recusando-se a gritar de dor.

Ana se debate novamente. Transfiro os punhos para uma das mãos e, com a outra, seguro seu cabelo e puxo a cabeça para trás. A garganta fica exposta, a protuberância da traqueia destaca-se sob a pálida pele lisa. Isso me lembra de um animal caçado prestes a ser morto: é essa parte que os cães gostam de morder.

Puxando-a atrás de mim, atravesso o quarto. Há ruídos vindos dela, mas não muitos. Ela cambaleia e se debate — não para se afastar, mas apenas para manter-se de pé e aguentar o peso do cabelo sendo arrastado.

É quando me volto novamente para a porta que vejo o garoto. Ele está curvado sobre um banco, os joelhos afastados, as mãos entre eles, segurando a beirada da frente do assento. As faces estão encovadas, os olhos brilham nas profundas sombras embaixo da testa. Observa com ávido interesse.

Meu aperto afrouxa e percebo vagamente um baque surdo quando a cabeça de Ana atinge o chão.

◆ ◆ ◆

Alcanço meu dormitório. Nem mesmo me lembro de ter deixado o quarto de Ana.

Criados pairam: curvando-se, amedrontados, contorcendo-se como larvas vestidas em roupas elegantes.

— Esvaziem o quarto. *Já!*

Apoio-me numa cadeira, as mãos nos braços. Acima de minha própria respiração, ouço passos subindo os degraus.

Não há degraus.

Mas... dessa vez não é Jane que está vindo para mim.

Desembainho a espada e começo, metodicamente, energicamente, a vasculhar o quarto... batendo nas tapeçarias, golpeando as cortinas. Vejo figuras em cada dobra dos reposteiros. Será que aquele cobre um rosto? Será que ali há alguém segurando?

Não encontro nada. Mas, ainda assim, há uma sensação de ameaça, de algo às minhas costas que novamente se esconde atrás de mim cada vez que me movimento, algo que consegue me ver, e me observa atentamente — mas que não consigo enxergar. Viro-me de um lado para o outro como um animal açulado.

Finalmente, paro no meio do quarto, segurando a espada diante de mim.

Penso: *Venha, pois estou pronto. Deixe-me confrontá-lo da maneira apropriada*.

Minha mão esquerda vazia está estendida, a palma para baixo, os dedos abertos. E é ali onde a vejo primeiro: uma névoa saindo da ponta dos dedos. Largo a espada e estendo ambas as mãos. Como areia soprada pelo vento na superfície de uma praia, ela vem: algo vaporoso dos meus dedos, algo que emana de mim para preencher uma forma invisível, como líquido que revela a forma de uma garrafa ao enchê-la.

A forma diante de mim é rapidamente preenchida. É ele. Como se eu estivesse parado ali com os dedos tocando um espelho, sua forma reflete a minha: as pontas de seus dedos parecem tocar as minhas, embora não consiga senti-las. E, tão rapidamente quanto os vapores enchem sua forma, fico repleto de horror. Eu o chamei, e ele veio. Eu o conjurei como uma bruxa é capaz de conjurar o diabo.

Ele está extremamente magro, as roupas esfarrapadas; a aparência é esquálida, desprezível. Os olhos têm o brilho frio de uma fera selvagem, os dedos são afiados como garras. Envelhecido e imutável ao mesmo tempo, o rosto exibe agora linhas profundas, porém parecem mais as linhas de uma criança malnutrida que as rugas de um velho.

Encaro-o, horrorizado, e indago:

— Quem é você? *O que* é você?

O garoto deixa cair as mãos, e nosso elo é rompido. Então uma voz fala, perto de minha cabeça.

Diga-me você.

Penso: *Você parece uma criatura do inferno*. Pergunto:

— Você é um fantasma?

Lentamente, ele nega com a cabeça.

— Então acredito que é Lúcifer.

Um leve e horrível sorriso torce os cantos de sua boca.

Ora, vamos. Não seja dramático.

Pestaneja para mim. Continua esperando.

E pergunto:

— Então um dos criados de Lúcifer? Algum anjo caído de categoria inferior?

Isto lhe causa verdadeira alegria: joga a cabeça para trás, a boca escancarada, um buraco negro de hilaridade. E, enquanto ri, a raiva explode através de mim. Penso: *Essa* coisa, *essa visão infernal me incomoda apenas porque sou um arcanjo, um guerreiro de luz, combatendo as forças escuras. É minha virtude que o atrai*.

Com um rugido, avanço contra ele, colocando todo o meu peso num soco, mas este atravessa seu queixo. Cambaleio. Rodei e encarei a direção oposta, mas lá está ele, novamente diante de mim.

Ele pende a cabeça para um dos lados e estende os braços, um ar zombeteiro declarado em seu rosto.

Console-me?

É *mesmo* um demônio: tem de ser. É um arauto do mal. E vejam o que ele está me mostrando agora... *Console-me*. Foi isso que ela, Ana,

disse. Ele está me mostrando que Ana é criatura sua. Deve tê-la moldado exatamente para me iludir... ele a fez parecer igual à donzela dourada que me forneceria filhos. Mas ela era exatamente o oposto: a serpente do diabo enviada para me ludibriar.

Assim como Jesus Cristo foi tentado pelo diabo no deserto, eu também fui tentado por Ana Bolena.

E aqui estão minhas opções: desistir do destino que Deus meu deu, a glória pela qual tenho lutado tão duramente, sacrificado tanto... ou tomar coragem e destruir esse demônio em todas as suas formas.

Uma onda de alegria percorre meu corpo. Sinto-me extático, seguro de minha vocação santificada e minha virtude. Regozijo-me com isso. E regozijo-me por Deus me testar: por me permitir ver claramente o diabo, o que os outros não conseguem.

A noite vai adiantada, e o dia se aproxima.
Despojemo-nos, então, das obras das trevas
e vistamo-nos com a armadura da luz.

Ouço algo atrás de mim. Afasto-me do garoto. No lado oposto do aposento, o peitoril da janela tornou-se um horizonte, mais além do qual alguma coisa está se levantando. Ouço um lento ruído de passos em uma escada de pedra invisível. Uma cabeça monstruosa e oscilante emerge; garras escamosas e pernas curtas, musculosas, plantam-se acima da borda do penhasco. Conheço essa serpente; sonhei com ela. Agacho-me rapidamente para apanhar minha espada do chão.

Quando me endireito, a serpente tornou-se Ana, subindo os degraus do cais, os pés delicados pisando com sandálias douradas. A cauda de seu manto deixa para trás um sangrento rastro de carne podre e fedorenta.

No momento seguinte, é novamente serpente; o pescoço balança para frente e para trás. As linhas da traqueia destacam-se contra pele branca. Contra pele escamosa, verde e cinzenta.

As mandíbulas da serpente oscilam em minha direção, escancaradas, malcheirosas e medonhas. Dou um passo adiante, baixando-me para alcançar o pescoço. Golpeio e golpeio e golpeio.

Minha espada não consegue manter contato. A fera avança. Começo a recuar. Agora mais depressa. Minhas pernas batem em algo, e viro-me.

Grito. Recuei para a cama e agora vejo o garoto, deitado ali, debaixo das cobertas. É como uma esposa, esperando por mim. Como a horrível paródia de uma esposa: o cabelo ensebado e espetado, onde o dela se espalharia sobre o macio linho do travesseiro. Largo a espada e desembainho a adaga. Esfaqueio e esfaqueio; o rosto, os olhos, o pescoço. Está deitado ali e não se mexe; é como um cadáver esfaqueado. Mas os olhos estão abertos e ele está olhando para mim. Agora, há mãos me contendo. Meus criados voltaram.

— Idiotas! — Viro-me, cortando um deles no rosto.

Alguém chama um médico.

Olho de volta para a cama, ofegante. Eu havia golpeado o travesseiro, nada mais. Não há sangue nem qualquer sinal dizendo que ele esteve deitado ali. Estou suando e sinto frio.

. . . XV . . .

A lareira está ardendo. Mais além de seu brilho, o aposento está escuro. Estou sentado, enrolado em cortinas de cama arrancadas, minha adaga cravada na mesa diante de mim. Observo o movimento dos reflexos das chamas no lustro da lâmina.

Em minha visão periférica, estou ciente do pálido volume do rosto de Cromwell, flutuando como um bolinho em sopa escura. Estamos sentados há algum tempo, em silêncio.

Finalmente, afirmo:

— Ana deve morrer. E isso deve ser resolvido rapidamente. Não estou interessado nos mecanismos. Você encontrará um meio.

— Veneno?

Sacudo a cabeça.

— Nada clandestino. Imediatamente, eu seria o suspeito. Precisa ficar claro para todo mundo *o que* ela é.

Olho para Cromwell. Vejo que ele me entende completamente.

. . . XVI . . .

A luz do sol é de fazer lacrimejar, refletindo em cornetas e armaduras douradas, em espadas, escudos e coberturas metálicas de armaduras. Florescências do pomar a oeste do campo de justas flutuam na cálida brisa de primavera e pousam: uma pétala desgarrada aqui, no gorro encarnado do arauto, outra na crina trançada de um cavalo; um pouquinho de rosa e branco contra o cercado de madeira do perímetro da arena. O céu é de um azul estonteante, as únicas nuvens são finas listras altas de branco translúcido.

Estamos festejando o Primeiro de Maio, mas não estou competindo. Em vez disso, cheguei em meu cavalo de batalha branco como rei e não como cavaleiro, dei uma volta no campo, para a aclamação da multidão e de uma fanfarra de cornetas, e retirei-me para o prédio conhecido como as Tiltyards Towers, a fim de desfrutar meu papel como espectador.

Emergindo agora da escada espiral em direção à galeria dos espectadores, dobro uma esquina e inspiro fundo. Lá está ela, Ana, perfeitamente vestida em tecido com fios de ouro e cetim verde brilhante, joias cintilando ao sol em cada canto disponível de pano,

nas orelhas, dedos e no pescoço; mas nenhuma delas tão brilhantes como seus aguçados olhos escuros sobre mim.

Sorrio. Toco os lábios em sua mão e observo uma expressão de alívio e satisfação inundar seu rosto. Ana enxerga apenas minha casca perfeita: acha que seu encanto me acalmou.

A galeria dos espectadores é uma *loggia* ao ar livre, em um dos lados do campo. Sentamo-nos diante da visão total da multidão. O irmão de Ana, George, armado e montado para a justa, detém seu cavalo abaixo de nós e, na linguagem do cavalheirismo, pede a ela humildemente uma prenda. Observo-a curvar-se à frente e deixar cair no chão um lenço com aplicações de ouro. George manda um pajem pegá-lo, e torce a parte de pano para enfiá-lo no capacete.

O torneio começa. A areia é remexida pelos cascos, pelos homens que caem, pelas lanças jogadas de lado e pajens correndo. É revolvida e remexida novamente. O cavalo de Norris recusa-se a correr. Empresto-lhe o meu, e a multidão ruge sua aprovação.

Quando dois novos cavaleiros se alinham e gesticulam pedindo as lanças, uma carta me é passada. Rompo o lacre — selado com o timbre de Cromwell — e leio.

No campo, há uma gritaria crescendo quando os cavalos partem ruidosamente, e há um grande estrondo quando uma lança faz contato e se fragmenta. O cavaleiro atingido, empurrado da sela como uma boneca de trapos, cai na direção dos estribos, ao mesmo tempo em que seus cavalariços correm adiante.

Dobro a carta e levanto-me. Não olho para Ana. Não falo com ninguém ao sair.

. . . XVII . . .

— Ela teve amantes. Muitos. Norris entre eles. E... e seu próprio...

Olho para minhas mãos, para o broche que giro compulsivamente entre os dedos. Não consigo pronunciar as palavras.

Jane está sentada à minha direita, no meio da sala. Submissa num banco baixo e singela como um rato, mesmo nas roupas novas que lhe dei. Baixinho, diz:

— Sim?

Estremeço ao inspirar fundo.

— *Irmão*. Seu próprio irmão.

— *George?*

— George, sim, George. Ela tem apenas um. Meu Deus! — Apoio os cotovelos nos braços da cadeira e pressiono a testa nos punhos. — Ela tramou com eles para me assassinar. Se Cromwell não tivesse descoberto a tempo, eu agora estaria numa sepultura.

Jane sussurra:

— Não.

Meus olhos arregalam-se. Ela acrescenta, apressadamente:

— Perdoe-me, senhor, se mal consigo acreditar nisso.

Levanto a cabeça e olho para ela. Não consigo encontrar nada malicioso, nada calculista em seu rosto. Digo:

— O mal é chocante para o devoto, Jane. Sua mente inocente jamais conseguiria conceber as depravações que essas pessoas têm cometido.

Olhando novamente para baixo, abro a mão: o broche marcou sulcos vermelhos na minha palma. Ele é decorado com cinco diamantes e cinco rubis; acima dos rubis, letras de ouro soletram *Tristis Victima* — "Triste Vítima". Mandei fazê-lo algumas semanas atrás para um divertimento: eu fazia o papel de alguém atingido com o dardo do amor; agora, de um modo diferente, parece bem apropriado. Atiro-o na mesa ao meu lado, e ele para girando sobre a madeira polida.

Jane pergunta:

— O que acontecerá a eles, senhor?

Empurro o corpo para fora da cadeira.

— Estão na Torre.

— A rainha também?

— Claro. — Junto à janela, sobre outra mesa, há um virginal. Levanto a tampa e toco algumas notas. — Está terminado.

Por um longo tempo, depois disso, permaneço imóvel, olhando na direção da janela. Estamos em Chelsea, na antiga casa de Thomas More à beira do rio. É um local conveniente para Jane se alojar... por enquanto. O jardim está bem cuidado, e, quando as sombras da tarde rastejam e se estendem sobre seus canteiros de ervas, odores flutuam através da janela aberta. Em algum lugar, a distância, um cachorro late. Ouço o suave farfalhar de saias. Dedos delicados, instigantes, tocam minha manga.

— Senhor?

Seguro os dedos e os beijo. Baixinho, comento:

— Não consegue imaginar, Jane, o que é chegar tão perto do mal. Ter o diabo tão próximo que ele quase... — Fecho os olhos, sacudo a cabeça.

Barqueiros estão gritando no rio. Em algum lugar, abaixo, nos alojamentos dos criados, uma porta bate. No aviário embaixo da janela, um rouxinol começa a cantar.

— Agradeço a Deus por eu ter escapado por um triz, Jane — digo. — Agradeço a Deus por garantir minha vida. — Sorrio para ela: para o preocupado rostinho sério. — Uma vida para compartilhar com você.

. . . XVIII . . .

Minha caríssima Jane:

Disseram-me que a execução foi marcada para amanhã. À tarde, por volta de 3 horas, poderei enviar-lhe um mensageiro com a boa notícia de que foi realizada. Então, irei a você pessoalmente, pelo rio, e ficaremos noivos na manhã seguinte. Esse será o dia mais feliz de minha vida.

H.R.

. . . XIX . . .

Dezessete meses depois

Estou segurando novamente um bebê menino. E seus estranhos, sérios olhos fitam os meus. Ele está enfaixado. Apenas um tufo de cabelo brota do centro da testa. O cabelo é da cor do meu. Ele é meu filho. Eduardo.

O pano em que está envolvido é dourado, minhas roupas são de ouro, o pano do altar diante de mim, aqui na capela, é de ouro. Anjos dourados olham abaixo para mim do teto estrelado de ouro: imagens sacras cobertas por folhas de ouro brilham fracamente com a luz de uma floresta de círios de cera.

É noite. A capela está quieta e silenciosa. Vim aqui para um momento particular de ação de graças, com apenas meus camareiros por companhia.

O bebê aperta os pequeninos lábios e faz um gorgolejo com a garganta. Sua testa vinca — enrugada como uma noz — e borra quando eu começo a chorar. Grandes gotas maculadoras que obscurecem as cores brilhantes de seu envoltório.

Pai Todo-poderoso, humildemente Vos agradeço por me dar forças para suportar meus sofrimentos.

Através deles, como Cristo, eu trouxe salvação para meu povo.

Aqui está a salvação: aqui está a paz e a prosperidade, deitadas em meus braços. Aqui está o glorioso futuro de minha linhagem. Meu triunfo.

Ficar de joelhos, deste modo, é uma agonia; minha perna está ruim novamente. Indico que quero me levantar, e meus camareiros avançam apressados de ambos os lados, firmando meus cotovelos, suas mãos em minhas costas, possibilitando que eu me endireite, lentamente, enquanto ainda carrego o bebê.

Os homens ficam comigo, apoiando-me, quando me viro e deixo o altar.

Do lado de fora da porta da capela, um dos meus atendentes favoritos dos Aposentos Particulares está à espera.

— Sim, Tom? — indago, passando por ele.

Tom Culpeper endireita-se após a reverência. É um belo jovem, com um severo sinal de ambição nos olhos que as mulheres não percebem. Eu, entretanto, enxergo e gosto disso. Ele não vem de uma família importante: conta apenas com seu rei para conseguir o que quer. Que é como deve ser. Ele informa:

— Tenho notícias dos médicos da rainha, Majestade.

Do apartamento de Jane, apenas um pátio distante.

— Então?

Culpeper aproxima-se e diz, em voz baixa:

— Senhor, eles informam que o estado de Sua Majestade está piorando. A febre está alta e continua aumentando. O confessor dela está presente.

Aceno com a cabeça e sigo pela passagem, na direção de meu próprio apartamento. Culpeper inicia um passo rápido para me alcançar.

— Majestade?

Paro.

— Perdoe-me, senhor, mas fui orientado a perguntar quais seriam seus planos de ir caçar em Esher. Vai se demorar aqui mais um dia, senhor?

— Se a rainha estiver melhor amanhã pela manhã, partirei imediatamente para Esher.

— E — o rapaz hesita — se ela não melhorar, senhor?

O aposento de parto tornou-se uma enfermaria... só de pensar em tal lugar me enche de um antigo temor. Não posso ficar esperando por notícias. Não posso ficar esperando que Compton venha.

Olho de relance para Culpeper. Ele não é Compton. Compton está morto há meia dúzia de anos ou mais, levado, certo verão, pela epidemia do suor. Sinto saudades dele, mas... Com novos homens como Culpeper, estou livre do passado.

Culpeper está esperando minha resposta. Digo:

— Que digam à rainha que continuo aqui. Se ela perguntar por mim, que falem que estou indo... que estou preso numa reunião. Podem inventar qualquer desculpa. Mas não posso esperar. Aconteça o que acontecer, parto amanhã para Esher.

◆ ◆ ◆

Sucede que a rainha não pergunta por mim e ninguém tem de mentir. Perto da meia-noite desse dia, antes de eu ter a chance de

partir de Hampton Court, a própria Jane parte. Do outro lado do palácio, fui acordado para receber a notícia.

PARTE CINCO:
Pesado na balança



. . . I . . .

Foi encontrada uma boneca de cera: um bebê. Estava semienterrado no terreno da igreja, aqui em Londres. Com dois alfinetes enfiados.

O rosto de Sir William Sidney, camareiro da casa de meu filho, empalidece atrás da barba.

— Que Deus preserve o príncipe!

Inclino a cabeça, em concordância. Estou parado junto a uma mesa coberta por uma confusão de papéis, restos de bebidas e um toco de vela. Foi uma péssima noite. Ainda estou de roupão.

Digo:

— Bem... você percebe a seriedade de sua tarefa. Embora Eduardo... embora *meu filho* seja uma dádiva de Deus para me consolar e para o bem-estar de todo o reino; embora ele seja a garantia de paz e da continuidade de minha sagrada dinastia — dou uma calmante inspiração profunda — e embora seja uma criança indefesa mal tendo completado um ano de idade, *ainda assim*, há pessoas por aí que... espantosamente... desejam sua morte.

Lá fora, debaixo de um céu cinzento, a chuva está sendo empurrada lateralmente pelo pátio. É tão fina quanto sempre o será esta manhã. As velas ainda estão acesas.

— Verifique já a comida dele. — Começo a manusear meu caminho através da pilha de papéis sobre a mesa, deixando que deslizem para o chão, à medida que os descarto. — Faça uma verificação dupla. Tripla. Nenhuma substância deve passar pelos lábios dele sem ter sido testada em grandes quantidades.

— Sim, senhor.

— Onde coloquei a lista?

Das sombras atrás de mim, Cromwell se adianta.

— Senhor?

— A *lista*. Eu fiz uma lista, maldição... durante a noite. — Recuo e bato a mão na pilha. — Ache-a.

Cromwell folheia rapidamente os papéis. Puxa um e o passa para mim.

Ao segurá-lo, sinto algo se mexer em minha mente. Ultimamente, tenho, mais e mais, vivenciado isso. É como se houvesse algo mais que olhasse através de meus olhos, um outro ser. Acho que, talvez, seja Deus. Esquadrinho minha escrita rabiscada e ergo a vista para Sidney.

— Muito bem: nenhum pajem ou criado menino deve ter permissão de entrar na casa. Nenhum. Não se pode confiar suficientemente neles. E carregam infecções.

Sidney concorda com a cabeça.

Olho novamente para a lista.

— Nenhuma pessoa abaixo da posição de cavaleiro deve ser admitida na presença de Eduardo.

— Será emitido um documento formal, contendo todas essas questões — intervém Cromwell.

Caminho, coxeando, pelo tapete junto à janela, segurando a lista diante de mim.

— Seguinte: ninguém... *ninguém*... deve tocar em Eduardo, muito menos deve beijar sua mão, a não ser com minha permissão expressa para isso. E... ainda que *eu* tenha dado permissão, você ou Lady Bryan devem estar presentes quando ocorrer o contato.

Virando-me, paro para observar Sidney. Barba grisalha, mas ainda forte, é um experiente comandante militar. Mas seria suficiente para proteger Eduardo? Como alguém pode ser suficiente?

Coxeio até ele.

— Você responde pela segurança de meu filho. Com sua vida.

Sidney olha nos meus olhos, em posição de sentido.

— Sim, senhor.

Nesse instante, a dor percorre toda a minha perna. Ao meu lado, há uma cadeira. Agarro-me às suas costas.

Consigo dizer:

— Cromwell lhe dará a relação das outras medidas.

— Vou cumprir cada qual com a máxima diligência.

— Sim... você vai.

Sidney faz uma mesura e sai. Atrás de mim, sem ser visto, Cromwell deve ter sinalizado para ele se retirar.

Cromwell pergunta:

— Devo chamar o médico, senhor?

Sacudo a cabeça, respirando com dificuldade.

— Já está passando.

A onda de dor cessa. Permaneço por um momento apoiado na cadeira, desfrutando o alívio. Então sigo para a longa mesa, onde

está aberto um novo mapa das defesas da costa sul. Olhando-o, pergunto:

— Estava envolvida num pano torcido, essa... essa coisa de cera?

— Sim. Aparentemente. Quer que eu mande buscá-la para que a veja?

Estremeço.

— Não.

O mapa mostra todos os lugares onde uma esquadra inimiga poderia desembarcar; cada enseada arenosa está desenhada, cada braço de mar, cada forte e cidade e cada farol em cima de rochedo. Estive fazendo anotações nele, mostrando onde quero novas e melhores fortificações. A ameaça de um ataque é atualmente maior do que nunca: o papa declarou que não sou mais o legítimo rei da Inglaterra. Mesmo agora, seus enviados estão exortando o imperador e o rei da França a me destituírem de meu trono.

— Olhe, posso construir tudo isso — digo, indicando o mapa. — Posso projetar as melhores torres de canhões que este país já viu. Posso comprar os canhões mais pesados. Posso esmagar cada nação que o papa incita para nos invadir, mas... — viro-me para Cromwell. — Mas o que temo... o que me faz acordar molhado de suor às 2 da madrugada... é algum carpinteiro abandonado por Deus enfiar alfinetes numa boneca de cera em Smithfield.

Cromwell olha de volta para mim, o rosto descorado, os olhos inchados e injetados. Parece passar todas as noites em sua escrivaninha até as 2 horas da madrugada. E provavelmente o faz. Há, porém, algo mais em seus olhos: um brilho que não é o brilho de um escrevente.

Ele fala:

— Esse carpinteiro não está enfiando alfinetes em mais nada, posso lhe assegurar, senhor. Suas mãos não — flexiona os próprios dedos cuidadosamente — são tão úteis para ele quanto eram. Supervisionei pessoalmente seu interrogatório.

— Dê-me a lista dos funcionários da casa de Eduardo.

Cromwell seleciona rapidamente uma das folhas e a entrega.

Olho abaixo para os nomes.

— Como posso saber se alguém deste grupo não está fazendo a mesma coisa? Essas mulheres que o embalam... eu sei, todas elas... todas têm reputação impecável, foram verificadas cuidadosamente... mas como posso *saber*... Esses homens — enfio o dedo na lista —, esses Cavalheiros do Dormitório. Como posso ter certeza de sua lealdade? Como posso conhecer suas intenções secretas?

— Cada pessoa foi selecionada com máximo cuidado.

Arremesso a lista para o lado e seguro o rosto de Cromwell. Ele cheira a roupa de cama limpa e pasta de dentes. E não a sangue e medo da sala de interrogatórios. Digo:

— Os disfarces do diabo são os melhores. Quero ver... quero ver aqui. — Toco sua testa. — E aqui. — Cutuco seu peito.

Largo Cromwell e me afasto.

— Alguma bruxa velha tem um boneco meu com um alfinete enfiado na perna, isso é certo.

— É tudo superstição, senhor — afirma Cromwell, com calma. — É desagradável pensar nisso, mas um boneco não tem qualquer efeito... a não ser nos indicar o caminho certo para encontrar um traidor.

Apanho a lista e a coloco no topo da pilha de papéis de Cromwell.

— Examine-os novamente. Todos eles.

— Sim, senhor. — Ele embaralha habilmente a papelada. — Eu poderia consultar Vossa Majestade sobre algumas outras coisas? A munição encomendada de Antuérpia...

— A coisa que mais me espanta — interrompo-o, voltando a caminhar — é que *por mais* que Deus mostre ao povo que *eu* sou o Vigário de Cristo, que *eu* sou o canal para a graça divina neste país, vários de meus súditos miseráveis agem contra mim. Qual foi aquela informação de... Foi de Kent? ...sobre o idiota que disse: "Se o rei conhecesse os pensamentos de todos os homens, isso faria seu coração tremer"... Foi isso?

— O homem estava em Cranbrook, em Kent — informa Cromwell. — O nome dele é Skarborow. Está preso. Arrependendo-se de suas palavras.

— Deus me abençoou com um filho e mostrou que o que estou fazendo lhe agrada. Eles só têm de obedecer. É tão difícil assim? Deus fala para *mim*. Não para eles. Para *mim*.

O aposento está quieto. O vento ressoa chaminé abaixo, uma sinistra nota grave. Percebo que estive gritando.

Após um instante, Cromwell diz:

— Juntamente às medidas para a segurança do príncipe, seria aconselhável apressar as negociações para um novo casamento, senhor. Todos os súditos leais anseiam pelo nascimento de um duque de York.

Solto uma bufada. Então desabo numa cadeira e apoio a perna ruim num baú próximo.

— O que os franceses disseram? Vão levar as princesas a Calais para eu vê-las?

— Alegam que não estão dispostos a levá-las para desfilar como cavalos no mercado.

— Que se danem. — Apanho um toco de vela e jogo-o no fogo. — Sempre uma afronta. A arrogância dos sodomitas franceses.

Cromwell empoleira seu volume num banco perto de mim, os cotovelos sobre os joelhos.

— Recebi, porém, a informação do Dr. Peter sobre a irmã do duque de Cleves.

— Está bem — digo. — Conte-me.

. . . II . . .

Consigo cavalgar novamente. As estradas estão um terror: a lama está congelada, dura e mais esburacada que um campo arado. Mas consigo cavalgar novamente. O vento no meu rosto, o movimento do cavalo — até mesmo o chuvisco gelado agulhando meus olhos — são prazerosos para um homem que passou aleijado metade do inverno.

Totalizamos seis, meu grupo: seis cavalheiros com capas multicoloridas iguais, viajando incógnitos por Kent. A despeito das estradas, a despeito do tempo, fazemos um bom progresso a partir de Greenwich, seguindo pela grande via pública romana de Watling Street, em direção a Rochester.

Cromwell me arranjou um casamento. Estou cavalgando para conhecer minha noiva. Ela é irmã do duque de Cleves — Lady Ana — e está descansando em Rochester após sua travessia do Canal. Ela espera me encontrar em Blackheath, dentro de alguns dias, de onde eu a acompanharei por Londres, para receber as boas-vindas da Cidade.

A questão é que não consigo esperar tanto.

— O que Fitzwilliam disse? — pergunto a Anthony Browne, meu Mestre dos Cavalos, enquanto nossas montarias seguem seu caminho lado a lado por um trecho de estrada particularmente enlameado. — Sobre a aparência dela?

Browne empurra o capuz para trás. O chuvisco parou. É manhã de Ano-Novo e, embora seu rosto pareça mais pálido do que normalmente após os festejos da noite anterior na Corte, por baixo da capa ele está meticulosamente vestido como sempre. É um homem que se importa com aparências. Fico imaginando se terá de abrir mão de alguns de seus botões adornados com joias ou cordões com pontas de ouro, pois, na noite anterior, uma grande quantidade de dinheiro foi perdida nas mesas de jogo.

— Ele certamente louvou a beleza da Lady, senhor — diz agora Browne, dando um piparote numa folha molhada que estava em sua manga. — Embora, lamento, não me lembre das palavras exatas. Falou mais, penso eu, sobre os jogos de cartas que ensinou a ela enquanto esperavam ventos favoráveis em Calais.

— Alguém disse que, em beleza, ela excede em brilho a duquesa de Milão, "assim como o sol dourado excede em brilho a lua prateada". Foi o tal embaixador Mont?

— A duquesa de *Milão*... — assobia Tom Culpeper. Ele cavalga do meu outro lado, com um esperançoso ramo de visco preso ao capuz da capa.

Eu rio e me aproximo para cutucá-lo nas costelas com o cabo do meu chicote de montaria. A duquesa de Milão, uma viúva muito jovem, era outra candidata núbil na lista que Cromwell preparou para mim. Mandei pintar seu retrato e o guardei, apenas por causa do valor decorativo, que é alto: a duquesa tem 16 anos, covinha no

queixo e é de tirar o fôlego. Quem quer que a exceda em brilho deve ser praticamente um anjo.

Aproximando-nos de Rochester, descobrimos que a cidade parece estar longe de ser celestial. Seus muros e telhados amontoam-se cinzentos, sob um céu cinzento, enquanto o dedo úmido do pináculo da catedral agita acima as nuvens baixas.

Mergulhamos nas sombras do portão nordeste e emergimos nas ruas pavimentadas de pedras adiante. Vãos de portas exibem azevinho e teixo pendurados, menininhos passam correndo por nós com tortas para a loja de comidas, e vadios maltrapilhos gritam saudações de Ano-Novo, como devem fazer com qualquer grupo de cavalheiros de aparência próspera dos quais têm a esperança de receber um centavo. Puxo o capuz sobre o rosto e deixo que meus companheiros distribuam as moedas.

Nosso destino é o palácio do bispo, não muito distante da catedral. Browne cavalga adiante para avisar ao pessoal do bispo que um grupo de homens do rei se aproxima. Minha presença não é anunciada: quero surpreender minha noiva.

De volta a Greenwich, agora, tivesse eu ficado, estaria apoiado no armário de minha Sala de Recepções enquanto meus cortesãos faziam fila para me ofertar seus presentes de Ano-Novo: joias e bandejas de ouro, relógios e curiosidades. Por outro lado, estou trilhando meu próprio caminho para o melhor prêmio de todos.

— Pronto, senhor?

Nossos cavalos pararam, pisoteando e bufando, bem na parte interna do portão principal do palácio, e Browne se aproxima para me dizer que preveniu os funcionários. A Lady continua em deliciosa ignorância.

— Tirem as capas, cavalheiros. Nada de indícios — peço, e desmonto, com a ajuda de Browne. — Bem, onde está ela?

— Num aposento do andar superior, na parte dos fundos, senhor — informa ele, apontando para mais além do pátio. — Está assistindo a um açulamento de touro, no pátio do outro lado.

— Ah, é por isso a algazarra. — Latidos e gritos são levados claramente através do ar frio. Viro-me para Browne. — Muito bem. Vá até ela. Diga-lhe que seu presente de Ano-Novo do rei chegou. Eu o seguirei.

Browne caminha adiante até o acesso para a escada principal: um imponente vão de porta arqueado num canto do pátio. Energizado, apesar da longa cavalgada, sigo-o rapidamente. Até mesmo subo a escada pulando dois degraus de cada vez.

No topo da escada, passo por uma fileira de criados surpresos, atravesso o grande salão e vou em frente — seguindo a forma ondulante da capa multicolorida de Browne — até o melhor conjunto de aposentos particulares do palácio. Meu coração bate forte e me sinto afogueado: meu pulso parece bater no rosto.

Chegando à porta do aposento da *lady*, encontro Browne de saída.

— Ela receberá o presente — avisa, e sorri.

— Como é ela? — pergunto, agarrando sua manga. — É formidável?

Uma sombra de dor parece atravessar o rosto de Browne: sem dúvida porque estou pressionando um finíssimo bordado com fios de ouro. Solto sua manga.

— Não, não me diga. Verei por mim mesmo.

Entramos como uma matilha, meus homens e eu, nossas capas idênticas sem dar nenhuma pista de nossa — de minha —

verdadeira identidade. O ar do aposento nos atinge: um bafo quente de canela e cravos. É um quarto confortável, ainda que fora de moda, com tapeçarias antigas nas paredes e o brasão do bispo entalhado monumentalmente grande acima da lareira.

Bem adiante, há uma figura na janela.

Meu Deus, a moda alemã é estranha. A Lady está usando vestido de gola alta e uma peculiar touca larga que faz sua cabeça parecer um balde de carvão. Posso perceber, pelo seu comportamento, que está alarmada em ver tantos homens irromperem em seus aposentos. Faz uma eternidade que eu costumava pregar essa peça em Catarina, vestido como Robin Hood ou sultão turco. Seu espanto, eu achava na época, era muito bonito.

— Saudações, Lady Ana — digo, retirando o gorro com um floreio e caminhando adiante. — O rei lhe enviou esta lembrança. — Tiro um anel do dedinho e o estendo para ela.

Lady Ana de Cleves não tem covinhas e não é de tirar o fôlego. Seu rosto tem um nariz comprido, embora não careça, penso, de potencial. Meu entusiasmo, afinal, está correndo a todo galope e não consigo freá-lo agora.

— Bom dia, milorde — diz ela, com um forte sotaque, colocando cada palavra cuidadosamente. — Eu... agradeço... a Vossa Majestade.

Ao se aproximar para pegar o anel, seguro sua mão e levanto-a até meus lábios. Então, com um rápido puxão, trago-a mais para perto e a beijo na face.

Damas da corte inglesa acolhem tais jogos com risadinhas e olhares provocadores, com prazer e um lindo enrubescer. Lady Ana bafeja e afasta a cabeça com um solavanco. Embaixo do longo nariz, a boca está torcida de desgosto.

Por um momento, ficamos congelados. É uma pose horrível. Meu pescoço ainda está esticado à frente, a cabeça ainda está inclinada para o beijo, sem nada encontrar além do espaço vazio.

Em seguida, solto sua mão, e ela se afasta rapidamente, esfregando as mãos saia abaixo e dizendo algo em sua língua rangedora para uma criada, que estava parada num canto, encolhe os ombros para sua ama e me dispara um olhar escandalizado.

Minha noiva, então, retoma sua posição à janela. Resolutamente olhando para fora, desejando que eu vá embora. No pátio abaixo, o touro atormentado urra, e ouço o arrastar de sua corrente pelo chão. Os buldogues estão latindo. Imagino, distraidamente, se algum deles já enfiou os dentes no focinho do touro.

Pensando nisso, ainda estou olhando para Ana. Meu coração ainda bate tão depressa quanto ao subir a escada, tão depressa quanto ao segurar a manga de Browne do lado de fora da porta. Mas toda a esperança e empolgação que eu tinha na ocasião murcharam.

Viro-me. Meus homens, ainda com as capas encharcadas, manchadas, e botas enlameadas, desviam seu olhar, cada qual descobrindo um súbito interesse em suas luvas, no chão ou no trançado dos reposteiros.

Passo por eles e saio apressado do aposento.

. . . III . . .

— Não gosto dela. — Distraidamente, enfileiro as bolsas sobre a mesa montada com cavaletes: veludo laranja, cetim cor-de-rosa, couro branco, tecido com fios de ouro. Não as vejo. Tudo o que enxergo é aquele rosto narigudo. Digo: — Ela é feia. Parece um cavalo. Posso lhe dizer agora mesmo, não conseguirei fazer filhos naquela... naquela *mulher*. — Viro-me para Cromwell e sorrio, mas não agradavelmente. — Então, Thomas. Qual é o remédio?

Cromwell está parado junto ao guarda-louças que ostenta as xícaras e os pratos dourados. Estamos na Sala de Recepções de Greenwich, onde meus presentes de Ano-Novo estão em exibição. Em contraste com todas aquelas superfícies lustrosas, ele parece viscoso e pálido. E irritado. Responde:

— Não conheço nenhum, senhor. Mas sinto muito por isso.

— É mesmo? Que estranho. Você nunca me disse antes que não havia remédio. — Apanho um par de esporas, testo as pontas, coloco-as de volta. — Aliás, se me lembro bem, você disse, certa vez... não me lembro da ocasião, mas me lembro muito claramente das palavras... "Qualquer coisa pode ser feita". *Qualquer coisa*. Pois bem. Quero que você me livre desse casamento.

— Mas... — começa Cromwell, então para. Passa a mão pelo cabelo e recomeça: — Senhor, como sabe, não se trata simplesmente de um casamento, mas de uma aliança. Com Cleves. Para nos fortalecer contra nossos inimigos, que todos os dias ameaçam invadir. — Estende as mãos carnudas. — E... veja, senhor, a Lady Ana já está *aqui*. Ela completou uma longa e árdua viagem desde sua terra natal. Rejeitá-la agora seria uma verdadeira humilhação pública, tanto para ela quanto para seu irmão, o duque. E, se o duque for empurrado para os braços do imperador...

— Ele se juntará à longa lista de governantes que agem para me destituir de meu trono. E, sem dúvida, de minha vida.

Cromwell esfrega os dedos pela boca e queixo. Seus ombros revelam uma sombra de encolhimento: ele não consegue concordar com a cabeça, mas fica claro que acertei em cheio.

— Bem, que situação maravilhosa em que você me meteu. Vejamos. Sou forçado a um casamento com uma mulher detestável. Tenho governantes fazendo fila para me depor. Diga-me. Você, por acaso, não está trabalhando para algum deles, está?

Cromwell afirma:

— O duque de Norfolk bem que gostaria que o senhor pensasse assim.

O comentário é acompanhado de um sorriso ressentido: ele tem inimigos na Corte e está fazendo uma piada com isso. Mas perguntei se ele está me traindo: quem ousa pôr de lado essa pergunta? Com dois passos largos, atravesso a sala e tenho na mão um punho da beca preta de Cromwell adornada de pele. Seu sorriso desapareceu.

— Não sou presa da manipulação de homem algum — digo, minha saliva salpicando o rosto viscoso. — Nem de Norfolk nem de

você. Não pense que sabe o que há em minha mente. Se eu por acaso achasse que meu próprio gorro conhecia minha opinião, eu o jogaria no fogo. Teria prazer de vê-lo queimar.

. . . IV . . .

Um traço de cor aparece através de minha visão, como uma porta horizontal se abrindo. Estou no escuro. Longe, figuras indistintas se movem. Elas assomam e afastam-se oscilantes. Pareço estar deitado. Será que caí do cavalo?

Alguém se curva perto. Quem é? O rosto está iluminado apenas de um lado; o outro se dissolve na sombra. Parece sinistro. A boca está se mexendo, mas não consigo escutar as palavras. Apenas o sangue latejando em meus ouvidos. Parece o mar. Estou num navio?

Está escuro novamente. A dor é ruim. Minha perna está pegando fogo.

Preciso me mexer. Preciso me virar de lado.

Cuidadosamente, mudo uma fração de minha posição. É uma agonia. Paro. Não ouso respirar.

— A ferida precisa ser supurada continuamente. — As palavras parecem vir de algum lugar. Não consigo ver quem está falando.

— Então a abra com um corte.

Não. Ninguém vai cortar nada. Abro os olhos; tento falar. Ninguém responde. Porções de luz de vela mostram figuras vestidas de preto movimentando-se ao pé da cama. Sou tomado pelo medo.

Há quanto tempo estou aqui? Horas? Dias? Semanas?

Qual é a última coisa de que me lembro?

Tento pensar... então a luz fica diferente. Mais pálida, penetrando de cima, à minha direita. O tempo passou. Eu dormi? Estou segurando uma mão. Alguém está tagarelando e choramingando. É um som repulsivo: desprezivelmente queixoso.

Dor. *Dor, dor, dor, dor*.

Figuras ascendem sobre mim: uma fileira deles ao longo de cada lado, como carregadores de caixão. Mas não estão me levantando, estão me pressionando. Estou sendo contido para baixo.

Tento amassar a mão que estou segurando, esmagá-la. Os nós dos dedos esbarram uns nos outros enquanto espremo. Um rosto está próximo: o de Culpeper, retraindo-se. Nunca em minha vida fiquei tão agradecido em vê-lo.

O som surge novamente, o choramingado. Sou eu.

No auge da dor, nada mais existe. Preciso de cada grama de energia apenas para ir de um momento a outro.

Então, há uma calmaria e descanso, ofegante. Sinto o prazer de simplesmente estar deitado. A leveza de não ser mais contido para baixo. A maciez dos travesseiros. Tento falar. Consigo:

— Eles... me... envenenaram. Tragam Cromwell. — Engulo em seco e tento novamente. Culpeper está curvado para captar as palavras. Digo: — Não contem. Tragam-no. Depressa.

A mão de Culpeper desliza para fora da minha quando se levanta. Ele se afasta, e o vejo falar com uma figura. Não de manto preto... uma figura de vermelho. Quero gritar: *Eu disse para não contarem a eles...*

Terror, agora. Como uma onda quebrando sobre mim; ofego para respirar. Culpeper está nisso? É ele o lento assassino? Onde está meu filho Eduardo? Eles também pegaram Eduardo?

A figura vermelha se expande. Veste um gibão de cortesão e tem um rosto. Os olhos escuros e habilmente contornados de Anthony Browne pendem de um disco de lua branca. A boca diz:

— Cromwell está morto, senhor. Faz seis meses que morreu.

Viro-me um pouco e me enrolo ligeiramente. Ele não pode ter morrido. Estava tão firme. Onde o esconderam?

E, no entanto, todos eles acabam me deixando.

Meu travesseiro está molhado. Sussurro:

— O que foi...? Peste? O suor?

Demora um momento antes de Browne responder:

— O senhor ordenou sua execução.

. . . V . . .

A luz é suave, tingida de verde pelas folhas da roseira-trepadeira que se espalhou por metade da janela. É como estar numa clareira no verão.

Estou sentado numa cadeira, e meus olhos estão semicerrados. Há um delicado sussurro de conversa no aposento atrás de mim; um tinido de vidro enquanto bebidas são servidas; algumas notas ondulantes do virginal quando alguém começa a tocá-lo; um fragmento de cantoria, quebrado por risada. Fascinado, observo o padrão bruxuleante de luz e sombra sobre o peitoril diante de mim quando o vento agita as folhas.

Sons farfalhantes se aproximam. Braços de seda deslizam em volta de meu pescoço, e um beijo roça minha face.

— Querida. — Puxo-a para meu colo. Ela tem apenas 19 anos: é a sobrinha do duque de Norfolk e uma coisinha graciosa, com olhos aveludados e a mais macia das peles. Seu nome é Kate Howard.

Ela diz:

— Junte-se a nós. Tom sugeriu um jogo.

— Foi mesmo?

— E você sabe como eu adoro jogos. — Traça uma linha com o dedo ao longo de meu queixo e me lança um olhar: um olhar secreto, apenas nosso.

Esse é meu novo mundo: Cromwell está morto e essa linda criatura é minha esposa. O casamento com aquela alemã, Lady Ana, aconteceu — como teria de acontecer... mas cuidei para que fosse anulado o mais depressa possível. Meus advogados analisaram os documentos e encontraram seus motivos: ela não tinha um pré-contrato para se casar com o filho do duque de Lorraine? E, além do mais, testemunhas me ouviram dizer que eu não conseguia tomar a mulher em meus braços, quanto mais colocar um filho em sua barriga. Sem união física, não há união aos olhos de Deus.

Dentre as testemunhas principais estava Cromwell. Eu o mantive vivo o tempo necessário até saber que a anulação foi concluída. Ele morreu no mesmo dia em que me casei com Kate. Houve nisso uma certa limpeza.

Agora beijo Kate demoradamente e me apoio para me levantar.

— Veja... não consigo resistir a você — digo, e ela ri.

Um dos homens leva minha cadeira para um lugar num círculo que estão criando no centro do aposento, feito de tamboretes, bancos e almofadas.

Ali, sento-me novamente, com Kate ao meu lado, sua mão rechonchuda pousada na minha. Enquanto os demais se posicionam no círculo, perco-me em olhar para ela: para o modo como a luz cai sobre sua pele, para o modo como sorri, para o modo como uma pérola pendurada em sua orelha prende-se no macio rufo de puro linho em seu pescoço, sacode e prende-se novamente quando ela vira a cabeça. Está coberta de joias. Exige-as como uma criança exige

doces e brinquedos. Fica tão bonita com elas e tão contente; não consigo lhe negar nada.

Nossos jovens companheiros já estão posicionados: os homens com suas reluzentes pernas coloridas estendidas à frente, mangas talhadas e adornadas com joias jogadas languidamente para trás das cadeiras ou apoiadas nos joelhos; as mulheres com as saias arrumadas, sachês aromáticos e berloques pendendo dos cintos e reunidos em seus colos.

— Peguem um pedaço de papel e o leiam em voz alta — pede Anthony Denny, um de meus fidalgos-criados, ao passar um cesto. Para primeiro em Kate.

Ela enfia a mão e desdobra um papel, ansiosa e animada. Anuncia:

— É uma pergunta. "Que qualidade você mais gosta na pessoa que ama? E, tendo em vista que todos devem ter algum defeito, qual a imperfeição nela que você escolhe?" Senhor? — Seus olhos estão em mim. — O que diria?

— Beleza, natureza delicada — respondo.

— E um defeito?

Sorrio.

— Apenas o fato de ser inocente demais.

Culpeper, sentado do outro lado de Kate, declara:

— O fato de já ser casada. — Que rapaz malicioso: não resiste em fazer o papel de galanteador.

O comentário faz Kate rir.

— Como isso pode ser um defeito? — indaga ela, virando-se para ele. — O defeito seria do outro, por dirigir afeto para uma dama que está além de seu alcance.

Eu afirmo:

— Está certa, meu amor, mas como alguém pode evitar isso? — Sorrio novamente para ela, que retribui o sorriso, e percebo que seus olhos estão iluminados de devoção.

Enquanto a discussão prossegue no círculo, meus pensamentos vagueiam novamente. Penso: ela me dará filhos, isto é certo. Olho para ela: sua carne parece comestível — tem um brilho açucarado.
É como uma daquelas deusas de marzipã que o confeiteiro faz para os banquetes. Os filhos que me dará serão róseos e saudáveis. Eduardo tem apenas 3 anos de idade, é muito pálido. De rosto leitoso, como a mãe. Alguém disse isso, certa vez. Quem foi?

Agora, Tom Culpeper está alcançando o cesto.

— "Se você fosse totalmente maluca," — lê — "que tipo de insensatez mais gostaria de exibir?"

— Paixão — responde Kate, e enrubesce profundamente.

Nesse instante, fico subitamente ciente de que, do outro lado da sala, há um espectador interessado.

— O garoto — a coisa, o espectro — está parado diante de uma das cortinas, encarando-me. Tão perfeito e verdadeiro quanto qualquer outra pessoa presente. Está esfarrapado como um vagabundo, a pele amarela e aparentemente marcada por chagas; parece jovem e velho ao mesmo tempo, vivo e morto. As mãos estão paradas, pendendo, ligeiramente afastadas dos lados do corpo. Usa luvas vermelhas brilhantes. Intermitentemente, elas pingam.

— Senhor? — diz uma voz. A voz de Denny. A quilômetros de distância.

Não são luvas. As mãos do menino são vermelhas como as de um açougueiro, as mãos de um cirurgião. As mãos de um carrasco que

sondou bem fundo na barriga de sua vítima. As manchas vermelhas no chão estão se juntando e formando pequenas poças.

Meu coração martela. Pelejo para me levantar, e o garoto observa a tentativa.

— Pensei que tivesse me livrado de você — digo-lhe. — Você me mostrou o mal, e eu o destruí. Agora tenho meu filho. — Finalmente, estou de pé, curvado desajeitadamente para poupar a perna desfigurada, uma das mãos segurando as costas da cadeira. — Por que o...? — Aponto para suas mãos. — Por que o sangue?

— Senhor, o que foi?

— Senhor?

Agora são as vozes de Kate e de Denny juntas.

O menino nada diz. Sua pose é tranquila, como se já estivesse parado ali havia uma hora, e pretendesse permanecer mais outra. Porém há algo horripilante em sua expressão: seu olhar fixo tem muita intensidade, uma espécie de furioso interesse.

— Fale, maldito! — Começo a avançar através do círculo. — Você tinha razão. Ela era uma criatura do diabo. Portanto, eu a destruí e consegui meu filho. Que mal você tem agora para me mostrar? Haverá uma morte? Certamente não a de Eduardo, por favor! Deus não permitiria... Ou será que há o mal no coração de mais alguém? Estou constantemente vigilante. Continuo a fazer a obra de Deus. Mas agora seu... seu surgimento me apavora, esse sangue...

Ele sequer pisca. Não consigo tolerar que sequer pisque. Seu cabelo se move um pouco, como se agitado por uma corrente de ar que não consigo sentir.

O pânico comprime minha garganta. Falo, num grasnido:

— O que quer de mim? *Quem é você?*

Estou ciente de movimentos em minha visão periférica. No círculo à minha volta, há medo... e constrangimento. Atrás de mim, Denny diz:

— O rei está cansado. Ele se esforçou demais hoje. — Há uma movimentação e arrastar de pés quando as pessoas se levantam, ansiosas para ir embora.

— Fiquem! — Estendo a mão, ainda encarando o menino. Eles sentam-se novamente.

Nenhum movimento, a não ser o tremular de seu cabelo. Nenhuma reação, apenas a continuada e feroz determinação de seu olhar.

Então sua voz fala, como se sussurrasse em meu ouvido.

Com quem eu pareço?

Cabelo cor de palha. Olhos afundados, assombrados. Uma lívida palidez no rosto jovem-velho. Respondo:

— Com ninguém. Mal. Morte.

Agora, enfim, há movimento no rosto. Ele sorri, e os dentes acinzentados parecem mais compridos e afiados que antes.

Tente novamente. Com quem eu pareço?

Olho-o fixamente. Reluto em admitir o que estou pensando.

— Minha família. A família de minha *mãe*. Um dos irmãos dela? Eu disse antes que achava que você era um fantasma. Mas do que adianta? Um demônio é capaz de adotar qualquer forma.

Não. Está perto. Mas não suficientemente perto.

Estou realmente perto. Agora, à distância de um braço. Ele parece tão real. Posso ver cada poro de sua pele amarelada, cada fio de cabelo contra o azul da cortina atrás dele. Não consigo suportar aquilo. Coxeio adiante, berrando:

— Quem é, desta vez? Que mal me espreita? *Diga-me!*

Estendo a mão, agarrando seu pescoço esquelético. Minha mão se fecha em algo macio demais: o delicado tafetá azul. A cortina. Empurro-a para o lado.

Descubro-me olhando nos olhos do garoto: divertido, selvagem, triunfante.

Mas os olhos estão em meu rosto. É um espelho.

Minha testa choca-se contra o vidro. Com o estrépito, o espelho racha num leque de pedaços denteados. Partes de uma sala preocupada, chocada. Partes de um rosto — o meu — que não combinam umas com as outras. Os olhos são meus novamente, porém um está mais perto que o outro, grotescamente desalinhado.

— Chamem o médico do rei.

— Larguem-me!

— Senhor, está sangrando.

Lentamente, com dificuldade, viro-me para encarar as pessoas na sala. Desde quando meu corpo se tornou um navio que é tão difícil de virar? Estou respirando com dificuldade. O terror abriu-se como um buraco a meus pés. Balanço e cambaleio para trás, para recuperar o equilíbrio.

Um círculo de rostos, olhando-me, temerosos. Entre eles, o de Kate. Percebo que, no seu sobressalto, ela agarrou a mão de Culpeper. Seu medo é tão inocente, como o de uma criança num temporal.

Há sangue gotejando no meu olho esquerdo. Limpo-o com as costas da mão e estendo a mão para ela. Quase com relutância, Kate se levanta e se aproxima de mim.

— Não se preocupe, querida — murmuro. — São aqueles malditos remédios que me dão. Eles provocam devaneios estranhos. Mas, como vê, os sonhos passam logo. — Ela agora está olhando para o chão. Ergo seu queixo e consigo sorrir. Por um breve momento, tenho a estranha sensação de que alguma coisa mais está olhando através de meus olhos, sorrindo para ela também. — Não há nada a temer.

. . . VI . . .

Mas há algo a temer. Tenho medo de olhar no espelho e acabar vendo seus olhos nos meus. Tenho medo de um aposento vazio, de virar um canto, do mais leve som cuja fonte não se torne imediatamente evidente.

A aparência do garoto é um agouro. Não sei o quê, apenas que alguma coisa está vindo. E, por isso, não tenho medo apenas dele, mas de todo mundo: homens próximos e distantes. Um rosto na multidão: qualquer rosto. Transtorno.

Estou transtornado — trans-tornado. Nervoso: não consigo dormir. Contudo, durante as horas do dia quando estou com Kate, durante as horas do dia quando estou sem dor, acho que sou mais feliz do que nunca fui. É uma existência estranha, contraditória.

Com a aproximação do verão, planejo um avanço, uma jornada: levarei Kate e minha Corte à terça parte de meu reino que nunca vi: ao Norte. Àqueles bondosos condados onde os mais estúpidos de meus súditos ainda se apegam às mentiras espalhadas pelo bispo de Roma — o tal a quem chamam de papa —, e onde as ervas daninhas da rebelião brotam ano após ano e precisam ser cortadas a sangue-frio. Esses homens do norte nunca viram a magnificência de seu rei,

nem seu poder. Mil soldados me acompanharão: será uma demonstração de força.

Mas, ao me voltar para o Norte, também preciso cuidar de minhas costas: em Londres, a Torre deve ser esvaziada de prisioneiros, antes de partirmos, para minorar o risco de agitação em minha ausência — pois, quem sabe que forma o mal adotará dessa vez? Insisto que o serviço seja feito completamente: até mesmo a anciã condessa de Salisbury, antiga governanta de minha filha Maria, é levada às pressas, numa manhã ventosa para decapitação. Seus filhos adoradores do papa conspiram contra mim em seu exílio além-mar. Ser cuidadoso nunca é demais.

E assim, em julho, eu parto — com minha rainha e Corte, com meus soldados, com cinco mil excelentes cavalos e duzentas tendas e pavilhões. Faz um tempo chuvoso fora de época, e as carretas e carroças do nosso comprido comboio de bagagem afundam nas estradas inundadas e enlameadas. Mas, afinal, conseguimos chegar: a Lincoln e Pontefract, a Hull e York.

Vestimos tecido com fios de ouro, minha ingênua, amorosa pequena Kate e eu, nossas roupas bordadas com as iniciais um do outro. Nas catedrais, temos incenso oscilando e orações dirigidas a nós, pedindo a Deus que nos conceda vida longa e muitos filhos. Meus súditos ajoelham-se para mim às centenas, saúdam-me com vivas aos milhares. Mas estou esquadrinhando as aglomerações, sempre: esquadrinhando os rostos por sinais de intenções maldosas.

Quando os dias da jornada viram semanas, porém, minha agitação começa a diminuir. Começo a me acomodar mais completamente em minha felicidade. Começo a olhar para o futuro,

para o nascimento do duque de York — pois, certamente, Kate logo me dará um filho.

No fim de outubro, retornamos, em cômodas etapas, para Hampton Court. Ordeno uma ação de graças a ser realizada na capela local pela alegria que Kate me trouxe. Compareço à cerimônia no Dia de Todos os Santos e assisto à missa em público sob o fulgurante azul e dourado do teto. Anjos dourados pendem acima de mim, estrelas cintilam no firmamento fabricado pelo homem, e meu lema declarando meu direito divino a governar, escrito em ouro, risca o céu como a cauda de um cometa.

No dia seguinte, é o Dia de Finados. Vou novamente à missa, porém mais privativamente dessa vez: em meu reservado no balcão da capela. Entrando, vejo minhas familiares almofadas e livros de orações, meus óculos repousados como sempre sobre um lenço de seda dobrado, além de algo inusitado.

Há uma carta em minha cadeira.

◆ ◆ ◆

— Isto é uma mentira. — A porta de meu reservado bate na parede quando saio. Estou segurando a carta. — É uma mentira maldosa. Tragam-me a pessoa que forjou essa sujeira.

Seis de meus serventes pessoais estão parados no corredor, rígidos, assustados. Ninguém se mexe.

— Meu Deus! Meu *Deus*! — Amasso a carta e a jogo fora, com força, no corredor. Agarro o homem mais próximo pelo gibão.
É Denny. — Eu. Sou. Feliz. Com. Ela. Você entende? — Empurro-o para o lado. Denny cambaleia.

A carta contém acusações contra Kate. Que sua inocência é fingimento. Que ela teve amantes antes de nos casarmos; vários. Porém mais que isso. Muito mais. Que, na jornada que acabamos de completar, em Lincoln, Pontefract e York, ela e Tom Culpeper se encontravam à noite enquanto eu dormia em meus aposentos.

Tom Culpeper? Aquele garoto bonito e malandro? Consigo acreditar que ele seja idiota, mas não traidor. Quem o acusa deve ser uma mulher desprezada ou um homem invejoso de sua boa aparência e de seu encanto.

E Kate... minha dedicada, sincera Kate. Era isso que significava a aparição do menino: não uma morte, mas uma tentativa de destruição de minha felicidade?

Urro.

— O que estão esperando? Tragam-me o deturpador que fez isso. Tragam-me o homem que vomitou essa *fantasia* fedorenta e putrefata.

Denny, tendo ajeitado seu gibão, avança hesitante em minha direção, com algo na mão.

— Senhor?

— *O que é?*

— Talvez precise dar uma olhada nisto, senhor.

Outro pedaço de papel. Ele o empurra rapidamente para mim e recua, como se eu fosse mordê-lo.

— O que é isto? — Segurando o papel, ainda o estou olhando. Ele molha os lábios. Não responde.

Olho para baixo. É uma carta, diligentemente escrita.

Senhor Culpeper...

Reconheço a letra: desajeitada, desgraciosa. É dela. Que truque é esse?

Nunca desejei tanto qualquer coisa como desejo vê-lo... Faz meu coração morrer pensar que não posso estar sempre em sua companhia.

Estou confuso. Não *pode* ser dela. Olho o final.

Sua, enquanto durar a vida, Kate.

E um defeito?, perguntara ela.

O fato de já ser casada, respondera ele.

E Kate caíra na gargalhada.

Dou um passo para trás e bato na parede. Minhas pernas curvam-se; a carta cai como eu, enquanto deslizo para baixo. Minha perna ruim não dobra; caio o resto do caminho. Apoio-me com a mão num baú de madeira.

Viro-me para o canto entre o baú e a parede. Meus punhos cobrem o rosto. Estou chorando.

. . . VII . . .

Escuro, escuro, escuro por dentro. Sou assolado por sonhos estranhos, dos quais desperto sufocado por lençóis encharcados de suor e uma indefinível sensação de terror.

E começo a *vê-lo* em toda a parte. Esquadrinho tempo suficiente qualquer ajuntamento de pessoas e o avisto. Numa rua repleta de súditos, nas tribunas em torneios, visto de relance entre meus cortesãos: ele está sempre lá; ele está sempre me observando.

Em alguns dias, olho-me no espelho e o vejo atrás de mim. Ou vejo seus olhos nos meus. Através de uma arcada, eu o avisto, à espera. Se olho abaixo, para o jardim, ele está parado nas sombras, olhando para cima, para mim. Às vezes, ele me bisbilhota por uma porta semiaberta.

Mas, se lhe dou uma investida, ele nunca está lá. Aprendi a não fazer isso. Aprendi a suportar suas aparições. A virar o rosto. Sei agora que nunca me deixará.

E, às vezes, sinto movimento em minha mente e, em outras, nenhum. Já não estou tão seguro de que é Deus. E penso no diabo e em espíritos maus, estremeço... mas sei que, por mais ferozmente

que me ataquem, não serei derrotado: sou uma criatura de luz e bem-aventurança.

Culpeper vai ser decapitado em dezembro, Kate dois meses depois.

O mal espreita a terra. Se não acredita nisso, você é um tolo.

◆ ◆ ◆

Qual é o sentido de eu estar numa carroça em alta velocidade, correndo, sem cavalos, descendo uma ladeira íngreme? Sonho com isso...

Os dias passam tão rapidamente: pisco e um ano se foi. E, de algum modo, as horas de dor são prolongadas, esticadas. A dor e a noite. Ao mesmo tempo em que a luz do sol foge de mim e as flores desabrocham apenas pelo espaço de um sopro.

Às vezes, acordo e penso que *ela* está ao meu lado, no escuro. Ana. Observando-me, os olhos resplandecendo com uma risada.

Acordo e descubro meus dedos segurando as cobertas como garras, arranhando a seda.

. . . VIII . . .

— Senhor?

— Hum? — Abro os olhos.

— As bandagens de sua perna. Estão agora mais confortáveis?

— Um pouco. Você é delicada. Seus dedos são mais habilidosos que os daqueles médicos infernais. — Gesticulo vagamente. — Pode ler novamente.

A jovem abre o livro onde sua fita marcava. Ajeito-me nas almofadas empilhadas atrás de mim.

É verão novamente. Eu me casei outra vez. Uma viúva, desta vez: Catarina, a irmã de um de meus Cavaleiros da Jarreteira, William Parr. Ela é uma jovem dama com um rosto sério, delicado, de natureza confiável, zelosa, e de passado conhecido. Esta manhã andou lendo para mim uma nova tradução dos Provérbios de Salomão. Enquanto esquadrinha as palavras, enruga um pouco a testa.

— "Que a piedade e a fidelidade nunca te desamparem; amarra-as ao teu pescoço, e escreve-as nas tábuas do teu coração."

— Amém — digo. — Coloque uma marca na margem.

Ela pousa o livro no colo, apanha uma pena a seu lado e molha-a na tinta. Observo-a desenhar na página uma pequena mão apontando.

As janelas estão abrigadas da luz, o quarto é uma desordem difusamente iluminada de livros e papéis, mapas e caixas de remédios. Os únicos sons são o roçar da pena e uma repetitiva pancadinha quando o peso da bainha de uma cortina, erguido pela brisa, bate na beirada de uma mesa. Eu sei que, se fosse à janela, eu o veria, em algum lugar lá fora, observando.

Catarina larga a pena e me olha, refletindo.

— Mais tarde, senhor, se não estiver muito cansado, talvez gostasse de ver o príncipe Eduardo no campo de justas. Já expressou esse interesse...? Ele tem se esforçado bastante. E suas filhas estão interessadas em acompanhá-lo, se assim desejar.

Fecho os olhos.

— As duas estão aqui, não? Pensei que Maria estivesse em Hunsdon.

— Estava, senhor. Mas chegou ontem.

Não respondo. Após um momento, Catarina acrescenta:

— É abençoado, senhor, por ter filhos tão adoráveis. Todos estão ansiosos pela honra de vê-lo.

Ao lado da cama que uso durante o dia, há um recipiente de prata no qual está sendo aquecido perfume. Golfadas de odor de rosas flutuam para mim a cada delicada invasão de ar vinda da janela. Elas superam, em grande parte, o cheiro de minha perna ulcerada.

O campo de justas não me vê muito esses dias. Resmungo e indico o livro com a mão; Catarina retoma a leitura.

◆ ◆ ◆

Vou até o pomar em minha liteira, os pés apoiados em seus escabelos, quatro criados sustentando o peso, um em cada canto.

Não quero, porém, que meu filho me veja nela. Mando os homens me baixarem bem antes do portão do campo de justas e ando o resto do caminho, um braço enfiado no de Catarina, e a outra mão apertando a bengala preta e prata. O sol está quente, e, quando chego ao portão, estou suando.

Mal há um sopro de vento e as bandeiras no topo das torres do campo pendem de seus mastros. No espaço com areia diante do edifício, instalaram um pavilhão com a frente aberta, para fornecer um pouco de sombra. Duas figuras avançam de lá para me cumprimentar: formas escuras deslizando pelo solo poeirento.

— Suas filhas, senhor — murmura Catarina. Vou na direção delas.

Caminhar exige toda a minha concentração. Não percebo que estou diante delas; que pararam à minha frente e fizeram uma reverência, as cabeças abaixadas. Paro, a respiração difícil em meus próprios ouvidos. Engulo em seco. Digo:

— Podem se levantar. — Estendo a mão para cada qual beijar por sua vez.

Maria está vestida de preto hoje, Elizabeth, de vermelho. Elizabeth tem apenas 10 anos — ou será 11? Esqueci. Tenha quantos tiver, ela é desconcertante: vigilante como a mãe e precocemente controlada. Apesar do calor do dia, seus longos e pálidos dedos parecem frios quando me tocam. Recolho minha mão rapidamente.

Maria — magra, amarelada Maria... que fim levou o lindo pedacinho de criança? — é, por contraste, desconcertante por si só.

Já bem na casa dos 20 anos, deveria ter se casado há muito tempo. Mas sua condição de produto de um casamento inválido tem sido... bem, digamos, um motivo de incerteza entre os candidatos reais a noivos da Europa.

Agora, enquanto se endireita e solta minha mão, os olhos atentos como os de um passarinho procuram o mais leve sinal de aprovação ou descontentamento. Pelo menos hoje em dia ela é ávida por agradar. Isso, por si só, me agrada.

Minhas filhas recuam, uma para cada lado, revelando uma pequena figura a alguma distância, neste exato momento livrando-se de um amontoado de criados particulares: um perfeito cavaleiro em miniatura, correndo em minha direção, o sol ofuscante refletindo na superfície de sua armadura dourada.

Eduardo — já, aos 7 anos, a pessoa mais importante da cristandade, será, quando eu me for, o rei mais importante a ter pisado na terra desde os dias de Salomão e Davi — para diante de mim, mordendo o lábio, e se ajoelha.

Arrepio seu cabelo louro-avermelhado, então o levanto e belisco suas bochechas, para colocar alguma cor nelas.

— Minha joia. Meu rapaz.

Ele sorri, satisfeito e um pouco sem jeito.

— É um honra vê-lo, senhor.

Viro-o para encarar as meninas, segurando-o diante de mim pelos ombros. Digo:

— Ajoelhem-se para ele. As duas. Um dia, talvez tenham de lhe implorar por suas vidas se o tiverem desagradado. Hein, Eduardo?

— Sim, papai — diz ele, quando Maria e Elizabeth, obedientemente, prestam-lhe homenagem. — Sempre serei

misericordioso com minhas irmãs.

— Não prometa nada, Eduardo. — Curvo para cochichar em seu ouvido. — Não confie em ninguém.

O menino, por um momento, parece profundamente constrangido. Bato em seu ombro, meus anéis tinindo no metal.

— Muito bem, filho. Mostre-me o que sabe fazer.

Retiro-me para a sombra do pavilhão. Penso ter vislumbrado uma figura nas sombras do canto do outro lado e, com determinação, viro-me na direção da luz e sento-me na grande cadeira providenciada. Eduardo pega a espada que um criado lhe entrega: uma lâmina elegante, com comprimento e peso perfeitos para seu tamanho.

Não muito longe de mim, um estaca de madeira com cerca de um metro e meio de altura foi enfiada firmemente no chão. É grossa e foi entalhada com um padrão; traços e feições toscas fazem-na parecer um homem: um dócil oponente com o qual se pratica um combate individual.

Num momento, estou de pé novamente.

— Avance e recue rapidamente! Mais depressa que isso! Diversifique o ataque! Vamos lá: cabeça, lados do corpo! Vá para as coxas!

Observo, rosno, golpeio o ar com o braço. Então corro para Eduardo, coxeando. Abandonei a bengala.

— Olhe. Com uma espada como esta, uma estocada é mais segura que um corte. — Agarro sua mão, a que segura a espada, e guio-a, demonstrando. — Causa mais danos, e o coloca em menos risco. Veja... seu corpo fica menos exposto. Mas, assim que desferir o golpe, você *tem* de sair de alcance *rapidamente*.

— Sim, senhor.

— Mostre-me novamente.

Coxeio de volta e sento-me.

Catarina comenta:

— Ele fica nervoso em sua presença.

— Precisa mesmo ficar. — Dou de ombros. — Acha que ele não ficaria nervoso numa batalha?

A segunda tentativa de Eduardo com a espada é um pouquinho melhor. Depois, ainda ofegando, ele coloca o capacete e demonstra, junto ao Mestre de Defesa, os movimentos que aprendeu para a espada de manejo com as duas mãos e o bastão.

Catarina aplaude-o prontamente e sorri amorosamente, como se o menino fosse seu próprio filho. Ela se inclina em minha direção.

— Ele é habilidoso para a idade, não acha?

— Quero vê-lo cavalgar para o anel.

— Tenha dó dele, senhor. É muito novo. Já fez o suficiente.

— Os cavalos já estão aqui. — Bato palmas para atrair a atenção dos criados. — De qualquer modo, não é nada. As lanças que mandei fazer para ele são muito leves.

Há uma agitação de atividade entre os criados. O alvo é instalado: uma armação de madeira, colocada ao lado da longa barreira de madeira que corre pelo centro do campo de justas. De uma viga superior da armação, pende um pequeno anel. A lança deve ser apontada para seu centro. Se isso for feito corretamente, o fio do qual pende o anel se romperá e o cavaleiro levará embora o anel em sua lança.

É trazido um palafrém branco, e Eduardo monta-o elegantemente. Entregam-lhe uma lança.

— Pelo menos, senta-se bem na sela — observo.

— Ele está tentando ao máximo ser perfeito — comenta Catarina, baixinho.

Eduardo leva seu cavalo para a extremidade mais distante do campo, faz a pontaria e galopa. Erra o anel, e sua tentativa, no último minuto, de virar a lança na direção dele, faz com que perca o controle. A lança mergulha desenfreadamente. Ele perde o equilíbrio na sela e escorrega. Tenta se manter, largando a lança e agarrando a sela. O cavalo, sentindo um doloroso puxar de rédeas, salta e escoiceia. Eduardo cai no chão quando o cavalo dispara, e rola para o lado em meio ao pó.

Num instante, estou de pé. Seus criados saem correndo.

Berro:

— Novamente! Faça novamente! Levante-se! — Minha voz ecoa pelo campo. Estou correndo, coxeando apressado. — *Levante-se-levante-se-levante-se*.

Eduardo está amontoado — o máximo que sua armadura permite — contra a barreira, as costas para mim. A cabeça está curvada para frente e, por baixo da borda do capacete, seu cabelo claro enrola-se por cima do colarinho de metal. Ao alcançá-lo, percebo que está fazendo pequenos movimentos trêmulos, como se estivesse choramingado.

Sou tomado por algo como pânico.

— *Levante-se, seu insetinho patético!* — Minhas mãos estão agora na barreira. Curvo-me sobre ele, berrando: — *Levante-se! Levante-se! Levante-se! Levante-se!*

Eduardo se arrasta por baixo de mim e fica de pé. Arrancando o capacete, ele me encara, chocado e respirando com dificuldade...

assim como eu. Parece enjoado.

Cavalariços e criados, aproximando-se de todas as direções, pararam a curta distância de nós dois, formando um semicírculo imperfeito. Olho em volta: eles parecem horrorizados. Catarina emerge do meio deles; ela correu para nós desde o pavilhão.

Com um braço erguido, como se fosse colocá-lo em volta de Eduardo, ela faz um movimento em sua direção, então para. Bate as mãos e pergunta, delicadamente:

— Está ferido?

Eduardo consegue apenas sacudir a cabeça e incliná-la para ela. Aparentemente, não confia em si mesmo para falar.

Passo a mão pelo meu rosto. Está pegajoso com o suor. Digo:

— Já fez o suficiente, senhor. — Estendo a mão e vejo meu filho dominar o desejo de se contrair. Minha palma grudenta desliza sobre seu ombro. — Você precisa de mais força.

— Sim, papai.

A correria, o curvar, a gritaria: pago agora por tudo isso com uma pontada de dor. Por um momento, não consigo me mexer — não consigo fazer nada, a não ser apertar o braço de Eduardo. Mesmo com a armadura, o membro parece frágil.

Quando a dor passa, solto-o. O cavalo já foi controlado, e um cavalariço está conduzindo-o de volta para o outro lado do campo. Vejo os olhos de Eduardo dardejando-o com algo parecido com pavor. Teme que eu o faça correr novamente. Estou constrangido, ciente do desejo de ajeitar as coisas.

— Você gosta de caçar?

— Gosto, papai.

— Ótimo, ótimo. Vou levá-lo para caçar quando... quando isto... Eu tenho um leve... — Gesticulo com a mão para a perna ruim. — Vou levá-lo para caçar em breve. Gostaria de vê-lo matar um veado. Você já foi batizado com sangue? — Olho em volta para os homens. — Ele já foi batizado com sangue?

Os homens negam com a cabeça. Eduardo diz:

— Não, senhor.

— Então eu cuidarei disso, hein? — afirmo, e, estendendo a mão, esfrego o polegar na testa e nas bochechas dele, como se ali mesmo as lambuzasse com o sangue do animal. Eduardo ainda parece enjoado. Viro-me à procura do braço de Catarina e posiciono-me para ir embora.

— Muito bem — digo, dando-lhe um último tapinha. — Muito bem.

. . . IX . . .

Frequentemente, sonho com uma floresta. Estou montado a cavalo, caçando.

Há uma garota de cabelo escuro cavalgando adiante. Ela olha para trás; o vento soprou um fio de cabelo que lhe fica atravessado na boca. Ela o afasta com os dedos — dedos pálidos desluvados — e ri. Ri porque quer ser apanhada, mas não me deixa apanhá-la.

A floresta parece importante: o alívio é intenso, como se eu tivesse saído do sol forte para uma sombra fresca (embora o período sob o sol nunca esteja no sonho).

Então acordo e, a princípio, não sei onde estou ou quem sou. O quarto à minha volta toma forma lentamente — a desordem, as tapeçarias, os montes de papéis derramando-se de minha escrivaninha —, mas úmidos, nauseantes odores da floresta ainda estão em minhas narinas e posso sentir a brisa no rosto. Quero mantê-lo, mas aprendi que os sonhos desaparecem mais rapidamente dessa maneira, por isso, tento destilar tudo, deixar simplesmente o desaparecer-daquilo-tudo acontecer o mais lentamente possível.

Sinto-me mais à vontade no sonho do que aqui. Pertenço àquele lugar. É como um truque da luz, exceto por ser um truque dos anos. Num momento, sou um jovem adulto, em forma e saudável, capaz de cavalgar por tanto tempo que preciso usar oito cavalos num dia; no momento seguinte, sou jovem, ainda (não sou? É assim que parece), mas preso num corpo que não mais funciona. E há uma garota diferente ao meu lado. Sempre uma garota diferente.

Viro a cabeça. A garota de hoje tem um cabelo que se derrama pelo travesseiro como uma substanciosa calda marrom. Ela tem o rosto delicado e sério: mesmo dormindo franze um pouco a testa. Como cheguei até ela? Por um momento, não consigo me lembrar. Ela já deu à luz alguma criança morta? Todas dão, mais cedo ou mais tarde.

◆ ◆ ◆

Estive sonhando. Abro os olhos. A cabeça ao meu lado sobre os travesseiros é aterradora. Minha visão está borrada. Mas a cabeça é cinzenta; é isso que está errado. E tem uma forma estranha.

Tento me virar. Figuras estão se movendo, falando em murmúrios indistintos para que eu não consiga ouvi-las. Prenderam algo em volta de minhas costelas para dificultar minha respiração. Estou desesperado para levantar a cabeça; eu poderia respirar melhor se ao menos conseguisse levantar a cabeça. Ou me sentar. Meu Deus, sim... alguém me ajuda a me sentar! Há um peso no meu peito como se um demônio estivesse acocorado ali.

Meus olhos se fecharam novamente. Cores estouram e deslizam contra a escuridão. Vozes flutuam e se misturam no ar.

— Falei ao rei que ele deve se preparar para a agonia final.

— Ele o escutou?

— Não sei dizer.

Flutuo. O escuro é líquido, e a correnteza me puxa para baixo. Não sei por quanto tempo. Então, sem aviso, emerjo... consigo ver luz. A coisa ao meu lado sobre os travesseiros não é uma cabeça.
É uma bacia. Metal. Reflexos baços movimentam-se em sua superfície. Tomam toda a minha atenção, mas não fazem sentido.

Após um tempo, vejo algo depois da bacia: uma forma pequena, borrada. Está mais distante. É uma pessoa. É meu filho, de pé encostado à parede.

Graças a Deus. Graças a Deus, ele está aqui. Vai observar o que as criaturas estão fazendo, essas figuras sinistras que se movimentam e cochicham a meu respeito. Se estão me envenenando, ele verá.

— O arcebispo chegou... para ouvir a confissão de Sua Majestade.

— Receio que tenha chegado tarde demais, milorde. Os médicos dizem que ele já não consegue falar.

Eu digo — ou talvez pense, não sei qual dos dois:

Eduardo.

Nunca o levei para caçar.

Alguém perto sugere:

— Talvez ele ainda consiga me ouvir.

— Talvez.

A pequena figura parte em minha direção. Ele me ouviu. O manto preto e branco do arcebispo, curvado ao meu lado, bloqueia-o de minha visão por um momento.

— Majestade. — O arcebispo pôs o rosto perto do meu. — Se não consegue confessar seus pecados, será suficiente que me dê algum

sinal, senhor, com os olhos ou com a mão, de que confia no Senhor. Será bastante para sua salvação.

Isso não chegou cedo demais?

Uma mão entra em foco: fina, dedos como garras estendidos. Minha mão está levantada.

Digo:

Você.

É ele. Não meu filho, o garoto. Aquela coisa. Ele agora parece um cadáver: o contorno de seus ossos pronunciados é visível sob uma fina camada de pele cinzenta. Suas roupas esfarrapadas estão sujas de mofo ou sangue velho. Algo pequeno serpeia no canto da boca: uma língua negra dispara para fora e lambe. Ele diz:

Levante-se. Levante-se. Levante-se.

Não consigo.

Você consegue.

Sua mão parece esquelética, mas é de uma força sobrenatural. Segurando-a, consigo levantar da cama, sair daquela grande, fétida carcaça, como se me livrasse de um casaco pesado demais. Ninguém a minha volta se vira, nenhuma das figuras curvadas sobre a cama me vê partir.

Atrás de mim, o arcebispo revela:

— Ele apertou meus dedos. Deu um sinal.

O garoto me conduz até a janela e puxa os reposteiros para o lado. Lá fora, há uma reluzente, fria luz solar; áspera e bela.

Este é o fim?

Ah, é.

Mas não pode ser que tenha sido você a vir me buscar! Por que está aqui...? Para algum teste final? Ah, Senhor Deus, ouça-me: resisti a todos

os Seus testes, sou Seu escolhido, sou o guerreiro da luz. Onde estão Seus anjos? Onde estão Suas servas?

O garoto vira as costas para mim, indiferente. Apoia-se no antebraço e olha pela janela.

Vem debaixo de mim, um forte calor: ondas de ar quente sopram acima, vindas de uma fonte invisível.

A profecia, diz o garoto, sem virar a cabeça. *O "governante abençoado", a "glória que sobreviverá às eras". O Escolhido de Deus*. Seu tom é desdenhoso. *Não era você. Jamais foi*.

Estou cambaleante. Quero puxar sua manga, dar-lhe um tapa no rosto. *Sim. Sou eu. Sim. Eu sei, soube toda a minha vida...*

É como se um abismo se abrisse a meus pés: um espaço ilimitado escancara-se abaixo de mim, embora eu também esteja de pé, de algum modo, no chão. A parede está imóvel à minha frente, as vidraças se encaixam na janela — mas sei que, se cair, não encontrarei resistência. Estou tremendo.

O garoto vira a cabeça agora. Olha para mim com tal prazer — com triunfo —, e, ao fazer isso, imagens lampejam em minha mente com vertiginosa velocidade: uma vela queimada ao lado da cama de meu pai; uma porta aberta com dedos finos segurando-a; um barco atravessando água escura; uma mulher de olhos escuros virando-se para rir em minha cara; o rosto do próprio garoto chorando; aqueles olhos sombreados, escuros, escuros; uma sensação de queda. Alguma coisa vem me atingir fortemente como uma lança em velocidade, e é o horror. O horror incandescente.

O garoto agarra os caixilhos da janela... com força, como se houvesse um terremoto, e ele estivesse se firmando; ou como se quisesse quebrá-los. Olha o mundo lá fora, absorvendo-o

urgentemente, absorvendo-o como se nunca mais o fosse ver. Não, não é o garoto: sou eu. É ele em mim e eu nele — somos nós. Estamos agarrando a pedra; estamos olhando pela janela. Lá fora, a luz do sol de inverno inclina-se sobre o pátio lá embaixo, cortando-o diagonalmente ao meio: metade luz ofuscante e brilhante, metade sombra profunda.

Rápida, desesperadamente, despejo as palavras:

Se o governante abençoado da profecia não sou eu, então deve ser meu filho, Eduardo...

Não, seu idiota, interrompe a voz do garoto, em minha mente. *Olhe ali...*

Uma figura está atravessando o pátio abaixo de mim, emergindo naquele exato momento do lado escuro. Uma garota — não, uma jovem: magra, mas alta, com cabelo ruivo-dourado. A princípio, não a reconheço. Então, com um choque, percebo que é minha filha mais nova, Elizabeth. A filha de Ana.

Ela? Uma mulher?

Elizabeth para, como se tivesse ouvido e, virando-se, olha para cima. Nesse momento, pássaros levantam voo do telhado acima de mim e ouço seu grasnido rouco. Ela ergue a cabeça e observa enquanto suas grandes formas negras giram contra o céu. Então o olhar baixa para a janela. Por um instante, seus olhos — os olhos escuros de sua mãe — olham diretamente dentro dos meus.

Um ligeiro franzir percorre o rosto da moça, como se ela estivesse intrigada; como se achasse que visse algo ali. Uma sombra, o borrão de um rosto pálido se mexendo? Há um minúsculo balançar de cabeça: não, não foi nada. Um leve sorriso, porém, movimenta

ligeiramente os cantos de sua boca quando ela se vira para a luz do sol e continua seu caminho.

Agradecimentos

Quando a ideia deste livro me agarrou pelo cangote, eu sabia o que tinha de fazer: ligar para minha irmã, Helen Castor, e lhe contar. Convenientemente para mim, ela é uma escritora brilhante e uma historiadora igualmente brilhante. Facilmente, apenas com essa conversa, ela melhorou cem vezes minha ideia. Essa foi apenas a primeira das muitas vezes que ela me ajudou durante o processo de redação. Não consigo expressar de forma adequada minha gratidão.

Minha cara amiga Dominique Velarde foi a parteira do livro aqui em Bristol. Desavergonhadamente, fazendo uso de suas habilidades como psicoterapeuta, analisei com ela todos os aspectos da personalidade de Henrique — suas opiniões foram iluminadoras e sábias. Também estou profundamente em dívida com o analista junguiano Matthew Harwood, sem cuja ajuda de especialista eu não conseguiria ter feito a sombria jornada pela psique de Henrique.

Meus pais, Gwyneth e Grahame Castor, foram, como sempre, fontes incansáveis de apoio, tanto prático quanto moral. Entre muitas outras coisas, eles leram cada rascunho e forneceram não apenas incentivo e comentários perceptivos, mas também um maravilhoso serviço de interpretação sem o qual este livro teria ficado muito mais pobre. Meus sogros, Jon e April Jeffery, também

foram fontes indispensáveis de apoio, tanto para mim quanto para toda a família — obrigada.

Penny Holroyde tem sido a agente mais fantástica que eu poderia desejar. Anne Finnis, minha editora, fez todas as perguntas certas e melhorou o livro mais do que eu poderia desejar. Sou imensamente grata a Amanda Wood, pela fé em mim e por ter feito uma sugestão editorial inicial que se revelou transformadora. Também estou muito em dívida com Richard Scrivener, que muito cedo percebeu o potencial de *VIII*. Internamente, fui abençoada com uma fabulosa dupla editorial, nas pessoas de Emily Hawkins e Helen Boyle, e também sou grata a Helen Greathead e Katie Cotton, minhas revisoras de olhos de águia. James Fraser, Nick Spence e Will Steele fizeram o livro parecer suntuoso, e Phil Perry e Jayne Roscoe, habilmente, espalharam a notícia.

Minha maravilhosa professora de história dos meus tempos de escola, Helen Lenygon, heroicamente deixou a aposentadoria para destrinchar as Guerras Italianas para mim (novamente!). Joe Rigby e Rae Williams da Cleve Archers foram meus valiosos especialistas na arte do arco e flecha nos séculos XV e XVI — além de excelentes vizinhos. A Dra. Maria Hayward — autora de livros indispensáveis sobre roupas da era Tudor — gentilmente enviou-me um dos seus artigos a esse respeito, ao qual não teria acesso de outra maneira. Sou grata ao Medieval World (Themed Entertainments Ltd.) pela ajuda na pesquisa sobre justas. Pela minha própria experiência com técnicas de luta, estou em dívida com a generosidade e perícia de Mestre Le Van, do Le Van Taekwondo de Bristol.

Meus estimados colegas escritores e amigos Philip Ardagh, Josh Lacey, Simon Scardifield, Merle Nygate e Laura Fidment foram de

um infatigável apoio. Meu tio, Colin Watson, foi uma imensa grata fonte de animado incentivo. E meu caro amigo John Amson — uma inspiração eterna para mim — deu-me coragem num momento crucial.

Finalmente, mas acima de tudo, sou agradecida (de muito mais maneiras do que sou capaz de listar) ao meu adorável marido, Richard, e às minhas lindas filhas, Maud e Florence. Para mim, eles são a base sobre a qual tudo o mais é construído e, francamente, tiveram de sustentar bastante coisa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

VIII

Sobre o livro
http://www.hmcastor.com/viii/

Site do autor
http://www.hmcastor.com/

Good reads do livro
http://www.goodreads.com/book/show/11723911-viii

. . . Sumário . . .

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Árvore genealógica de Henrique VIII

Epígrafe

PARTE UM: Para a Torre Negra

. . . I . . .

. . . II . . .

. . . III . . .

. . . IV . . .

. . . V . . .

. . . VI . . .

. . . VII . . .

. . . VIII . . .

. . . IX . . .

PARTE DOIS: Ações Facilitarão Seu Caminho

. . . I . . .

. . . II . . .

. . . III . . .

. . . IV . . .

. . . V . . .
. . . VI . . .
. . . VII . . .
. . . VIII . . .
. . . IX . . .
. . . X . . .
. . . XI . . .
. . . XII . . .
. . . XIII . . .
. . . XIV . . .
. . . XV . . .
. . . XVI . . .
. . . XVII . . .
. . . XVIII . . .
. . . XIX . . .
. . . XX . . .
. . . XXI . . .
. . . XXII . . .
. . . XXIII . . .
PARTE TRÊS: Ações Facilitarão Seu Caminho
. . . I . . .
. . . II . . .
. . . III . . .
. . . IV . . .
. . . V . . .
. . . VI . . .
. . . VII . . .
. . . VIII . . .

. . . IX . . .
. . . X . . .
. . . XI . . .
. . . XII . . .
. . . XIII . . .
. . . XIV . . .
. . . XV . . .
. . . XVI . . .
. . . XVII . . .
. . . XVIII . . .
. . . XIX . . .
. . . XX . . .
. . . XXI . . .
. . . XXII . . .
PARTE QUATRO: Aonde quer que eu vá
. . . I . . .
. . . II . . .
. . . III . . .
. . . IV . . .
. . . V . . .
. . . VI . . .
. . . VII . . .
. . . VIII . . .
. . . IX . . .
. . . X . . .
. . . XI . . .
. . . XII . . .
. . . XIII . . .

. . . XIV . . .
. . . XV . . .
. . . XVI . . .
. . . XVII . . .
. . . XVIII . . .
. . . XIX . . .
PARTE CINCO: Pesado na balança
. . . I . . .
. . . II . . .
. . . III . . .
. . . IV . . .
. . . V . . .
. . . VI . . .
. . . VII . . .
. . . VIII . . .
. . . IX . . .
Agradecimentos
Colofon
Saiba mais